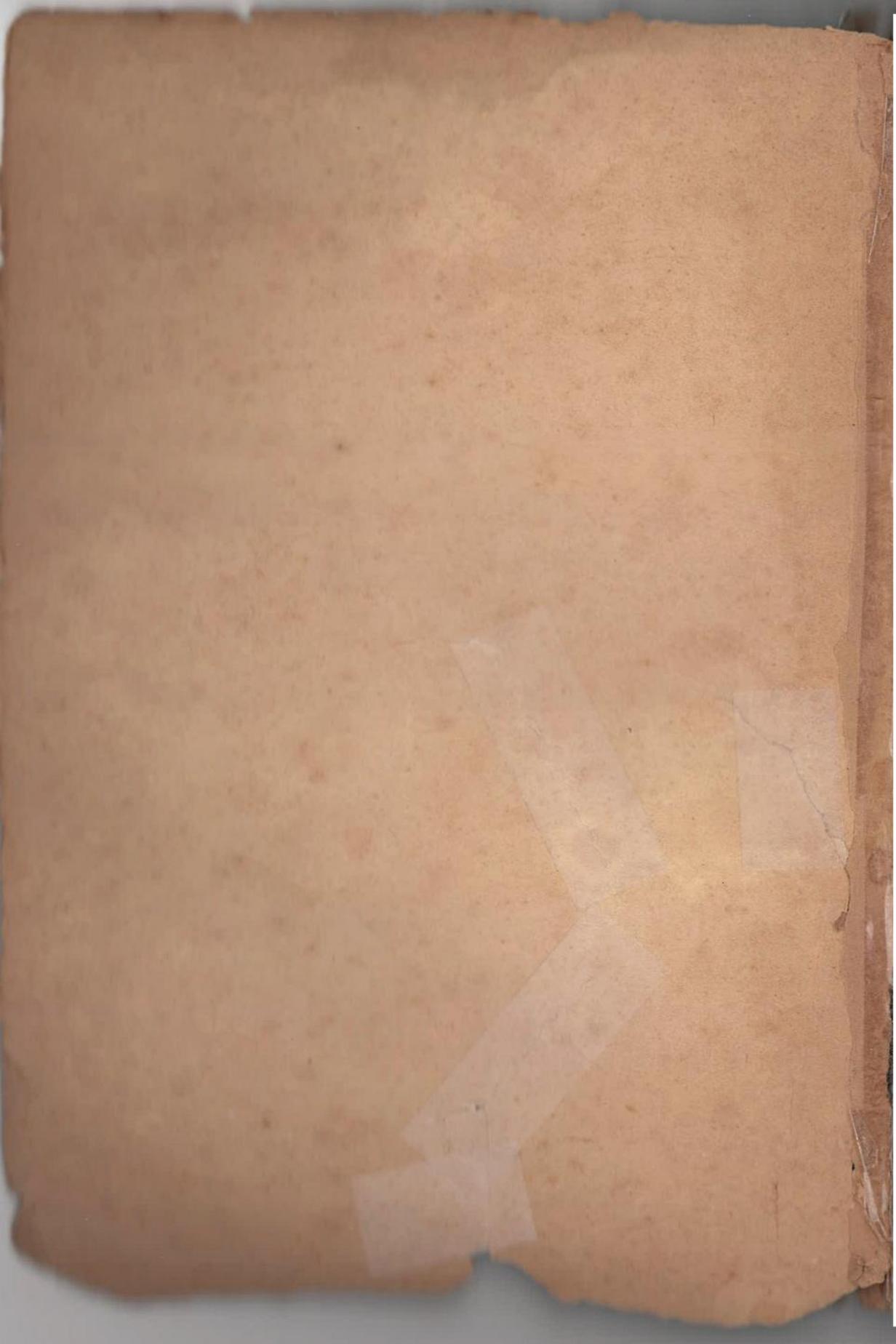


JEAN DE FRANS

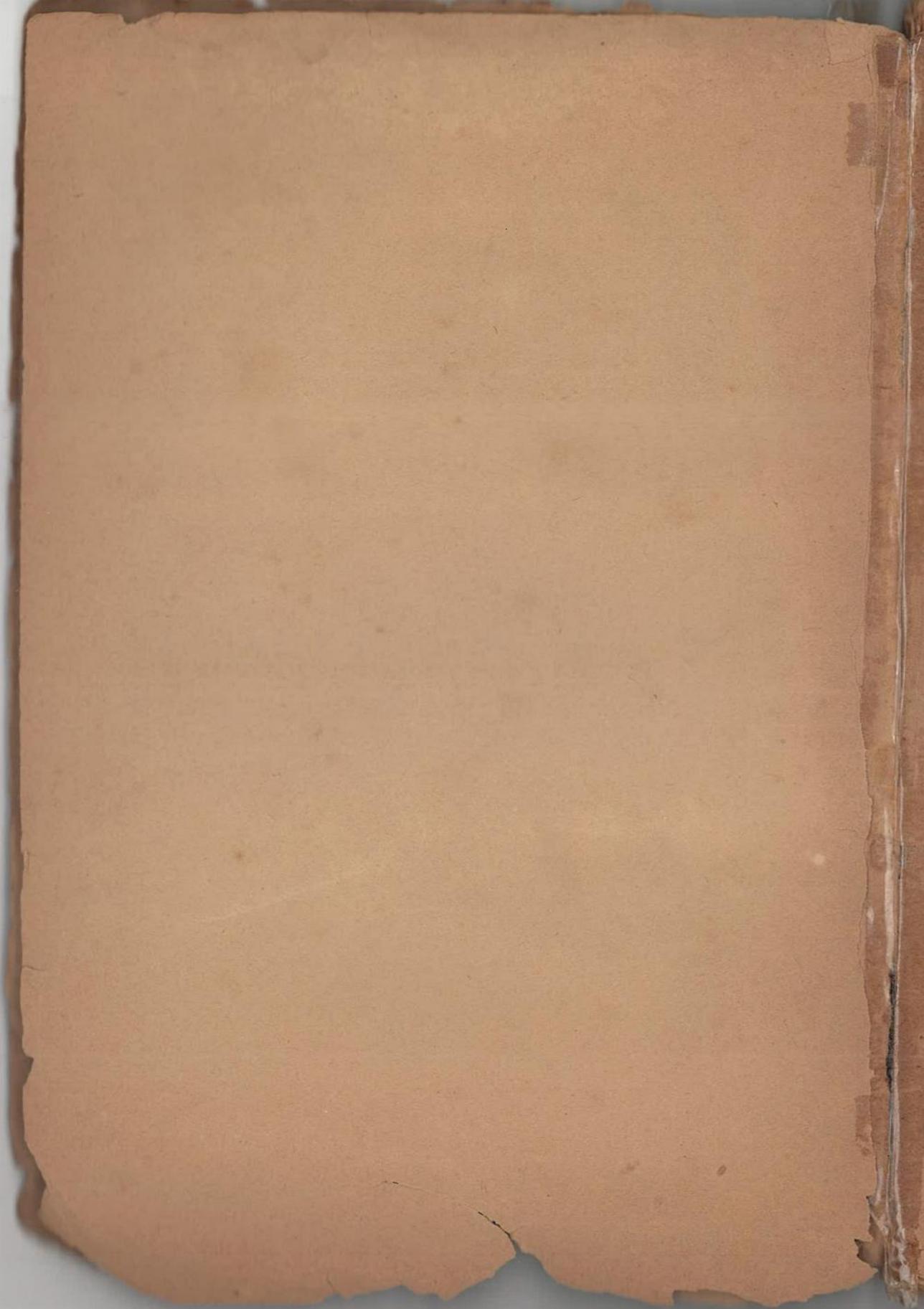
**BOM JESUS
DA
CANA VERDE**

(BATATAES DE OUTR'ORA)

SÃO PAULO
939



Bom Jesus da Cana Verde



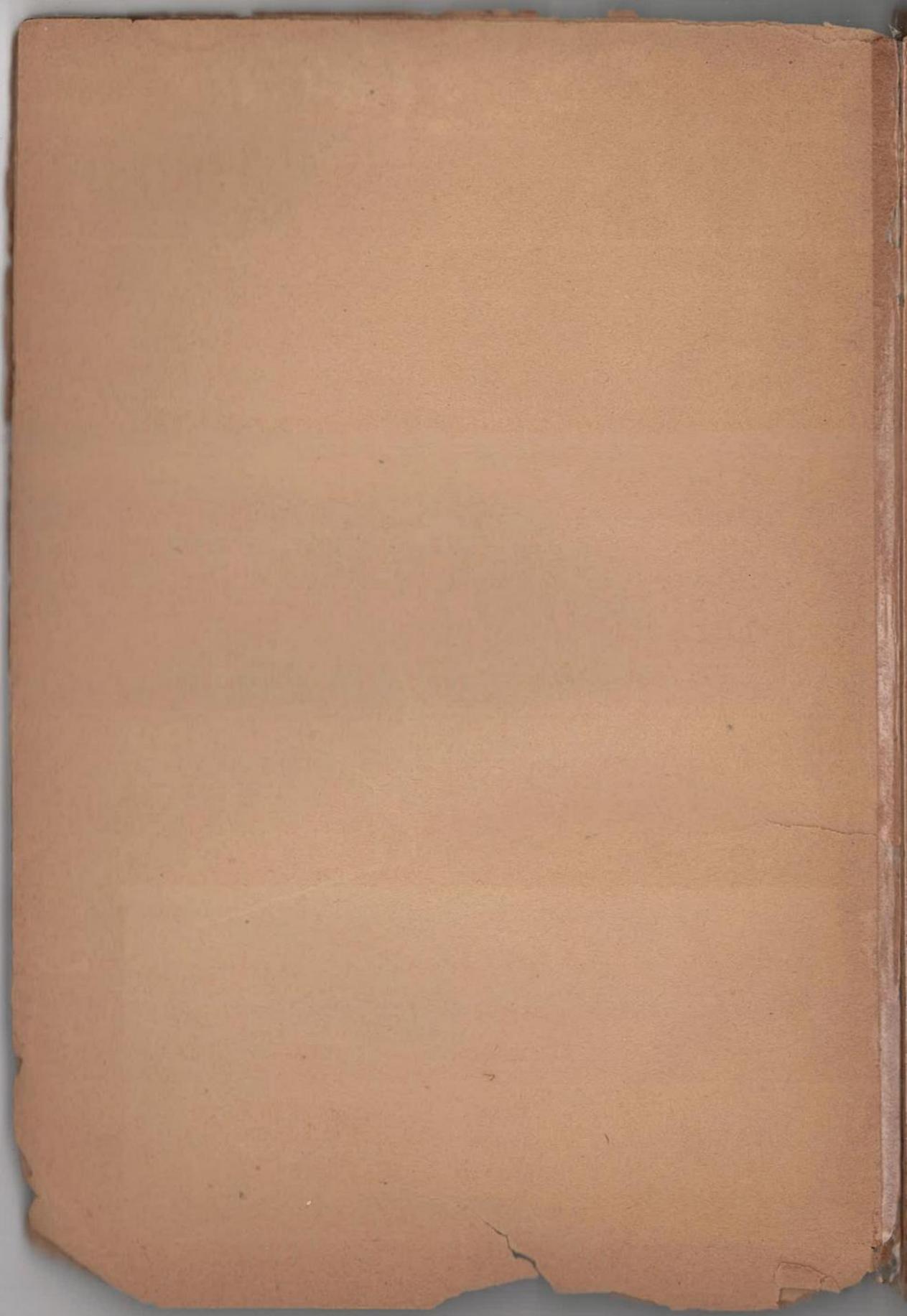
JEAN DE FRANS

Bom Jesus
da Cana Verde

BATATAES DE OUTR'ORA



SÃO PAULO
1939

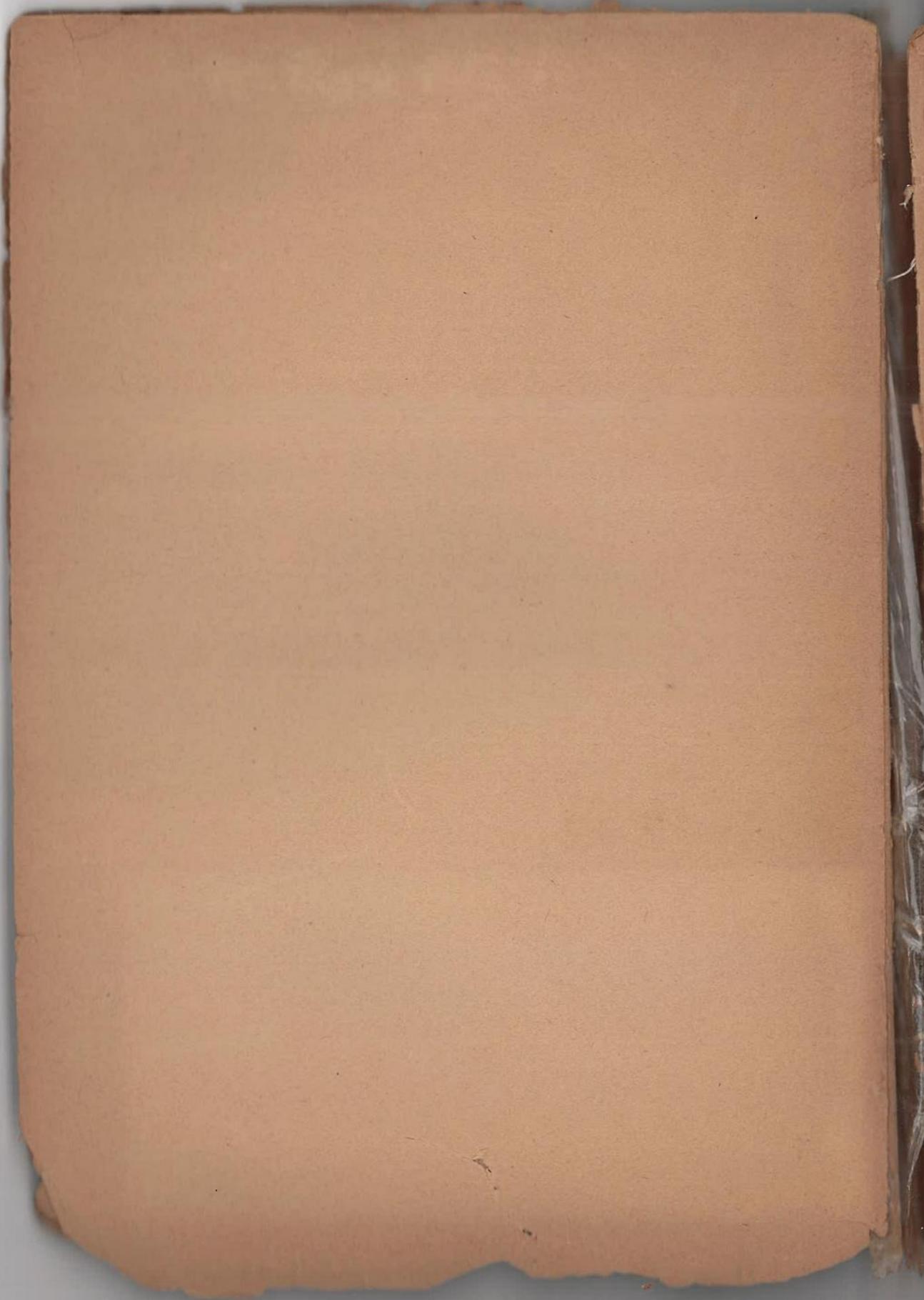


INDICE

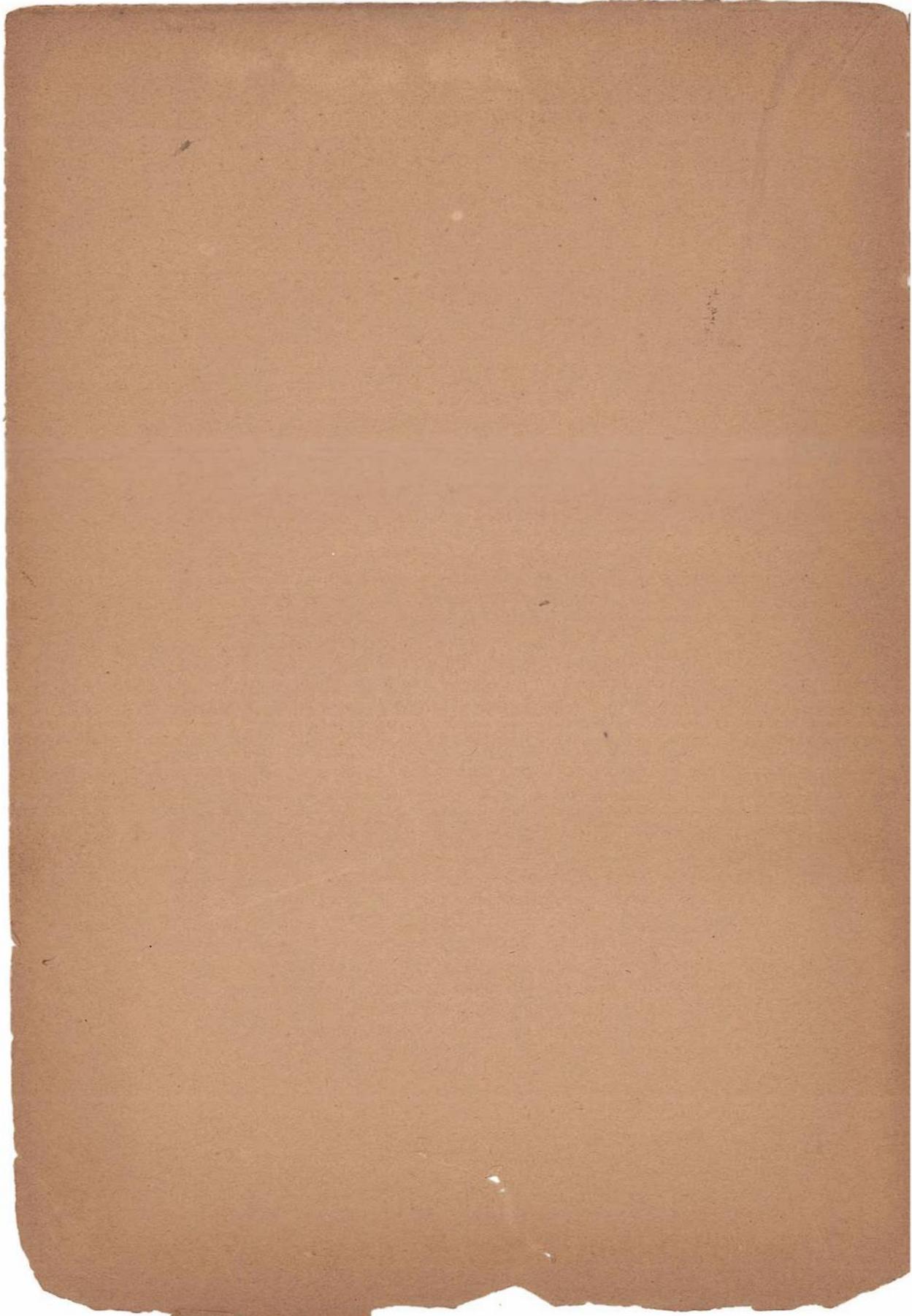
PRIMEIROS TEMPOS	9
1872	16
UMA ENCRENCA MUNICIPAL	32
FESTAS POPULARES	37
ASSOMBRAÇÕES E CRENDICES	64
USOS E COSTUMES DE OUTR'ORA	74
MOVIMENTO REPUBLICANO	113
IMPRESSA BATATAENSE	132
UM POUCO DE POLITICA	163

ERRATA

Pagina	Linha	Onde se lê :	Leia-se :
72	8	Visagem	MIRAGEM
80	34	Levar	LAVAR
111	36	Estrada	ENTRADA
117	12	Rua 6	RUA 7
132	32	Mais um,	MAIS UMA



*Paginas evocativas da velha Bom Jesus
da Cana Verde, que, assentada nos verdes
Campos Lindos das Araras, é hoje a progres-
sista e hospitaleira cidade de Batataes.*



Primeiros tempos

Ao alvorecer do século XIX estendia-se o territorio dos Batataes das divisas de Jacuhy, na capitania de Minas Geraes, ao rio Grande, entre a margem direita do rio Pardo e a margem esquerda do rio Sapucahy-mirim. A parte que é, nos dias de hoje, occupada pelos municipios de Nuporanga, Orlandia, São Joaquim, Morro Agudo e Guahyra era então o sertão invio, quasi desconhecido. Floresciam nesse vasto territorio, em sua parte conhecida, quinze *posses*: — a da *Ilha*, de José Dias de Campos; a das *Batataes*, de Manoel Bernardes do Nascimento; a da *Paciencia*, de Antonio José Dias; a do *Pouso Alegre*, de Francisco Romão Teixeira; a primeira da *Cachoeira*, de José Martins Ferreira; a segunda da *Cachoeira*, de Antonio Alves Pereira; a de *São Pedro* e a de *Sant'Anna*, de Germano Alves Moreira; a primeira da *Prata*, de José Lourenço; a terceira da *Cachoeira*, a segunda da *Prata*, a de *Santo Ignacio*, a da *Soledade* e a primeira de *Santa Barbara*, de Domingos Teixeira e Francisco Teixeira, e a segunda de *Santa Barbara*, de Antonio Pereira Lima. Com o correr dos annos esses latifundios foram sendo retalhados, surgiram as fazendas do *Morro Sellado*, *São José*, *Lambary*, *Ilha Grande*, *Maleitas*, *Morada*, *Barra*, *Invernada*, *Agua Quente*, *Jacutinga*, *Onça*, *Cuscuzeiro*, *Engenho*, *Fortaleza*, *Jaborandy*, *Esteios*, *Estreito*, *Proença* e outras tantas, por sua vez subdivididas. As actuaes fazendas daquelles nomes não pôdem dar uma pallida idéa do que teriam sido as primitivas *posses*.

A' margem do riacho dos Batataes, affluente á esquerda do rio Sapucahy-mirim, e á beira da estrada real de Goyaz, erguia-se, naquelles primeiros dias de 1801, pouco mais de meia duzia de casas de aspecto humilde, ao redor das quaes outras foram apparecendo. Para esse pequeno nucleo convergia, dada a sua situação, junto á unica via de communicação entre as sédes da capitania e do Brasil e o sertão immenso de Goyaz, todo o commercio das quinze *posses* enumeradas, vastissimas todas, avançando leguas e leguas. Essa circumstancia concorreu, certamente, para que se desenvolvesse o pequeno povoado, que em 1810 já possuia um cemiterio de reduzidas proporções.

A 25 de fevereiro de 1815, — dirigindo a capitania de São Paulo, na qualidade de capitão-general, o Conde de Palma, empossado a 8 de dezembro de 1814, — e attendendo ao que, por intermedio de seu bispo, supplicavam aquelles honrados sertanejos, um régio alvará do pacatissimo Senhor D. João VI, cantochanista e glutão, a quem chamava, aquella gente avessa á numeração romana, o *dom João vi*, elevava o arraial dos Batataes á categoria de freguezia, sob a denominação de *Senhor Bom Jesus da Cana Verde*, cuidando o piedoso povo da nova parochia da erecção, sem muita demora, da capellinha indispensavel ao culto, tendo por orago aquelle santo, que evóca uma das passagens mais commovedoras da Paixão do Senhor. A despeito desses santos propositos, algum tempo levou o povoado recém-elevado sem a matriz, que, em principios de 1817, abria suas portas toscas aos devotos, que acorriam a assistir aos officios divinos, dirigidos pelo reverendissimo padre Manoel Pompeu de Arruda, primeiro vigario, sacerdote de acrisoladas virtudes. A igreja não passava, afinal, de uma construcção rustica e pouco recommendavel, feita de madeira mal aparelhada e de telha vã, sem muita largueza e nenhum conforto, recinto onde os fieis, apezar de reduzida a população urbana, se comprimiam á hora da missa. Cinco annos mais tarde, em 1820, — na administração do capitão-general João Carlos Augusto de Oyenhausen, que a 25 de agosto de 1819 substituiu o Conde de Palma e a 23 de junho do anno seguinte teria de, com o grande José Bonifacio de Andrada e Silva, assumir a direcção do governo provisorio paulista, acclamado pelo povo e pela tropa, — sendo vigario da parochia o reverendissimo padre Bento José Pereira, segundo na ordem chronologica, foi aventada a transferencia da séde da freguezia. O progresso sempre crescente daquella zona deixava á mostra a insufficiencia do local escolhido para a respectiva séde, não obstante sua boa situação á margem da estrada real. A idéa tomou incremento. O vigario em questão, tomando a frente de numeroso grupo de pessoas, das mais gradas e de maior influencia naquellas paragens, representou, sobre a necessidade indeclinavel dessa mudança, ao bispo diocesano, o senhor D. Matheus de Abreu Pereira, — natural da Ilha da Madeira, onde nascera a 8 de agosto de 1742, — homem de elevado merecimento e prelado de raras virtudes, que, tendo sido nomeado para o bispado de São Paulo a 1.º de junho de 1794, confirmado por Sua Santidade o Papa Pio VI, em bulla de 17 de junho de 1795, empossado por procuração no dia 19 de março de 1796, e feito sua entrada solemnisima a 31 de maio de 1797, veiu a fallecer a 5 de maio de 1824, depois de vinte e sete longos annos de dedicação sem limites e arduo trabalho, quer na direcção de sua diocese, vastissima naquelles tempos, quer cuidando dos interesses da Provincia, que chegou a dirigir, de 1.º de setembro de 1822 a 8 de janeiro de 1823, como presidente que foi do triumvirato encarregado do governo paulista. Impetravam os signatarios daquella representação que se tornasse effectiva a mudança

desejada e que consultava realmente os interesses de toda a zona, para as margens do ribeirão das Araras, projecto a que havia adherido quasi toda a população dos arredores. Digo quasi toda, porque dois velhos posseiros, Manoel Bernardes do Nascimento, dos *Batataes*, e Antonio José Dias, da *Paciencia*, ambos ricos, ambos poderosos e influentes, eram, de maneira irreductivel, contrarios a transferencia tal, que feria indubitavelmente seus interesses. E os dois, mal souberam do trabalho que era feito junto á autoridade diocesana, promoveram outro abaixo-assignado, em sentido contrario, e que, por artes de berliques e berloques, angariou cem assignaturas, seguindo o mesmo caminho do primeiro. Allegavam Manoel Bernardes do Nascimento e Antonio José Dias, em linguagem energica, comquanto respeitosa, dirigindo-se, como se dirigiam, á mais alta autoridade ecclesiastica, as despesas não pequenas levadas a effeito com o levantamento da capella, embora rustica e pequena, e com a aquisição e transporte da imagem do Bom Jesus da Cana Verde, mandada vir de Minas Geraes, a custa de ingentes esforços e muito trabalho.

A autoridade diocesana acolheu essa contra-representação e, acto continuo, despachou-a ao vigario Bento José Pereira, a 25 de janeiro de 1821. E o vigario, interessado como estava na transferencia, a 3 de março do mesmo anno, devolvia ás mãos episcopaes de seu superior a papelada toda, com a informação recommendada e na qual propugnou forte, aberta e judiciosamente pela transferencia da séde da freguezia. E a mudança foi effectivada.

Germano Alves Moreira e sua mulher, dona Anna Luiza, posseiros de *São Pedro* e *Sant'Anna*, doaram o terreno necessario para a constituição do patrimonio, á margem direita do ribeirão das Araras, e a provisão de 25 de setembro de 1821, tornava realidade a mudança, tomando a freguezia a denominação kilometrica de *Senhor Bom Jesus da Cana Verde dos Batataes*, desprezados os protestos de Bernardes e Dias. Esse *Batataes*, estou a apostar, foi ali accrescentado á guisa de ficha de consolação ao velho Bernardes, dono dos *Batataes* e que vinha de quebrar lanças, oppondo-se encarniçadamente á transferencia da freguezia do antigo local. E á medida que o velho arraial ia cahindo num triste abandono, até extinguir-se por completo, a nova povoação crescia vertiginosamente, derramando-se o casario por aquelles campos doados por Germano Moreira e chamados *Campos Lindos das Araras*. Munidos da provisão do senhor bispo D. Matheus, os moradores cuidaram logo da construcção da capella, cujas obras, entretanto, só a 19 de maio de 1838 ficaram terminadas, no centro do povoado e dando frente para a entrada da povoação, que era então pelo logar que, com o correr dos annos, tomou o nome de *Porteira*, denominação oriunda da porteira que alli havia, demarcando o limite do patrimonio.

Dezoito annos mais tarde, a 14 de março de 1839, o doutor Venancio José Lisboa, nono presidente da Provincia, que soube administrar com zelo desde 12 de março de 1838 até julho do anno seguinte,

quando foi substituido pelo desembargador Manoel Machado Nunes, promulgou a lei n.º 128, decretada pela Assembléa Provincial:

Art. 1.º — Haverá nesta Provincia mais uma comarca, composta de dois termos, o de Mogy Mirim e o da Villa Franca do Imperador: — a freguezia dos Batataes, pertencente a este termo, fica elevada á categoria de villa e sendo a cabeça do dito termo; a residencia, porem, do juiz de direito será na Villa Franca do Imperador, com o vencimento de um conto e quatrocentos mil reis de ordenado.

O termo de Batataes foi creado para nelle ser julgado o celebre Anselmo, facinora famoso, que aterrorisava Franca do Imperador com as suas proezas, que passaram á historia com o nome de *Anselmada*. O jury desse bandido celebre foi realisado numa casa que não mais existe, no largo da Matriz, em frente á igreja, e foi presidido pelo capitão José Bernardes da Costa Junqueira, presidindo o tribunal o juiz de direito, doutor Pereira Jorge. O reu, que, como era de esperar, foi absolvido, compareceu á barra do tribunal mettido num extravagante vestuario de pelle de onça.

Creado o municipio, a 29 de agosto do mesmo anno, installava-se o governo municipal, que deste modo ficou constituido:

- 1) Antonio Ferreira da Rosa — presidente
- 2) José Luis Affonso Salgueiro
- 3) Joaquim Alves Ferreira
- 4) Antonio Alves Ferreira
- 5) Manoel Antonio Pereira
- 6) José Felix do Nascimento.

Como supplentes de vereadores, foram empossados:

- 1) Antonio Garcia de Figueiredo, a 20 de janeiro de 1840,
- 2) Carlos Barbosa de Magalhães, a 6 de abril de 1840,
- 3) Domiciano Ferreira Ribeiro, a 22 de agosto de 1840,
- 4) Manoel Gonçalves Martins, na mesma data, e
- 5) José de Andrade Diniz Junqueira, a 6 de julho de 1841.

A 17 de setembro de 1839, reunida solememente em sessão, a Camara dava posse aos primeiros funcionarios municipaes: — José Severino de Almeida, procurador; Camillo Maria de Lellis Coimbra, secretario, e José Ferreira Marques, porteiro. A Assembléa Provincial deu ao novo municipio, para o exercicio de 1840-41, este orçamento:

RECEITA ORDINARIA

Sem especificação de verbas 291\$200

DESPESA

Gratificação ao secretario 60\$000

Gratificação ao porteiro 16\$000

Salario ao carcereiro	16\$000
Luzes para a cadeia	6\$000
Aluguel de casa para a cadeia	5\$480
Expediente do jury, meias custas no geral	60\$000
Sustento e conducção de presos pobres	
e curativos destes, quando enfermos.	10\$000
Com obras publicas, inclusive (!) arma-	
rios e moveis para o serviço da Ca-	
mara	67\$720
Despesas eventuaes, inclusive sustento aos	
guardas policiaes, até cinco dias . . .	50\$000
Total: — Rs.	291\$200

De onde se conclue que o procurador da Camara trabalhava de graça...

O orçamento seguinte elevou essa dotação a 598\$722, discriminando então a receita da seguinte fórmula:

320 reis por cabeça de rez cortada nos	
talhos publicos	1\$280
Aferição de pesos e medidas	25\$600
Estanque de aguardente	64\$000
Multas por infracção de posturas	20\$000
Ditas impostas pelo jury	120\$000
Ditas, ditas por differentes juizes	10\$000
Renda eventual proveniente de multas	
“ao” fiscal e vereadores (!?) e ou-	
tras origens	12\$000
Decima dos predios urbanos com applica-	
ção especial (!)	—
Cobrança da divida activa	344\$000
Saldo existente em cofre	1\$842

Por essa discriminação vemos, pela cobrança da divida activa, que já naquelles tempos muita gente havia refractaria ao pagamento de impostos. E vemos tambem que a cidade consumia, durante um anno, apenas quatro bois !

Durante longo tempo os trabalhos da Camara limitaram-se á nomeação, posse e demissão de empregados, ao recebimento, leitura e archivamento dos relatorios dos fiscaes e inspectores, e ao recebimento e resposta de officios da secretaria do governo. As agitações politicas que abalaram o paiz e attingiram os mais remotos recantos, não deixaram, todavia, o menor vestigio na administração municipal de Batataes. Em 1852, a exportação de Batataes, exclusivamente de toucinho, era, mais ou menos, de cem contos de reis, não existindo cultura de café. A população alcançava seis mil habitantes, em todo

o municipio, inclusive “vinte lazarus conhecidos”. A igreja matriz, quasi prompta, possuia capella-mór e dois altares, com o que foi despendido “cerca de vinte contos”, faltando apenas pintura externa e interna, grades, tribunas, serviço esse orçado “em dez contos”. Havia quatro estradas para Minas, duas para São Paulo passando por São Simão e Casa Branca, uma para o bairro da Araraquara e uma para Franca do Imperador, passando pelo rio Sapucahy, onde havia ponte. A cadeia, — a despeito dos 800\$000 dados, para reparos, pela lei n.º 175, de 23 de março de 1841, — jazia em pessimo estado, com as paredes e o telhado completamente damnificados pelas chuvas continuas e um esteio estragado por um raio. A agua da serventia publica, fornecida por um pequeno rego que serpeava pelo centro da povoação, era incapaz e impura, tanto assim que no anno immediato (1853) iniciou-se o serviço do primeiro abastecimento d’agua potavel de que foi dotada Batataes e que consistia em tres bicas de madeira, das quaes partiam os chamados “dedaes” ou “aneis”, — especie de pennas d’agua, — para as moradias, mediante pagamento mensal. O termo possuia quatro districtos de paz, tres em Batataes e um em Cajurú. Foram estas as informações que a 26 de março de 1852 os vereadores prestaram ao doutor José Thomaz Nabuco de Araujo, 20.º presidente da Provincia, cujo exercicio foi de 27 de agosto de 1851 a 19 de maio de 1852.

Dahi por diante continuou a augusta edilidade na mesma pasma-ceira. Alem do serviço de bicas para a agua e da construção do cemiterio, no fim da rua Barão de Cotegipe, então do Cemiterio, cercado de muros de taipa e repleto de jazigos collossaes, agora desaparecida e que em 1890, mais ou menos, cedeu logar ao actual cemiterio parochial e passou a ser o “cemiterio velho”, — a Camara Municipal cogitou das obras da Matriz. Representou tambem, ao bispo diocesano, contra o vigario da parochia, que cobrava trinta e cinco mil reis pela celebração de um casamento e vinte mil reis por uma confissão (!); adquiriu livros para a escripturação, que antes, certamente, era feita em papeis avulsos, e, por iniciativa de seu presidente, José Umbelino Fernandes, abriu uma subscrição para a compra dos terrenos do *Potreiro*, que, de facto, foram incorporados ao patrimonio municipal. E fez muito!...

Em fins de 1868, o inspector da Thesouraria da Fazenda, — era, nessa occasião, José Xavier de Azevedo Marques, nomeado por decreto de 29 de fevereiro de 1858 e empossado a 11 de março seguinte —, pedia á Camara Municipal a indicação de alguem capaz de occupar a collectoria de rendas geraes, pois o collecter Amancio Gomes Ramalho pedira remoção. O officio de José Xavier foi presente á Commissão Permanente da Camara, que, em 9 de janeiro de 1869, apresentou em sessão este engraçado parecer:

“A cumição Premanente Examinando a Portaria do Inspector da Tizoureria da Fazenda desta Provincia em que

péde que esta Camara Indique uma pessoa Competente abilitada para Exercer o Cargo de Culetor das Rendas geraiz deste Municipio. Acumição intende que não avendo nu lugar pesoa que queire a seitar o cargo de culetor, que a Camara Officie ao Inspector da Tizoureria pedindo a Conservação do culetor Removido Amancio Gomez Ramalho visto que o mesmo ainda aqui Existe, se isto for pucivel, e estivér nos limites de suas atribuiçoez.

Batataes 9 de janeiro de 1869

Antonio Luiz Selgueiro
Albano José de Almeida
Francisco Arantes Marques."

Esse maravilhoso parecer não póde causar espanto: — foi seu relator o capitão Salgueiro, honrado fazendeiro, dono da fazenda *Proença*, muito boa pessoa, mas de letras excessivamente gordas. Contavam que até na propria assignatura era de uma inconstancia extraordinaria: — ora assignava Salgueiro com "sal", ora com "sel", ora com "s", ora com "c" cedilhado, ora com "l", ora com "r". Uma feita, sendo segundo supplente do juiz municipal e de orphãos, doutor José Manoel Portugal, e estando com a vara, lançou, sob um despacho de importancia, um Salgueiro com "c" cedilhado e "r". Era advogado na causa o capitão Antonio Jacintho Lopes de Oliveira, cujos interesses ficaram prejudicados por esse luminoso despacho. E Antonio Jacintho, na primeira opporrtunidade, chamou a attenção do julgador para aquella decsião, proferida por um "cargueiro".

Encerremos estas linhas. Em data de 13 de abril de 1872, estando de posse das redeas do governo, desde 30 de maio do anno anterior, o 38.º presidente da Provincia, doutor José Fernandes da Costa Pereira, a Assembléa Provincial promulgou o Codigo de Posturas do municipio de Batataes, aq qual já anteriormente haviam sido dados, com a resolução n.º 4, de maio de 1865, alguns artigos de posturas. Nesse mesmo anno de 1872, naturalisou-se, em Batataes, o primeiro estrangeiro, de accordo com a lei de 23 de outubro de 1832, e em todo o municipio existiam 2.506 escravos matriculados, para uma população de pouco mais de 8.500 habitantes. Finalmente, exercendo o governo da Provincia o notavel administrador doutor João Theodoro Xavier, 40.º na ordem chronologica, a lei n.º 20, de 8 de abril de 1875, elevou Batataes á categoria de cidade e comarca. O municipio accusava, nessa época, uma exportação de 20.000 arrobas de toucinho, e a renda municipal estava orçada em 1:938\$148.

No anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e dois, Batataes era ainda villarejo humilde de sertão. Os seus predios não chegariam, talvez, a duzentos. A povoação possuia tres praças, invadidas todas tres pelo mato, que vicejava impunemente: — o largo da Matriz (hoje praça Conego Joaquim Alves), o largo do Rosario (agora praça Washington Luiz) e o largo da Cadeia (actualmente praça 15 de Novembro). As ruas eram treze, — numero aziago, — e as treze concordando inteiramente com os largos: — a do Chafariz (Coronel Joaquim Rosa), a do Commercio (Celso Garcia), a de Cima (Coronel Pereira), a de Baixo (Sete de Setembro), a Direita (Coronel Joaquim Alves), a do Outro Mundo (21 de Março), a do Castello (Marechal Deodoro), da Outra Banda (Duque de Caxias), a do Theatro (Santos Dumont), a do Cemiterio (Barão de Cotegipe), que alem da casa do capitão Antonio Jacintho nada mais era que um caminho esburacado até o cemiterio parochial, já desapparecido, a da Cadeia (Prudente de Moraes), a do Canto (Ruy Barboza) e a das Palmeiras (Affonso Penna). Junto á botica do Zéca (José Norberto da Silva), na rua Direita, havia um trilho, que mais tarde passou a rua Nova (Senador Feijó) e que levava á do Outro Mundo, passando pelo correjo do Capão, onde existia uma pinguéla. Em continuação á rua da Outra Banda, que desembocava atraz da cadeia, havia uma rua, ou antes um projecto de rua, na qual, em tempo tal, só existiam umas tres chacaras, entre ellas a das Camélias, a melhor de todas, e a do Chico da Onça, pertencente depois ao doutor Simpliciano da Rocha Pombo, juiz de direito da comarca. Ligando essa rua ao bairro da Porteira, onde ficava a chacara de João Paulino Pinto (pae), e para facilitar as communicações com a fazenda São José, do Capitão Andrade (José de Andrade Diniz Junqueira), — até então feitas pela Porteira e pelo sitio das Araras, passando pela cachoeira, — abriram uma especie de rua, sem moradias; um pouco abaixo dessa rua nova, junto á estrada recém-aberta para a fazenda São José e á margem direita do ribeirão das Araras, fizeram, tempos depois, o matadouro municipal, um rancho de sapé, immundo, exhalando sempre um fetido horrivel, tanto que, em outubro de 1886, deu logar áquella phrase do imperador D. Pedro II, que

fôra a Batataes afim de inaugurar o prolongamento da Estrada Mogyana: — “O aßeio não custa dinheiro!” Para as bandas de cima, a cidade não ia alem do largo da Matriz. A actual rua Coronel Pereira, por exemplo, que se limitava ao trecho entre aquelle largo e a rua Direita, só tinha sete casas: — a que annos depois foi de Chico Justino (Francisco Justino de Paiva); a que foi de Zelino José Ferreira e onde morou e morreu o doutor Antonio Marcelino de Carvalho; a da Sinh’Anna Candida, que muitos annos depois o capitão Evaristo de Campos reedificou e ultimamente passou a pertencer ao coronel Manoel Gustavo de Andrade Junqueira; a da Maria Martins e a de Raymundo ferreiro, todas do lado impar; do outro lado, só havia, na esquina do largo, *vis-a-vis* á do capitão Antonio Jacintho, a do coronel Pereira. A rua Direita não ia alem da botica do Zéca; desse ponto em diante, apenas um caminho em direcção ao Capão. A área agora occupada pelas avenidas dos Andradas, Frei Caneca e 24 de Fevereiro, pela praça Barão do Rio Branco e suas adjacencias, era, então, apenas um enorme campo, cortado por estreitas veredas, que conduziãam ao Capão, ao Potreiro, á Porteira. E para as bandas do Potreiro, no meio do campo, ficava o cemiterio, ao qual dava accessão um caminho em continuação da rua do Cemiterio. O campo-santo era cercado de taipas sem reboco, seus tumulos eram enormes, pesadões, de tijolos, relembrando aquelles dos prophetas de que davam noticia revistas de antanho, que ainda cuidavam da Terra Santa; o interessante é que não havia cruceiro no cemiterio e só muitos annos mais tarde, em 1900, quando já de ha muito estava interdictada a necropole, o padre Vicente Passos houve por bem erigir alli uma enorme cruz. A casa da Matósa, que depois passou a fazer parte da rua do Campo Alegre (hoje General Osorio), perdia-se no meio do barba de bóde, muito distante, fóra da povoação. A Matriz, enorme, pesada, com duas torres e com as grossas paredes de adobes, ficava bem no centro do respectivo largo, olhando para a entrada da cidade, que era então pela Porteira. A igreja do Rosario ficava ao fundo do largo desse nome, era acanhada, sem côro e sem torre, com um só altar, tendo, do lado de fóra, á esquerda, uma armação de madeira, muito alta e coberta de telhas, abrigando os sinos. As casas principaes eram sempre de esquina, conventuaes, de janellas amplas e grandes beiraeas, portas largas e de uma só folha, aposentos de dimensões avantajadas, pintadas commumente de cores escuras. As casas pobres tinham menos imponencia, mas obedeciam ao mesmo estylo, muitas janellas, portas largas, substituidas as vidraças por “empañadas” de panno branco. A classe desfavorecida morava em casinholas cobertas de sapé, de minguadas dimensões, escuras, feitas de pau a pique, piso de terra batida.

Chegava-se á cidade pela estrada real, que vinha de São Paulo, passando por Atibaia, Itatiba, Campinas, Mogy Mirim, Casa Branca, Cajurú, Cuscuzeiro, pouso da Araraquara, e proseguindo caminho da

Franca. Entrava-se, como dito já deixei, pela Porteira, depois de passar pelos restos da primitiva povoação e transpor os ribeirões dos Batataes, do Saltador e do Lageado. Já de muito longe a povoação era avistada, dada a sua situação privilegiada.

Constituíam o municipio as freguezias de São José do Morro Agudo, conhecida vulgarmente por Chapéu, para onde a lei de 28 de fevereiro de 1872 transferira a séde da freguezia de Sant'Anna dos Olhos d'Agua, e a de Santo Antonio da Alegria, conhecida geralmente como Cuscuzeiro, a essa categoria elevada por força da lei de 28 de fevereiro de 1866, alem da parochia de Espirito Santo de Batataes, hoje Nuporanga, que só no anno seguinte (1873) foi, por lei de 14 de abril, sob n.º 50, promovida a freguezia.

Os habitantes do municipio dedicavam-se especialmente á criação de gado vaccum, cavallar e suino, havendo tambem culturas prosperas de cana de assucar e de cereaes. Ensaiaava-se já o plantio do café, dando o primeiro exemplo Antonio Garcia de Figueiredo, na sua fazenda Fortaleza.

O termo judiciario abrangia os municipios de Batataes e Cajurú, com suas freguezias. Administrava a justiça, na elevada qualidade de juiz municipal e de orphãos, o doutor José Maria Portugal, que morou a principio no largo da Matriz e mais tarde se removeu para um sobradinho, que de ha muito desapareceu, na Outra Banda, no trecho entre a rua Direita e o largo da Cadeia, predio que havia sido do velho Joaquim Garcia, chefe da familia Garcia de Oliveirá. A 7 de julho de 1873 o doutor Portugal foi substituido pelo doutor Carlos Antonio Rodrigues dos Santos, que assumiu o exercicio a 4 de novembro seguinte, magistrado de grande austeridade, mas que não furava paredes e se fizera acompanhar de um creado, typo ratão que apanhou logo a alcunha de *Farinha Secca*. Como supplentes tinha o doutor Portugal o tenente Joaquim Alves da Costa, morador na mesma casa em que todos nós o conhecemos, em frente á igreja do Rosario; o capitão Antonio Luis Salgueiro, que costumava assignar "Çargueiro", morador na fazenda do Proença e que na cidade assistia numa casa, já demolida, em frente á Matriz; e o capitão Joaquim Antonio Pereira Lima, morador numa das fazendas denominadas São José. Como auxiliares da justiça funcionavam o tenente Evaristo José Garcia, tabellião de notas, com cartorio no largo da Matriz, esquina da actual rua Barão de Cotegipe, onde depois residiu Alvaro da Cunha e esteve estabelecido Eduardo Sprocatti com relojoaria e joalheria, e João Escrivão (capitão João Zeferino de Almeida e Silva), escrivão de orphãos, com residencia e cartorio no largo do Rosario, esquina da rua Direita, na mesma casa onde passou depois a morar Joaquim Augusto da Cunha e Silva e pertenceu mais tarde a Zézinho Lemes (José Bernardes Lemes); morrendo João Escrivão, no anno immediato, foi substituido no cargo pelo irmão, Antonio Benedicto dos Santos Silva, a 15 de maio. Achavam-se vagos, na-

quelle tempo, os cargos de adjunto de promotor e de partidior-contador. Aquelle só a 11 de dezembro de 1873 foi prehenchido por Antonio Augusto Lopes de Oliveira, advogado nos auditorios, residente á rua do Chafariz, esquina da rua actual do Barão de Cotegipe, numa casinha pequenina mas sem coqueiro do lado, um verdadeiro *cochichólo*, no mesmo local onde mais tarde o genro, Samuel Adolpho Biaggi, levantou uma grande officina mechanica. Para o segundo, a 10 de janeiro de 1873, foi nomeado Eduardo Augusto Teixeira, natural de Bragança, de onde se transferiu para Batataes em 1870. A comarca, cuja séde era em Franca, ainda do Imperador, tinha como juiz de direito, desde 6 de setembro de 1867, o doutor Francisco Lourenço de Freitas, formado pela Universidade de Coimbra, do mesmo naipe do doutor Carlos Antonio Rodrigues dos Santos, tanto que a irreverencia popular dava-o como diplomado pela Estrebaria de Coimbra. Certa vez, em Batataes, na presidencia do jury, procedendo ao sorteio dos jurados que deviam formar o conselho de sentença, chamou o velho Saint-Clair Tostes Flemings :

— “Sahinte Clahir Tôstes Flemings!”

Em Franca era a esse tempo juiz municipal o doutor Frederico do Nascimento Moura, exercendo a promotoria publica o doutor Joaquim Galdino Gomes da Silva.

A delegacia de policia de Batataes estava confiada á sagacidade jamais desmentida do capitão João Antonio de Macedo, homem recto e laborioso, que por seus notaveis predicados fôra igualmente escolhido para supplente de eleitor, sendo seus immediatos, na missão espinhosa de guarda da ordem publica, José Garcia de Figueiredo, Francisco Antonio Pereira Lima e Antonio Augusto Lopes de Oliveira, este advogado e os dois primeiros fazendeiros. Joaquim Augusto da Cunha e Silva, capitalista, agrimensor e negociante de fazendas, arcava com os trabalhos da subdelegacia de policia, tendo como supplentes os alferes Antonio Alves Moreira e Candido Martins Ferreira e Candido José Ferreira da Luz, todos lavradores. No Chapéu, a segurança publica estava nas mãos de Antonio Canuto de Azevedo, subdelegado, e Francisco Alves Capistrano, Joaquim Ferreira Nobre e José Custodio da Silveira, supplentes. No Cuscuzeiro, mantinham essas attribuições o subdelegado Francisco Antonio Mafra e os supplentes Pio Felix da Silva, Antonio Custodio de Faria e João Baptista Alves Ferreira. A freguezia contava com treze eleitores e quinze supplentes, incluidos no primeiro quadro o vigario Padre Joaquim (Conego Joaquim Alves Ferreira); major Joaquim Antonio Pereira Lima, criador de gado, numa das fazendas São José; tenente João Damasceno Pereira, fazendeiro de cana de assucar, do Engenho; o Capitão Andrade (José de Andrade Diniz Junqueira), presidente da Camara Municipal, que cultivava cana de assucar e era criador de gado, noutra das fazendas São José; o major Antonio Garcia de Figueiredo, heróe das cavalhadas, antigo criador e o primeiro fazen-

deiro que alli cultivou a preciosa rubiacea; alferes Antonio Alves Ferreira, tambem criador, numa das sete fazendas denominadas São Pedro; capitão João Baptista Freire, o estimado "Seu Baptista", pharmaceutico; o tenente Joaquim Alves da Costa, supplente do juiz municipal, negociante de molhados e fazendas; capitão Antonio Luis Salgueiro, tambem supplente do juiz, dono da fazenda Proença, onde criava gado; capitão Antonio Jacintho Lopes de Oliveira, advogado; alferes Francisco Antonio Pereira Lima, criador de gado, supplente do delegado de policia; alferes José Francisco de Moraes, o popular e estimado "Seu Moraes", que tinha decidida ogerisa pelo "S.P.", negociante de louças e fazendas na rua do Commercio, esquina da do Theatro; e alferes Antonio Augusto Lopes de Oliveira, advogado e supplente do delegado. Integravam o quadro dos supplentes os conspicios batataenses Custodio José Vieira, lavrador; capitão Francisco Arantes Marques, agente do correio e negociante de fazendas e armario; tenente Evaristo José Garcia, tabellião de publico, judicial e notas; Eduardo Garcia de Oliveira, negociante de fazendas; capitão João Antonio de Macedo, delegado de policia por muitos annos, criador como muitos outros; capitão João Zeferino de Almeida, o "João Escrivão", serventuario do cartorio de orphãos, pae do finado desembargador Antonio Candido de Almeida e Silva; Daniel Joaquim de Oliveira, negociante de fazendas e escrivão da vara ecclesiastica; João Paulino Pinto, dono da chacara da Porteira, lavrador; capitão José Paulino Pinto Nazario, lavrador; Antonio Alves Moreira, filho de Germano Moreira, fundador da actual cidade, dono de uma das fazendas São Pedro e, nas horas vagas, supplente do subdelegado; João Candido Alves Falleiros, sapateiro; Flavio Alexandre Ferreira, lavrador; Manoel Theodolindo do Carmo, lavrador; Boaventura Ferreira Rosa, dono da fazenda Prata, e Albano José de Almeida, sellêiro. A collectoria geral e provincial, dirigida por Amancio Gomes Ramalho, parente do Barão de Ramalho, que morava em casa da velha Mattósa, funcionava na casa da rua do Commercio que depois pertenceu a Gabriel Theodoro de Lima, junto á actual Pharmacia Fernando; logo depois foi mudada para o casarão do largo da Matriz, propriedade da familia Pinto Nazario. Era escrivão das rendas geraes o Zéca da Botica (José Norberto da Silva) e das provinciaes Antonio Benedicto dos Santos Silva, que morava naquelle tempo no largo da Cadeia, numa casa em que annos depois moraram o tabellião Franco e Leopoldo Rangel e esteve estabelecida a Padaria Friulana, de José Drosghic.

Pertenciam ao municipio, — que occupava toda a immensa área comprehendida entre os rios Grande, Pardo e Sapucahy, hoje occupada pelos municipios de Batataes, Altinopolis, Santo Antonio da Alegria, Brodowski, Jardinopolis, Nuporanga, Orlandia, São Joaquim, Morro Agudo e Guayra, — seis fazendas, onde a cana de assucar era cultivada em larga escala: — Engenho, Jacutinga, Jaborandy, São José,

Batataes e São Pedro. As de criação de gado elevavam-se a trinta e sete: — Lámbarý, sete com o nome de São Pedro, Espirito Santo, Paciencia, tres com o nome de Prata, Proença, Batataes, Cuscuzeiro, Invernada, Cajurú, duas com o nome de Cachoeira, Barra, Bom Jardim, duas com o nome de Santa Barbara, São João, Sant'Anna, Maileitas, duas com o nome de São José, duas com o nome de Floresta, duas com o de Santo Ignacio, Soledade, Jacutinga, Pouso Alegre e Agua Quente. De café apenas uma, a Fortaleza, do major Antonio Garcia de Figueiredo.

As pharmacias eram duas, não obstante a ausencia de facultativos: — a do Zéca (José Norberto da Silva), na mesma velha chacara da rua Direita, e a do "Seu Baptista" (João Baptista Freire), na rua do Commercio, onde está hoje o collegio das irmãs salesianas. Como não havia medicos, os boticarios não tinham mãos a medir: — davam consultas, attendiam a chamados, receitavam... Negociavam em fazendas e armarinho Daniel Joaquim de Oliveira, na actual rua 7 de Setembro, na esquina da actual rua Barão de Cotegipe, numa casa que pertencia ao irmão, Antonio Augusto Lopes de Oliveira, e foi, muitos annos mais tarde, demolida e reedificada por Antonio Nicolau de Almeida; Eduardo Garcia de Oliveira, no largo da Matriz, onde depois, e por largos annos, morou o professor capitão Camillo de Menezes; Francisco Arantes Marques, então nos baixos do sobrado de sua residencia, de onde passou para o predio terreo pegado, á direita, que fora desoccupado por Ernesto Brasilino dos Reis, cedendo os baixos do sobrado, mais ou menos em 1877, ao doutor Marcondes Homem de Mello, que alli abriu consultorio medico; Gaudencio Jacintho Lopes de Oliveira, em casa do pae, capitão Antonio Jacintho, no largo da Matriz; Joaquim Augusto da Cunha e Silva, o homem dos sete instrumentos, nos baixos do sobrado da familia Ferreira da Rosa, na rua do Chafariz, assim denominada por causa de uma bica que havia, para servidão publica, em frente ao armazem de Antonio Carlos; o velho Morato (José Francisco Morato), na casa que alguns annos depois pertenceu a Adolpho Arantes Marques e por este transferida a Cesario Ordine, na esquina das ruas do Commercio e Barão de Cotegipe, e, finalmente, o "Seu Moraes" (José Francisco de Moraes), com toda a sua "pregophobia", na já citada casa da rua do Commercio. Accumulavam, na mesma loja, fazendas e armarinho, seccos e molhados, o tenente Joaquim Alves da Costa, naquelle casarão acaçapado, legitimo "rococó", em que sempre viveu e acabou morrendo, e Manoel Soares de Castro, o "Manoel Broa", baixote, gordinho, seu tanto corcovado, no largo da Matriz, na casa onde depois, e por muito tempo, esteve a relojoaria de João Pontes e ultimamente estava a casa commercial de Cassiano Ferraz de Menezes. Vendiam generos do paiz, em grosso e a retalho, a "Candinha Carra" (Candida Carlos), mulher popularissima, daquellas que dão que fazer ou, como dizia o caipira, de virar e romper, com armazem na rua do Chafariz,

do lado impar, numa casa entre as ruas Barão de Cotegipe e Affonso Penna que pertenceu depois a Custodio José Vieira, mais tarde ao coronel Manoel Gustavino e posteriormente ao Guariba (Antonio Gabriel Pereira); Antonio Carlos Martins, na mesma rua do Chafariz, numa casa de esquina em que, já nos nossos dias, Constantino Fernandes Braga e José Camillo Lellis Junior foram estabelecidos com açougues e morou mais tarde Claudio José Gomes; e José Firmino do Carmo, irmão do coronel Manoel Theodolindo do Carmo e cujo armazem, por mais que investigasse, não me foi possível descobrir onde ficava. Havia duas alfaiatarias, a cujas tesouras peritas recorria a parte masculina da população, mormente os moços, na ancia muito justificada de se apresentarem brumelicamente elegantes nas tardes de domingos: — a do Nogueira (Antonio José Nogueira), na casa onde, cinco annos depois, o Cozeca (José Bernardino do Carmo) se estabeleceu com casa de seccos e molhados e, reconstruida pelo Quincas Pereira (Joaquim Pereira Lima), pertenceu depois a Cesario Ordine e foi a popular *Casa da Mangueira*, no largo da Matriz, e a de Eduardo Clemente Tavares, artista habilissimo e que não deixava de coçar a orelha com o pé, numa casa da rua do Commercio, do lado impar, onde, em 1895, mais ou menos, o velho Moysés Arruda esteve com a collectoria estadual e passou depois a Joaquim Antonio Pereira Lima. Existiam tambem, nesse anno, em Batataes, quatro carpintarias: — de Clemente Teixeira da Rocha e João Barbosa da Silva, ambas no bairro do Castello, de Leandro José da Silva, no largo da Matriz, e Quirino Alves Landim, na fazenda São José. Duas ferrarias, reunindo os respectivos artistas as funções de ferreiros e ferradores, uma no Outro Mundo, de José Pires da Annuniação, e a outra no Castello, de Tristão Antonio da Silveira. Eram dois os pedreiros de fama, capazes de erguer uma casa com a maxima segurança e todas as exigencias da architectura: — o popularissimo Mané José (Manoel José de Souza) e Pedro José de Souza, ambos com arraiaes no Outro Mundo. Se poucos eram os alfaiates, em compensação consumia-se muito calçado, pois havia nada menos de seis sapatarias: — a do Trovoada (Antonio Joaquim da Silva), de João Cândido Alves Falleiros, de José Gonçalves, do Brigagão (José Nunes Brigagão), do Leonardinho (Leonardo Mauricio de Carvalho Junior) e de Manoel da Costa Ramos, todas funcionando na rua Direita. Talvez porque o meio de transporte, naquelles ditos tempos, fosse o cavallo, havia quatro sellarias, todas muito afreguezadas: — de Albano José de Almeida, na Outra Banda, na primeira esquina á esquerda de quem subia, passado o correjo; de Ezequiel Guimarães Corrêa, que nos ultimos tempos residia em Rio Preto e em Batataes esteve estabelecido na rua Direita; do Juca Severino (José Severino de Almeida), sogro do Bino (Felisbino Custodio de Moraes), logo no começo da rua Direita, e de Leonel Antonio da Silva, no Castello.

A instrucção publica, dirigida pelo vigario Padre Joaquim, ins-

pector literario, era ministrada por duas unicas escolas, uma do sexo masculino e uma do feminino. Aquella funcionava na esquina das ruas do Commercio e do Theatro, casa hoje pertencente ao collegio das irmãs salesianas e onde, antes disso, moraram Néca do Carmo (Manoel Theodolindo do Carmo) e o Tito (João Baptista Ferraz de Menezes); regia-a Caetano Leite Machado, desde 1865. A do sexo feminino era regida, desde 1870, por minha mãe, dona Augusta Eugenia Fernandes, e funcionava na mesma esquina, na casa onde está actualmente a Pharmacia Fernando.

O destacamento policial, commandado por um sargento, era apenas de oito praças, fornecidas pela quarta companhia do Corpo Municipal de Permanentes, do commando do Tenente-Coronel Carlos Maria de Oliva, numero sem duvida exiguo para aquelle tempo de valentões e correrias e para aquellas paragens tão distantes.

A população do municipio, de tão vasto territorio, era de 8.881 habitantes, nesse total incluidos 2.506 escravos matriculados, mais de 28 %, bella proporção.

Das estradas municipaes, a que se dirigia a São Simão fazia parte da rêde provincial, pertencente á chamada "Linha Campinas-Franca", subordinada á Inspectoria Geral de Obras Publicas, então dirigida pelo bacharel Antonio Cavalcante de Souza Raposo; a fiscalisação desse trecho estava dividida em duas secções e confiada, respectivamente, a José Ribeiro da Fonseca e Jacintho José de Souza.

O orçamento votado para o anno de 1872, pela augusta Assembléa Provincial, era elevado: — 2:530\$000. Nessa importancia estavam incluidos os vencimentos dos empregados do municipio, obras publicas, expediente da Camara e da policia, iluminação da cadeia... A illustre edilidade, que, de quando em quando, sahia de sua lethargia e dava o ar de sua graça, nesse anno, alem da incumbencia das obras da cadeia, pelas quaes clamava já em 1852, em vibrante appello ao presidente da Provincia, e de aquinhoada com a construcção de uma ponte no ribeirão do Saltador, apanhou a 13 de abril de 1872 o régio presente de um codigo de posturas. Recebeu-o da Assembléa Legislativa Provincial, presidida pelo virtuoso conego Scipião Ferreira Goulart Junqueira, residente em Santos e deputado pelo segundo districto, e secretariada por outro reverendo, o padre João Vicente Valladão, vigario de Conceição dos Guarulhos e representante do 1.º districto. E' muito provavel que, como aquelle typo que era dono de rica bibliotheca, mas nunca lera um só dos volumes que alli conservava, impeccavelmente alinhados e ricamente encadernados, apenas por serem bonitos, a Camara Municipal de Batataes recebesse e guardasse esse codigo como "objecto bonito", unicamente. Era preciso, era *chic* ter um codigo de posturas e ella o tinha. Mas o estado de abandono em que jazia a povoação, até oitenta e poucos, senão até o gesto altamente patriótico do Marechal Deodoro, leva a crer que a

resolução legislativa jamais foi posta em execução. Pouca gente talvez conhecesse essa preciosidade legislativa, a começar pelos vereadores. Continha esse código disposições sábias, a par de outras engraçadíssimas, redigidas todas naquella estylo muito ao sabor da época. Começava pelo “alinhamento das casas e edificios que se edificarem ou reedificarem”, o qual devia ser sempre feito “em linha recta com as das demais casas do mesmo lado, se fôr em ruas já formadas, ou com o plano da Camara, se fôr em logar ainda não arruado”. E ai de arruador se se negasse a dar alinhamento ou não o fizesse em linha recta: — incorria, sem remissão, na multa de tres mil reis. As ruas teriam sessenta palmos de largura, atravessadas, de cincoenta em cincoenta braças, por outras ruas, beccos ou travessas da mesma largura. As casas terreas deviam ter dezoito palmos, pelo menos, do baldrame ao fechal, “ou, como lhe chamão, dezoito palmos de pé direito”; os sobrados a altura de trinta e seis palmos, “ficando o primeiro andar no meio”. A Camara concedia datas do patrimonio para edificação de casa, mediante 6\$000 de “direito municipal”, salvo “qualquer outro direito que POR USO E COSTUME se deva pagar á Fabrica da Matriz”. Protegendo escandalosamente os proprietarios, o código obrigava os moradores a calçar as testadas de suas casas com pedra, até a distancia de dez palmos, e a trazel-as sempre limpas, sob pena de tres mil reis de multa, e tambem a cair as frentes das casas, a dar exgoto ás aguas até a distancia de vinte e cinco palmos e a entupir os buracos que fizessem ou se formassem naturalmente, abrindo-se excepção apenas para as “pessoas que por sua notoria pobreza” não pudessem arcar com obras taes. Era expressamente prohibido lançar, na via publica, “lixo, palhiços, materias putridas ou corruptiveis”, quaesquer animaes mortos, “cuja potrefacção” incommodasse “aos viandantes e visinhança”. “Os animaes que morrerem”, — determinava, em sua sapiencia, a corporação legislativa cujas redeas as mãos experimentadas do conego Scipião empunhavam, — “serão enterrados nos quintaes ou mandados lançar no campo pelos donos”.

Nos alinhamentos do largo da Matriz e das ruas do Commercio, do Chafariz e Direita era vedado o levantamento das “casas chamadas de meia-agua e ter-se cercas de páos em logar de muro ou parede”, tratando-se, como se tratava, das principaes arterias da cidade, onde morava a fina flor de sua gente. Naquelle largo e na rua do Commercio os muros deverim ter dez palmos de altura e ser rebocados e caiados. Muiros rebocados e caiados!... Só para quem não conheceu Batataes ha mais de quarenta annos... Mais adiante apparecia uma prohibição, dirigida, naturalmente, á garotada da localidade: — impunha a pesada multa de 16\$000, uma fortuna, a quem pintasse figuras ou escrevesse nas paredes e muros disticos insultantes, obscenos, ironicos ou malevolos. Mas, se fizesse “simplesmente riscos”, a multa seria de 6\$000!... Por isso mesmo as paredes ostentavam tudo quanto a literatura da arraia miúda podia produzir, da phrase classica do ge-

neral bonapartista do ultimo quadrado a outras expressões pronunciadamente luzitanas.

A Camara procederia á iluminação, “principiando por collocar um lampeão na frente da Cadeia e outro na esquina mais proxima dos chafarizes, nas noites escuras, sendo accesos ao escurecer”. Semelhante providencia a Municipalidade iria “estendendo posteriormente ás esquinas do largo da Matriz, rua do Commercio e outras, á proporção que as circumstancias das rendas municipaes o forem permittindo”. Todavia, poderia entender-se com os moradores para, “nas noites escuras, manterem uma luz na frente de suas casas”. Pobre daquelle que “dolosamente e de proposito” apagasse a luz de qualquer lampeão ou lanterna” que estivesse “dando luz para o transito publico”: — gemeria na cadeia durante dez dias e arcaria com a pesada multa de dez mil réis. E se “dolosa ou maliciosamente” quebrasse o candieiro, a prisão passaria a ser de quinze dias e a multa elevada ao dobro. Já era rigor!... Entretanto, a despeito dessas disposições categoricas, de todo esse rigor, de multas taes e taes prisões, somente em 1884, — doze annos depois —, dirigindo o municipio a Camara presidida por Antonio Augusto Lopes de Oliveira, teve inicio o serviço de iluminação publica, a kerozene, não resando as chronicas se a municipalidade principiou, na fórma ordenada, pela porta da cadeia.

O capitulo segundo continha “medidas preventivas de damno”. Estabelecia multas não raro pesadas e prisão não raro prolongada para quem galopasse “em animal cavallar ou muar”; para o caso de, nesse galope, ser pisado “qualquer homem velho, aleijado, mulher ou menino”; para o caso do “offendido ser adulto, moço e são”; para todo aquelle que tocasse “boiada ou mulada brava” pelas ruas da povoação, salvo, exceptuava o codigo, “boiada mansa de algum carro que tenha entrado”, quando tangida para o pasto, mas “a passo e sem precipitação”; para quem, bancando o pião, dêsse para amansar animaes bravos ou nelles entrasse ou sahisse, “fazendo-os pular”; para os que deixassem vagar pelas ruas da povoação, offendendo o pudor dos seus habitantes, “cachorras em cio”, ainda que fossem mansas, ou tivessem soltos cães bravios “que invistão aos transeuntes”, sendo que, nesta ultima hypothese, a multa seria maior se o cão fosse grande e sem açaimo, e elevada ao dobro se a pessoa offendida pelas dentuças do molosso fosse “mulher ou menino até quatorze annos”; para os donos de “gados caprino e suino” que os deixassem vagar pela povoação, excepto “os cabritos castrados, que costumão puxar carrinhos de pequena carga, chamados vulgarmente carrinhos de cabritos”, as cabras que estivessem dando leite, uma vez “peadas de pé e mão”, e os “porcos capados em rodeio para serem vendidos”; finalmente, no caso de “vagar qualquer pessoa louca ou embriagada, provocando, insultando ou praticando quaesquer actos que perturbem o socego publico, a moral ou a paz das familias”, sem precisar, comtudo, quem,

no caso da pessoa louca, entraria com os dois mil réis da multa e passaria dois dias no xadrez. Os fiscaes e as autoridades policiaes podiam mandar matar os cães bravios. Da mesma fórma, qualquer pessoa, no momento em que fosse mordida, ficava autorizada a matar o atrevido podengo, “o mesmo podendo fazer quando accomettida por outros animaes bravos, como vaccas, bois ou touros, dentro das povoações, no rocio dellas ou em terras do conselho e seu patrimonio”. Convem, todavia, accentuar que o popular podia matar o cão da maneira que parecesse mais pratica, mas o fiscal ou a policia, não: — a matança só poderia ser feita “com bolas venenosas envolvidas em pedaços de carne”, fornecidas (ministradas, résa o codigo) “por medico ou boticario profissional de reconhecida probidade”. Com as vaccas, os bois, os touros e “animaes silvestres bravios” o caso mudava de figura, porque podiam ser abatidos “a tiro ou como mais facil fôr”, assim como os “cães, gatos ou outros animaes atacados de hydrophobia, vulgo damnados”. Dentro da cidade a ninguem era licito criar cabritos, tolerados apenas nos arrabaldes; por isso mesmo ordenava o codigo: — “os (cabritos) que forem encontrados dentro dellas (povoações), as cabras leiteiras não peadas ou porcos” seriam recolhidos ao “curral do conselho”.

Regulando a extincção de formigueiros nso quintaes, preceituava o codigo que os “existentes nas ruas e praças publicas” seriam extintos á custa do cofre da municipalidade. Entretanto, só cinco annos, cinco mezes e vinte e nove dias mais tarde, ou seja na sessão ordinaria de 11 de outubro de 1877, o vereador Manoel Theodolindo do Carmo propunha a compra das duas primeiras latas de formicida, para extincção dos formigueiros da cidade, não dizendo os livros se foram adquiridas...

E ia por ahi o codigo, cuidando esmiuçadamente da limpeza e illuminação das ruas, do socego publico, da moralidade publica, da medicina, das boticas e vaccinas, do córte de carne verde, do commercio e industria, do diabo, emfim. Prohibia, por exemplo, terminantemente, “algazarras, vozerias, matinadas ou tumultos”, de noite ou de dia, “gritos de proposito, sem que por isso obrigue a necessidãde ou medo”!... Era egualmente prohibida a “dansa de batuque e cateretês com cantarólas e sapateados” e, nas ruas e praças, “a dansa de moçambique, que os pretos costumão a fazer em certas épocas do anno”. Prohibia ainda, expressamente, o “espectaculo de curro”, ou fossem as touradas, que, apezar de disposição tão taxativa, foram sempre realizadas, com vaccas mansas e bois de carro. Mais ainda: — prohibia o jogo de entrudo com agua, laranjinhas ou qualquer liquido ou pós, e, o que é mais precioso, “o brinquedo do Judas”! Invadiam as posturas o terreno da religiã, determinando que “ninguem podia entrar na igreja, para ouvir missa ou officios divinos, ou acompanhar as procissões, com esporas ou chicote, nem tão pouco fumar dentro do templo”. Era tolerado o estabelecimento de “casa publica de tabola-

gem para jogos de bilhar, bola, pila, vispora, gamão, damas e carteadas”, mas eram vedados, sem appello, “os jogos de parada, o buzio, lasquet, carimbo, trinta e um, primeira, roda da fortuna e qualquer outro jogo fraudulento”. Cahisse alguém na tolice de jogar com escravo ou filho familia: — era obrigado a restituir o que porventura houvesse auferido, era multado e por fim mettido na cadeia. O toque de recolhida seria dado ás 8 horas da noite, “no tempo de escuridão”, e ás 9 horas, nas noite de luar. Os chiqueiros não podiam deixar de ser forrados de madeira, pranchões ou pedra, de maneira a não exalarem “miasmas putridos”. A pessoa que “entrasse de fóra”, — certamente para distinguir das que entrassem para fóra —, atacadas de bexigas, sem que estivesse grassando ainda tal enfermidade, seria immediatamente retirada da povoação, “ministrando-se-lhe pessoas já isentas do mal para tratá-la e todos os soccorros assim temporaes como espirituaes”. E accrescentava: — “Aberta a vacinação”, a pessoa alguma era dado deixar de receber “o pús vaccinico”. O dono da casa onde houvesse bexiguento, pestoso, cholérico ou atacado de outra enfermidade epidemica, poria, “pendente na porta da rua”, uma bandeirinha preta, á guisa de aviso, para que todos passassem de largo.

A Camara concedia “aneis” ou “dedaes” de agua, do rego da servidão publica, aos particulares que pagassem, de uma só vez, a importancia de cem mil réis, ficando desse modo o “anel” ou “dedal” d’agua “pertencente ao seu predio in perpetum”. Esses “aneis” eram abertos em taboa grossa de aroeira, jacarandá ou outra perduravel, com “a circumferencia de uma moeda de quinhentos réis do novo cunho”.

Ninguem podia andar tocando realejo pelas ruas ou nas portas das casas (santa disposição!) sem pagar o imposto de licença, que era de dez mil réis. Os espectaculos nocturnos começariam ás 8 horas e seriam “annunciados por um foguete”. Esse costume de foguete, para annunciar a hora do espectaculo, perdurou até bem pouco tempo...

As estradas de rodagem deveriam ter sessenta palmos de largura, “sendo os vinte do centro de viação capinados e aterrados, livres de tócos e pedras grandes soltas, e os vinte de cada lado apenas roçados, abertos e descortinados”. Só quem conheceu as nossas estradas na éra pre-automovel poderá dizer da existencia desses aterros e da ausencia desses tócos e pedras soltas... Eram, em geral, prohibidas nas estradas “as porteiras de varas” e, á beira dellas, “cercas de espinho, caraguatá ou vallos, de modo que estreitem o caminho e póssão causar damno aos viajantes”, sendo que as porteiras “de bater ou cancellas” teriam espaço bastante para dar passagem a qualquer carro.

Era prohibido, sob pesada multa, que oscillava entre vinte e trinta mil réis, “enterrar-se corpos humanos” senão no cemiterio publico, para onde os cadaveres, “depois da competente encommendação na igreja”, seriam levados, “á mão ou em um carro funebre, caixão ou esquife, do modo por que tivessem disposto em seus testamentos ou

por vontade de seus amigos e parentes". Todo aquelle que fallecesse repentinamente seria examinado "por pessoas profissionaes, juramentadas, se as houver no logar, antes de ser sepultado", estabelecida, para a transgressão de tão salutar disposição, a multa de oito mil réis, alem de ficar "o mandante do enterro" responsavel pelas custas e despesas da exhumação, no caso de haver suspeitas de ter sido "a morte um homicidio". Nenhum defunto poderia ir para a cóva antes de decorridas vinte e quatro horas, nem ficar fóra della por mais de cincoenta horas, "salvo, — diz o artigo 204 —, os casos exceptuados e por demora, pagos os officios de justiça". Um doce a quem decifrar esse "por demora" e mais esse "pagos os officios de justiça"!... Os "cadaveres dos que morrerem de bexigas ou outras molestias epidemicas ou contagiosas", seriam sepultados "em logar distincto e separado dos mais cadaveres", naturalmente para evitar o contagio, o que, convenhamos, seria uma calamidade. Prohibiam as posturas "a résa cantada em vóz alta pelos assistentes de cadaveres depositados em casas particulares", principalmente se nas redondezas houvesse "enfermo grave ou qualquer parturiente": — multa de cinco mil réis ao dono do defunto e de dois mil réis "a cada um dos cantores". Aquelle que insultasse um cadaver "por palavras ou acções" seria passivel de multa, fixada em vinte mil réis e accrescida de cincoenta por cento se o fizesse "perante parentes ou affins do morto, até o terceiro grau, segundo o Direito Canonico".

Era por seu turno severamente prohibido o uso de armas, quer "patentemente" como "occultamente", sem licença de quem de direito: — "faca de ponta, punhal, canivete de folha de mais de tres dedos de comprimento, estóque, sovelão, réfle, sabre, espada, zagaia, lança, dardo, chuço, foice, navalha e qualquer outra arma cortante e perfurante, espingarda, clavina, clavinóte, réuna, garrucha, bacamarte, pistola e revolver". Era de igual maneira prohibido andar "de porrete ou cacete nas reuniões publicas, igrejas e procissões", não attingindo essa disposição "as pessoas velhas, invalidas ou aleijadas que andarem de bordão, nem as que andarem de bengala ou bastão decente". De vez em quando as autoridades se mettiem em brios e tomavam muito a serio esse caso de armas prohibidas. Mas tudo leva a crer que o fogo foi sempre de palha. Assim é que, annos antes de ser presenteadada com esse codigo, já a Camara Municipal, em 1863, tornava publica essa prohibição, num edital não menos precioso e que assim resava:

"O Cappn. Antonio Luis Salgrº. Prizidente da Camara Municipal desta V.^a de Batatais e seu Termo Faz saber atodos os q. presnte omeu edital sirvão delle noticia tiverem q esta Camara em sesção ordinaria do dia 16 do Corre. mez naforma do art.º 299 do Codigo Criminal tem marcado como armas prohibidas enão poderão servirem dellas

sem licença na forma da Lei. Asseguintes Pistolas garruchas Cravinotes emais armas de fogo declarandose q as ispingardas não hé prohibidas p.^a Casçadores e homem roceiros hé armas prohibidas. Facas de ponta punhaes suvellões e outros instrumentos prefurantes ep.^a q. chegue anoticia atodos p.^a q. não possa chamar aignorancia mandosse passar aprezenete q. será lido e fichado no lugar do Custume tanto nesta V.^a de q. fica este registrado no L.^o Competente de rigistro dado e passado nesta V.^a de Batatais aos 17 de Janr.^o de 1863.

Antonio Luis Salgro. Prizidente da Camara.

José Severino de Almeida. Secretario q. aiscrivi.”

O secretario correspondia, em genero e numero, com o presidente da Camara Municipal. Não admira, porem: — o chefe do legislativo municipal era o homem do “Çargueiro” e o secretario era um excelente selleiro... Como as disposições do codigo de posturas, esse edital ficou nesse papel “fichado” no lugar do costume. E já que estamos cuidando de armas prohibidas, vem a proposito uma peça pregada pelo popular Tristão Antonio da Silveira, ferreiro habilissimo, que ainda não havia mudado sua tenda para o Castello e mantinha a ferraria no largo da Matriz, numa casinha velha, onde onde depois morou o maestro Garcia (José Garcia Ferreira Junior), regente da banda de musica local, e que annos mais tarde, demolida pelo coronel Lucio Fagundes, deu lugar á casa que, posteriormente, foi do doutor Altino Arantes. Um delegado de policia, — que não era, bem se vê, o capitão João Antonio, incapaz dessas violencias, — entendeu de deitar energia e pôr em execução essa parte das posturas. Ê para tanto expediu ordens rigorosissimas. Um sargentão barbaças e espigado, que marcou época em Batataes, ficou encarregado de bem e fielmente cumprir essa determinação. E levou a coisa ás do cabo: — buscas rigorosas á mais leve suspeita, revistas vexatorias a torto e direito, apprehensão até mesmo do mais réles canivete marca anzol. Um domingo, á hora de maior movimento, logo depois da missa, o velho Tristão passou, num cavallo branco, pela cadeia, trazendo á mostra, com grande affronta ás ordens policiaes, a coronha de uma escandalosa garrucha. Vel-o e cercal-o foi para o destacamento, com o sargento á frente, obra de um instante. O tarimbeiro barbaças, empertigado, a barretina cahindo para a esquerda, intimou-o a entregar a arma “sob as penas da lei e do *seu* delegado”. Tristão não oppoz resistencia. Muito humildemente, affectando enorme pavor, entregou a arma em questão, que nada mais era senão uma coronha velha amarrada a um pedaço de cabo de vassoura. O caso espalhou-se rapidamente e fez estardalhaço. O delegado cahiu num ridiculo doloroso e o inferior metteu-se nas escolhas. As ordens foram sustadas e tudo continuou como d’antes.

Passemos agora em rapida revista, encerrando estes rabiscos, a tabella de impostos que vigorava em 1872. Começemos pelas casas de negocio: — as de fazenda pagavam annualmente oito mil réis, as de seccos e molhados seis mil réis e as de generos da terra quatro mil réis, pagando qualquer dellas, no acto da abertura, mais a taxa fixa de dois mil réis. Uma pharmacia contribuia para os cofres municipaes com dez mil réis, um açougue com seis mil réis e tambem com seis mil réis os botequins e as casas de pasto. O medico, o dentista, o retratista, o tabellião e o advogado eram collectados em vinte mil réis. Um pasto de aluguel pagava quatro mil réis e qualquer officina, — funileiro, caldeireiro, ferreiro, ourives, sapateiro, alfaiate, carpinteiro, marceneiro ou selleiro, — cinco mil réis. O bilhar pagava vinte mil réis, da mesma maneira que o cambista de loterias. Engenho de serra e olaria pagavam dez mil réis. O official de justiça, o solicitador encartado e o partidor-contador concorriam para a receita do municipio com cinco mil réis. O imposto mais elevado, elevadissimo aliás, era o de mascate: — cem mil réis!... Musicos ambulantes, qualquer que fosse o instrumento maltratado, rabeca, harpa ou simples rãlejo, pagavam por anno dez mil réis. Um espectáculo de cavallinhos estava taxado em vinte mil réis e a classica barraquinha em local de festa ou á porta de circo trinta mil réis por mez. O vendedor ambulante de folhas de Flandres e o de imagens de santos estavam sujeitos ao imposto de cinco mil réis, o de aguardente ao de oito mil réis e o taboleiro de doces ao de dez mil réis. Para ser abatido um suino era cobrada a taxa de um mil réis e dois mil réis para uma rez. O alvará para edificação de uma casa custava seis mil réis. Uma sepultura perpetua no cemiterio vinte mil réis. Corridas de cavallos na "raia" pagavam, por dia, a taxa de oito mil réis. Por um carrinho de mão era exigido o pagamento annual de dez mil réis. Era de mil e quinhentos réis a taxa de aferição de uma balança grande, de um mil réis a de uma balança pequena, a de um terno de medidas para seccos e a de um terno de medidas para liquidos. Cada alinhamento importava em mil e quinhentos réis. A falta de aferição de pesos e medidas impunha a edilidade a multa de dez mil réis, que era tambem a multa imposta aos que vendiam carne deteriorada. Ao que matasse rez cansada a Camara applicava a de cinco mil réis e a de oito mil réis áquelle que matasse gado fóra do matadouro. Uma cocheira sem asseio redundava, para o respectivo dono, na multa de quatro mil réis. Mais grave, porem, era a falta commettida por aquelles que lançassem lixo á rua: — multa de oito mil réis.

Esse codigo, com o acrescimo das posturas baixadas pela Assembléa Provincial em 20 de março de 1878 e 30 de abril de 1887, vigorou até depois da proclamação da Republica, pois somente a 10 de junho de 1894 o então Intendente Municipal (hoje Prefeito), Alfredo da Silva Leitão, promulgou a lei municipal n.º 16, dando novo codigo de posturas ao municipio.

Nesta rememoração de vultos e factos de 1872, reparo agora, alonguei-me demasiadamente, fatigando a paciencia evangelica do leitor amigo, que me dispensa a honra da leitura destes pobres escriptos. Para o peccado em que incorro ha, entretanto, uma attenuante: — é sempre grato recordar o passado. E muito mais agradavel para quem já celebrou suas bodas de ouro com a vida.

Uma encrenca municipal

No anno da graça de 1885 Batataes aguardava, com anciedade, a chegada dos trilhos da Companhia Mogyana, que andavam alli por perto, nas alturas dos Olhos d'Agua, hoje estação Visconde de Parnahyba. A comarca, constituida pelos termos de Batataes, Cajurú, Santo Antonio da Alegria e Espirito Santo de Batataes (Nuporanga), assignalava apreciavel augmento de trabalho forense, estando na sua direcção, como juiz de direito, o doutor Simpliciano da Rocha Pombo, aposentado em 1891 e fallecido em 1897, e, como juiz municipal e de orphãos, o doutor Dinamerico Augusto do Rego Rangel, que tinha como supplentes o capitão Antonio Ferreira da Rosa, capitão Joaquim Augusto da Cunha e Silva e o tenente Candido Ferreira da Rocha. Era promotor publico o doutor Augusto Freire da Silva Junior (o doutor Freirinho), escrivão do jury o capitão Antonio Sebastião Franco e escrivão de orphãos o capitão Antonio Benedicto dos Santos Silva. Auxiliavam ainda a justiça o tenente José Bernardino do Carmo (Cozêca), como contador e partidor, e Saint-Clair Tostes Flemings, como partidor. Quatro eram então os juizes de paz, — Valerio de Paula Barros, tenente Joaquim Alves da Costa, Rufino José Morato e doutor Elpidio Joaquim Baraúna, — perante os quaes servia, como escrivão, Firmino Tertuliano Ferreira Nobre. O fisco tinha como seus representantes Eduardo Garcia de Oliveira, na collectoria geral, e, na collectoria provincial, Augusto José Fernandes, que tambem era o escrivão da geral. A policia, que longe andava de ser de carreira, mas que, sem duvida, teria a mesma efficiencia, fôra esse anno confiada ao major Custodio José Vieira, delegado de policia, e Daniel Joaquim de Oliveira, subdelegado, tendo o primeiro como supplentes Zelino José Ferreira, Candido Martins Ferreira e João Garcia de Macedo, e o segundo João Augusto Teixeira, Firmino Tolentino de Toledo e José Bento de Moraes. A instrucção publica contava com uma escola do sexo feminino, regida por dona Augusta Eugenia Fernandes, e duas do sexo masculino, dirigidas por Eduardo Augusto Teixeira e capitão Camillo Ferreira de Menezes, havendo ainda o Atheneu Bom Jesus, dirigido pelo doutor João Paulo Diniz, e tres escolas particulares. Era agente do correio Caetano Leite Machado, com recebimento e expedição de correspondencia nos dias 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27 e 30

de cada mez. O culto catholico estava confiado ao vigario Conego Joaquim Alves Ferreira, de quem eram auxiliares Daniel Joaquim de Oliveira, escrivão da vara, Gabriel José Pereira, fabriqueiro, e José da Silva Porto, sachristão, existindo tres irmandades: — do Santissimo, dos Passos e do Rosario. Advogavam nos auditorios da comarca os doutores José Feliciano Ferreira da Rosa e Joaquim Canuto de Figueiredo Junior e o capitão Antonio Jacintho Lopes de Oliveira; clinicava na cidade o doutor Benigno Emygdio Ribeiro, o verdadeiro amigo dos pobres, e havia um dentista, doutor Bony Green. No capitulo "industrias e profissões", o cadastro municipal accusava 2 alfaiatarias, 2 armadores, 12 estabelecimentos commerciaes, 1 barbeiro, 6 capitalistas, 1 engenheiro, 28 fazendas, 2 fogueteiros, 2 funileiros, 1 hotel, 1 marcenaria, 3 machinas de beneficiar café, 2 depositos de madeiras, 1 mestre de obras, 3 olarias, 2 ourives, 2 padarias, 2 pharmacias e 1 typographia, onde se imprimia o semanario *A União*, de Eduardo Garcia de Oliveira e doutor João Paulo Diniz. A administração municipal estava confiada aos seguintes vereadores: — Antonio Augusto Lopes de Oliveira, presidente, Aurelio Antonio da Silva, Tenente Joaquim Antonio da Silva, Manoel Joaquim Alves Ferreira (depois da Costa), Manoel de Paiva Leite, Diogo Garcia de Figueiredo Sobrinho, José Norberto da Silva, Francisco Damasceno Pereira e Francisco Justino de Paiva, aos quaes prestavam valioso concurso Antonio Joaquim da Silva Trovoada, secretario, José Alves Ferreira, procurador, Firmino Tertuliano Ferreira Nobre, fiscal, José Pereira dos Santos, porteiro, e Hilario Antonio da Silva, arruador.

Essa illustre edilidade via decorrer seu tempo placidamente, reunindo-se de vez em quando, tapando hoje um buraco que as enxurradas teimavam em abrir, extinguindo amanhã um formigueiro, quando o azar deu de perturbar aquella doce serenidade e aquelle ledo socego que todos desfrutavam. Fallecera José Norberto da Silva, ou melhor, o Zéca da Botica, abrindo assim um claro naquelle seio de Abrahão. Foi o diabo, pois teve ahi nascimento, com a morte do caritativo pharmaceutico, uma encrenca formidavel que muito deu que fazer e falar.

Ordenada a eleição para a vaga verificada, José Basilio da Luz lançou sua candidatura. Tudo leva a crer que candidatura tal foi posta em circulação á revelia dos augustos paes do municipio e a estes francamente desagradou. Essa circumstancia, todavia, não obstou que, ferido o pleito, José Basilio vencesse em toda a linha. Regularmente diplomado, o vereador eleito bateu ás portas da Camara, á procura do logarsinho que lhe cabia á mesa municipal. Esperava-o, porem, uma desillusão, a mais desagradavel surpresa. A Camara, allegando que o eleito não contava ainda os dois annos de residencia no municipio, exigidos pelas leis então vigentes, negou-lhe posse. E, negando-lhe posse, recorreu de sua eleição para o juiz de direito da comarca. José Basilio protestou vehementemente, gritou, discutiu, poz advo-

gado. E se não fez comícios no largo da Matriz, foi tão somente porque esse genero de manifestação, — tormento dos encarregados de velar pelo transitio, — só muito mais tarde entrou em moda. De nada, entretanto, lhe valeram seus gritos e seus protestos, seu esperar, as discussões calorosas. A Camara mostrava-se inflexivel. O preidente da municipalidade, Antonio Augusto, naquella impãssibilidade que lhe era peculiar, acenava-lhe com o *dura lex*. O recurso foi parar ás mãos do juiz municipal, doutor Dinamerico Rangel, que substituiu o de direito, doutor Pombo, afastado do cargo por motivo de licença. E aquelle magistrado não demorou em proferir a decisão, concluindo pela improcedencia do recurso. Apesar disso, a Camara continuou a negar posse a José Basilio, que não cessava de reclamar-a, tendo, então, em reforço de sua pretensão, uma sentença judiciaria. A Camara a nada quiz attender: — a lei era a lei e como tal havia de ser cumprida tão fielmente como nella se continha e declarava. Faltava a José Basilio o requisito legal da residencia, logo elle não podia aspirar á vereança. Decidido a levar o caso ás ultimas, a ferro e fogo, custasse o que custasse, José Basilio appellou para o doutor José Luis de Almeida Couto, 47.º presidente da Provincia, cujos destinos dirigia, — com elevado criterio, segundo resam as chronicas, — desde 4 de setembro de 1884. Levando seu recurso ao alto conhecimento da primeira autoridade de São Paulo, de balde agüardou José Basilio a solução, em que punha o seu maior empenho. Não só o doutor Almeida Couto como o doutor Francisco Antonio de Souza Queiroz Filho, que, na qualidade de 3.º vice-presidente, o substituiu na presidencia em data de 18 de maio, decidiram a querella, cujo desfecho representava, para o candidato barrado ás portas da municipalidade, um caso de vida e de morte e constituia, como afinal a embrulhada toda, um espectáculo inédito para a população da localidade. Por isso mesmo os commentarios fervilhavam e os boatos entrecruzavam-se, ora pró ora contra o vereador mallogrado, conforme a fonte de onde jorravam. Até que finalmente, tendo o doutor Elias Antonio Pacheco Chaves, 2.º vice-presidente da Provincia, assumido o governo a 2 de setembro, mandou, em officio á Camara Municipal, que esta, em face da sentença do juiz doutor Dinamerico, que, julgando improcedente o recurso eleitoral perante elle interposto, considerára inexistente o impedimento opposto, dêsse pôsse immediata a José Basilio, sob pena de responsabilidade. Parecia terminado o incidente. José Basilio preparava o rodaque para a sessão da posse e cuidava de soltar os foguetes do estylo, quando a Camara Municipal, reunida, deliberou officiar ao doutor Elias Chaves, declarando-lhe, em resposta áquelle officio, que José Basilio estava incompatibilisado para desempenhar o mandato de vereador, pois desempenhava as funcções de tabellião. E a posse não foi dada. José Basilio perdeu as estribeiras e, lançando mão da penna, apresentou ao juiz doutor Dinamerico, que continuava com a vara de direito, uma denuncia em regra, com todos os sacra-

mentos. Depois da audiencia do ministerio publico, então, como já vimos, representado pelo doutor Freirinho, foi a queixa recebida pelo juiz e os vereadores recalcitrantes submettidos a processo de responsabilidade. O processo deu muito que falar, quando mais não fosse por constituir um facto virgem nos annaes do fôro local. Concluidas todas as diligencias, observadas todas as formalidades processuaes, assignados os prazos regimentaes para defesa, ouvidos os órgãos competentes, o juiz pronunciou os referidos vereadores, menos um, — Diogo Garcia de Figueiredo Sobrinho. Este vereador, quando viu a coisa mal parada, arrepiou carreira. Muito embora estivesse á testa da Camara, — que assim tão desassombradamente e de viseira erguida affrontava as iras presidenciaes, — um homem da envergadura de Antonio Augusto Lopes de Oliveira, o preclaro edil julgou preferivel dar o dito por não dito e, sem titubear, retratou-se formalmente em juizo. Elle, positivamente, não era homem para aquellas encrenças e o negocio, segundo uma expressão muito batataense, já lhe cheirava a chifre queimado. Recorreram os pronunciados, para a Relação de São Paulo, dessa sentença, averbada de injusta e parcial. O accordam do egregio tribunal não se fez demorar: — o recurso teve provimento, os vereadores foram despronunciados.

Mas o melhor, em toda essa formidavel encrença, não pára ahi. Processada a Camara, ficou ella, *ipso facto*, suspensa de suas funcções. Foi então chamada a administrar o municipio, durante o processo, a Camara transacta, que estava desta maneira constituída: — Daniel Joaquim de Oliveira, presidente, Gabriel Garcia de Oliveira, Francisco de Paula Arantes (Chico da Estiva), João Garcia de Macedo, Boaventura Ferreira da Rosa e Innocencio Alves Pereira. Reuniu-se essa Camara immediatamente, logo após a sua convocação. O vereador Gabriel Garcia de Oliveira foi o primeiro a fazer uso da palavra e o fez com vehemencia. Encarou desde logo a intrincada questão que ha longos mezes se arrastava, quebrando, com manifesto escandalo, a proverbial pacatez da cidade, tão pouco affeita a imbroglios semelhantes. O caso reclamava um paradeiro, urgia uma solução para o problema. Como medida preliminar, propunha que, com a maxima urgencia, fosse expedido diploma de vereador a José Basilio da Luz e convocado para coparticipar dos trabalhos municipaes o vereador não pronunciado, Diogo Garcia Sobrinho, que em juizo se retratára. Proposta tal, a despeito da boa intenção que porventura a houvesse dictado, só poderia merecer repulsa unanime. Pois isso não se deu. A Camara approvou-a, fez o que lhe pediu o orador: — diplomou José Basilio e convocou Diogo. Houve, porem, uma voz discordante: — a do presidente da sessão, o vereador Daniel Joaquim de Oliveira. Recebendo, como lhe cumpria, a proposta que acabava de ser formulada e submettendo-a á apreciação dos seus pares, logo que se tornou conhecido o resultado da votação, tomou a palavra e lançou um protesto formal. Foi um discurso ponderado, reflectido, sensato, com consi-

derações muito opportunas, que deveriam ter calado fundo nos que vinham de assumir tão extravagante attitude. Deu-se aquelle vereador por vencido na resolução tomada. O acto da Camara envolvia uma flagrante illegalidade e manifesto absurdo. O vereador Diogo, muito embora se retratasse em tempo habil, muito embora impronunciado, pertencia á Camara suspensa. José Basilio, por sua vez, fôra eleito para essa mesma Camara. Finalmente, os vereadores alli presentes eram da Camara anterior á suspensa. Logo, não podiam servir conjuntamente vereadores de Camaras distinctas. Diante da resolução tomada, ia consultar a respeito o presidente da Provincia e, a seguir, suspendeu a sessão e abandonou o recinto. A indignação dos presentes explodiu, pela voz do seu *leader*. O presidente da Camara excedera-se. A augusta assembléa tumultuava, á voz irritada de Gabriel Garcia. E nesse mesmo dia, á uma hora da tarde, reuniram-se os vereadores Francisco de Paula Arantes, Garcia de Macedo, Boaventura Rosa, Innocencio Pereira e Gabriel Garcia, que assumiu a presidencia e deitou discurso. Era indispensavel á Camara protestar, de maneira eloquente, offendida como fôra em seus brios, contra o acto "exorbitante, desusado e disparatado" do vereador e presidente Daniel, devendo esse protesto ser transmittido ao conhecimento do governo provincial, por esse tempo já em mãos do conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira. E a seguir deu pòsse, sob os applausos dos demais vereadores, a José Basilio da Luz, passando a Camara a funcionar com um membro a mais que o determinado pela lei de 1828. E ao fundamentar sua proposta, Gabriel Garcia affirmava, em tom categorico, que a fazia "em observancia á lei". Pobre lei, que para tudo tem servido. E o vereador Daniel Joaquim de Oliveira, por suas justas restricções, tendo de seu lado a lei e o direito, foi accusado de uma illegalidade!... O bom velho desde ahi abandonou a actividade politica e só quiz saber de sua escola e dos negocios ecclesiasticos, como escrivão da vara e zelador da igreja do Rosario. Andou acertadamente. Vá lá um filho de Deus empenhar-se para que a lei tenha o respeito que merece...

Despronunciados os vereadores, pelo accordam da Relação, e assim reconhecida a incompatibilidade de José Basilio da Luz, — que, em todo caso, tivéra a consolação de alisar durante alguns dias, embora irregularmente, a suspirada cadeira, — foi a Camara suspensa reintegrada no exercicio do seu mandato e procedeu-se a nova eleição. Foi eleito por quatro votos Manoel Paulino Paz. Serenaram os animos, acabou a encrenca, era uma vez a borrasca. O nome suffragado era propicio e significativo. Convidava á concordia. E por isso a paz foi feita!

Festas populares

Na historia de Batataes antigo ás festas religiosas cabe logar de destaque. Revestiam-se sempre do maximo esplendor. Gosavam, por isso mesmo, de justa fama, "dez leguas em derredor". O conego Joaquim Alves Ferreira, ou melhor, o padre Joaquim, como toda a gente o conhecia, conego cathedratico, antigo deputado provincial, foi o mais querido vigario que teve Batataes, cuja parochia soube administrar cerca de trinta annos com zelo e carinho, e onde não soube fazer um só inimigo, creando, pelo contrario, dedicações sem conta. Homem verdadeiramente bom, toda a gente o estimava e ouvia. Attestou-o seu sepultamento, naquella tarde triste de dezembro de 1898. Foi, chronologicamente, o 13.º vigario, sendo seus antecessores os reverendissimos padres Manoel Pompeu de Arruda, Bento José Pereira, Antonio José de Carvalho, José Joaquim Ferreira da Costa, Francisco de Paula Tavares, Miguel M. de Souza, Martinho Antonio Barreto, Joaquim Soares Ferreira, Lucio Leite Meirelles, Joaquim Cypriano de Camargo, Emygdio Antonio de Carvalho e Felipe Ribeiro da Fonseca Rangel. O padre Joaquim tinha, não ha negal-o, dedo para organizar uma festa. Auxiliavam-no quasi sempre, nessa tarefa, alem do conego Joaquim Theodoro de Araujo Tavares (o padre Joaquim Theodoro), que foi, durante algum tempo, coadjutor da parochia, ora o padre Mansueto, ora o padre Petraglia, ora o padre Torrãca, quando não outros sacerdotes das circumvisinhanças. O padre Joaquim Theodoro, popular e bemquisto na localidade pelo genio folgazão e constante bom humor, era, na expressão popular, levado da bréca. Em Batataes, uma tarde, dirigindo uma procissão, ao passar em frente da casa de Francisco Justino de Paiva (Chico Justino), reparou que os cavallos de uns colonos, presos aos coqueiros que então circundavam o largo da Matriz, embaraçavam a passagem do prestito. E, apanhando um pedaço de pau, desandou ás bordoadas nos pobres animaes, que, arrebrandando os cabrestos, dispararam largo á fóra. Outra ocasião, prégando um sermão, pediu, com voz trovejante, á Virgem Maria, que nos volvesse seu holophôte. Bonita imagem: — holophôte!... E na peroração o entusiasmo foi num crescendo tal que o pulpito quasi desabou.

O padre Mansueto Ferrari, vigario do Chapéu (Morro Agudo), era outro santo homem. Bonissimo, carinhoso, prestadio como poucos, um coração de ouro. Naquelle villarejo era o anjo bom, reunindo, ás funções de pastor d'almas, as attribuições de medico, juiz conciliador, apaziguador de rixas, pae dos pobres. Só tinha um defeito: — comilão como poucos. Sabia fazer honra a uma macarronada e nesse particular não cedia terreno. Quando o serviam, procurava ficar distraído, até que o prato estivesse bem cheio. Só então punha reparo, mostrava-se surprehendido diante daquella montanha e censurava:

— “Má... ché... stá lôco?!... E' demaise... io num cumo tudo isso!...”

E a montanha desaparecia, num abrir e fechar d'olhos, em meia duzia de garfadas. Um dia, no Chapéu, elle, sosinho, chupou uma enorme bruáca de jaboticabas, das graúdas, sem dispensar os caroços, e quasi estourou com uma congestão, que o obrigou a recorrer ao azeite doce e ao tálo de couve. O padre Mansueto gostava muito de coadjuvar o padre Joaquim nas festas por este promovidas, até que um incidente, aliás engraçadissimo, fel-o mudar de proposito. O latim do santo velhinho era pavoroso: — o *Dominus vobiscum*, por exemplo, era *Domissum rubisco*. Um dia cantava elle o evangelho, nesse latim a *Juó Bananere*, e, ás folhas tantas, toda gente entendeu exactamente: — “A mulher quer capar o homem com o canivete.”

O povo se torceu em risos incontidos. Houve mesmo gargalhadas indiscretas, mal abafadas. Os proprios padres não puderam segurar o riso. Depois da missa a tróça redobrou de intensidade. Desde ahi o padre Mansueto não quiz saber mais de cantar na igreja de Batataes. Por ocasião do fallecimento do padre Joaquim, em 1.º de dezembro de 1898, querendo render uma homenagem ao seu grande amigo de tantos annos, mandou dobrar o sino da igreja do Chapéu, de cinco em cinco minutos. E o sachristão, se bem ouviu melhor o fez, e com tal furia foi ao badalo que, ao fim de oito horas de dobres, o sino estava rachado.

O padre Carmine Torrâca, vigario do Espirito Santo (Nuporanga) desde 1875, era um homem muito alegre, jovial, sempre risonho. Nem nos momentos mais difficeis deixava de rir. Isso não o impedia, entretanto, de se envolver, de quando em quando, em alguns desaguisados, como certa briga que teve em sua casa, com a familia Machado, de Espirito Santo, no dia 19 de fevereiro de 1881, por causa do negocio da construcção de uma ponte. A balburdia foi grande, mas, felizmente, tudo acabou bem e, cinco mezes depois, o negocio estava assentado. Um dia, em companhia do Januario Montandon, curandeiro famoso naquella região, foi almoçar em Batataes, na casa do Zéca da Botica (José Norberto da Silva), que, desejando obsequiar seus hospedes e amigos, mandou uma escrava de nome Heliodora, — que mais tarde acabou morphetica em casa de dona Maria

Theodora, — buscar algumas garrafas de um vinho generoso, verdadeiro nectar dos deuses, que elle tinha escondido numa das dependencias da pharmacia. A preta se enganou e, em vez de vinho de mesa, deu-lhes vinho emético e as consequencias desse erro não se fizeram esperar. E como o padre Torrâca fôra o mais beberrão dos tres, foi quem mais soffreu as consequencias e isso mesmo constituiu para elle motivo de gostosas risadas.

O padre Francisco Petraglia, que tambem foi vigario do Espirito Santo e falava um portuguez macarrónico, era gorduchote e tambem um typo interessante. Foi quem celebrou o primeiro casamento do doutor Dinamerico Augusto do Rego Rangel, em casa do velho José Umbelino Fernandes. Na fórma do costume, compareceu ao acto, que foi solenne, realisado, em oratorio particular, com a maxima pompa, a banda de musica do Leonardo Mauricio de Carvalho (o Mestre Leonardo), que ficou na saleta da entrada. O padre, ao que parecia, era um entusiasta da arte divina que Euterpe preside. Assim é que engrolava meia duzia de palávras do ritual, cruzava as mãos sobre a barriguinha e ordenava:

— “Túca!”

O Mestre Leonardo sanfoneava uns compassos alegres, até que o celebrante recommendava:

— “Istá buó, chiga!...”

E assim se prolongou a cerimonia, uma hora talvez. Quando chegou o momento do “recebo a vós”, o doutor Dinamerico, pouco disposto a aturar aquella lenga-lenga, que parecia não ter mais fim, não quiz saber de acompanhar, palavra por palavra, o celebrante e atacou, de um folego, a phrase toda. O padre Petraglia ficou estupefacto, escancarou a bocca e, quando o noivo concluiu “como manda a Santa Madre Igreja”, exclamou:

— “Eh!... Bene!...”

Ponhamos, porem, os padres de um lado e tratemos das festas. As mais populares antigamente eram as da semana santa. Havia uma commissão encarregada de promover-as, eleita annualmente pela irmandade do Santissimo. Atrahiam de toda a redondeza uma concorrência consideravel. Era uma semana cheia, de fio a pavio, de domingo a domingo. No domingo de abertura havia a procissão de ramos e demais solemnidades prescriptas. Na segunda feira, á noite, fazia-se o deposito do Senhor dos Passos. Na terça era a procissão do Encontro. Na quarta havia officio de trevas. Na quinta, procissão do fogaré e lavapés. Na sexta, o enterro. No sabbado, coroação de Nossa Senhora. No domingo de Paschoa, procissão ao alvorecer. A procissão do deposito era silenciosa, sem musica, sem apparatus. O andor do Senhor dos Passos era envólvido em pannos pretos e carregado, pela respectiva irmandade, para a igreja do Rosario. Um mulato alto, magro, chamado Cambista, mettu-se uma vez a carregar o

andor, cujo peso era respeitavel, mas não aguentou a carga e bradou por soccorro:

— “Acóde, gente, que o santo me esborracha!”

Na terça-feira sahia a procissão do Encontro, ás 17 horas, da igreja do Rosario, hoje desaparecida, tendo cedido terreno ao actual Paço Municipal. Subia a rua do Theatro, a do Commercio e rodeava o largo da Matriz. O primeiro “passo” era na esquina da rua da Quitanda, na casa que foi de Arthur Albino Corrêa; o segundo no cruzamento das ruas do Theatro e do Commercio, ora na casa do coronel Manoel Theodolindo do Carmo, agora occupada por dependencias do collegio das freiras, ora na casa de Joaquim Garcia de Oliveira (tio Quita); o terceiro na esquina da rua do Commercio com o largo, em casa de Joaquim Pereira Lima (Quincas Pereira), onde havia o encontro com a procissão de Nossa Senhora, puxada da Matriz pela irmandade do Rosario, e o indefectivel sermão; o quarto na esquina do largo com a rua das Palmeiras, em casa de Manoel Soares de Castro; o quinto logo adiante, em casa de Francisco Prudente Corrêa (Chico Prudente), pegado á casa onde está hoje o Hotel São José; o sexto na casa das *beatas*, em frente á igreja, e, finalmente, o ultimo na Matriz, onde armavam o Calvario. A’ frente da procissão, como de todas as procissões de antigamente, marchava o *fornicôco*, em outros logares *farricôco*, — quasi sempre o velho e repolhudo Marcolino —, mettido carnavalescamente num dominó preto, com capuz e mascara da mesma cor, assoprando, de quando em quando, uma busina de caça, que trazia na mão esquerda; na cintura, á guisa de cinto, um rosario de rosças e biscoutos e na mão direita um comprido chicote, destinado a espantar a garotada, que o perseguia com diche-tes. Para uma procissão era o que havia de melhor e mais santo. Simbolisava a morte, diziam. A morte macaca, sem duvida. Logo depois do *fornicôco*, o estandarte, roxo, enorme, sustentado por um individuo possante, enquanto outros quatro, como aquelle envergando opas da irmandade ds Passos, mantinham-lhe o equilibrio por meio de cordas; ostentava o estandarte as quatro letras amarellas do estandarte romano — S. P. Q. R. —, que os gaiatos traduziam por “sopa, pão, queijo, rapadura”. Enfileiravam-se as irmandades e os anjinhos (nessa procissão não havia virgens, que iam para a de Nossa Senhora) e, afinal, apparecia o pobre Christo, vergado ao peso de uma enorme cruz de pinho. Depois, sob um pallio roxo, um sacerdote conduzia uma reliquia da cruz, que nunca consegui saber o que vinha a ser, e atraz o povo e a banda de musica, que entremeiava os dobrados com canticos religiosos. Depois do encontro, Nossa Senhora e seu sequito passavam a occupar logar entre o andor do Senhor dos Passos e o pallio. A’ bocca da noite chegavam todos á Matriz, havia novo sermão, “rasgava-se o véu do templo” e apparecia o Calvario, uma enorme archibancada que tomava toda a capella-mór. Lá no alto o Christo crucificado, entre ladrões de papelão. Abraçada á cruz, desem-

penhando o papel de Maria Magdalena, uma senhorita vestida de branco e com os cabellos soltos, o que hoje já não seria possível, com a guerra movida ás tranças pelo bello sexo. Espalhados pela archibancada, anjos e virgens em profusão. Uma scena de bellissimo effeito theatral.

Em 1892, uma dessas virgens, num movimento involuntario, azeou fogo ao véu. O Amando Teixeira Santos, que dirigia a encenação, gritou irreflectidamente: — “Olha fogo!...” Foi o diabo. A igreja estava apinhadissima e o auditorio, silencioso e attento, aguardava o sermão do Calvario, prestes a explodir dos labios sagrados do padre Evaristo de Paula Moraes. Aquelle “fogo” ecoou lugubrememente por todo o templo. O resultado era de esperar: — correrias, atropelos, berros, lamentações, um verdadeiro horror. Senhoras desmaiavam, outras foram arrastadas, crianças pisadas, pernas fracturadas, braços partidos. E augmentando o barulho e a confusão, o seu Moraes (José Francisco de Moraes), encarapitado no pulpito, agitava furiosamente uma campainha, ao mesmo tempo que bradava: — “Não é nada!... Não é nada!...” A noticia da catastrophe correu celere pela cidade. A parte da população que não fôra á igreja correu em auxilio da que lá se achava e isso concorreu somente para augmentar o tumulto, esbarrando-se todos, os que entravam e os que sahiam, na unica porta aberta. Filhos gritavam pelos paes. Mães, em gritos estridentes, procuravam os filhos. Começaram a circular os mais extravagantes boatos: — era o Calvario que desabára, esmagando a creançada; era o diabo que surgira no côro; era uma serpente infernal a devorar meio mundo. O terror apoderou-se dos mais gécas, tanto que no dia seguinte eram encontrados tocheiros e opas na *Ilha*, em *Sant’Anna*, nos *Esteios*, no *Estreito*. Um caipira, que deixára o cavallicoque peado junto ao portão da casa do coronel Martinho Ferreira da Rosa, — no desespero em que ia, não se lembrou de despeal-o e, como o animal não pudesse caminhar, gritava, chorando, que a serpente comera as pernas do cavallo. Outro trepou ás avessas e, não encontrando a cabeça do burrico, berrou, com afflicção: — “Nossa Senhora, cortaram a cabeça do Castanho!...”

A procissão de quinta-feira, — do fogaréu —, era uma pandega, uma trôça, o acto mais anti-religioso, mais patusco que pudesse ser imaginado. Reproduzia a prisão de Christo. Pobre Christo, como tens soffrido!... A’ frente, num andor, ia o Bom Jesus, mettido na ampla tunica do Senhor dos Passos, aos trancos, conduzido num meio gallope, e atraz, conduzindo archotes e tocheiros, padres e povo, numa balburdia infernal, berrando, por entre assobios e vaias, a ladainha de Todos os Santos. A molecada enxertava a litania de expressões as mais extravagantes: — “Coro na Anjinha Nobre, ora pro nobis”, e outras de egual jaez. Quando a procissão, que sahia da igreja do Rosario, entrava na Matriz, havia o sermão da prisão, após o qual era feito o lavapés. Foi numa dessas occasiões que o padre, depois mon-

senhor Miguel Martins, até então sem prestigio na localidade, fez sua estréa no pulpito batataense e grangeou fama de bom prégador. Contam que, mal entrou o andor na igreja, elle galgou o pulpito de um salto e, sem que ninguem esperasse, exclamou: — “Levanta-te, Jerusalem!...” E foi, por alli a fóra, empolgando a assistencia.

O Enterro, na sexta-feira, era uma procissão pittoresca. Destinada a despertar a piedade, tinha, no entanto, coisas capazes de provocar o riso. Sahia invariavelmente ás 22 horas, depois do officio de trevas. Descia a rua das Palmeiras até a da Cadeia, tomava por esta, passava em frente á igreja do Rosario, subia a rua do Theatro até a rua Coronel Pereira e por esta até o largo da Matriz, cuja volta fazia. De todas as procissões era a mais extensa. Abriam-na o *fornicôco* e o menino da matraca. Uma cruz negra, enorme, com a classica toalha branca nos braços, vinha a seguir. Depois, filas de homens, as irmandades e o estandarte roxo do Encontro, deitado, em signal de luto. Anjinhos e virgens a seguir. A Veronica, figura indispensavel até hoje, apparecia então, precedida de um moleque, carregando uma cadeira. Em determinados pontos a procissão parava, o menino ageitava a cadeira, a moça encarapitava-se e, á medida que desenrollava um panno branco, — o sudario —, no qual se destacava, mal pintada, a cabeça de Christo, cantava enternecida:

*O' vos omnes qui transitis
Per viam...*

E soluçava, com tremuras na voz, capazes de arrancar lagrimas aos mais endurecidos:

*Attendite... attendite...
et videte...*

Contavam que um anno, escolhida para “cantar a Veronica” uma das filhas do velho Custodio Silverio de Oliveira, succedeu que, na quinta-feira santa, uma molestia mais ou menos seria levou-a á cama. Os encarregados das festas ficaram atrapalhadissimos com esse contra-tempo, mas dona Antonia, senhora daquelle bom velho, com o bom genio de sempre, socegava-os: — a Veronica não faltaria, ficassem descansados. De facto, á hora marcada, lá se encontrava a Veronica, envolta num véu preto, que lhe occultava inteiramente o rosto, fez o percurso todo e cantou em todos os pontos onde era necessario cantar, com excellente voz. Os festeiros, — Manoel Gustavino de Andrade Junqueira e Augusto José Fernandes, — manifestaram-se penhoradissimos com essa gentileza da Veronica, que, apesar de sabidamente enferma, abandonára o leito tão somente para não os deixar em situação embaraçosa. E por isso mesmo cercaram-na de multiplas atencões e redobrados cuidados. Imagine-se agora o desapontamento de ambos quando, findas as solemnidades, a Veronica os chamou a um canto e ergueu

o véu: — era a propria dona Antonia!... A' Veronica seguiam os demais figurantes. Doze "judeus", commandados por um centurião. Esses "judeus" eram romanos, uma vez que representavam os soldados de Poncio Pilatos. Marchavam impertigados, mettidos em arnezes de papelão e, de tantos em tantos passos, faziam bater, pesadamente, ao mesmo tempo, as lanças no chão. O posto de centurião, entretanto, era um encargo desprezível e só "gente baixa" o aceitava, mesmo assim mediante boa remuneração. Os outros figurantes eram: São João Evangelista, conduzindo um livro, com certeza o respectivo evangelho, ainda por escrever; Maria Magdalena, desgrenhada, pallida á força de muito pó de arroz; José de Arimathéa e Nicodemus, substituidas as tunicas por blusas azues e calções vermelhos; as tres Marias, conhecidas por "tres Beús", cantando umas lamentações impertinentes, e Abrahão e o menino Isaac, este conduzindo ao hombro um pequeno feixe de lenha e aquelle, de longas barbas brancas e alvissima tunica, levantando magestosamente uma catana forminanda, de cuja ponta cahia uma fita branca, que um anjo segurava. A respeito desses figurantes, é sabido que, um anno, dona Marianna Alves Freire, senhora do pharmaceutico capitão João Baptista Freire, cedeu, para servir de Isaac, preparando-o cuidadosamente, um pequeno escravo da casa, de nome Flausino, uma interessante criança de cabellos encaracollados, clara, bonita como poucas, contando cinco ou seis annos. O menino despertou a admiração geral e uns caixeiros viajantes que se encontravam na localidade e assistiam á procissão, sabendo da triste condição da encantadora criança, quotisaram-se e, terminadas que foram as cerimoniaes dessa noite, dirigiram-se incorporados á presença da senhora do pequenino escravo, pedindo-lhe que, em homenagem áquelle dia e ao facto que se commemorava, — a morte daquelle que viéra remir todos os escravos, — concedesse a liberdade ao Flausino. A senhora, que tinha um certo orgulho em possuir um escravo daquelle especie, foi surda a todos os rogos, recusou-se terminantemente, a despeito dos seus sentimentos religiosos, a attender ao pedido dos "cometas": — não cederia o menino por preço nenhum. Estava, porem, escripto que aquella criança não ficaria captiva e o Flausino mezes depois morria.

A procissão era fechada pelo esquife do Senhor Morto, de peso excessivo, conduzido ao hombro por homens robustos, chamados "santos-padres", mettidos numas camisolas brancas com capuzes, a que davam o nome de "alvas"; pelo andor de Nossa Senhora das Dores, que, á altura do coração, levava cravado um punhal; pelo pallio, que abrigava um padre conduzindo a tal reliquia que nunca soube ao certo o que era; pela banda de musica, a desenfardelar todas as possíveis marchas funebres do repertorio, e pelo povo, ou melhor, pelas mulheres, pois antigamente não se tolerava, nas procissões, a mistura de homens e mulheres, indo aquelles formar alas á frente do prestito. Antes da sahida da procissão, havia, na Matriz, o descimento da cruz.

Arimathéa e Nicodemus marinavam por duas escadas collocadas atraz da cruz e, á medida que subiam, batiam com os martelos nos degraus, de um modo especial. Uma vez lá em cima, mettiam um lençol por baixo dos braços da imagem e deixavam-na escorregar para as mãos dos padres, que a esperavam em baixo e a conduziam para o esquife.

Outra festa apparatusa era a do Divino. Os festeiros punham capricho em lhe dar o maximo brilhantismo. Não lhe escasseavam chamarizes: — pau de cebo, levantamento do mástro, imperio, leilões, fogos de vista, o castello. O castello era uma obra prima da pyrotechnia de antanho. Imagine-se um throno ou coisa semelhante, illuminado a fogos de bengala e em cujos degraus iam apparecendo, successivamente, figuras exóticas de noivos, velhos, crianças, negros, acabando a peça por uma especie de apotheose final ao Divino, que apparecia sob a fórma de pomba, em attitude de vôo. Havia um fogueteiro perito nesse genero de fogo: — Bernardino Lamounier Godofredo, que, na sua arte, valia o peso dos seus enormissimos beijos. O Chico Fogueteiro (Francisco de Almeida Mattos), mais a mulher, a Chica Fogueteira, tambem sabiam fazer seus castellos e dizem que o José Thomé do Prado não lhes ficava atraz. O imperio, armado em casa do festeiro, quando este era morador na cidade, ou em casa previamente preparada, quando o dono da festa era da roça, prendia igualmente a attenção geral. Dalli sahiam, processionalmente, para a Matriz, o "imperador" e a "imperatriz", cercados pelas "damas de honor", acompanhados de musica, transportando o "impêrador", numa salva de prata, a indefectivel corôa do Divino. Os roceiros se pellavam por semelhante "fita" e chegavam a fazer promessas ao Divino para "sahirem sorteados" festeiros, para se darem á *pose* do imperio. A promessa consistia, quasi sempre, em offerecer um novillo ao Divino e que ia á praça, á porta da igreja, num domingo qualquer, depois da missa. Dahi a historia, muito commum, do boi do Divino. Com os festeiros da cidade a regra não era essa. Poucos se prestavam a exhibições dessa natureza. Mandavam, em seu logar, duas crianças. O doutor Altino Arantes, por exemplo, supportou, em sua meninice e não poucas vezes, essa imperial tarefa. Cahindo em desuso com o correr do tempo, em 1895 Francisco Moreira (Chico Moreira) quiz restabelecer a moda, mettendo o Romeu Teixeira, hoje doutor Romeu, e uma das filhas do Arthur Albino Corrêa, dona Herondina, nas arduas funcções imperiaes. A tentativa, porem, não surtiu effeito e o Divino voltou a passar sem as scenas do imperio.

Mas o *clou* da festança toda era, naquelle tempo, a cavalhada. A sua direcção cabia, permanentemente, "por direito de conquista", ao major Antonio Garcia de Figueiredo, dono da fazenda *Fortaleza*, coadjuvado pelo irmão, Joaquim Garcia de Figueiredo, da fazenda *Jaborandy*, e pelo filho, José Garcia. O circo, o redondel ou que melhor nome tivesse, era armado nas proximidades do cemiterio, hoje desap-

parecido, no local onde fica a actual avenida Frei Caneca, mais ou menos onde está uma casa que serviu algum tempo de asylo dos pobres da Conferencia de São Vicente de Paulo e na qual, em 1903, morou o major José Olympio Pereira. Taes espectaculos chamavam desusada concorrência. Havia “palanques”, ataviados com gosto e cobertos a capricho, para as familias, e archibancadas, para a arraia meúda. Affluía povo de Cajurú, de Espirito Santo (Nuporanga), do Chapéu (Morro Agudo), de Franca, de São Sebastião do Paraíso, do Cuscuzeiro (Santo Antonio da Alegria), de Jacuhy, de Passos, de Sant’Anna (Olhos d’Agua), de toda a redondeza. Na cavallhada tomavam parte dois partidos: — mouro e christão. O rei mouro era o major Antonio Garcia, rei christão o Joaquim Garcia. Cada rei tinha muitos soldados: — o Nhô Zé, de Cajurú, o Zé Buril, o Modesto, o João Garcia, um bando delles. O rei christão mandava um embaixador intimar o rei mouro a se converter á religião de Christo. Lá ia o José Garcia, que era o mensageiro, num cavallo imponente e de passo seguro, intimar o proprio pae:

— “Rei e senhor meu!... Manda el-rei meu amo...”

E despejava a intimação inteira, decorada na ponta da lingua. O major Antonio Garcia pespegava, alli mesmo, do alto de um palanque que fazia as vezes de palacio mourisco, uma solemmissima descompostura, declamada com emphase, no atrevido embaixador, invadindo sem muita cerimonia seus dominios, obrigando-o a sahir vendendo azeite ás canadas, num trote desconcertado. E plandando-se diante do palanque opposto, o mensageiro berrava ao rei christão:

— “Senhor, o rei mouro não quer ser christão!...”

Os christãos resolviam, nessa emergencia, dar uma lição de mestre aos infieis: — raptar a princeza moura. Abalava-se de novo o José Garcia, ás occultas, apanhava a princeza a geito, — era commumente a Maria Pia, irmã de Accacio José Dias, que durante muitos annos desempenhou o officio de meirinho, — punha-a na garupa e voltava radiante para os seus. O rei mouro surgia no palanque, arrellava-se todo, arrancava os cabellos, praguejava, desfazia-se em lamentações e, acabada a jeremiada, declarava, em voz tonitruante, guerra de morte aos outros. Guerreava, mas apanhava. E os mouros derrotados, após porfiados combates, cahiam prisioneiros e davam volta á pista, a pé, amarrados e chorando, conduzidos pelos vencedores.

O espectaculo terminava com o “correr a argolinha”: — cada cavalleiro por sua vez, mouro ou christão, indistinctamente, partia em disparada de um lado para o outro, procurando arrebatá, com a ponta da lança, uma argolinha collocada num poste, no meio da arena. Se realisava a proeza, ia, *rempli de soi même*, offerecer o trophéu a uma das senhoras dos palanques, a qual, em recompensa, atava, á ponta da lança do cavalleiro gentil, uma longa fita, alguns metros de renda, um lenço ou coisa semelhante, que o “tirador da argolinha” exhibia orgulhoso ao publico, sob palmas entusiasticas. Os intervallos eram pre-

enchidos pelo “tiro á cabeça”. No centro collocavam uma cabeça de papelão pintado, que os cavalleiros deviam derrubar, com certo tiro de garrucha, ao passarem por ella em franca disparada. Não poucos acertavam. Outros, porem, eram de um caiporismo sem igual. O Modesto era um destes. Quando o cavallo delle apparecia, já as archibancadas urravam: — “*Errou!... Errou!...*” E errava, de facto. Um anno, porem, elle resolveu arrebrantar, de qualquer modo, a cabeça amaldiçoada, que parecia zombar da sua pericia de atirador consumado. Partiu em disparada, estacou o animal diante da carantonha, derrubou-a calmamente com um tiro “á queima-roupa” e continuou depois o galope, gritando muito contente: — “*Cahiu ou não cahiu, diabo?!...*” Esse Modesto, afinal de contas, era um typo excepcional, desses que marcam época. Um bello dia se fez negociante e plantou arraiaes no Castello, na casa que depois foi do velho Antonio José Ribeiro, constructor da estrada de ferro Mogyana, trecho de Batataes, e mais tarde do industrial Miguel Puccinelli. Fiava, como se costuma dizer, a *tout le monde et son père* ou, segundo uma expressão mais batataense, a Deus e todo mundo. Fiava tudo quanto o freguez entendesse de levar, sem mesmo cogitar, como aquelle portuguez da anecdotia, de augmentar os preços, e esquecia-se, afinal de pedir o nome e a moradia do comprador. Não se apertava, entretanto, e lançava nos livros: — “Homem de calça azul, olhos gateados, chapéu preto, fala grossa, etc.”. Contavam que correndo mal os negocios do Victor do Carmo, que mais tarde retomou pé, viu-se o mesmo coagido a dar com os burros n'agua e, não encontrando outro meio mais pratico de cavar a vida, adquiriu o pequeno sitio do *Taquaral*, nas alturas da actual cidade de Brodowsky, e alli foi plantar feijão e milho. Tempos depois o irmão, o Cozêca (José Bernardino do Carmo), se viu em identicas aperturas e, por seu turno, abalou para o *Taquaral*, a fazer companhia ao Victor no plantio do milho e do feijão. Ora, o Modesto, com seus homens de calças pardas e capa preta, não demorou, — era infallivel! — em arriar a carga. Vendo-se em tão desagradaveis lenções, montou no cavallinho, companheiro glorioso das cavalhadas e unico bem que lhe restára, e foi á procura do Victor, no *Taquaral*:

— “Rapaz, eu estou quebrado, quebradissimo. Veja se me arranja tambem um logarsinho aqui!”

E lá ficou arranchado. Aconteceu, por esse tempo, que as coisas não corriam muito bem para o Simpliciano Ferreira. Mas este era fleumatico: — sentava-se, pachorrentamente, no balcão, cruzava as pernas e se punha a espremer, num desconsolo comico, uma velha e roufenha sanfona, della arrancando as mais extravagantes notas, porque do instrumento elle nada entendia. Quanto mais accossado pelos credores, mais amigo da sanfona se mostrava. Um bello dia appareceu-lhe no estabelecimento, na então rua Direita, hoje Coronel Joaquim Alves, um cometa do Rio de Janeiro, fulano Laborão, gallego

de maus bófes, que, esbarrando com elle naquella attitude, formalizou-se todo e falou:

— “*Seu Simpliciano, precisamos acertar os nossos negocios...*”

O Simpliciano não se alterou. Fez um gesto amigo, indicando uma cadeira proxima, e recommendou:

— “Espere um bocadinho, quero acabar esta musica primeiro.”

E continuou a sanfonear. Uma tarde deliberou sahir dos seus commodos e correr a via-sacra da freguezia, na diligencia de apanhar alguma coisa com que pudesse tapar a bocca aos cadaveres. Passando pelo *Taquaral*, o Modesto, que estava á porta da casa e sabia do pé em que iam os negocios do Simpliciano, gritou-lhe:

— “Então, quando é que você vem p'ra cá tambem?...”

Reparo agora que, cuidando do incorrigivel Modesto, passei a outro incorrigivel e involuntariamente desviei-me do fim a que me propuz: — tratar das festas populares de outr'ora.

O programma das festas religiosas, excepção feita, é claro, da semana santa, constava ordinariamente de novenas, leilões, bando precatório, missa cantada, procissão e, como chave de ouro, fogos de artificio. Tempo houve, mais recente, em que o *chic* para um festeiro que se prezasse consistia em mandar buscar, para esse numero final, um pyrotechnico afamado de Ribeirão Preto, de nome José Amorim, e que sabia fabricar peças maravilhosas. Tão maravilhosas que, em 1897, no dia 18 de setembro, preparou um combate entre o Aquidaban e a fortaleza da Lage e acabou deitando fogo a uma casa do velho Pedro Mascagni, no largo da Liberdade (actual praça Barão do Rio Branco). As missas tinham um numero sensacional e infallivel: — á hora do *Gloria in excelsis Dei*, assignalado festivamente pelo repique dos sinos, as cortinas do altar mór, que até então eram conservadas cerradas, corriam como que por encanto, deixando ver o throno guardadamente enfeitado e illuminado.

Havia tres festas tradicionaes: — a do Divino, a de São Sebastião e a do padroeiro, Bom Jesus da Cana Verde. Algumas vezes essas tres festas eram celebradas na mesma época, uma após outra, — sexta, sabbado e domingo. Tres missas solemnes e tres procissões. Nesse caso, os nove dias de résa eram repartidos, em partes eguaes, tres a cada um, entre os tres santos festejados, de maneira a não prejudicar nenhum delles e que um não se queixasse do outro. As novenas consistiam num hymno de abertura, quasi sempre o

Vinde pobres colher flores,

quando não o

Vinde Santo Espirito

Dos céus ajudae-nos,

E de vossa luz

Um raio mandae-nos!

Depois a ladainha de Nossa Senhora, cantada pelo côro e pelo povo. Uma havia, muito bonita, a tres vozes:

- 1.º — *Santa Maria, ora pro nobis.*
 - 2.º — *Santa Dei Genetrix, ora pro nobis.*
 - 3.º — *Santa Virgo Virginum, ora pro nobis.*
- Côro — *Ora, ora pro nobis.*
Povo — *Maaaaater Christi*
Oooooora pro nobis.

Depois era a *Salve, Rainha*, cantada alternadamente pelo côro e pelo povo:

- Côro — *Salve, Rainha,*
Mãe de misericordia.
Povo — *Viiinda e doçuuura,*
Espe-erança nóóóssa.

A's vezes mudavam de musica: — o côro cantava

Salve, Rainha,
Mãe de misericordia,

e o povo respondia

Virgem das virgens,
Rogae a Deus por nós!

Costumavam, tambem, entre a ladainha e a bençam, cantar outros hymnos, como:

Com minha Mãe estarei
Na santa gloria um dia!
Junto da Virgem Maria,
No céu triumpharei!
No céu, no céu
Com minha Mãe estarei!...

A bençam do Santissimo era precedida do *Tantum ergo*, cantado em outros tempos pelo Joaquim Augusto da Cunha e Silva e por umas senhoras conhecidas por "beatas". O Joaquim Augusto, com voz grave, cantava

Procedenti...

As mulheres, com voz aflautada, respondiam:

...ab utroque.

O Joaquim Augusto repisava o *procedenti*, ella insistiam no *ab utroque* e, por fim, elle e ellas cantavam, com recolhimento:

Comparsit laudatio.

E começava um *amen-amen* sem fim, ou antes um *amenámenámená* ultra massante, a ultima palavra no genero caceteação. Em 1902, se não me falha a memoria, assisti á uma *reprise* desse *Tantum ergo*, por occasião de uma festa do mez de Maria promovida pelo então vigario padre Lafayette de Godoy, cantado por dona Antonia, a quem ainda ha pouco me referi, no caso da *Veronica*, e pelo tabellião José Carlos de Vilhena, da cidade de Franca.

Encerrando as solemnidades, e á medida que ia esvasiando a igreja, o povo, — homens, mulheres e crianças, — entoavam hymnos laudatorios, como o *Peccador*, que começava assim:

*Peccador, agora é hora
De servir ao teu Senhor.
Serve a Deus, despreza o mundo,
Não sejas mais peccador!*

Havia tambem um outro, da predilecção, aliás, do velho Manoel Rosa, que o cantava com grande recolhimento, trocando religiosamente os "christãos" por "christões":

*Oh, Maria!
Mãe querida,
Mãe querida dos christãos!*

A rapaziada, muito irreverente, atormentava-o á miudo, cantando:

Mãe querida dez tostões!

Cantavam tambem, naquella occasião, a *Magnificat*:

*Minha alma engrandece
A Deus meu Senhor!
Meu espirito se eleva
A Deus meu Salvador!*

Uma tarde, á sahida da Matriz, viram todos, com espanto, que o céu se toldára repentinamente e a borrasca estava prestes a desencadear. E toda a gente teve a precaução de lubrificar as canelas e tomar o rumo seguro de suas casas. Nesse instante, porem, um raio cæe numa arvore do quintal do Antonio Augusto (tenente-coronel Antonio Augusto Lopes de Oliveira), bem perto. Ao ribombo formidavel, foi uma correria geral e desesperada. O saudoso Trovoada (Antonio Trovoada), que fazia parte da banda de musica que pouco antes tocára na igreja, largou o bombardino e cahiu pesadamente de joelhos. Tomou alento, enxugou a testa e exclamou offegante:

— "Uff!... O que vale é que eu acabei de resar a *Magnificat*!..."

O Joaquim Augusto costumava tambem cantar, no côro, com grande sentimento e ainda de parceria com aquellas beatas, outros hymnos, como o

*O' salutaris hostia,
Quae coeli pandis ostium,*

e o

*Pange lingua gloriosi
Corporis mysterium
Sanguinisque pretiosi...*

Sahindo da résa, o povo rodeava os coretos, — um atulhado de bandejas, pratos, flores, doces, galinhas, uma infinidade de “predas”, e outro occupado pela banda de musica, — e o leilão começava. As funcções de leiloeiro eram outr'ora privativas de Firmino Teruliano Ferreira Nobre, mais tarde passaram para José Bento de Moraes, para annos depois ficarem com o Bino (Felisbino Custodio de Moraes). Um supplente de juiz municipal e de orphãos, um 1.º juiz de paz, um delegado de policia. Do que se conclue que as funcções de leiloeiro eram das mais elevadas. Chamavam ás prendas “rebuçados” e havia phrases proprias para os pregões:

— “Quanto me dão por este rico rebuçado?”

— “Se alguém mais dér, chegue-se a mim que receberei seu lance.”

— “Affronta faço, mais não acho, mais achára, mais tomára!”

— “Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres!”

E arrematada a prenda, a banda de musica tocava uns compassos e o fogueteiro soltava um rojão...

Nas missas solemnes, á grande orchestra, que, naquelles tempos, era a banda de musica, o padre Messias de Mello Tavares, vigario de Espirito Santo (Nuporanga), brilhava com sua voz de bello timbre, extasiando os fieis quando, por exemplo, cantava o evangelho — “*Sequentia Sancti Evangélii secundum Lucam. In illo tempore: Dixit Jesu discipulis suis*” ou, no encerramento, alcançando as notas mais altas com o “*Ite, Missa est*”!

As solemnidades do mez de Maria nada ficavam a dever, no capitulo popularidade, ás demais festas que tenho enumerado. Jamais a Santissima Virgem deixou de ter os seus trinta e um dias devidamente commemorados, com aquellas soporiferas leituras, com as ladainhas, com a bençam, com a coroação e os canticos “de uma unccão espiritual tão grande”:

*O' Maria, concebida
Concebida sem peccado,
Rogae a Deus por nós,
Que recorremos a Vós!*

Ou então:

*Salve, dos céus rainha,
Maria, nossa mãe!...*

Cada familia tomava sob seus cuidados um dia do mez e uma com-

missão de senhoritas se encarregava do encerramento. E' claro que cada festeira se esmerava em fazer sua festa com todo o esplendor, mais barulho, mais sumptuosidade, e a commissão do fim não se deixava ficar em posição inferior. Por isso tudo as *resas* do mez marianna se tornavam muito attrahentes. Da casa da festeira do dia, á tarde, sahia um prestito numeroso de moças e meninas, conduzindo estandartes e a corôa e acompanhadas de musica; essas moças e meninas accomodavam-se junto ao throno de Nossa Senhora e, terminadas as cerimonias e dada a bençã, coroavam Nossa Senhora, sob uma chuva de flores, emquanto o côro cantava

*Queremos de Maria
Celebrar os louvores...*

Numa dessas *résas* o saudoso padre Joaquim (Conego Joaquim Alves Ferreira), perdendo a calma, lançou, do pulpito, uma tremenda descompostura, por motivo da attitude pouco catholica de certos rapazes, dentro da igreja, durante os officios divinos, que para elles nada mais eram que méro pretexto para namoricos. A reprimenda cahiu como raio. Para que o padre Joaquim se puzesse fóra do serio era preciso que o caso excedesse, de facto, todos os limites. O que é verdade é que tudo ficou direito de então por diante. E tão grande era o prestigio do inesquecível vigario, que todos os attingidos pela "sermão" foram apresentar-lhe desculpas no dia seguinte.

Já que cuidamos de festas populares de tempos idos, não virá fóra de proposito referencia a uma festa de São José, promovida pelo major Thomaz Martins de Araujo e que coincidiu com a visita pastoral de d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, então chefe da diocese paulista, tendo alcançado proporções dignas de nota. Foi isso em março de 1896. Desde a visita de d. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, a 10 de julho de 1887, que Batataes não merecera a dita de hospedar um bispo. E' verdade que não havia faltado o sacramento do chrisma, pois uns missionarios de Uberaba que, de quando em quando, mambembavam pela zona, distribuiam-no de boa vontade. Mas chrismã de frade, entendia o povo, não era o mesmo que chrisma de bispo, era mais corriqueiro, de menor importancia, de relativo valor. Por isso tudo, á voz de bispo, a cidade transbordou de forasteiros. Dos mais remotos pontos da comarca abalou gente em quantidade. Encheram-se os hoteis, os restaurants, as casas dos compadres. A recepção feita ao illustre antistite foi cordialissima. A commissão de recepção era constituída pelas autoridades locais. Saudou sua excellencia reverendissima, em eloquente discurso, o doutor Washington Luis. D. Arcoverde fez um successo unico". Calculando tirar o maior proveito, como de facto tirou, desse movimento extraordinario, o empresario circense Spinelli para lá carregou o seu barracão, que foi armar no largo do Rosario, mesmo em frente á igreja, e no qual exhibia, entre outros numeros convidativos, um pintor re-

lampago, um atirador perito, um tigre e um leão. O leão, principalmente, fez ruido e arrastou o povo todo ao circo. Se era aquella a primeira vez que viam um bicho daquelle póрте. Na cidade só se falava no bispo e no “bicho”, nome dado ao *Marrusko*. Mas o bicho era indiscreto, muito irreverente, e constantemente enviava ao respeitavel publico, que o apreciava e analysava, um liquido pouco perfumado e que revelava, por parte do rei das selvas, uma grande indelicadeza. Uma tarde, á hora da novena, encontraram-se duas comadres á porta da Matriz:

— “Então vancê já foi vê o bispo?”

A outras entendeu “bicho” e informou:

— “Fui, mais não gostei delle...”

— “Uai, cumadre, porque?!...”

— “E’ muito sem inducação!”

— “Como?!...”

— “Elle me urinou na cara...”

— “Cruiz, crédo!... Qu’herezia!...”

— “Foi mêmo. Nem bem eu cheguei perto delle, elle virô assim e...”

E a comadre fez um gesto adequado, para indicar a acção indelicada do “bicho”, com enorme espanto da outra, que não achava o senhor bispo capaz de fazer uma coisa daquellas.

O Viatico, conhecido em Batataes por *Senhor Fôra* e em outras terras por *Nosso Pae*, deve ser incluido neste capitulo. O *Senhor Fôra* era a communhão levada aos moribundos. Mas o apparatus de que tal procissão era cercada, tornava-a antes um meio de apressar a morte do misero doente. A’ noite, sobretudo, infundia verdadeiro pavor, mesmo aos sãos. Nos meus primeiros annos, essa procissão me causava um medo indizível. Imagine-se a irmandade do Santissimo incorporada, com cruz alçada e profusão de tocheiros, levando á frente um rapaz a tocar uma campainha, logar difficil esse, pois havia um modo especial para o badalar, e no qual não poucas vezes vi o Arlindo Lima, mais tarde bacharel em direito, professor, prefeito municipal e deputado estadual, o qual parecia ter particular predilecção por esse serviço. Atraz da irmandade e sob a “umbella”, o sacerdote paramentado, conduzindo a “ambula”, onde estava a sagrada particula, e a seguir o povo, a multidão, homens e mulheres de mistura, — pois nessas circumstancias era tolerada a promiscuidade, — cantando todos, em tom plangente:

*Bemdito, louvado seja
O Santissimo Sacramento
Da Eucharistia!
Do fruto do ventre sagrado
Da Virgem Purissima,
Santa Maria!*

E os sinos a tocarem, — tres pancadas soturnas, seguidas de um dobre, — até que a procissão regressasse á igreja. Não é preciso ser muito atilado para comprehender a impressão dolorosa que exerciam sobre o pobre enfermo esse rumor, esses dobres de sino, essa cantilena funebre. Felizmente acabaram com esse exhibicionismo bem pouco christão e ainda menos caridoso.

Era costume antigamente, em Batataes, o “terço” ao redor do largo da Matriz. O “terço”, quasi sempre resultado de *ex-voto* de qualquer devoto, era uma pequena procissão, em um domingo qualquer, á hora da missa, com o padre, a irmandade do Santissimo, o povo e o andor do santo milagreiro que operára a graça e por isso abiscotava aquella homenagem. O “terço” era cantado, numa toadinha toda especial, muito interessante. O padre, atraz do andor, lia o “misterio”: — “Neste misterio contemplamos...” Os homens, á frente, em alas, após a irmandade, começavam, então, o Padre Nosso:

Paaaadre Nosso
Q'estaes no céu,
Santificado
Seja o vosso nome.
Veeeenha a nós
O vosso reino,
Seeeeja feita
A vossa vontade,
Assim na terra
Como nos céus.

E as mulheres, que iam de roldão em seguida ao padre, concluíam a oração na mesma toada:

Ooooo pão nosso
De cada dia,
Nos dae hoje.
Peerdoae-nos
As nossas dividas,
Assim como nós
Pe-erdoamos
Aos nossos
Decevedores.
Não nos deixeis
Caaaair
Em tentação,
Livrae-nos do mal,
Amen, Jesus!

Ao Padre Nosso succediam as Ave-Marias, que os cantores adulteravam, para que pudesse “dar certo” com a musica:

*Bemdito é o fruto
De vosso ventre,
Amen, Jesus,
Maria e José.*

Depois, homens e mulheres entoavam o "Gloria", também com alterações, por via da musica:

*Gloria seja o Padre,
Gloria seja o Filho,
Gloria o Esp'rito Santo,
Seu amor também!
Um só Deus,
Pessoas tres,
Gloria p'ra sempre,
P'ra sempre amen!*

Os rapazes arranjaram logo uma outra letra, adaptada á mesma musica e, enquanto os devotos glorificavam o Padre, elles cantavam:

*Quem que me paga,
Quem que me deve?
Cinco patacas,
Quatro tostões!*

Cantado o "Gloria", os cantores variavam de musica e cantavam, pausadamente:

*Amados Jesus, José,
Joaquim, Anna e Maria,
Eu vos dou meu coração,
Alma, minha salvação!*

E o Camões não se erguia do tumulto para protestar contra o roubo do classico cacophaton. Assim percorria a procissão o largo da Matriz, de maneira a ser cantada a Salve Rainha final á porta da igreja. Mas, como o Senhor Fôra, o Fogaréo, Abrahão, Nicodemus e outras tantas velhas usanças, esse costume do "terço" cantado já desappareceu e delle resta apenas a saudade.

A missa do galo foi também, em outros tempos, e talvez ainda o seja nos de hoje, das de maior affluencia. Acorria gente de toda banda e, ás dez da noite, era de ver, ao redor da igreja, homens e mulheres chegados dos sitios, de cócoras ou sentados, rodeados de uma criançaada bulhenta, á espera da missa. A essa hora os sinos repicavam o "primeiro toque", ás onze batiam o segundo e o terceiro, acompanhado da "entrada", á meia noite. Costumavam, em annos remotos, esconder um galo atraz do altar, para que cantasse na hora festiva do *Gloria in excelsis*, mas, um anno, assustando-se antes do tempo, o galo sahiu ás carreiras pela igreja, cocoricando desesperadamente. O pes-

soal cidadão, enquanto aguardava a missa, improvisava reuniões ou passeios pela cidade, que, nessa noite, apresentava um aspecto festivo, com as casas todas illuminadas. A missa era obrigada a musica, substituindo a banda de musica a orchestra que não havia, e a sermão bem declamado.

Essas festas davam ensejo para o conhecimento de certos typos originacs. Um delles era o Luis Pintado, avô da saudosa Maria Martins, que morou, a vida inteira, numa casinha da rua Coronel Pereira. Surdo como uma porta. Tinha o habito de madrugar na igreja, aos domingos. Como todo surdo, falava em voz muito alta. Uma hora antes da missa, lá estava elle, de joelhos, plantado devotamente junto ao arco do cruzeiro, desfiando as suas résas e annunciando a respectiva intenção:

— “Um padre nosso e uma ave-Maria por alma da defunta Fulana... Uma salve-rainha por alma do defunto meu compadre Sicrano...”

E depois do annuncio, vinham, igualmente berradas, as orações promettidas, seguindo, ás “almas dos defuntos”, as dos vivos. Quando acabava a relação extensa de almas que trouxera de casa, já o povo estava chegando para a missa. Entrava o sachristão e o Luis Pintado gritava:

— “Um padre nosso para o nosso sachristão seu Zé Porto.”
Chegava o padre Joaquim e logo o Luis Pintado:

— “Uma ave-Maria p’ra o seu vigario.”

E assim por diante, annunciando e resando até que o celebrante subisse ao altar. Esse Luis Pintado era estupendo. Tinha uma filha morando em Cuzuzero (Santo Antonio da Alegria), para onde, por esse motivo, fazia continuas viagens. E, para não cansar o cavallo, costumava tirar as malas que levava á garupa, passando-as para os proprios hombros.

Havia um outro, cujo nome não me acóde, que não perdia vaza para impingir suas proezas cynegeticas. Uma tarde, na igreja, enquanto a banda de musica do Mestre Leonardo (Leonardo Mauricio de Carvalho) executava, com grande barulho, um trecho qualquer da novena, elle, atraz do pulpito, que estava collocado á esquerda, entre os altares das Dores e de Santa Rita, contava a um parceiro, muito ao vivo, com todos os detalhes, uma caçada de veados. E justamente quando os cachorros cahiam no rastro do veado, a musica parou repentinamente e o caçador escandalisou a assistenciã recolhida, a latir com mais entusiasmo e com mais furia que a propria matilha: — *Au, au, au, au!*...

Annos seguidos apparecia, na procissão do Encontro, sob o andor do Senhor dos Passos, andando quasi de cócoras, um sujeito com uma corda atada ao pescoço: — era, contavam, um criminoso celebre que, á força de um voto, se livrara da força e se regenerara.

Poderá parecer a muita gente extravagância de minha parte in-

chuir, neste ról, os casamentos e os enterros. Mas, em outros tempos, taes acontecimentos se revestiam de um cunho accentuadamente local, um tanto pitoresco, que não irá mal dar-lhes logar nestas simples notas. Os casamentos eram a pé, mesmo porque, naquelles dias distantes, a cidade tinha, por muito favor, um ou outro trolly de fazendeiro rico. Só com a inauguração da estrada de ferro, em 1886, appareceram os primeiros trollys de aluguel, que em 1896 foram cedendo logar aos primeiros carros. O noivo, pelo braço do respectivo padrinho e com o acompanhamento masculino, sahia de sua casa e ia á da noiva. Formava-se alli o cortejo nupcial, que demandava a Matriz. A' frente, conduzida pelo padrinho, de rabona solemne ou rodaque de gala, a noiva puxando uma cauda de muitos metros, que um bando de meninas não deixava arrastar-se no pó. Depois o mulherio e em seguida o noivo, amparado ao braço do padrinho, e os homens, todos, como o noivo, enfarpelados obrigatoriamente de preto e ostentando gravata branca. Na igreja eram esperados pela banda de musica, que rugia com denodo um dobrado barulhento, emquanto o fogueteiro atirava uns rojões. Iniciava-se a cerimonia, os noivos tremulos e gaguejantes, os padrinhos empunhando compridas velas e os convidados cochichando commentarios brejeiros. Acabado o acto, começavam os abraços, emquanto a banda, que tambem penetrava na igreja, abalava as arcadas do templo com uma peça de estrondo, com pistons, bombardões, pratos, bombo, rufos, uma inferneira. E o bando fazia o caminho de retorno, para a casa da noiva, onde seria a festa: — á frente o par recém-casado, depois as mulheres, a seguir os homens e por fim a banda, tocando sempre. O parsinho era recebido em casa com petalas de rosas e começava a festa: — se de dia, mesa de doces; de noite, isso e mais o baile.

Quanto aos enterros, se o morto era adulto, os sinos dobravam, meia hora antes, e á hora ajustada a irmandade do Santissimo deixava a Matriz, com cruz alçada revestida de pannos pretos, acompanhada pelo sacerdote paramentado de luto, e se dirigia á casa do morto. Alli havia a encommendação do ritual, a banda de musica com seus cantores desenfardelava umas coisas tristissimas e partia o cortejo funebre: — adiante a irmandade, depois o feretro, em seguida o sacerdote, os amigos do defunto e por fim a banda. Portavam na igreja, nova encommendação, caminho do cemiterio, terceira encommendação e o sepultamento, atirando cada um dos presentes um punhado de terra na sepultura. E os sinos a dobrarem doridamente durante todo esse tempo: — começava o dobre pelo sino mais grave se o fallecido era homem, pelo mais agudo se mulher. Em casa do morto, á hora do sahimento, distribuiam velas de cera aos presentes, que as conduziam acesas até o cemiterio, deixando-as junto á campa.

Se morria uma criança, — um anjo, diziam —, os sinos, ao invés de dobrarem, repicavam. A irmandade conduzia a cruz revestida de

pannos claros, o padre paramentava-se de branco, não havia canticos e a banda atacava o que encontrava de mais alegre no repertorio. As velas eram substituidas por flores; soltavam rojões. As meninas compareciam, "vestidas de virgens". Demonstrações de alegria, pois era mais um anjo que subia aos céus. Duvido, porem, que os paes, as mães sobretudo, concordassem com isso. Prefeririam, sem duvida, que os anjos continuassem cá na terra.

Era commum, em outros tempos, por occasião do Anno Bom e Reis, a dansa dos cayapós, um bando de homens fantasiados grotescamente de indios, em alas, levando solemmissimo, agasalhado numa capa berrante, o cacique. O cacique assoprava, de quando em quando, uma busina e os demais figurantes sovavam tambores ou estalavam umas castanhólas grosseiras. E um delles empunhava estandarte sapapintado, em que se destacava a inscripção: — "Cacique, rei dos cayapós".

A dansa dos moçambiques, quasi sempre por occasião da festa do Divino, não durou muito. Era uma dansa de pretos, vestidos de camisolões brancos, trazendo nos tornozelos pequenas latas com pedregulho e que elles agitavam nos seus sapateados característicos. Paravam ás portas das principaes casas, cantando umas coisas monotonas, que ninguem comprehendia, como:

*A menina de Deu
já nasceu,*

e era-lhes vedado o ingresso na igreja.

Outra dansa de pretos, muito popular, era a congada. No Natal, o bando, numeroso, abrindo alas, apparecia á paisana, saracoteando loucamente numa dansa barbara, ao som de adufes, caixas e violas, levando em charóla o rei, a principio o velho Thomé, muito estimado no lugar e, em virtude dos seus attributos reaes, tambem muito popular. No dia de Anno Bom, como no de Reis, porem, o grupo rompia pela cidade com grande apparato: — saiótes de cores variegadas, cocares lantejoulados, calções rendados, rosarios de contas coloridas, laçarótes vistosos, pulseiras. E o rei, de coróa, capa, espada e adaga, manejando uma bengala á guisa de sceptro, marchava garboso no meio da sua gente. E cantavam:

*O que tá fazeno?...
Eu tô trabaiano!*

De quando em quando o bando parava e o rei deitava discurso. Um delles, o Bartholomeu, que foi cosinheiro do coronel Francisco Arantes Marques, chegou, certamente por insinuação de algum pandego. a metter latim na discurseira: — "*Mortus est pinctus in casca*, o pinto morreu na casa" ou "*Quod abundant no nocet*", e commentava, cheio de si: — "Porque a bunda não é nossa, diziam os senhores, vamos soval-a á vontade". Simulavam tambem um cambate, reminiscencias

talvez dos que seus ancestraes haviam travado nos desertos adustos da Africa:

— “Olá, meu secretario”, — convocava o rei. E como o secretario ficasse na moita, repetia o chamado. Então, irritado, perguntava:

— “Que secretario é esse que não ouve o meu real chamado nem o meu real mandado?”

Chegava então o secretario. Recebia ordens, transmittia-as aos seus homens. Os dominios de seu rei tinham sido assaltados pelo inimigo. Urgia que o exercito se aprestasse para a vingança. Depois a guerra, com seus encontros, os combates crueis, a victoria, a perseguição ao inimigo. Por fim o triumpho, victoriado o rei vencedor, e os hymnos festivos:

*Viva rei Congo,
Nossa magestade!...*

A' congada, com excepção dos violeiros, era facultada a entrada na igreja e seus componentes manifestavam particular devoção por Nossa Senhora do Rosario.

A estadia de circos equestres constituia sempre, em tempos taes, uma verdadeira festa. Quando a companhia era de fama e annunciava um bom palhaço, chovia gente de todos os arredores. Porque o palhaço era tudo. Nem bem punha o *clown* o pé no picadeiro, já as archibancadas (as bancadas, como diziam) se estorciam em gargalhadas francas. A philarmonica atacava uns compassos proprios para annunciar a entrada do idolo e o poviléu vociferava: — *Paiáça!*... Um havia que supplantava todos no enthusiasmo, no berreiro, nas gargalhadas, nas palmas: — era o Chico Pião, velho habitante da cidade, morador numa casinha alem do Capão do Quintino, na sahida para o corrego do Retiro. Palhaços por lá andaram que deixaram fama e saudade: — o Pepino, o Polydoro, o Amendoim, o Benjamim, o Jacintho, o Caetano, o Coelho. Eram numeros obrigatorios: — a moça que corria a cavallo, furando arcos de papel; a que brincava na bóla; a menina que trabalhava no trapezio; o homem que comia fogo; o que andava no arame. E as pantomimas? A do João Bobo enchia as medidas. E a do urso e a sentinela, a da estatua viva, a da flauta magica, a dos salteadores da Calabria, a do barbeiro... Havia circos famosos, cujos nomes corriam mundo, como o do Albano Pereira, o do Pery, o do Takswa Mange, do Sampaio, do Spinelli, do Marcelino, do Hilario, do Pinho, do Clementino Zacharias, do Galdino Pinto. A's vezes a estadia do circo (*iscavallinho*, na expressão popular) coincidia com qualquer festa notavel, o que proporcionava ao feliz empresario verdadeiras superlotações, com augmento extraordinario da receita. Haja vista o que houve com o Circo Spinelli, quando da visita pastoral de d. Joaquim Arcoverde, em março de 1896. Algumas companhias levavam bichos amestrados: — alem do leão e do tigre do Spinelli, appareceram tambem um porco que advinhava numeros, um cabrito que

corria a cavallo, um burrico que abria portas e garrafas, dois elephantes tocadores de gaitas, um kangurú ensinado, um *bull-dog* que jogava bolas, etc. Ao redor do barracão, em outros tempos armado no largo do Rosario e, mais tarde, depois de construído o mercado, no largo da Cadeia, brotavam, como cogumelos, os botequins: — pequenas barracas destinadas á venda de café, bebidas e doces, sem falar nos taboleiros que á noite as pretas levavam para a porta do circo. Outras barracas tambem alli appareciam, ao lado daquellas, como a do cosmorama, — no qual a gente, através de lentes fortes, admirava umas oleogravuras interessantes, com direito ainda a receber um premio tirado á sorte, quasi sempre sabonetes e pentes, — e a da lanterna magica, precursora do cinema dos nossos dias. A' tarde, um palhaço lorpa percorria a cidade, a cavallo, acompanhado de uma récua de moleques, annunciando o espectáculo:

- “Hoje tem goiabada”? — gritava o palhaço.
- “Tem, sim, senhor”, — respondia, em coro, a garotada.
- “Hoje tem marmelada”?
- “Tem, sim, senhor”.
- “Hoje tem arrelia”?
- “E' de noite e de dia”.
- “O palhaço que é?”
- “E' ladrão de mulher”.
- “Quem comeu cúscús?”
- “Foi o João da Cruz.”
- “O balão queimou?”
- “Duma banda só.”
- “Eu tambem repiquei”?
- “No curral d'avó”.

Os garotos que formavam cauda ao palhaço tinham garantido o ingresso, á noite, e por isso eram assignalados com tinta preta.

Os circos tauromachicos, o chamado *boi do curro*, embora tivessem os seus aficionados, não despertavam, comtudo, o mesmo interesse dos equestres. Eram armados no Campo Alegre, onde está agora o Grupo Escolar Washington Luis. A quadrilha era escassa: — um que trabalhava com capinhas e garróchas, um que pegava á unha, outro que montava no touro e um palhaço. Os touros trabalhados eram, commumente, bois de carro, mansos como borregos, quando não vaccas leiteiras.

Tambem um homem que se fazia acompanhar de um urso e um casal que mostrava as habilidades de uns macacos davam ás vezes o ar de sua graça por aquelles rincões, o primeiro fazendo o urso dançar ao som de um pandeiro, recommendando constantemente — “*Dansa urso Carolina*” — e obrigando-o a exercicios militares com uma tranca de madeira, e o casal exhibindo as proezas da macacada ao som de um realejo. Da mesma fórma que esses macacos e esse urso, appareciam ás vezes umas moças italianas, que tocavam harpa e cantavam

umas canções muito apreciadas por toda gente, uma dellas hoje intoleravel, mas naquelle tempo o que havia de mais encantador: — a *Divina florentina* da opereta *Boccacio*.

A raia era, innegavelmente, uma diversão que cahia no gotto da nossa gente. A raia era o hyppodromo local: — dois estreitos caminhos abertos paralellamente, no campo, numa extensão mais ou menos de um kilometro, onde dois animaes disputavam pareos, conduzidos por jockeys improvisados. Era aberta no bairro do Rodeio ou no do Potreiro. A banda de musica comparecia, havia apostas e reinava sempre a maxima animação. Corredor de fama, havendo levantado varias victorias, era um cavallo chamado *Empedrado*, de propriedade da familia Pimenta das Neves.

Não ha lembrança da realisação, na cidade, das festas tradiccio-naes de Santo Antonio e São João. Nas fazendas e nos sitios costumavam festejar os dois dias gloriosos de junho com dansas no terreiro, levantamento de mastros adornados de laranjas, roqueiras, quentão e mandioca assada. Na cidade, entretanto, a não ser os fogos que a criançada queimava, apenas uma ou outra familia costumava erguer mastros e offerecer uma ceia a doze meninos, que simbolisavam os primeiros apostolos de Christo.

Eram muito communs, no entanto, as reuniões familiares, com os jogos de prendas e os divertimentos de salão. Entre os primeiros destacavam-se o *Viste seu Manoel da Hora o pulinho que eu dei agora?* e a *Berlinda*, com a pergunta sacramental "*Porque F, está na berlinda?*" e as respostas engraçadas: — "*Porque é um gira-sol desfolhado*", "*Porque tem corpo de caixa de phosphoros de véllinha (de cera)*", "*Porque é um louvadeus de semana santa*", etc. Os outros divertimentos eram as *rodas*, em que todos davam-se as mãos e giravam, cantando. Uma brincadeira interessante era a do *Mia gato*, ficando uma pessoa no centro da roda, com os olhos vendados. Depois de girar para a esquerda e a direita, a roda parava, todos se punham de cócoras, o do centro tocava a cabeça de um delles, pedia que miasse, — *Mia gato* —, e devia descobrir o gato pelo miado. Se acertava, era substituido por aquelle que o miado denunciára; se não, era mantido no posto. Uma occasião, estava no centro uma senhora respeitavel, quando, ao acorar-se, um rapaz da roda, Virgilio Martins de Siqueira, com o esforço despendido, deixou escapar um miado que não era propriamente de gato. E a senhora, não percebendo bem o que houvéra acontecido, pediu:

— "Mia outra vez!"

E os risos, que a discreção fizera calar, não puderam ser mais sustidos e explodiram ruidosos.

Essas reuniões eram entremeadas de recitativos, poesias de folego, declamadas á escola antiga, com gestos rasgados, lembrando os sermões de Monte Alverne. Quando tocava a declamação a uma senhora, era de muito bom gosto que a mesma soltasse os cabellos, em-

quanto que os homens passavam obrigatoriamente a mão espalmada no topete, atirando o cabelo para traz. Tinham grande cotação as estrophes condoreiras do Castro Alves, os versos funebres do Soares dos Passos, as rimas humectadas de lagrimas do Casemiro de Abreu, os canticos enternecedores do Fagundes Varella, as virações subtis do Thomaz Ribeiro. Uma tarde coube ao doutor Benigno Emygdio Ribeiro, distincto clinico bahiano, deleitar a assistencia e elle escolheu o *Navio Negreiro*, começando com enthusiasmo:

Estamos em pleno mar...

Quando chegou ao *Albatroz*, *albatroz* e elle tropejou

Dae-me tuas azas, Leviathan do espaço.

um papagaio, que dormitava num poleiro, proximo dalli, sahiu de seu socego e aparteou:

— “Arre!...”

As serenatas amenisavam continuadamente as noites enluaradas. Um punhado de musicos perambulava, a deshoras, pelas ruas desertas, acordando a boa gente com sólos sentimentaes de bombardino, o *choro* dos tempos modernos. Quando não eram os filhos afinadíssimos de Euterpe, eram os trovadores de esquina, seresteiros de boa garganta, entoando, ao som plangente de violões bem dedilhados, modinhas muito nossas, que faziam chorar as moças romanticas, a taes horas mergulhadas nos lençóes:

*Donzella, escuta
Gemido de dor,
Ouve uma voz
Que foi teu amor.
Perdôa, donzella,
Como Deus perdoou
A Magdalena,
Que a seus pés chorou!*

ou, aquella mais commovedora:

*Rompeu a aurora,
Nasceu o dia,
Cantou o gallo,
Morreu Maria.
Chorou Euclides,
Chorou Sophia,
Chorou Mathilde,
Mãe de Maria!*

A's vezes eram rimares mais tristes ainda, em condições de fazer chorar uma pedra:

*Quando meu peito não gemer mais nunca,
Nem os meus olhos não se abrirem mais,
Chorae por mim, que te adorei donzella,
E que lá nos céus quero ouvir teus ais.*

*Não quero palmas nem também grinaldas,
Não quero flores no meu tumulto, não;
Só tuas lágrimas me darão consolo,
Quando meu corpo repousar no chão!*

Talvez o velho Coruja protestasse, mas as moças, pelo contrario, achavam deliciosissimo, como deliciosissimas eram tambem, para ellas, trovas deste estylo:

*Na hora do sól sahir,
Na hora do gallo cantar,
Então é que eu sinto saudades
De uns olhos que sabem matar!*

ou cousas deste jaez:

*Da relva de velludo
Talvez não góse mais,
Debaixo das palmeiras,
Em casa de meus paes!*

De permeio, pondo uma nota alegre na choradeira nocturna, alguns seresteiros escancaravam as guélas em saltitantes lundús, hoje conhecidos, se o são, apenas de nome:

*Aonde vae, seu Pereira de Moraes?
Se você vae não vem cá mais!*

quando não era o

*Amor tem fogo,
Tem fogo amor,
Tem fogo intenso,
Devorador!*

ou, um tanto apimentada para a época, a

Mulatinha do caroço no pescoço...

A pequena, estancando as lágrimas, commentava:

— Engraçado este Pijuta!...

No dia seguinte, no primeiro encontro, repetia o commentario ao trovador, que se enchia todo e corria a passar adiante o elogio recebido.

Havia ainda os “romances”, cousa mais antiga, da força da *Gentil Carolina*:

*A gentil Carolina era bella,
Como é bella dos campos a flor.
Nos seus olhos brilhava a innocencia,
Nos seus labios o fogo do amor,*

enquanto outros, um pouco mais antiquados, soluçavam o *Trovador*, com suas diversas “respostas”:

*Trovador, o que tens, o que soffres?
Porque choras com tanta afflicção?
O teu pranto assáz me compunge,
Trovador, ai, não chores mais, não!*

A cantilena era, naquella idade, de effeito seguro para a conquista de corações...

.....
Tudo isso já passou. E como vae longe!... A geração que surge não póde fazer idéa da poesia que em tudo isso havia... Bons tempos!... Ditosos tempos!...



Assombrações e crendices

Como todo logar do sertão, Batataes de outr'ora pôde também apresentar um extenso ról de assombrações e crendices. Nos dias que correm, nestes tempos de automoveis, cinemas e radios, já alli ninguem se afflige mais com almas penadas, cavallos sem cabeça, lobishomens, sacys, porcos-sujos e outras tantas invencionices. Mesmo porque não ha mais tempo para isso. Cidade civilisada, cheia de vida e de progresso, Batataes de agora tem mais em que empregar sua attenção e já não pôde cuidar de assumptos dessa ordem. Antigamente, porem, assim não acontecia.

Assombrações houve que marcaram seu tempo. Haja vista o "assobio". Nos dias de hoje essa assombrão teria mobilisado os meios espiritas, reunindo em sessões os sectarios de Allan Kardec, os mediuns cahiriam em transes, os guias viriam presurósos tomar os aparelhos, os obsedados entrariam na dansa. Naquellas priscas éras, porem, do espiritismo ninguem por aquellas paragens ainda tinha noticia... O "assobio" tomou proporções de coisa' diabolica, de uma assombrão em regra, com todos os *fff* e *rrr*, pondo e trazendo de canto chorado a população inteira da localidade, que por fim encontrou na assombrão um divertimento para a insipidez de suas noites.

Contemos o caso como o caso foi. Uma noite, regressava o tenente Evaristo Garcia (pae de Celso Garcia) de uma festa e, ao entrar no quarto, notou um assobiosinho irritante e insistente. Não lhe ligou importancia, mas o que é certo é que não lhe foi dado conciliar o somno com aquelle *fi-fi* impertinente. Insistencia tal começou a irrital-o. Parecia ás vezes que o assobiosinho vinha de baixo de seu proprio travesseiro. Levantou-se, examinou cuidadosamente o aposento, attribuindo o caso a um grillo cabuloso. Mas o grillo não apparecia e o *fi-fi* proseguia insistente, ora aqui, ora alli, e o bom do tabellião foi sentindo os cabellos arrepiados. E de olhos abertos passou o honrado e saudoso notario até o raiar do dia, quando o extranho e invisivel hospede houve por bem bater em retirada. No dia seguinte, mal escureceu, retornou o "assobio". No outro dia, a mesma coisa. Na casa, alli na esquina do largo da Matriz com a rua Barão de Coategipe, no alinhamento da do Commercio, andavam todos tresnoitados. Ninguem podia dormir. A noticia circulou com celeridade e toda gente

queria “ver” o tal “assobio”. Estabeleceu-se verdadeira romaria á casa do tenente Evaristo E o espectáculo se prolongava até altas horas, sempre com animada concorrência. A’s ave-Marias apparecia o extranho visitante. O *fi-fi* vinha de longe, pelo espaço, como “se viesse voando”, — diziam os assistentes. Parecia vir das bandas da Porteira. Por ultimo firmou-se um cordial entendimento entre os presentes e o “assobio”. Se se tratasse disto, assobiasse deste modo; se não, assobiasse daquelle. E o “cujo” attendia: — *fi-fi-fi*, ou *fi-fi*, ou simplesmente *fi*, conforme o caso. O velho Sargento (Joaquim Pedro de Almeida), homem emancipado, soldado intrépido da guerra do Paraguay, não levava aquillo tudo a serio. Devia haver naquillo intrujice pela certa. Quiz tirar o caso a limpo e, servindo-se de uma escada, trepou até o telhado, num quarto de telha vã, e, uma vez lá em cima, retirada que foi a escada, mandou que a “extranha creatura” assobiasse o mais perto que fosse possível. E a “extranha creatura”, se bem elle pediu melhor o fez, e assobiou tão proximo que o Sargento chegou a sentir o “assopro” no ouvido. E o incredulo tratou, sem mais delonga, de descer e não quiz saber de mais brincadeiras com o visitante. Mas o caso tendia a se eternisar. Decorriam os dias e o “assobio” não se explicava satisfatoriamente. Resolveram os mais animosos liquidar a situação. Desejava falar com alguém?... *Fi*, — “respondeu” o “assobio”, formula combinada para o “sim”. Com quem? E foram dando nomes: — fulano, sicrano, beltrano, e o “assobio” sempre “dizendo” a formula ajustada para a negativa: — *fi-fi*. Até que pronunciaram o nome de dona Maria da Luz, cunhada do dono da casa, e o “assobio” soltou um *fi* prolongado. Era com ella a coisa. Pediram confirmação, como no telegrapho. *Fi*, ratificou o “assobio”. Custou muito convencer dona Maria da Luz a se deixar entrevistar pelo “espirito” do *fi-fi*. Afinal ella acquiesceu, prepararam um altar com a imagem do Crucificado entre velas bentas e avisaram o visitante que podia “falar”. “Não, não, não”, — protestou o “cujo”. Concluíram, portanto, que o “homem” queria dar o recado sem testemunhas. Retiraram-se todos para outra sala, deixando sosinha dona Maria da Luz, ajoelhada sobre uma cama, empunhando uma vela benta acesa. Mas o “assobio” não cessava de repetir, anciosamente, o “não, não”. Voltaram ao quarto, revistaram-no e foram encontrar uma pretinha dormindo, a somno solto, em baixo da cama. Levaram-na dali, fecharam a porta e, instantes decorridos, retumbava pela casa um brado angustioso daquella senhora. Acudiram todos, encontrando-a pallida, sem poder articular palavra, tomada de forte excitação nervosa. Reanimaram-na. Ella pediu um padre sem perda de tempo. Chamaram, a correr, o padre Joaquim, que attendeu solícito e a ouviu em confissão. Depois, naquelle mesmo aposento, naquelle mesmo altar, o padre Joaquim celebrou missa, pois a madrugada já ia alta, e deu a communhão a dona Maria da Luz. Contavam que, mal começou a missa, o “sujeitinho” voltou a assobiar, já agora pezarosamente, um

fi triste, e, á medida que o acto religioso proseguia, elle se afastava, de maneira que, á elevação da hostia, soltou um *fiiii* prolongado, muito ao longe, e desapareceu para nunca mais voltar. Acabou-se a assombração e o tenente Evaristo Garcia ponde, de então por diante, dormir descansado. Que seria, afinal? Que teria visto ou sentido dona Maria da Luz, que desde ahi deixou-se abater por uma enorme tristeza, vindo a fallecer pouco tempo depois? Eram as perguntas que toda gente formulava e ás quaes ninguem podia responder. O unico que talvez pudesse esclarecer a historia seria o confessor da pobre senhora. Mas o padre Joaquim soube guardar, bem guardado, até morrer, o segredo dessa confissão. E o "assobio" rolou para o esquecimento.

Se essa assombração é a "mais importante", não é, todavia, a unica. A estrada do Espírito Santo, hoje Nuporanga, era fertil em coisas taes, principalmente os capões do Descanso e da Taquara. Uma dellas deu muito que falar. Quem a denunciou foi o Capitão Chico, sogro do doutor José Manoel de Azevedo Marques, homem incapaz de fugir á verdade e cuja palavra, no dizer de seus contemporaneos, valia por um documento. Por tudo isso a assombração por elle vista era transmittida como coisa verdadeira e da qual a ninguem era licito duvidar: — "foi o Capitão Chico quem viu!" Ia o honrado agricultor caminho de Batataes, ao cahir da noite, quando, entre o capão da Taquara e o corrego do Retiro, viu surgir á sua esquerda um mulato de proporções agigantadas e que, sem dizer palavra, nem mesmo olhar para o cavalleiro, poz-se a caminhar rente á cabeça do cavallo. O Capitão Chico deu ás esporas, mettu o cavallo a galope e o mulato sempre junto delle. E o mais curioso era que, por mais que o animal galopasse, o homemzarrão não apertava o passo nem se deixava ficar atraz, continuando a caminhar muito natural e calmamente, desaparecendo, como por encanto, ás portas da povoação.

E como essa outras, muitas outras emprestavam má fama áquella estrada, mórmente naquelles dois capões, pondò arrepios nos viajantes. Uns, mais corajósos, procuravam desvendar o "misterio" e, não raro, esclareciam o caso, como aquella casa abandonada, á direita de quem seguia de Batataes, logar mal assombrado, de onde partiam gemidos dolorosos, attribuidos ás almas soffredoras que allí penavam, anciando por missas, verificando-se afinal que as pobres almas nada mais eram senão uns bois que haviam penetrado na casa vasia e, não encontrando a sahida, ficaram presos allí, morrendo á fome. No meu tempo já essa estrada, que tantas vezes percorri, estava limpa dessas assombrações e por ella muita gente transitava á noite, sem maus encontros.

No caminho do Chapéu (Morro Agudo), na famosa mata do Isaac Pereira, outro logar perigoso em materia de assombrações, tornou-se celebre um canzarrão preto, monstruoso, como aquelle de olhos phosphorescentes que o famoso Conan Doyle mettu numa das extraordinarias aventuras de Sherlock-Holmes. Aparecia somente á noite e seguia os viajantes em toda a extensão da mata. Seu tamanho

era comparado por uns ao de um bezerro, por outros a uma onça colossal e pouco faltou para que o comparassem a um elephante. O terror que esse bicharrão infundia era tal que ninguem por fim se atrevia a atravessar sosinho a mata, mesmo de dia. Mas, nem por serem muitos, o cão deixou de apparecer. Nem bem estava á retaguarda da cavalgata e já os da frente o accusavam á cabeceira do bando. Respeitavam-no como objecto sagrado. Um dia um tal Mizaél, do Chapéu, cabra decidido e valentão que não corria de cucas, achou aquelle respeito, que nada mais era que muito medo, sem cabimento, e uma vez, mal percebeu o cachorrão perto delle, metteu-lhe o chicote com firmeza e vontade. Antes não o fizesse. O cão ergueu-se, cresceu, subiu, attingiu a altura das arvores, tomou proporções e fórmias apavorantes, e o Mizaél... O Mizaél perdeu os sentidos vergonhosamente e só voltou a si na manhã seguinte. E em que estado, santo Deus!... Felizmente havia, alli perto, um ribeirão...

Uma assombração, na mesma estrada, que ficou "desmascarada", foi aquella do vulto negro que orava, com os braços abertos, — em attitude de quem resava uma "estação", — junto a uma cruz, dessas que ornam, com abundancia, as estradas da roça, assignalando os pontos onde se deram homicidios ou desastres, e que, de quando em quando, beijava as pedras que amparavam o madeiro. Era, sem mais nem menos, uma vacca preta, de chifres enormes, que se habituara a ir lambar, todas as noites, aquellas pedras. Decifrou o misterio um carreiro sem medo e refractario a desmaios, numa noite de luar.

O antigo fazendeiro daquellas bandas, Domiciano José de Souza, da *Floresta*, uma noite em que vinha de uma casa das visinhanças com a esposa e os filhos, foi atacado, numa volta do caminho, por uma porca escura acompanhada de leitõesinhos. Defendeu-se valentemente com o bengalão que trazia, desfechando bordoadas a torto e a direito, até que os atacantes desapareceram repentinamente. No dia seguinte, logo pela manhã, o velho lavrador foi ao logar da peleja, encontrou no chão os vestigios das pancadas que distribuira, mas da porca nem mesmo o rastro. Indagou dos sitiantes proximos e nenhum possuia porcas com cria. Mais uma assombração...

Para os lados da *Estiva* era conhecido um cavalleiro fantasma, distribuindo folhetos a quantos encontrava, sem que pessoa alguma os tivesse recebido. Era, affirmavam com convicção, um velho lavrador das cercanias, que levava a existencia colleccionando pacientemente folhinhas Laemmert e morrera em peccado grave.

Não param ahi as assombrações. Tantas são ellas que dariam motivo, não para uma, mas para muitas chronicas. O Manoelsinho Pereira (Manoel Pereira de Oliveira), por exemplo, era eximio em arranjar, encontrar e ouvir fantasmas. Via, a cada passo, duendes, espiritos, almas, toda a cohorte, enfim. Era só pedir por bocca. Uma noite, por signal, quando elle morava na casa que depois foi do major Felipe (Felipe Ribeiro de Noronha), em frente á do padre Joa-

quim, tendo perdido o somno, resolveu sahir á janella. Luar magnifico, madrugada alta, silencio absoluto. Pondo reparo, viu que, do lado da casa do Soares (Manoel Soares de Castro) e em direcção ao cemiterio, passando pela frente da igreja, caminhava lentamente um vulto enorme e preto, bem preto, aliás. E reparou que, quanto mais se approximava, mais o vulto crescia. O Manoelsinho recuou prudentemente. Por muito cordiaes que sejam as nossas relações com essa gente do Alem, é sempre prudente que a deixemos passar de largo. E quando o tal vulto passou em frente á janella tinha uma altura tal que ao Manoelsinho foi preciso pôr-se de cócoras para poder enxergar-lhe a cabeça.

O velho Nogueira (Antonio José Nogueira Braga) era um refinado incredulo. Pois o Nogueira contava que uma noite, — pois as assombrações raramente são diurnas —, descia elle do Castello e ao atravessar a ponte do corrego do Capão, viu, sentada na calçada, junto á venda do Nicolau Lipparelli, uma mulher em posição um tanto exquisita. Um rabo de saias sempre faz fósquinhas a um filho de Deus, por mais santarrão que seja, e o Nogueira parou e examinou a mulher. Approximou-se mais ainda, sem que a noctivaga fizesse o minimo movimento. Resolvido a chegar á fala, tocou-lhe no braço. Nesse momento sentiu uma sensação extranha, uma coisa exquisita, e, quando deu accordo de si, estava no capão do Quintino, junto da chacara do Manoel Rosa.

Como toda povoação daquelle tempo, Batataes tinha tambem o seu "corpo secco", apparecendo sistematicamente atraz da porta da igreja, de onde a criança fugia a sete pés. O sacy-pererê (sacy-cererê em outros logares) girava canalhamente, no meio dos redemoinhos, gorriinho encarnado cahido sobre a orelha, cigarrinho no canto da bocca, realisando prodigios choreographicos sobre um pé só, e á noite apparecia nos terreiros, assobiando, de um modo especial, o seu "sacy-pererê". O lobishomem, nas sextas-feiras, ia pelos gallinheiros, reforcilando gostosamente naquillo que era muito do paladar desse "bicho", respondendo lugubrememente ao choro das crianças. Os largos da cidade eram, em noites determinadas, procurados, para as suas correrias infernaes, pela mula sem cabeça, que pinoteava desenfreadamente e, o que era mais interessante, deitando fogo pelos ólhos. A velha Sinh'Anna Ignez, alli no largo do Rosario, contava, cheia de pavor, que nas visinhanças de uma casa onde porventura houvesse criança pagã (sem baptismo), apparecia infallivelmente uma bezerra com chifres na bocca.

Essas invencionices fazem-me lembrar umas tantas "assombrações verdadeiras", occorridas tambem outr'ora. Meu pae era dono de um cão de estimação, o Dingo, um bello terra-nova, que ainda alcançei. O Dingo costumava, de tempos a tempos, passar as noites ao relento, para melhor ladrar á lua, e, certa occasião, estava deitado no alto da escadaria que havia em frente á casa onde hoje está a Phar-

macia Fernando e onde então minha família morava, quando o padre Joaquim sahiu da casa do cunhado, João Baptista Freire, logo abaixo. A noite estava como breu e mal o bom do padre defrontou a escada, o Dingo ergueu-se de um salto e, collocando as patas dianteiras sobre a grade, saltou um uivo prolongado. O padre, a despeito da sua calma proverbial, acelerou o passo. Ou porque o reconhecesse ou porque estivesse disposto á brincadeira, o cão saltou a grade e correu para o padre, que então perdeu totalmente a calma e não esteve para mais: — deitou a correr, desabaladamente, rua acima. Essa assombração do Dingo recorda outra semelhante, da Ludovina, uma pobre insana popularissima em Batataes e seus arredores. Havia missões no Chapéu e para maior commodidade do publico, dada a exigua lotação da capella, collocaram o pulpito á porta do pequeno templo e dalli o missionario falava, aos fieis attentos, dos horrores do purgatorio, das penas cruéis do inferno e das delicias do céu. A Ludovina, que não tinha domicilio certo, vivendo á gandaia, resolveu fazer do pulpito seu dormitorio. Uma noite, quando por alli passavam, de volta de uma visita, o missionario e o vigario da parochia, o padre Mansuetto Ferrari, a louca appareceu de subito no alto da caranguejola, deixando escapar um grito estridente. Os dois reverendos abriram o chambre, indo bater, offegantes, á porta da botica local.

Num bairro não muito distante da cidade appareceu uma assombração, que a todos deu muito que falar e fazer. Eram pedradas a torto e a direito e sobre quem quer que fosse. A' noite, assobios, "psius", "réco-récos", o diabo. Os moradores da casa viviam atarantados. Os visinhos andavam com a pulga atraz da orelha, não fosse o raio cahir-lhes em casa. Gente houve que se abalou da cidade, para "ver" a assombração e apanhar umas pedradas. O facto ia tomando as proporções do "assobio". E afinal um sobrinho do dono da casa, que apesar de não ser da cidade, pois era muito bom roceiro, mostrou ser mais esperto, poz tudo em pratos limpos: — pedradas, assobiosinhos, "réco-récos", era tudo obra de suas duas primas, filhas do sitiante.

As credices constituíam, egualmente, capitulo não reduzido no folk-lore batataense. O canto da coruja, por exemplo, foi sempre o pavor de muita gente, que encontrava naquelle *ú-ú-ú* todos os maus agoiros. Era forçoso esconjurar: — Cruz, crédo!... E se havia á mão um chinelo, era de obrigação bater com elle duas ou tres pancadas no chão, formalidade que afastava todos os maleficios que pudessem decorrer da voz agoirenta da ave nocturna. Já que toquei em chinelo, devo notar que corria azar deixar um com a sóla para cima e, por isso mesmo, a preocupação maxima de muitas senhoras consistia em espiar constantemente se não havia, em casa, chinélos nessa posição.

Quando o gallo cantava fóra de horas, estava denunciando moça furtada, como a gallinha que cantava de gallo presagiava desgosto

proximo. Não convinha, de maneira alguma, sob pena de acarretar uma serie de infelicidades, sahir-se de um aposento ou de uma casa por outra porta que não aquella por onde se entrára.

Certas coisas “faziam mal”: — assim a palavra “caipora”, que toda gente evitava pronunciar, para não puxal-a para seu lado, como tambem “não prestava” indicar, no proprio corpo, o logar onde outra pessoa soffria de “ferida brava”. E se algum descuidado o fazia, um dos presentes corria, pressuroso, a emendar: — “Lá nelle, lá nelle!”

Acontecia que uma senhora sonhava, uma noite, com cobra: — tinha como certa a gravidez, como tambem prenunciava, — para a mulher, está claro, — o mesmo interessante estado, apparecer o marido com dores de dentes.

Apontar uma estrella no firmamento tornava a pessoa mentirosa, o que levava a crer que quasi toda gente vivia de dedo espetado para o céu. Quem dava uma coisa e tornava a tomal-a, ficava “cacunda”. Cuspir no fogo, para uns fazia seccar a saliva, para outros seccar a lingua, mas era obrigatorio cuspir para o lado sempre que se falava do cancer ou de outra ferida de mau character, “ferida brava” chamavam. No dia da partida de uma pessoa não era de bom conselho varrer a casa, porque isso faria com que essa pessoa não mais retornasse, da mesma fórma que varrer uma casa á noite presagiava morte de um dos mordores. Em nenhum aposento via-se a cama collocada com o lado dos pés voltado para a porta; essa disposição do leito seria de muito mau agoiro, pois somente os defuntos ficavam assim collocados. Ninguem morre, affirmavam, no dia em que espirra, vindo-se num rio, onde alguém houvesse perecido, uma gamelinha de madeira, com uma vela benta acesa, ella, depois de rodopiar, parava indicando o local onde o corpo do afogado ficára retido, debaixo d’agua.

Em se tratando de crianças, evitavam que ellas brincassem com fogo, porque á noite, não havia fugir, urinavam na cama. E para impedir essa feia acção, alem da prohibição de taes travessuras, faziam os pequenos comer christa de gallo. Era tambem vedado ás crianças urinar na agua: — a agua fôra santificada pelo baptismo, sendo, como era, parte essencial desse sacramento, e, desse modo, peccado fôra profanal-a com a urina. Ninguem cahia na asneira de expor ao luar roupa mijada de criança de braços, porquanto isso proporcionaria ao bebê fortes dores de barriga. Ralhavam as mães continuamente com os filhos, quando estes, nas suas peraltices, “andavam de costas”. Não deviam caminhar dessa maneira, diziam, porque estavam mandando a mãe para o inferno; ainda se fosse o pae, talvez concordassem, mas como era a ellas que tocava a descida, não estavam pelos autos.

Outra preocupação das senhoras era saber quem iria primeiro desta para a melhor: — se ellas ou os maridos. E lançavam mão de um meio para ellas seguro, que não falhava, citando, em abono do que

asseguravam a pés juntos, exemplos eloquentes e recentes. Sommam o numero de letras do nome della com o das delle, tiravam os noves fora e se o restante era par, morreria primeiro a mulher, se impar o homem. Exemplifiquemos: — José e Maria, quatro letras mais cinco, total nove, noves fóra nada ou zero, cabendo, portanto, a ida á mulher. Quando se verificava hypothese como essa, chegava a haver discussões acaloradas, porque a prejudicada entendia que zero não era numero significativo, não devia ser levado em conta e, assim, prevaleceria o total e com elle o marido. Recordo-me de que, em certa occasião, para dar certo, num exemplo evocado, tiveram de accrescentar um “1” ao nome de uma senhora recém-fallecida, e que deixára viuvo, chamada Gabriela.

A medicina offerece, neste terreno, valioso contingente, do qual destaco, para illustrar estas notas, alguns exemplos. A ingua era curada, traçando-se sobre a mesma uma cruz com um sabugo queimado. Curava-se cachumba encostando, na parte atacada, o cabo aquecido de uma colher de pau. Para combater o sarampo, davam ao doente leite fervido com excremento de cão, remedio que tomava a denominação pitoresca de “jasmim de cachorro”. Collocando a chave do sacrario na lingua de uma criancinha, curava-se o sapinho. Excremento de gallinha fazia crescer o bigode, assim como o de vacca eliminava o dedo offendido na tinta de escrever ou, o que era sem duvida mais desagradavel, no “oveiro” de uma gallinha preta. A ictericia era combatida verrumando o doente uma arvore, ao mesmo tempo que pronunciava a fórmula curadora: — “Aqui verrumo ictericia”. Era evitado qualquer contacto com os doentes de gota (epilepsia), nas occasiões de ataque, porque a baba do doente contaminava. Faziam estancar a hemorragia nasal applicando, sobre a nuca, uma pequena cruz de palha de milho, uma “palhinha” como diziam. Era conhecido, pela maneira de mastigar ou de coçar o nariz, quando uma criança estava atacada de lombriga. Um remedio de prompto effeito contra o terçol era passar cuspo em jejum, convindo tambem notar que o terçol indicava casamento com viuvo ou viuva. Constituia remedio efficaz para o suor das mãos, esfregal-as nas paredes da igreja. Casca de queijo era um excellento vermifugo.

Uma feita foi apresentado ao padre Joaquim um menino que havia sido atacado por um cão hydrophobo na rua da Outra Banda (hoje Duque de Caxias), junto á ponte, afim de que o saudoso parochio ministrasse ao mesmo os santos oleos dissolvidos num copo d’agua, remedio aconselhado como efficaz em circumstancias taes. O vigario attendeu de boa vontade, mas, voltando-se para umas visitas que tinha no momento, sorriu e murmurou:

— “Vá agora dizer a essa boa gente que isto não vale nada!...”

E’ o caso das assombrações. Fosse alguem dizer áquelles credulos assombrados que as assombrações, como suas crendices, não mais

eram senão fruto de imaginação exaltada, resultado ás vezes de coincidencias curiosas, quando não passavam talvez de simples partida de algum gaiato. Sujeitava-se esse alguém, quando mais não fosse, a ver o outro levar, medrosamente, o indicador aos labios, recomendando silencio:

— “Não diga isso!...”

Não sei agora se vem a pello a inclusão, neste capitulo, para encerrar-o, de uma visagem que, pelo correr de 1894, assanhou toda gente. Não se tratava de assombração. Pelo contrario, cousa naturalissima, mas para a qual nem todos obtinham explicação plausivel. Era *a agua*, todos falavam na *agua*, queriam todos ver *a agua*. E a romaria *á agua* tornou-se continua. O caso foi assim: — Um dia, um sitiante qualquer, que retornava do centro da cidade para o bairro do Corrego dos Peixes, por um daquelles muitos caminhos que cruzavam o Potreiro, em seguimento á então rua do Theatro, hoje Santos Dumont, sentindo-se cansado, pois estava-se em pleno estio e o sol dardejava inclemente, estirou-se á beira da estrada arenosa, para “tirar uma melhora”. E distendendo, desacoroçoado, a vista pela estrada alem, castigada pelo sol e que elle devia ainda percorrer, viu, espantado, agua á distancia. Ergueu-se num pulo... e a agua havia desapparecido. Tornou a deitar-se e lá estava a agua de novo, tomando toda a largura da estrada, dando idéa de uma pequena lagôa. Levantou-se... nada de agua. Repetiu a experiencia, tres, quatro vezes, com o mesmo resultado. A cousa cheirou-lhe a bruxaria, a fadiga desappareceu e o sujeito voltou para a cidade, com azas nos calcanhares, recheioso naturalmente de atravessar a *zona aquatica*. A noticia correu como correm todas as noticias nas cidades pequenas: — rapida. Puzeram em duvida a historia narrada, levada á conta de patarata. O homem, porem, bateu o pé, jurando por seus santos. O primeiro São Thomé foi, viu, convenceu-se da verdade, outros foram e por fim a cidade em peso abalava-se, diariamente, para o Potreiro, afim de ver *a agua*. Uns conduziam pannos, que estendiam na estrada, para nelles se deitarem; outros levavam tapetes; outros dispensavam tudo isso e atiravam-se á vontade na areia escaldante. E alli ficavam, um tempo enorme, de-bruços, queixos rentes do chão, olhando alem as ondulações da imaginaria lagoa. Lá fui parar com os meus. O campo estava coalhado de gente. Recordo-me ainda, apesar de minha pouca idade, de ter visto no local, nessa occasião, dona Marianna Alves Freire, o Torquato Alves Pereira e o doutor Militão dos Santos Sarahyba, advogado em Ribeirão Preto. Estava tambem um senhor de certa idade, de fraque solemnissimo, bigodes retorcidos, a quem todos davam cerimoniosamente de commendador e cercavam de attentões. Offereceram-lhe o melhor logar no tapete, o cavalheiro estendeu-se de barriga e poz-se a olhar como os demais, quando uma rajada indiscreta levantou-lhe as abas do fraque, deixando ver, nos fundos

das fidalgas calças pretas, dois apreciáveis furos, que o linho branco das “roupas de baixo” realçava... Um pretinho, alli perto, berrou:

— “Óia as cárça delle!...”

O endiabrado moleque foi corrido do campo...

Deitei-me á vontade e confesso que nada vi. Mas, como todos affirmavam com segurança que se via agua, acabei affirmando a mesma cousa. E cheguei a ver até um patinho nadando...

Ferviam os commentarios a respeito da extranha *apparição*. Houve quem attribuisse aquillo á “passagem de uma nuvem”, como tambem houve quem achasse que aquillo era sombra da torre da igreja matriz, a um quarto de legua de distancia. E projectos foram feitos com referencia á *agua*. Por exemplo, a abertura de um fósso atravessando a estrada, do qual todo mundo pudesse ver a *agua* mesmo de pé, á vontade, sem o incommodo daquella posição a fio comprido, offerecendo tantos inconvenientes, como o do vento, que era o pavor das senhoras. E tambem dos homens, haja vista aquelle commendador das calças rompidas. Mas, concordavam, o fósso deveria ter escadinhas, pois, exemplificavam, o logar destinado ao Juca Ferraz (José Mendes Ferraz) não poderia, evidentemente, ser o mesmo do Eduardo Garcia (coronel Eduardo Garcia de Oliveira).

Afinal, passou a quadra estival, o sol abrandou a força de seus raios, a lagoa *seccou*, o fósso não chegou a ser aberto e, dentro em pouco, a *agua* eram aguas passadas...

Usos e costumes de outr'ora

Depois de um demorado exilio, voltei um dia á minha velha Batataes e desconhecia-a completamente. Outros habitos, costumes mudados, tudo, tudo modificado. O camartelo do progresso, houve quem, fazedor de phrases empoladas, o dissésse algures. O que é verdade é que a cidade havia adquirido outra feição, enroupara-se domingueiramente, e agora, catita e enfeitada, expurgada daquelles casarões, velhos mas tão nossos, modernizada, é uma das joias da Alta Mogyana.

Antigamente... Como é doce e grato evocar esse tempo que se esvae tão longe, recordar coisas cuja lembrança se vae diluindo lentamente. Reinava franca cordialidade entre as familias do logar. As dissensões politicas jamais puderam perturbar a harmonia que allí sempre imperou, entre os batataenses. Cascudos e chimangos digladiavam-se ás portas das secções eleitoraes, "batiam bocca" á bocca das urnas, arrastando a "carneirada", que eram os votantes nos tempos dos das eleições em dois graus, para o direito ou o dever do voto. Havia discussões azedas, troca de palavras acres, algum mais exaltado ia ás vias de facto, outro mais enthusiasmado atirava uns rojões de assobio ao fim do pleito, e no dia immediato estava tudo apaziguado, os chefes e cabos em perfeita camaradagem, esquecidos do que houvéra.

As familias visitavam-se a miudo. As visitas eram commumente á tarde, ás 4 ou 5 horas, depois do jantar, servido invariavelmente ás 3. Para uma visita de certa cerimonia era mobilizada a familia em peso: — marido, mulher, filhos, filhas, as crioulinhas infalliveis. Os visitados recebiam affectuosamente os visitantes, na sala da frente, ampla, mobiliada severamente, com moveis pesados, austeros: — sofá amplo como um leito de casal, aos lados poltronas tambem enormes e, enfileiradas a seguir, seis cadeiras igualmente amplas, tres de cada lado. No centro, entre as cadeiras, u'a mesa redonda, coberta por uma toalha de crivo, que ostentava, caprichosamente entrelaçadas, as iniciaes do dono da casa, quando não corações unidos, traspassados por uma setta, ou duas mãos unidas, e, em cima dessa mesa, um ou dois albuns, contendo photographias da familia, dos parentes, dos amigos. Em frente ao sofá e á mesa dos retratos, uma cadeira de balanço,

com capacidade para dois Chabys dos mais avantajados. No sofá, almofadas bordadas a fio de ouro, trabalho de alguma menina da casa, e nas cadeiras toalhinhas rendadas, presas por laços de fita. No tecto, branco ou azulado, cadarços vermelhos estendidos de um lado a outro, tormando um X, e cuja missão era proteger as taboas do fôrro da irreverencia das moscas (chamadas impropriamente “mosquitos”), e d’ahi darem, a essas fitas, o nome de “mosquiteiros”. Nas casas mais abastadas, havia tapete, com desenhos berrantes, representando, na maioria dos casos, scenas de caçadas: — tigres, veados, cães... Junto ás paredes, consólos: — armação de madeira preta, marmore branco, sustentando jarras com grandes ramos de flores artificiaes. Eram encontrados tambem, em certas casas, dunkerques avoengos, carregando castiçaes luxuózos, caixas de musica, uma porção de “tetéas”. Pelas paredes, quadros em profusão e um espelho retangular de moldura dourada. Aos lados do sofá, escarradeiras altas, de louça, com pés trabalhados e boccas de leões. Era ahi, na sala, que as visitas eram introduzidas pelos donos da casa, acompanhados, de seu turno, pela familia toda, emquanto as criulinhas eram remetidas para a cosinha, a se entreterem com outras da mesma cor. A palestra generalisava-se. Tocava-se regularmente na vida alheia, que é tecla favorita de todas as gentes, em todos os tempos e logares. Eram commentadas as noticias chegadas de São Paulo. Entrava depois, fumegante e aromatico, socado, torrado e moido em casa, o classico café paulista, servido em grandes chicaras com frisos dourados, com acompanhamento de bolinhos de fubá, de biscoutos de polvilho, de brevidades ou sequilhos. Depois de muito tagarelarem, retiravam-se as visitas, levadas por todos da casa até a porta, onde trocavam as ultimas despedidas: — “muito obrigado pela visita”, “appareçam logo”, “lá os esperamos”. E a familia visitada ficava na obrigação de retribuir a visita. Se não o fizesse, incorreria em grave falta, seria uma desfeita para com os amigos, muito notada pelos que haviam feito a visita. De quando em quando mimoseavam-se com presentes: — um bolo, uns doces, uns biscoutos, cesta de frutas, aves. O portador do presente, era da praxe, voltava com a retribuição, pois o prato, a bandeja, o cesto não podiam ser devolvidos vasioz. Se por acaso a dona da casa presenteada estava, no momento, desprevenida de todo, mandava recado: — que desculpassem, pois não tinha na occasião nada para mandar, mas que o faria logo. E assim era feito.

Apparecia, porventura, morador novo na localidade? Quem seria? Logo um sabido informava: — gente boa, vinha de tal parte, o chefe era isto ou aquillo. E logo um proprio batia á porta dos recém-chegados, em nome de fulano ou beltrano, offerecendo os prestimos, quando não levando um presente, e, tres ou quatro dias mais tarde, comecavam as visitas.

Muitas as familias que faziam doces em casa. Por isso mesmo rara a casa em que não havia um forno de tijolos, cupim gigantesco,

com “suspiro” e “ladroão”, e os apetrechos indispensaveis: — taxos de cobre, as “latas” para assar biscoutos, as “fôrmas” para os bolos, o “batedor” de madeira para o pão de ló, a “pá” para collocar as latas e as fôrmas, a vassoura de cambuhy para varrer o forno. Costumavam algumas fazer licores de genipapo e de uva ou *aluá*, bebida preparada com a casca do abacaxi ou ananaz. Muitas vendiam parte dos doces que faziam e que uma preta ou um moleque, bandeja ou taboleiro á cabeça, offerecia de casa em casa e cujo preço variava de um “dérreís” (10 reis) a um “cobre” ou “corenta” (40 reis): — biscoutos, roscas, broas, broinhas de amendoim, pão de queijo, suspiros, brevidades, esquecidos, sequilhos, bolos de arroz, cocadas, pés de molequeu, doce de cidra, doce e pão de queijo.

A mesa era sempre farta, o *menu* sempre variado. Terrinas altas e bojudas, travessas que valeriam tres das de hoje, pratos fundos que serviriam hoje de tijelas, enormes conchas de louça. O almoço, ás 9 horas, ás 3 o jantar, e entre as duas refeições o chamado café do meio dia, outro almoço, afinal, tal a natureza e a quantidade da “mistura”.

Durante o dia era muito raro sahirem as senhoras e as moças ás janellas, entregues todas aos affazeres domesticos. Naquelle tempo as donas de casa encontravam sempre o que fazer... Só depois do jantar sahiam, entretendo-se em palestra com os visinhos ou com os conhecidos que passavam. Tambem só depois do jantar iam ás visitas ou passeios, procurando, neste caso, de preferencia, os campos dos arredores ou um dos capões que então existiam, nos extremos da cidade. Nesses passeios os homens raramente tomavam parte; no commum dos casos, iam as senhoras e as crianças, emquanto aquelles procuravam as casas de negocio e as boticas, para as indefectiveis plestras, que reuniam ordinariamente grupos numerosos.

As senhoras, — a não ser nas grandes cerimonias, que exigiam vestidos de seda recamados de vidrilhos, leques enormes e *mitaines* de canhão comprido, — eram simples no trajar: — saias rodadas, com babados; batas amplas, com rendas de bico; botinas de cano alto, abotoadas lateralmente; nas costas um chale escuro e de franjas, dobrado triangularmente, ou um fichú azul ou cor de rosa; as tranças, abundantes, enroladas, formavam um *cócó* logo acima da nuca. As meninas, aos 14 annos, passavam a usar vestidos compridos e, antes disso, durante o periodo do vestido curto, usavam meias compridas e tinham os cabellos presos por uma “travéssinha”. Os garotos aos 10 annos, obrigatoriamente, deitavam calças compridas e, antes disso, era de apurado bom gosto a blusa com grande “revirão”. A indumentaria masculina cifrava-se em “parelhos” de alpaca ou brim, reservada a casemira para as grandes occasiões, em que sahiam das arcas as rabinas e os rodaques; para o tempo do frio, havia o *cavour* ou o chale-manta e para o verão o paletot de palha de seda. Ao paletot curto davam, pitorescamente, a denominação de “paletot de c. . . . em pé”.

ao paletot comprido chamavam “ópa”. As senhoras não usavam chapéus, senão quando em viagem; então, fosse a cavallo ou trolley e posteriormente, pela estrada de ferro, era da pragmática o chapéu, que, dado esse uso restricto, durava decadas, alcançava uma longevidade extraordinária, resistindo valentemente ao tempo e ás transformações que a moda operava nesse adorno feminino. Minha avó, lembro-me perfeitamente, era dona de um chapéu, que ella nunca dispensou nas suas viagens, quer tratasse de ir alli perto, ao Espirito Santo (Nuporanga), como a São Simão ou São Paulo, chapéu que, quando me entendi por gente, já contava dilatados annos de gloriosa existencia e que resistiu galhardamente ainda varios annos, uma fôrma indefinivel, que dava idéa daquella bacía que D. Quixote arvorára em elmo de Mambrino. Os homens de certa idade, os cavalheiros circumspectos, usavam chapéus de feltro de abas largas ou o de Chile, ficando para os mais novos os chapéus de abas curtas, a tres pancadas, e os de palhinha. Para as cerimoniaes, havia o chapéu de coco, que appellidavam de cartola, mas a cartola, de facto, nunca foi usada e talvez muita gente nem chegasse a conhecer essa peça de grande gala. As vovós, as sogras, as senhoras de idade avançada, na maioria dos casos, não perdoavam, em casa, o lenço á cabeça, á móda portugueza ou em fôrma de turbante, quando não o substituíam pelo chale. As crioulinhas, e não havia casa que não as tivesse, envergavam o classico riscado americano, descalça a maior parte dellas, baptisadas quasi todas por Maria ou Benedicta. O homem que deitasse bigode abaixo estava com a cotação irremediavelmente perdida; muitos deixavam crescer a barba, hirsuta ou em andó ou em passa-piolho, porque barba, proclamavam, era documento. Tinha mesmo vóga um annexim: — lagoa sem agua que peixe póde ter, homem sem barba que vergonha ha de ter! O cabello masculino era cortado á escovinha ou á meia-cabelleira, não havia brilhantina, mas gastava-se cosmetico, em cuja pronuncia substituiu-se o primeiro “c” por “g”. Muitas senhoras, as de idade sobretudo, e muitos homens deleitavam-se com as pitadas de rapé, sendo muito usado o rapé Paulo Cordeiro, vendido em “bótes” de papel estanhado, envolvidos em papel amarello com desenhos verdes (dois anjinhos carregando uma faixa, na qual era lido o nome do fabricante), e que os viciados conduziam em “hocetas” de chifre, de folha ou, para os mais ricos, de marfim; antes de abrir o precioso escritorio, batiam-no de encontro á mão, tomavam depois a narigada entre o indicador e o pollegar da direita, entupiam as ventas e por fim passavam cuidadosamente o lenço, limpando a ponta do nariz. Precursores do *rouge*, soffriam regular consumo o papel vermelho, humedecido á saliva, e o carmim, adquirido em pequenos vidros bojudos. O *baton* não teve predecessores. Moda agora desaparecida, — revelava distincção collocar artisticamente na face uma pequena pinta preta, feita com a cabeça de um alfinete, ennegrecida á chamma de uma véla ou de um phosphoro; á de uma lamparina, nunca: —

prejudicaria a péle. O cabelo das moças formava, junto ás orelhas, geitosamente, dois pontos de interrogação invertidos, o classico "pégarapaz" que depois passou para a testa. Perfumes poucos: — a agua flórida, na sua classica garrafinha esguia, e, artigo de luxo, o Patchuly; para aromatisar os cabellos, o oleo de Orisa, acondicionado em pequeno frasco, mettido numa caixa azul oitavada. Apenas isso.

Aos domingos e dias santos de guarda toda gente ia á missa. Das fazendas e sitios affluia gente aos magotes. A cidade tomava um aspecto festivo, que perdurava até a tarde. A's portas das casas de negocio ou amarrados nos coqueiros do largo da Matriz, alinhavam-se os cavallos e muares do pessoal da roça; em determinados pontos, os carros de bois, com os cabeçalhos para cima, emquanto os pobres ruminantes, livres das cangas, roiam pacificamente, alli por perto, a gramma que vicejava impunemente.

Na igreja, respeito absoluto. O silencio só era quebrado pelo ruido dos pés e farfalhar das saias, quando a assistencia se ajoelhava ou se levantava. Ninguem se conservava de pé, quando chegava o momento de se pôr de joelhos. As senhoras, quando não ajoelhadãs, sentavam-se no chão, de uma maneira especial, porque em tão priscas éras ninguem sonhava ainda com os bancos que hoje enchem o templo, para commodidade dos fieis. O elemento feminino occupava todo o corpo da igreja, com a criançada de permeio, indo o sexo barbado para a capella-mór. Nas résas, á noitinha, o mesmo respeito, a mesma ordem, a mesma separação dos sexos. Para as tribunas só iam os rapazes, que alli se mantinham com o maximo respeito, é verdade, o que, todavia, não os impedia de assestarem olhares furtivos ás pequenas que, em baixo, davam devotamente ás contas dos terços ou liam com devoção o livrinho de missa, santa tarefa que, de vez em quando, era interrompida, tambem muito devotamente, por força de uns olhares fugazes enviados para cima. Os moços mantinham linha impecavel, mesmo porque se se excedessem no namoro, abusando do sagrado recinto, o padre Joaquim não os perdoaria. A' hora do "santo" (*Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth...*), as campainhas tilintavam, os sinos repicavam, toda gente cahia genuflexa e, fóra da igreja, onde quer que fosse, os homens tiravam respeitosa-mente o chapéu. Assim tambem quando, nas résas, os sinos, bimbalhando festivos, annunciavam a bençam do Santissimo Sacramento: — onde estivessem, os homens se descobriam e assim se conservavam até que cessassem os repiques. Terminada a missa, corria a rapaziada para a frente da igreja, montando guarda á porta principal, á espera da passagem do mulherio, de modo a poder trocar sorrisos discretos com as pequenas. O namoro em taes tempos era o que havia de mais formalista, de mais serio; á moça só era permittido conversar com o moço na casa paterna, depois do noivado official, quando muito durante o officioso, e o moço, por muito atrevido que fosse, não ultrapassava os limites desses risos furtivos e desses olhares de car-

neirinho morto deitados á distancia. A's vezes havia "praça" á porta da igreja: — um devoto, no cumprimento de uma promessa, offerencia uma vitela, uma cabra, aves, cereaes. Não raras vezes appareciam diversas offerendas. E iam á licitação publica, leilão em miniatura, sem coretos e sem musicas, a cargo sempre de Antonio Pinto de Miranda, filho do velho Venancio, trançador da rua do Canto. O povo, que deivaxa a igreja, rodeava o pregoeiro, choviam os lances e a fabrica da Matriz apurava auxilio apreciavel.

Como temos visto, tudo quanto se relacionava com a religião, praticada com rigor, merecia, naquelle tempo, de toda gente, todo respeito. Haja vista a Ave-Maria. Todas as tardes, ás seis horas, o sino badalava as pancadas evocadoras da saudação angelica. Não sei explicar, mas havia um "que" de suavidade, alguma coisa de encantador, de poesia, naquelle toque vespertino, ecoando por aquellas colinas. Ouvindo-o, os homens se descobriam, reverentes, e as mulheres, persignando-se, murmuravam uma *Ave Maria gratia plena*. Aos sabbados e vespersas de dias santos, ao badalar da Ave-Maria, seguia uma serie de pancadas no sino, começando fortes para irem pouco a pouco amortecendo, annunciadoras da missa do dia seguinte. A' passagem das procissões, as casas ornamentavam-se, exhibindo, estendidas nas janellas, colchas finas de damasco e grandes toalhas rendadas, as familias espargiam flores e folhagem na rua, em profusão, e as senhoras que se encontravam ás janellas ajoelhavam-se constrictas quando passava o pallio. Da mesma maneira, os homens que, a se enfileirarem no prestito, preferiam aguardar, de cabeça descoberta e attitude impeccavel, a passagem da procissão nas esquinas: — quando o pallio por elles passava, dobravam o joelho e inclinavam a cabeça.

Entretanto, esse respeito consagrado ás coisas da religião não obstava que a molecada se valesse da noite de sexta feira santa para o sabbado da alleluia para suas proezas. Acabadas as cerimoniaes, recolhidas as familias, sahia o bando a praticar das suas, removendo taboletas de pharmacias para vendas, as das vendas para as padarias, arrastando vehiculos para pontos distantes, transportando objectos que encontravam á mão de uma casa para outra bem afastada. Certo anno atulharam a ponte estreita da rua do Castello de trastes e vehiculos e continuavam na faina, quando o sargento do destacamento, com meia duzia de soldados ("cabeças seccas" eram chamados), entendeu de lhes dar em cima, no largo das Dores. Pilhados de surpresa, deitaram a correr, ladeira abaixo, mas foram esbarrar na trincheira erguida na ponte, cahindo na ratoeira que elles proprios haviam armado. E a brincadeira, essa noite, terminou na cadeia.

O sabbado da alleluia era consagrado ao Judas, para alegria da guryxada. Os bonecos appareciam pendurados nos coqueiros do largo da Matriz e em postes erguidos nas esquinas. Familias eram conhecidas que se esmeravam na confecção desses bonecos, que desde as primeiras horas a criançada rodeava, namorando-os. E mal os sinos,

á hora do *Gloria in excelsis Dei* da missa, rompiam as alleluias, os garotos, num vozerio ensurdecedor, malhavam os judas, cujos restos arrastavam pelas ruas, triumphalmente, como trophéus. Não faltava um malvado para collocar, dentro do boneco, uma casa de vespas e era então de ver a correria da meninada.

Nesse sabbado, costumavam, aproveitando a boa fé de um simplorio, mandal-o á procura da chave da alleluia. Ia o pobre diabo á casa de um, que por sua vez o encaminhava á de outro, este mandava-o adiante, e o coitado percorria meia cidade, sem achar a procurada chave, até que, estropeado, voltava ao ponto de partida, mostrando a inutilidade do seu trabalho. Tambem nesse dia apparecia o testamento do Judas, papelucho rabiscado a lapis ou tinta, mettendo á bulha pessoas da localidade, uns com algum espirito, mas na maioria pouco recommendaveis e assejados, muitas vezes pornographicos, verdadeiros pasquins.

No Natal era de velha usança pedir festas, as senhoras só o podiam fazer aos homens e estes áquellas. E a ninguem era licito deixar de attender esse pedido, no Anno Bom, sob pena de passar por um refniado "ridico". As senhoras enviavam aos homens camisas, lenços, bengalas; estes áquellas, córtes de vestidos, sabonetes, peças de rendas. Recebidas as festas, cumpria, ao que as recebia, mandar os "Reis": — era a retribuição.

Era coisa commum, em certas casas, resarem o "terço", em determinados dias, diante do oratorio, com assistencia da familia e de vizinhos. Apontavam-se pessoas peritas em "puxar o terço": — o Firmianinho (Firmiano Braga), o velho Daniel (Daniel Joaquim de Oliveira), o capitão Camillo (Camillo Ferreira de Menezes), e outros. Na igreja do Rosario, agora desaparecida, o terço era resado todas as sextas-feiras. Na Matriz, de vez em quando, havia o exercicio da *Via Sacra* e, não poucas vezes, "faziam estação", uma résa em que todos ficavam com os braços abertos, numa postura sobremodo incommoda.

Se fallecia alguma pessoa, os vizinhos acudiam sollicitos, auxiliando e confortando a familia. Os praticos em "levar defunto" desempenhavam-se sem perda de tempo dessa tarefa, atirando depois a agua na rua, pois não convinha atiral-a no quintal; vestiam o corpo e levavam-no para a sala da frente, numa marquezinha, até que chegasse o caixão, que um armador pressuroso e improvisado preparava. E acorriam as pessoas amigas e os inveterados nesse mister, para "fazer quarto". A' noite, resavam o terço e a ladainha de Nossa Senhora, substituido o "ora pro nobis" por "orae por elle ou ella", conforme o sexo do fallecido. Na cidade, offereciam a essas pessoas caridosas, de quando em quando, café com biscoutos; nos bairros, era o "quentão", sendo facil de avaliar o que seriam as madrugadas desses "quartos".

As esmolas eram dadas aos sabbados e consistiam num "corenta"

ou “cobre”, moeda, como já disse, de 40 réis, o que representava alguma coisa naquelles bons annos. Batia o “pobre” á porta e pedia, em voz chorósa: — “Uma esmola p’r’o amor de Deus!” Recebido o obulo, que ninguem negava, era fórmula obrigatoria o agradecimento: — “Deus lhe ajude”, ao que se devia responder com um “Amen”. Existiam “pobres” conhecidos, estimados, popularissimos: — o João Correia, o Braga, o Goyano, o Floriano Imbigudo, a Joaquina (irmã do Floriano), a Sinhanna Céga, o Zé Pedro, o Zé Cria-tura, o Joaquim Pessoa, o Bêia, outros mais, muitos delles “macute-nas”, corroidos pela morphéa.

Diversões, poucas. Os bailes familiares começavam cedo, ás 8 da noite, e como não houvesse pianos nem orchestra, eram obrigados a banda de musica ou sanfona, sendo conhecidos habilissimos sanfonistas, como o João Pedro da Silva, o filho Janguinho, e a Benjamina, uma cabocla alta, desengonçada, feia como um dia de jejum. Dansava-se com toda compostura, de modo muito differente do de hoje, em que a approximação dos corpos é nórmã e o requebro é tudo. As contradansas mais antigas eram as valsas rodadas, as polkas, as mazurkas, as quadrilhas e os lanceiros; mais tarde chegaram, — grande novidade, — as valsas americanas, as polkas militares, os schot-tischs, as habaneras. Chamavam-se essas musicas *Varsoviana, Casta diva, Sobre as ondas, Gato preto, Minha esperança, Cahir das folhas, Quanto dóe uma saudade, Coalhada, Beijo ás escuras, Ao som dos beijos, Sonho de noiva*, etc. As quadrilhas, no *high-life*, eram marcadas á franceza, mas entre a gente modesta eram á nossa moda, ou á moda della: — “passa aqui beija-flor”, “caminho da roça”, “róda”, “dama no centro”, “miudinho”. Os bailes não familiares eram conhecidos como “fusos” ou “bailes syphiliticos”, ahi não havia banda de musica mas realejo, daquelles de “rôlos”, ou “caixas de musica”, quando não era um moleque habilidoso que improvisava instrumento musical com um pente e papel de seda. Todos entravam á farta no maxixe, dança cujo nome era sufficiente para collocar em tremuras as mães de familia. As mulheres da vida alegre eram, por essas matronas, olhadas com certo receio. Tinham ellas alcunhas extravagantes: — Gato preto, Anninha Carra, Estrella, Sapateira, Pimentinha, Pulga, Pintadinha, Especial, Pépé, Cambotinha, Bádica, Pingo do i, Sarrandy. Eram conhecidas com “raparigas”; os rapazes, porem, chamavam-nas “côcos” e “córtes” á casa que ellas habitavam.

Os bailes, em qualquer sociedade ou zona, tinham um intervalo, para a mesa de chá, e muito raramente excediam das duas horas da madrugada. Quer nos bailes *chics*, como nos de gente humilde, o cavalheiro ia, todo mesuras, “tirar” a dama e, terminada a contradansa, conduzia-a gentilmente, pelo braço, á respectiva cadeira, agradecendo-lhe a honra concedida; mas, se a dama recusava, ou melhor, se lhe “dava taboa”, o cavalheiro cuidava de se raspar da sala, para não servir de alvo á zombaria das moças. Era claro que nenhuma o

accettaria mais para aquella contradansa, pois nenhuma concordaria em ser "resto".

As familias reuniam-se, amiudadas vezes, ora aqui, ora alli, em interessantes entretenimentos, como fossem os jogos de prendas, nestes dias de vertiginosidade e americanismos absolutamente em desuso. Entre esses jogos, destacavam-se: — o *Cahir no poço*, no qual a pessoa escalada, isolada numa das extremidades da sala, gemia "ai-ai", perguntando-lhe o director do jogo "o que tens?"; "cahi no poço", respondia, inquiriam "quantas braças?" e ella informava "tantas braças"; por fim indagavam "quem quer que lhe tire?", era então citada a pessoa escolhida para tiral-a do poço e que neste a substituiu. A *Caixinha dos tres desejos*, em que o "sentenciado", dirigindo-se ao director do jogo, annunciava: — "Aqui vae a caixinha dos tres desejos", e, como este perguntasse o que continha ella, respondia: — "amar, querer e aborrecer", seguindo-se o interrogatorio: — "a quem ama?", "F.", respondia, inclinando para esse a cabeça, num cumprimento; "a quem quer?", "X." e apertava-lhe a mão; "a quem aborrece?", "Z." e dava-lhe um abraço, indo Z. para o logar. O *Senhor São Roque*, cujo "sentenciado" era collocado no centro da sala, indo cada um dos jogadores, por sua vez, ajoelhar-se diante delles, affirmando: — "Eu vos adoro, São Roque, sem rir nem chorar", indo substituir o São Roque aquelle que não sustivesse o riso ás suas caretas e gatimanhos. A *Minha bocca*, que obrigava o sentenciado a percorrer a sala, indagando: — "Se minha bocca fosse uma bandeja que você punha nella?", informando cada qual aquillo que poria, uma fruta, uma flor, um beijo. O *Manoel da Hora*, constringendo o "sentenciado" a dar um pulinho diante de cada um dos presentes, perguntando: "Viste, seu Manoel da Hora, o pulinho que eu dei agora?", continuando a pular e perguntar emquanto o outro não respondesse affirmativamente. O *Lampeão de esquina*, em que cada jogador collocava o "sentenciado", plantado no meio da sala, em posições extravagantes. O *Espelho*, que consistia em repetir o "sentenciado", igualmente collocado no meio da sala, todos os movimentos de cada jogador, que ia mirar-se ao espelho. A *Berlinda*, o mais popular, em que o director do jogo inquiria de cada um, em voz baixa, porque o "sentenciado" estava na berlinda, transmittindo depois áquelle, em voz alta, as respostas obtidas, indo para a berlinda o autor da resposta escolhida. A *Minha barquinha*, no qual cada um ficava com uma letra do alphabeto e, á pergunta do director do jogo: — "Aqui vae a minha barquinha carregada de..." — daria rapidamente o nome de uma flor, uma fruta, um objecto qualquer, cuja inicial fosse a letra que lhe tocára.

Nesses serões eram tambem muito communs as adivinhações, "adivinhas" diziam, quando não charadas, daquellas antigas. Jóga p'ra cima é prata, cae no chão é ouro, — propunha um, e a resposta era "ovo". Quatro esteios e uma telha, — era a de outro, "tatú" a

decifração. Apresentava aquelle: — igreja de barro, sachristão de pau, muita gente miuda tocando berimbau, — ou fossem a panella, a colher de pau e o feijão. Ainda esta: — anda o dia inteiro e só deixa dois rastros: — o carro de bois. E' capim não é capim, é vara não é vara; resposta: — capivara. Ainda outra: — doente que não morre, remedio que não mata; resposta: saracura. Outro propunha: — tem olhos e não vê, tem escamas e não é peixe, tem corôa e não é rei, tem pé e não anda, — era "abacaxi". Havia as perguntas humoristicas, talvez um pouco mais que humoristicas, como fosse esta: — Era não era, andava lavrando, nasceu sem pelle e morreu cantando. E, posta a adivinhação, davam o conceito: — Não tem alma nem espirito, quando nasce dá um grito. Contavam que o doutor José Feliciano Ferreira da Rosa, *habitué* dessas reuniões, era uma negação absoluta para quebra-cabeças e não havia força humana que o fizesse metter o dente na mais simples adivinhação. Certa tarde propuzeram-lhe uma: — O que é? O que é? Tanto de "ra" como de "to"; conceito: come queijo. E como elle não atinasse com o X, facilitaram-lhe mais a tarefa: — se lhe apertarem o rabinho, elle guincha *chuim, chuim*. E o doutor José Feliciano, radiante: — E' leitão!...

Da sala, não poucas vezes passavam para o pateo, — ou terreiro, segundo expressão local, — e ahi, ao invés de jogos de prendas, eram as rodas. As rodas constituíam tambem, nessa época, o divertimento preferido das crianças, das meninas sobretudo. O mais popular desses brinquedos era o *Sá-anja*: — as meninas formavam a ródá, dando-se as mãos, e no meio uma dellas com os olhos vendados. Punham-se a girar, cantando:

*Sá anja, sá anja,
Coberta de ouro e prata,
Descubra o seu rosto
Que eu quero ver a prata.*

A menina do meio perguntava, cantando na mesma música:

*Que anjos são estes
Que andam por aqui?
De dia e de noite,
A' ródá de mim.*

Respondiam as outras:

*Somos filhas de um rei
E netas de um conde,
Que manda que se esconde
Debaixo de uma ponte.*

Acocoravam-se todas, a do meio ia, tacteando, até tocar a cabeça de uma, a quem cumpria substituí-la. Depois do *Sá-anja*, era o *Suru-pango* o mais popular, tambem em roda:

*Surupango da vingança,
Toda gente passará.
Lavadeira faz assim,
Faz assim, assim também.*

E esfregavam os vestidos, imitando as lavadeiras. Depois, “faziam assim, assim também” as engommadeiras, as cosinheiras, as costureiras, as namoradeiras, etc. Gostavam também e muito da *Viuvinha*:

*Eu sou uma viuvinha
Das bandas de alem,
Quero me casar,
Não acho com quem.*

Entoavam as outras:

*Casa commigo,
Serei seu bem.*

E a viuvinha escolhia:

*Com esta não,
Com esta quero,
Que é do meu coração.*

De outras vezes, reuniam-se todas as meninas, com uma dellas á frente, fazendo de mãe. Approximava-se uma segunda e cantava:

*Senhor rei mandou pedir
Uma filha dessas suas.*

A mãe, zelosa, replicava:

*Eu não dou as minhas filhas
Nem p'r'o ouro nem p'r'a prata,
Nem p'r'o sangue da mulata.*

Cantava o mensageiro:

*Vinha vindo tão contente,
E vou voltando tão triste.*

Condoía-se a mãe:

*Volta, volta, cavalheiro,
Escolhei a que quizer.*

E elle promptamente escolhia:

*Quero esta, quero aquella,
Vestidinha de amarello.*

Havia o brinquedo das fitas. Uma era a dona do negocio, outra o

comprador e as demais as fitas, tomando, em segredo, cada uma dellas uma cor. Batia a comprador á porta:

— “Oh de casa!”

— “Que é que quer?” — perguntava a lojista.

— “Quero fita.”

— “De que cor?”

— “Azul.”

Se havia fita com essa cor, lá ia a menina com o comprador; senão, voltava este com as mãos abanando. E assim proseguiam, até que fossem levadas todas as fitas. Outra brincadeira interessante era uma em que as meninas, dispostas em grupo, cantavam, enquanto uma dellas se approximava:

*Quem é aquella mocinha
Que vem lá tão longe?
Perto de nossa terra,
Mujirão tão tão.*

A que se approximava ia batendo de leve nos hombros de cada uma, enquanto cantava:

*Eu ando por aqui,
Por aqui assim,
A' procura de uma agulha
Que eu aqui perdi.*

E as outras retrucavam:

*Menina, oh menina,
Vae dizer para seu pae
Que a agulha que se perde
Não se acha mais.*

As *Angolinhas* obrigavam as crianças a sentarem-se no chão, juntando os pés, que uma dellas se punha a contar, tocando-os com o dedo, enquanto dizia:

*Uma, duas angolinhas,
Finca o pé na pampolinha.
O rapaz que o jogo faz,
Faz o jogo do capão.
Pinta bem Manoel Leão,
Pinta bem que sete são,
Arrecolha esse pésinho
Na conchinha de uma mão!*

O pé, no qual a menina tocava ao pronunciar a palavra “mão”, era recolhido e continuava o brinquedo, até que todos os pés estivessem recolhidos. Outro brinquedo, que, como as *Angolinhas*, não era de roda, mas muito apreciado pelas crianças, era o do *Joãosinho do Car-*

mo: — formavam uma cadeia, em linha recta. A criança collocada na extremidade esquerda estabelecia dialogo com a da direita:

- “Olá, meu compadre?”
- “Que é lá, meu compadre?”
- “Quantos porcos queimou no anno?”
- “Vinte e um queimados.”
- “Quem queimou?”
- “Joãosinho do Carmo.”
- “Tem uma corda que me empreste?”
- “Tenho, mas está suja de titica de gallinha.”
- “Vamos ver se arrebenta?”
- “Vamos”.

E faziam força, até que se desfizesse a cadeia. Na *Bella Pastora*, uma das meninas se distanciava e as demais, reunidas, cantavam:

*No alto daquella montanha
Se avistou uma bella pastora,
Que dizia em sua linguagem
Que queria se casar.
Bella pastora, entrae na roda,
Para ver como se dansa,
Uma volta, volta e meia,
Abraçae o seu amor.*

A pastora chegava, abraçava uma dellas e o seu amor ia ser, por sua vez, a bella pastora. O *Pique* e a *Maria Congueira* eram brinquedos parecidos. O *pique* era o ponto onde uma das crianças se collocava, com as mãos espalmadas encobrindo o rosto, indo esconder-se as demais; uma vez escondidas, gritavam “prompto!”. A que estava no *pique* sahia á procura e a que fosse apanhada ia substituil-a. Na *Maria Congueira* a criança ficava junto de uma parede ou de um muro, com as costas voltadas para as companheiras; uma dellas batia-lhe umas palmadas, dizendo:

*Maria Congueira,
Bate na bunda
Vae esconder!*

Corriam a occultar-se e, decorrido algum tempo, a destacada deixava o seu canto e ia procural-as, indo para seu logar a que se deixasse agarrar. O *Tempo será* não deixava de ser uma variante tambem do *Pique*, com uma differença: — a do canto não voltava as costas nem tapava os olhos. As outras cantavam, ou melhor, gritavam:

*Tempo será,
E' de mim có-có,
Laranja da China,
Tabaco em pó.*

*Garça que te péga,
Não é capaz,
E se pegar
Não torna mais.*

A do *pique* partia então a correr, no encalço das demais, que se esforçavam por chegar livremente áquelle local, pois a que fosse apanhada iria substituir a perseguidora. Outra diversão muito commum era a *Cabra-céga*: — vendavam os olhos a uma das participantes do brinquedo, disseminavam-se as outras em torno e uma dellas interrogava:

— “Cabra céga, de onde você veio?”

— “Do morro vermelho.”

— “Que é que me trouxe?”

— “Cravo e canella.”

— “Me dá um bocadinho?”

— “Não chega nem p'r'o meu netinho.”

Batiam-lhe na mão e mandavam:

— “Procura quem te deu.”

Debandada. A cabra céga sahia, ás tontas, dando encontrões, até agarrar alguém, cuja pena era tomar-lhe a venda. Brincavam também de *Grillo*: — collocavam-se em fila, a um de fundo, menos uma, que interrogava a collocada na frente:

— “Onde está o grillo?”

— “Está lá atrás”, — respondia a interrogada.

A interrogante corria para segurar a ultima da fila, mas esta cuidava de safar-se, correndo pelo outro lado, para collocar-se na frente. E a pergunta ia sendo repetida, até que pudesse segurar uma menos. Em outras occasiões, reuniam-se num recanto do pateo, umá dellas sentava-se e perguntava ás outras, em pé, formando semi-circulo:

— “Bento que bento?”

— “Frade!” — respondiam as outras, em coro.

— “Na bocca do forno?”

— “Forno!”

— “Tirar um bolo?”

— “Bolo!”

— “Tudo que seu mestre mandar?”

— “Faremos todos.”

Então a que estava sentada ordenava que fossem fazer isso ou aquillo, partindo todas velozmente, e a que chegasse em derradeiro logar apanhava um bolo. Outras vezes, uma dellas contava a historia do *Foronfonféia*, que as crianças achavam de uma graça infinita:

— “Um velho foronfonféio casou com uma velha foronfonféia. E a velha foronfonféia disse ao velho foronfonféio: — Velho foronfonféio vá á casa foronfonfása do Chico foronfonfíco e diga á velha foronfonféia...” e assim por diante.

As mais espertas pregavam partidas ás menos avisadas, que “cahiam na esparréla”. Sem falar no brinquedo do *Vôa*:

— “Andorinha vôa?”

E todas, ao redor, erguiam o indicador e respondiam a *uma voce*:

— “Vôa!”

— “Urubú vôa?”

— “Vôa!”

— “Cachorro vôa?”

— “Vôa!” — respondiam as desavisadas.

Uma dellas pedia licença para contar uma historia e, obtida a permissão, principiava:

— “Havia tres mulheres que subiram a uma arvore: — a de cima chamava-se Vicencia, a do meio Laurencia e a de baixo Gaudencia. Vai a Vicencia mijou na bocca da Laurencia, a Laurencia mijou na bocca da Gaudencia e a Gaudencia mijou na bocca de quem deu licença.”

Ou então era recommendado, ás mais tolinhas, que a tudo respondessem “eu tambem” e começavam:

— “Fui andando p'r'um caminho.”

— “Eu tambem.”

— “Encontrei uma porcada.”

— “Eu tambem.”

— “Trepei numa arvore.”

— “Eu tambem.”

— “C...ei lá de cima.”

— “Eu tambem.”

— “Os porcos comeram.”

— “Eu tambem.”

Quando não era a *Vacca amarella*:

— “Era não era, no tempo da guerra, uma vacca amarella pulou a janella, c...ou na panella, tres mexeram, quatro lamberam, quem falar primeiro come tudo!”

E ninguem abria o bico, com receio da surriada: — *comeu!* *comeu!*...

A criançada miuda, de pernas bambas para as ródas e correrias, entretinha-se em ouvir historias, que as vovós e as mães pretas sabiam contar. As avós contavam historias e as negras “causos”, mas afinal ia tudo dar no mesmo. Era a *Bella e a Féra*, historia complicada de um pae de tres filhas, de uma rosa muito bonita e de um bicho repellente; era o *João co'a Maria*, erradios na matta, furtando bolinhos de uma velha feiticeira; era o *Menino da matta*, mais o valente cão *Piloto*; era o *Chapéusinho vermelho*, que o lobo queria comer; era o *Pedro Malazarte*, enterrando os rabos dos porcos no brejo; era a do *Sapo e o Urubú*, indo a um baile no céu, o primeiro escondido dentro da viôla do segundo; era o *João Bobo*, furando com um pau as panellas de barro; era o *Gato de botas*, mais o seu dono,

o marquez de Carabá; era a *Gata borrarheira*, com o seu sapatinho *mignon*; era a das *Tres cidras*, com a enteada enterrada viva e que cantava, embaixo da terra:

*Jardineiro de meu pae,
Não me córte meu cabelo...*

Quando não ouviam essas historias da carochinha ou do arco da velha, que as embeveciam horas a fio, entretinham-se em brinquedos proprios da sua idade e que as avósinhas ou as pagens lhes proporcionavam, como o do toucinho: — tomavam a mãosinha aberta do petiz e, tocando com o indicador o meio da palma, perguntavam:

- “Onde está o toucinho que estava aqui?”
- “O gato comeu”, — respondia o pequeno.
- “Onde está o gato?”
- “Foi p'r'o matto”.
- “Onde está o matto?”
- “O fogo queimou.”
- “Onde está o fogo?”
- “A agua apagou.”
- “Onde está a agua?”
- “O boi bebeu.”
- “Onde está o boi?”
- “Está carreando trigo.”
- “Onde está o trigo?”
- “A gallinha espalhou.”
- “Onde está a gallinha?”
- “Está botando ovo.”
- “Onde está o vovo?”
- “O frade bebeu.”
- “Onde está o frade?”
- “Está dizendo missa.”
- “Onde está a missa?”
- “Está no seu altar.”
- “Onde está o altar?”
- “Está no seu logar.”

E começavam a tactear-lhe o bracinho acima, provocando-lhe risos, ao mesmo tempo que diziam:

— “Lá vae o gatinho atraz do ratinho...”

Quando não era assim, cuidavam de montar nos joelhos da avósinha ou da mãe preta, cantando:

*Bango balango,
Senhor capitão,
Espada na cinta,
Alfinete na mão.*

Quando não era o serrador:

*Serra, serra, serrador,
Deixa o paço p'r'o falador.*

Havia também o *Sermão de São Coelho*: — collocavam o pequeno sobre um movel e declamavam:

*Sermão de São Coelho,
Com seu barrete vermelho,
A espada de cortiça
Para matar a carriça.
A carriça deu um berro
Que toda gente espantou.
Uma velha pariu um gato,
Embrulhado num sapato,
Para mandar de presente
P'ra seu capitão Vicente.*

A pessoa abria os braços e a criancinha atirava-se nelles.

As moças, quando se reuniam, nos seus costumados e deliciosos cavacos, apreciavam muito, o *disparate*: — uma folha de papel pautado, dobrada em quatro partes; na primeira uma dellas escrevia, em cada linha, o nome de u'a moça; na segunda, outra escrevia um verbo qualquer, — beijando, amando, conversando, também em cada linha; na terceira, outra escrevia um nome de rapaz em cada linha e, finalmente, na quarta outra escrevia o nome de um logar, — sala, rua, igreja, — mas isso de modo que uma não lesse o que as outras escrevessem. E surgia o disparate: — *Maricota beijando Alfredo na cozinha*.

Em familia, com a adhesão de pessoas amigas, não era raro o jogo da bisca e assim também o da vispora, com as suas expressões proprias: — *dois patinhos na lagoa* (n.º 22), *olhos do Padre Eterno* (88), *dois machados* (77), *honra e gloria* (29), *conta de porco* (1), *nas ventas* (90). Entre os homens, era mais commum a banca do *sólo*, quando não uma *queda de truque*, barulhento e pitoresco:

- “Eu me chamo Rodrigo, como leite e não mastigo!”
- “Eu me chamo Salvador, pego e não dou!”
- “Reboque de igreja velha!”
- “Caco de cuia!”
- “Guardanapo de soldado!”
- “Toma seis, papudo!”

Os baptisados só muito raramente davam ensejo a festas; na grande maioria dos casos eram celebrados na intimidade, entre paes, padrinhos e parentes. Além do padrinho, havia duas madrinhas: — a madrinha de representar, que era a madrinha propriamente dita, levando o neophyto á pia, resando o *Credo* e tendo o nome averbado nos assentamentos parochiaes, e a madrinha de apresentar, que nada

mais era que a pessoa incumbida de carregar a criança durante o acto, passando-a á verdadeira madrinha na occasião do celebrante derramar a agua na pobre cabecinha. A madrinha de apresentar era sempre uma menina da familia ou uma preta da casa, escrava ou serviçal da estima da familia. O mais interessante é que essa madrinha passava a ser tratada como comadre e o afilhado ficava na obrigação de lhe beijar a mão.

O theatro occupava, no escasso capitulo das diversões, posição de relevo, merecendo, desde os primeiros dias da povoação, decidida predilecção por parte dos moradores. Ou eram companhias de fóra ou amadores da terra. Fui, durante não poucos annos, amator dramatico, como fóra meu pae e havia sido meu avô. A principio eram as tragedias pavorosas: — a *Ignez de Castro*, por exemplo. Mais tarde os dramalhões de capa e espada, chamados “da escola antiga”, como *Os dois renegados*, *O homem da mascara negra*, *O captivo de Fez*, *A pobre das ruinas*, o *Affonso III*, o *Alvaro de Abranches*, *Os sete infantes de Lara*. Mais tarde ainda, surgiram os dramas modernos, hoje classificados entre reliquias veneraveis; assim o *Luxo e vaidade*, a *Probidade*, *O Condemnado*, o *Modelo Vivo*, a *Calunnia* e as comedias de França Junior. O theatro não possuia mobiliario, quer nos camarotes, como na platéa. Um terço desta, na parte de traz, era occupado por uns bancos compridos, de madeira e que eram as “geraes”. Os espectadores tinham que levar as cadeiras. Meia hora antes do inicio do espectáculo, começavam a chegar moleques carregando, na cabeça, uma cadeira ás avessas e, penduradas nas quatro pernas dessa, outras tantas cadeiras. E terminada a funcção, era a mobilia conduzida de novo, á cabeça dos moleques, acompanhando os espectadores. As senhoras gostavam muito dos dramas sentimentaes, que faziam “a gente chorar”. E ensopavam de facto os lenços ás tiradas melodramaticas do tyrano ou ás supplicas da ingenua chlorotica. O espectáculo começava invariavelmente ás 8 da noite e raras vezes terminava antes da meia noite. A’s sete e meia a banda de musica sahia da respectiva séde, num dobrado marcial, percorria as principaes ruas e tocava para o theatro, a cuja porta, desde a tardinha, eram queimados alguns rojões. Os intervallos eram compridos, notadamente quando tinham que “mudar as vistas”. Durante essas interrupções, as senhoras entretinham-se em conversas com as vizinhas de camarotes, as crianças se besuntavam de doces e os homens iam para o saguão, para palestrar e fumar. Antes de subir o panno para cada acto, a banda de musica, collocada junto á ribalta, desfardelava uma “peça de harmonia” ou uma valsa chorosa. Subindo o panno, os homens se descobriam e ai daquelle que, por distracção, não o fizesse: — a casa quasi ia abaixo, aos berros de *péo-péo*. Assim tambem, se, terminada a peça musical, o panno demorava em ser erguido, os espectadores começavam a martelar o soalho com as bengalas e os pés, batendo uniformemente — *pan, pan, pan - pan, pan,*

pan, pan. O panno não subia nem descia sem dois apitos, dados pelo “ponto”: — o primeiro era a “prevenção”, para que o homem do panno ficasse attento; o segundo era a “execução”, para que elle mettesse o muque ás cordas. E quando gostava da representação, a assistencia chamava os interpretes ao proscenio, gritando estentoricamente: — *Scena! Scena!*...

O carnaval, — que tambem marcava época e tinha bailes de mascaradas, dos quaes as familias não participavam, mas iam apreciar, de camarote, pois eram realisados no theatro, — apresentava, como principal attractivo, a tróca de flores: — sahia o “bando” (hoje dizemos prestito) á rua, levando á frente um grupo numeroso de cavalleiros fantasiados, munidos de flores de papel ou panno, propondo, ás senhoras e senhoritas que se debruçavam ás janellas:

— “Tróca flor... tróca flor...”

Semanas antes do triduo da alegria ia pelas casas da cidade uma grande azafama, empenhando-se todos na confecção das flores para serem permutadas e tambem no preparo esmerado das laranjinhas de cheiro, feitas com cera derretida, numa fôrma de madeira. Era usada tambem uma pequena bisnaga, mais ou menos semelhante aos tubos de pasta dentifricia destes dias, mas que não superava a laranjinha, que sempre teve extraordinario consumo, travando-se ás vezes renhidas batalhas, as senhoritas nas janellas, os rapazes no meio da rua. Os bailes carnavalescos de antanho atrahiam as traviatas de todos os naipes, de todos os coturnos, envergando fantasias berrantes, disparatadas, quasi todas de um incrível mau gosto. Os rapazes já taludos cahiam decididamente na folia, e muito homem casado tambem, mascarados já se vê, enquanto os filhos-familia contentavam-se em espiar de longe, com agua na bocca. Porque as familias alli estavam, enchendo os camarotes, montando guarda e apreciando as dansas, que por isso mesmo não descambavam para o exagero.

Excellente divertimento, mas de especie bem diversa, eram, sem duvida alguma, as eleições. Antes da lei Saraiva, eram ellas em dois turnos: — a “carneirada” (os votantes) elegia os eleitores da parochia e estes, nas épocas prefixadas, elegiam os deputados geraes e provinciaes e os camaristas locais. Depois da lei que tomou o nome do procer bahiano, as eleições foram directas. Eram realisadas nas igrejas, num flagrante desrespeito a local tão sagrado. Em Batataes as secções funcionavam na Matriz e no Rosario, mas o logar, santo muito embora, não era obstaculo para que, numa ou outra occasião, surgissem altercações, rugas, palavões, quando não verdadeiros “arranca-rabos”. Cada facção sahia a cabalar o eleitordo, pela cidade, pelos bairros, pelas roças distantes. Havia “cabos” consumados nesse mister de arrebanhar o povinho para o exercicio sacratissimo de sua soberania (a ironia dos nomes). E o eleitorado, numa disciplina nunca vista, convergia em massa para as igrejas, mettido em roupas de ver Deus, apertadas as “lanchas” formidaveis em botinas de elastico, 42

para cima. Installava cada grupo sua “casa do boi”. A “casa do boi” era a casa onde o partido punha á disposição de seus adeptos mesa farta e continuada; alli a caipirada encontrava tudo, do bom e do melhor, para comer e beber, e só esse regalo compensava de sóbra a vinda á “villa” e o sacrificio inaudito do calçado. Alguns mais experts comiam por dois carrinhos, iam a todas as “casas do boi”, tomavam barrigadas, apanhavam indigestões e bebedeiras, recebiam cédulas de todos e por fim “emprenhavam a chapa” como lhes dêsse na veneta, cumprindo o santissimo dever civico, que para elles não passava de uma grande patuscada. Os chefões e chefetes, nesses dias memoraveis, andavam numa lufa-lufa fatigante e, tempos depois, quando appareceram os trollys, corriam de um lado para o outro, empoleirados nessas carruagens que, então, representavam o que havia de mais confortavel em materia de transporte.

O jury constituia egualmente um acontecimento notavel na vida pacata da cidade. Reunido de tres em tres mezes, abalava o logarejo e seus arredores. Conheciam-se com antecedencia os réus que iriam “sentar no banquinho”, os que pela certa iriam “tomar fazenda”, os que mereciam “ir p’ra rua”. Havia jurados “criminalistas”, que davam tudo pela condemnação do pobre diabo que lhes ia ás garras. Promotores houve que deixaram fama, como o doutor Canuto (Joaquim Canuto de Figueiredo Junior) e o doutor Freirinho (Augusto Freire da Silva Juior). Defensores, da mesma fórma. Meu avô, o velho José Umbelino Fernandes, deixou fama de valoroso tribuno. Tambem Antonio Augusto (Antonio Augusto Lopes de Oliveira), Antonio Jacintho (Antonio Jacintho Lopes de Oliveira), Firmianinho (Firmiano Braga). A’s vezes appareciam advogados de fóra. O jurado que não “cahia no quarto”, não arredava pé e ficava “chocando” a leitura do processo e os discursos inflammados da accusação e da defesa.

As viagens para as localidades visinhas, não ligadas por estrada de ferro, — Espirito Santo (Nuporanga), Matto Grosso (Altinopolis), Chapéu (Morro Agudo), Ilha Grande (Jardinopolis), Cuscuzeiro (Santo Antonio da Alegria) e outros, — eram realisadas a cavallo, trolly ou carro de bois. Levava-se a “matúla”, farnel dos mais fartos, no qual occupava maior espaço o classico “virado de gallinha”. Existiam pontos conhecidos de parada para o almoço, onde os viajantes desciam, comiam e descansavam, quasi sempre á sombra de um capão, com boa agua. Na estrada de Espirito Santo havia um capão a meio caminho, onde toda gente portava, para a refeição ou, quando não o fosse, para um pequeno repouso. As senhoras montavam em silhão e não dispensavam a amazona, ampla, esvoaçante, e quasi todas eram eximias cavalleiras. Os homens levavam os meninos á garupa e as meninas ao cóllo, sobre o “Santo Antonio” do sellim. Quando de trolly, occupavam o “assento grande”, o “banquinho” em frente e o logar ao lado do “bolieiro”, empilhadas as malas na “tra-

zeira". Em carros de bois, — uns carros agigantados na largura, no comprimento e na altura, de grandes rodas (rodeiras) ferradas, chidores, intoleráveis, gastando um dia quasi para fazer duas ou tres leguas, puxados por quatro ou cinco juntas de bois lerdos, que dois homens, um á frente (o candieiro) e outro junto ao cabeçalho da "mesa do carro", conduziam á força da "vara de ferrão", — iam todos e tudo de cambulhada, gente e bagagem. Os carros, para taes excursões, eram cobertos e protegidos por "esteiras" de taquara, amparadas pelos "fueiros", e para subir era indispensavel o auxilio de uma pequena escada ou de uma cadeira. Davam ás mulheres conduzidas nesses carros o nome de "aboboras".

Se alguém seguia para São Paulo embarcava invariavelmente ás tres horas da tarde, porque só havia um trem "para baixo", o expresso, com pernoite forçado em Ribeirão Preto, onde chegava quasi ás seis. O viajante era acompanhado á *gare* por todos os amigos, que lhe desejavam feliz viagem e proximo regresso e faziam um mundo de encommendas, porque naquella época, que tão distante vae, São Paulo era a Europa. E não era qualquer um que podia ir "para baixo", gosar o que era bom e apreciar o que era bonito: — o theatro São José do largo Municipal, a Ilha dos Amores, o "canudo" do Jardim da Luz, a fonte do largo do Palacio, a Ponte Grande, a Sé, o mercado e o mercadinho, as confeitarias que vendiam sorvetes, o Café Terraço, o Café Java, o Café Americano, os Banhos da Sereia, os bondes, os carros cobertos, quanta coisa!... Oito dias antes começavam as despedidas: — "no dia tal vou para baixo", "não quer nada para São Paulo?" Se o viajante levava a familia, era sabido, entre a bagagem figurava um bahú de folha de Flandres, cheio de doces caseiros, pois na Capital não havia daquillo e as crianças podiam extranhar. O viajante era logo notado, na plataforma, pelo guarda-pó de palha de seda, pelo gorro da mesma fazenda e pela "patrona" a tiracolo. Para muitos era de bom conselho e mesmo de bom tom usar, na viagem, *pince-nez* de vidros enfumaçados com um trancelim preto, que passava por traz da orelha direita. Para proteger os olhos contra o pó da estrada e as fagulhas expellidas pela locomotiva, diziam, mas não passava de um movimento innocente de vaidade, pois ficavam "parecendo doutor". A noite em Ribeirão Preto era passada num dos hoteis daquelle tempo, entre a estação e o ribeirão, espaço hoje tomado por um jardim: — o *Hotel da Estação*, o *Hotel d'Oeste Minas e Goyaz*, o *Hotel Nacional*. Ficavam assim a dois passos da estação, pois o trem para São Paulo partia ás 5 da madrugada. Durante a permanencia na Capital, eram cartas sobre cartas, aos parentes e aos amigos, transmittindo impressões, dando conta de encommendas. Ao regressar, o itinerante era aguardado, na estação, pelos parentes e amigos: abraços, commentarios, perguntas; formava-se extensa fila

de trollys, conduzindo o recém-chegado á casa. E começavam as visitas dos que não haviam podido ir á estação.

Na época propria, — outubro e novembro, — abalavam-se quasi todos para “ir ás frutas”. “Ir ás frutas” queria dizer: — ir chupar jaboticabas. Tanto se ia ás frutas no matto, onde as jaboticabas eram maiores e mais saborosas, embora as arvores de mais difficil escalada, como numa chacara dos arredores ou mesmo num quintal do centro. Os mais precavidos, para evitar possiveis complicações no dia immediato, obrigando-os á famosa “ajuda”, quando não ao azeite doce e ao talo de couve, enguliam as cascas das tres primeiras jaboticabas chupadas, remedio, afiançavam, de grande efficacia e que permittiam que engulissem sem receio os caroços todos.

Os hoteis, um ou dois, chamavam os hospedes, para as refeições ou para o café da manhã, do meio dia ou da noite, a fortes toques de campainha. E o povo conhecia o hotel pelo som da campainha e pelo modo de tangel-a: — a Dona Clara (Clara Escobar Mendes) está chamando para o almoço, o Pedro (Pedro Mascagni) já poz o jantar na mesa.

As padarias, duas apenas, forneciam duas qualidades de pães: — o “d’agua” e o “sovado”. Mais tarde appareceu uma terceira qualidade, o “folhado”, doce, dando alcunha ao seu introductor, o italiano José Drosghi, que ficou sendo o “Zé do Pão Folhado”. Mansueto Orsolini, homem muito estimado, foi o primeiro padeiro estabelecido em Batataes, com serviço de distribuição domiciliar mais ou menos organizado, chegando depois o Zézinho Padeiro (José Ribeiro), que tambem gosou de grande estima.

Dentista não havia, pois só em 1885, mais ou menos, o Domingos Dentista (Domingos José Pereira) alli fixou residencia. Havia curiosos, que arrancavam dentes a poder de barbante ou de vareta de guarda-chuva. Por isso, periodicamente, alli appareciam dentistas de São Paulo, que ganhavam bom dinheiro, trabalhando nas casas onde seus serviços eram reclamados. Um deixou nome, Alberto Naxãra, que se impoz como excellente collega do Tiradentes.

Tambem não havia “retratistas” (photographos) profissionaes, embora houvesse amadores, como o Neca do Carmo (coronel Manoel Theodolindo do Carmo), e dahi a razão por que, como os dentistas, os photographos por lá surgiam, de certo em certo tempo, com suas machinas e suas chapas, e todo mundo se retratava. Ficaram populares alli os photographos João Passig, Francisco Passig e Emilio Travers.

O leite era vendido em latas, cuja tampa era a medida para esse commercio. Mais tarde passou a ser vendido em garrafas, substituida a rolha por um pedaço de sabugo, e conduzidas em carrinhos. Os leiteiros costumavam vender antecipadamente uns cartões ou vales, correspondendo cada um a uma garrafa, entregando cada freguez, ao distribuidor, tantos cartões quantas as garrafas desejadas. O leite era

puro, purissimo e pagão, porque naquelles tempos não existia ainda o baptismo, agora tão commum nas leiterias e usinas.

A carne de vacca não era, então, artigo de venda diaria: — apenas uns tantos dias por semana. E quando havia carne, o açougueiro assoprava fortemente, pela madrugada, uma busina de caça, avisando a freguezia.

O serviço de abastecimento d'agua consistiu, durante algum tempo, num pequeno rego que vinha do Capão, serpeando pela cidade, atravessando as ruas em "bicas" cobertas, de madeira, e os quintaes a descoberto. E' facil de imaginar a pureza dessa agua, que, aliás, servia apenas a uma parte da cidade. Cada casa tinha direito a um "anel" ou "dedal", especie de penna d'agua, um rego menor, derivado do "rego mestre", e que conduzia a agua que passava através de um furo em fórma de anel, aberto numa pequena prancha, e cujas sobras corriam para a rua. Desapparecido esse systema de canalisação d'agua, augmentou o numero de poços nos quintaes e que tomavam o nome de "cisternas", fechados por um "caixão" de madeira, encimado por um "sarilho", especie de roldana, no qual se enrolava a corda que fazia descer e subir o balde. Em casa, para o uso diario, a agua era conservada em "potes", talhas bojudas, sem torneiras, collocados em banquetas, a um canto da cozinha, tirando-se a agua por meio de um "coco", caneca mais ou menos espherica com cabo longo.

As donas de casa faziam velas, empregando cebo, e sabão para lavar roupas, preto, em bolás, fabricando-os com "decoada". O sabonete ia "de fóra", em barras coloridas e perfumadas, — de alface, de coco ou de glicerina. A lenha era vendida em carros de bois, carga formidavel que dava para o consumo de mezes; troncos enormes, que, descarregados, formavam verdadeiras montanhas junto aos portões. Chegavam depois os "rachadores", que recolhiam e rachavam aquella lenha toda, a troco de seis "cobres" (240 réis).

Sempre houve costureiras em Batataes, mas nem por isso as senhoras deixaram de coser em casa. Todas possuíam sua machina de costura, "de mão" ou "de pé". Tenho ainda vaga recordação da antiga róca, de madeira, onde fiavam á moda antiga, apparelho singelo que, pouco tempo depois, desaparecia por completo. Vi, varias vezes, nos meus primeiros annos, uma vizinha nossa, a velha Sinhanna Ignez, fiar desse modo, com grande destreza. Alem da costura, as senhoras, senhoritas e meninas dedicavam suas horas vagas ao *crochet*, ao crivo, ao bordado. A roupa branca, lavada e passada em casa, era guardada nas "caixas", arcas de madeira, pesadas e resistentes, collocada de permeio alguma herva aromatica. Mais tarde appareceram as "canastras" e "canastrinhas", de madeira, revestidas de couro, pintadas de preto, com arabescos feitos a taxinha amarella, revestidas internamente de papel de cor, sem que, todavia, esse apparecimento acarretasse o desaparecimento das velhas arcas.

Quasi todas as senhoras aproveitavam a noite para se deleitarem

com a leitura de romances, figurando como autores predilectos, em primeira plana, o famoso Henrique Perez Escrich e, depois, Alexandre Dumas, Joaquim Manoel de Macedo, Xavier de Montepin, Camillo Castello Branco, Julio Diniz. Havia quem lesse Paulo de Kock e o nosso Bernardo Guimarães era conhecido de muitas. E sabiam esses romances na ponta da lingua, de cór e salteado, repetindo seguidamente, umas ás outras, suas passagens capitaes. E eram favoritos *O Martyr do Golgotha, Anjos da Terra, A Mulher Adultera, Casaca Azul, Conde de Monte Christo, A Mão do Finado, Duas Dianas, Tres Mosqueteiros, Dramas Modernos, Rocamboles, Amor de Perdição, Amor de Salvação, Doida do Candal, As Mulheres de Mantilha, Anna Bolena, Morgadinha dos Canaviaes, Moço Loiro, Retrato de Ricardina, O Ermitão de Muquem, Irmã Anna, O Homem dos tres calções...*

Rara seria a moça que abrisse mão de um exemplar do *Diccionario das Flores*, folheto de 0,13 por 0,08, continuamente compulsado e por muitas decorado de fio a pavio, de sessenta e poucas paginas e ostentando este frontespicio:

DICCIONARIO
E
LINGUAGEM DAS FLORES
DAS CORES
DAS PEDRAS PRECIOSAS

com a lista alphabetica das suas significações;
a loteria, o jogo das finezas;
o oraculo das flores; a loteria e o telegrapho
do amor;
e varias poesias sobre o mesmo assumpto.

*São as plantas humildes as que
produzem as mais bellas flores.*
M. de M.

Quinta Edição augmentada
RIO DE JANEIRO

Publicada e á venda em casa de
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT
Rua da Quitanda, 77

O exemplar que tenho em mãos, dessa preciosidade litteraria, foi adquirida por parente meu em 1873, conforme annotação feita na capa, e traz interessante "prefacio" de quasi tres paginas, no qual ha

trechos assim: — “Nenhumas afeições porem exprime a linguagem das flores com maior energia que as procedentes do AMOR”. Ha tambem versos attribuidos a Schiller, de traducção anonyma:

*Do amor a felicidade
Vos cantão plumeos cantores,
Rouxinões, sylphides bellos,
E outros vossos amadores,*

e as definições do dictionario podem ser julgadas por estas, colhidas ao acaso:

Abacate	Traição
Abobora	Esperança vã
Abobora d'agua	Queres?
Abobora menina	Jurei ser tua
Alho	Fogo de amor
Angelica branca	Sem amor não ha ventura' ou prazer
Bacopary	Basta por hoje
Banana de São Thomé...	Languidez
Banana da terra	Antipathia
Batata doce branca.....	Beijos de amor
Cará barbado	Repulsa
Côco da Bahia	Não sejas ingrato
Jasmim miudo	Paixão
Laranja boceta	Antes que venha alguem
Mamão	Dansei toda a noite
Melancia	Deixa isso para a noite
Nabo	Não me faltes
Pepino	Fazer acinte
Pimentão verde	Amas a todos
Sempre-viva amarella ...	Hei de amar-te até morrer
Xuxú	Ha novidade na casa

A segunda parte comprehende as “palavras que são representadas por flores, folhas, fructos, hervas, raizes, etc., para facilitar a composição de um recado amoroso.” Como exemplos, estas:

Aproveita o tempo	Banana maçã grande
E's o meu bem	Figos passados
Já não pôsso mais	Lyrío escarlata
Mais se aperta o doce nó.	Jaboticaba

O valioso e encantador livrinho não esclarece se a jaboticaba que aperta o doce nó é com caroço ou sem elle...

Depois as cores, “significado das principaes côres, cuja mistura ou conjuncto indica os varios sentimentos que cada uma representa de “per si”, após o que offerece o livrinho uma “exposição das varias pedras preciosas com a designação do mez a que estão consagradas,

e cujos emblemas são mais geralmente reconhecidos: ella poderia dar uma idéa de sua engenhosa linguagem e facilitar sua applicação." Encerram a obra os "jogos". Em primeiro logar, as "finezas das flores", recommendando o autor: — "Primeiramente se devem arranjar trinta flores diversas, e guardarem-se em uma boceta para quando se quizerem fazer estas sortes." A "Loteria das Flores ou Novo Jogo para Divertimento das Senhoras" constitue a parte a seguir, seguida de sua vez pelo "Oraculo das Flores", segundo o qual pôde ser adivinhado o "estado do futuro esposo", esclarecendo o *Diccionario*:

Ja'smim	Desembargador
Resedá	Professor
Malva	Medico
Rosa	Negociante
Cravo	Bacharel

E assim por diante. Finalmente, a "Loteria do Amor". Conheci novas edições dessa maravilha, corrigidas e augmentadas, accrescidas da "linguagem do lenço", da "linguagem do relógio" e outras muitas "linguagens". Imaginemos agora, fazendo uso do *Diccionario*, uma senhorita a offerecer, ao eleito de seu coração, um côco da Bahia para censurar a ingratição do rapaz, ou este, numa jura fremente, enviando á pequena uma abobora menina, quando não dêsse para manifestar-lhe seu calor amoroso por intermedio de uma réstea de alho...

As cosinhas nunca deixavam de estar abarrotadas de caçarolas de ferro batido com cabos longos, de panelas enormes com tres pequenos pés e duas pequenas alças, de gamelas e gamelinhas de madeira, acompanhadas das respectivas colheres de pau, de espetos de pau ou de ferro, de chaleiras que eram verdadeiras caldeiras, destinadas a ferver a agua para o banho, e de chaleirinhas para a agua do café, de chocolateiras de folha, de cafeteiras de varios typos, de uma profusão de canecas de todos os feitios, da taboa, do rôlo e da carretilha para a massa dos pasteis, de peneiras de varios typos, desde a grossa para "abandar feijão" á fina para o "fubá mimoso", de taxos grandes e pequenos, de lavandeiras, de caldeirões, grelhas e "escumadeiras". O commodo destinado á cosinha, nos fundos do predio, era commumente de terra batida, "de chão", muito raramente "atijolado". O fogão, de tijolos ou de terra socada, era enorme e occupava o centro do commodo, chapa comprida, de ferro, com muitos buracos. O fogo era permanente, da madrugada, pois o feijão ia para o lume ás cinco da manhã, até a noite. Ninguem cuidava de fazer economia de lenha, que havia com fartura e pouco custava. A cosinheira, geralmente preta ou mulata, tinha ás suas ordens uma ou mais auxiliares, meninas da mesma cor, as crioulinhas mencionadas em outro topico, e ao redor orchestravam desafinadamente, miando e ladrando na disputa dos ossos e das "muxibas", os gatinhos da casa, — o *Xíningo*, o *Bichano*, o *Xanico*, o *Romão*, — e os cachorrinhos de estimação, em

sua maioria legitimos vira-latas, fraldiqueiros dos mais réles, o que, entretanto, não impedia que fossem o *Brinquinho*, o *Totó*, o *Cravo*, o *Jasmim*, o *Bembem*, o *Capucho*.

Os quintaes, em quasi todas as residencias, fechados por muros de "taipa", eram em grande parte tomados por arvores fructiferas: — laranjeiras (laranja "lisa", laranja "cascuda", laranja "ilhôa", laranja "crava"), pecegueiros (pecego "amarello" e o "salta-caroco"), marmelleiros, jaboticabeiras, as mangueiras sobretudo. Não faltavam igualmente as parreiras, com seus "giráus" extensos, os mamoeiros, as "touceiras" de bananeiras (banana ouro, prata, da terra, maçã, caiena, de São Thomé) e as latadas de maracujá. A's vezes até cafeeiros (os "cafezeiros"). Jardins, nem sempre. Na maioria das residencias, os "pés de flores" confundiam-se com o arvored. E nos poucos jardins, occupando parte dos quintaes, ao fundo e nunca á frente das casas, sobressahiam as roseiras, o "brilho de estudante", a "espirradeira", o "beijo", os cravos e cravinas, as dhalias, as "auroras", plantados ao léo. E de mistura hortelã, arruda, babosa, poejo, herva cidreira, funcho, melindro.

No tocante a "expressões populares" correntes naquelle tempo, muita cousa me foi possivel recolher, material talvez para alentado volume, mas que para outra oportunidade ficará. Comtudo, não me furto a respigar, mais a titulo de curiosidade, alguns dos proverbios que corriam naquelles ditos dias, em sua grande parte desconhecidos completamente da gente destes nossos dias:

- 1) A honra é de quem recebe e não de quem dá.
- 2) Casamento deve ser falado e feito.
- 3) Dor de barriga não dá uma vez só.
- 4) Sacco vasio não pára em pé.
- 5) Criança não tem querer.
- 6) Pão ou pães são *opiniões*.
- 7) Pancada de amor não dóe.
- 8) Nhambú de tanto fazer força ficou sem rabo.
- 9) Mal de uns, consolo de outros.
- 10) Bobo é ovo, põe na mesa não chega p'r'o povo.
- 11) O lóro não larga da caçamba.
- 12) Cala a bocca já morreu, quem manda agora sou eu.
- 13) Escorrega e cae, levanta e sae.
- 14) Tempo de guerra, chapéu na terra.
- 15) Quem não tem o que dá faz do c... castiçal.
- 16) Quem dorme com criança amanhece mijado.
- 17) Bocca falou, bunda pagou.
- 18) Deus quando não mata, castiga.
- 19) Chuva que troveja não vem.
- 20) Por causa do santo a gente beija o altar.
- 21) Quem não tem dinheiro faz do c... candieiro.

- 22) Flor no peito, burro perfeito.
- 23) Gato não cae deitado.
- 24) Emquanto eu corro meu pae tem filho.
- 25) Panella que todos mexem vira angú.
- 26) João Gouveia, sapato sem meia.
- 27) Chove chuva choverá, quem estiver na casa alheia, que vergonha não será.
- 28) Nada é peixe, quando come não me deixa.
- 29) Mede largo e corta estreito
- 30) Ninguem morre na vespera.
- 31) Gallinha que cantou, botou.
- 32) Quem se aluga a São Miguel não senta a hora que quer.
- 33) Encommenda sem dinheiro fica no Rio de Janeiro.
- 34) Gallinha gorda, seu Bispo vem.
- 35) Impossivel é Deus peccar.
- 36) Quando a esmola é demais o santo desconfia.
- 37) Quem vae bater leva sacco.
- 38) Quem dá e torna a tomar vira cacunda debaixo do mar.
- 39) Nem todo dia é dia santo.
- 40) Café sem bucha meu boi não puxa.
- 41) Quem corre cansa.
- 42) Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.
- 43) Perdido por mil que seja por mil e quinhentos.
- 44) Quem casa com caipira vive sempre lambendo embira.
- 45) Quem casa com hespanhol dorme na cama sem lençol.
- 46) Quem casa com italiano come macarrão todo anno.
- 47) Quem casa com boticario, anda com a seringa e o mais necessario.
- 48) Vergonha é roubar e não poder carregar.
- 49) Filho de gambá é raposa.
- 50) Dar na cangalha para o burro entender.
- 51) Quem tem bocca não manda assoprar.
- 53) Gato ruivo do que usa cuida.
- 54) O comer e o gostar está no começar.
- 55) Defunto não engeita cóva.
- 56) Mulher não casa com carrapato porque não sabe qual é o macho.
- 57) O melhor da festa é esperar por ella.
- 58) Cachorro magro enche a barriga e sáe sacudindo o rabo.
- 59) Ha muita garrafa de zurrapa com rotulo de vinho fino.
- 60) Quando a gente está infeliz cae de costas e quebra o nariz.
- 61) Quem tem tempo faz a colher de pau e bórda o cabo.
- 62) Quem tem quem chore morre todo dia.
- 63) Quem tem padrinho não morre pagão.
- 64) Quem tem nojo morre fedendo.
- 65) Quem não gosta come *mais pouco*.
- 66) Para quem não quer tem muito.

- 67) Sujeito é negro de padre.
- 68) O que não mata engorda.
- 69) O que os olhos não vêem coração não sente.
- 70) Boi morto vacca é.
- 71) Cachorro rabricó não passa' pinguéla.
- 72) Quem quer a moça anda com o pé e a bolsa.
- 73) Viuva rica com um olho chóra, com o outro repica.
- 74) Doce sem queijo é abraço sem beijo.
- 75) Cadeia não foi feita p'ra cachorro.
- 76) Camarada é boi de carro.
- 77) Macaco de luva é signal de chuva.
- 78) O que é de raça caça.
- 79) Praga de urubú não mata beija-flor.
- 80) Cavallo dado não se olha o dente.
- 81) Quem nunca comeu melado quando come se lambusa.
- 82) Cavallo velho não toma passo.
- 83) Boi sonso fura cerca.
- 84) Dar dóe, chorar faz ranho.
- 85) Mulher e cachaça em toda a parte se acha.
- 86) Quem não arrisca' não petisca.
- 87) Birimbau não é gaita.
- 88) Urina de padre não é santos-oleos.
- 89) Rapariga é mulher de soldado.
- 90) Barata lambe e assópra.
- 91) Barriga cheia, o feijão tem bicho.
- 92) Burro carregado de livros é doutor.
- 93) Quem tem rabo não fica no caminho.
- 94) Quem não póde comer a gallinha, bebe o caldo.
- 95) Bóde espirrou, faz bom tempo.
- 96) Em festa' de jacú não entra nhambú.
- 97) Pae fazendeiro, filho doutor.
- 98) A gallinha do visinho é mais gorda.
- 99) Cada um sabe de si e Deus de todos.
- 100) De demo a demo o diabo que escolha.

As crianças tinham igualmente expressões características, sendo que não poucas generalisaram-se, chegando até a tomar fóros de pro-verbios. Uma dessas phrases, applicada aos *Chicos*, era esta:

*Chico chicote,
Nariz de bodóque,
Vendeu sua mãe
Por um sacco de pelotas.*

Desejando fazer sentir a alguem que o assumpto não lhe interessava nem lhe cabia intrometter-se no caso, usavam desta:

*Não é da sua conta,
Seu nariz tem sete pontas,
Tira o pé,
Chupa na ponta.*

E mais algumas, tomadas a esmo:

*O debaixo é meu,
O de cima é do judeu.*

*Marcha soldado,
Cabeça de papel,
Se não marchar direito
Vae preso p'r'o quartel.*

*Fumaça p'ra lá,
Santinho p'ra cá.*

*Santa Clara,
Clareae e derramae.*

*Isto é chouriço
P'ra o dia de seu serviço.*

*Dona Chiquinha, mulher do perú,
Pito na bocca seringa no...*

*Dómino vobisco,
Teu pae é arisco.*

*Oremos,
Teu pae come torresmo.*

*Nove vez nove oitenta e um,
Sete caboclos, teu pae é um.*

*Moça bonita,
Dos olhos galantes,
Namora com geito,
Não toma quebranto.*

*Arco da velha,
Cordão de retroz,
Moça bonita
Não chega p'ra nós.*

*Antonico pé de mico,
Manoel pé de macaco,
Antonico pica fumo,
Manoel toma tabaco.*

—
*José prequeté,
Tira bicho do pé
P'ra tomar com café,
Na porta da Sé,
Com sua mulher.*

—
*Põe o pé no jacásinho,
Tira o pé do jacásinho.*

—
*Pé de pilão,
Carne secca com feijão.*

—
*Testo, panella,
Bolor, fedor,
Arrebenta o c...
De quem p...dou.*

—
*Pé de pato, pé de pinto,
Quem p...dou que vá p'os quintos.*

—
*Pito pitou,
Canudo rachou.*

—
*Paca, tatú,
Cotia não.*

Não será fóra de proposito lembrar umas tantas trovas populares, muito ao gosto da boa e santa gente daquellas eras que tão longe vão, cantigas que, conhecidas embora de todos e por todos repetidas, nunca perdiam o sabor. O *Oraúna*, por exemplo:

*Chó, chó, chó, oraúna,
Não deixa ninguem te pegar,
Oraúna!
Tenho dinheiro de prata,
Oraúna,
Para gastar có'as mulata,
Oraúna!
Tenho dinheiro de ouro,
Oraúna,
Para gastar có'as crioula,
Oraúna!*

*Chó, chó, chó, oraúna,
Não deixa ninguém te pegar!...*

Havia quem, em vez de *Oraúna*, dissése *Quizumba*...
Outros cantavam:

*Moça branca é prata fina,
Mulata é cordão de ouro,
O caboclo é cobre falso,
O negro é surrão de couro.*

Ou saham com esta:

*Eu fui chorar saudade
Debaixo dum pé de mandiôca,
Veio um passarinho e me disse:
Sae daqui seu sapiróca.*

Cumpre esclarecer: — sapiróca era a blepharite, applicando-se, por extensão, ao doente o nome estapafurdio da doença.
Surgiam, de quando em quando, os espirituócos:

*Menina, minha menina,
Da minha veneração,
Se você não me queria bem
P'ra que me emprestou sua égua?*

como havia tambem, em não pequena escala, os irreverentes:

*No alto daquelle morro
Tem um sino sem badalo,
Não pôsso olhar p'ra tua cara
Que não lembre de cavallo.*

*No alto daquella serra
Tem um buraco de tatú,
Passa gato, passa rato
No buraco do teu...*

*O papudo foi á misa
No cavallo serelépe,
O cavallo tropicou,
O papo roncou no estrépe.*

*Batata cosida,
Mingau de cará,
Batata d'Angola
Faz moça p..dar.*

*Pedro Segundo,
Todo fardado,*

*Na porta da venda
Brigou co' o soldado.*

*Atirei limão corrente
Por cima da sachristia,
Deu na caréca do padre,
Isso mesmo que eu queria.*

A *Maria Cachucha* era móda muito apreciada.

*Maria Cachucha
Com quem dormes tú?
Eu durmo sosinha,
Sem medo nenhum*

diziam os pés quebrados da versalhada, mas a irreverencia de muitos alterava o ultimo verso da quadra :

*Eu durmo sosinha
Com o dedo no...*

O patriotismo já, naquelle tempo, fazia vibrar a alma infantil e a petizada punha todo o garbo para cantar quadras como estas:

*Mamãe,
Vae chamar papae,
Que eu vou-me embora
Para o Paraguay.*

*Meu filho,
Tú és tão criança,
O que vaes fazer
No paiz de Francia?*

*Mamãe,
Eu sou brasileiro,
Basta só meu nome
Para ser guerreiro.*

Ou saudações entusiasticas, dirigidas a S. M. Imperial, o Senhor D. Pedro II:

*Monarcha excelso,
Do Brasil gloria,
Astro sublime
No céu da historia.*

Muitos, naquellas primeiras quadras, cantavam “No Pariz de França”...

Phrase velha em Batataes, naquelle tempo e por todos constantemente empregada, sempre que uma pessoa, por vaidade, alardeava o

proposito de adquirir algum objecto fóra do commum, coisa superior aos recursos de que sabidamente poderia dispor, era aquella — “Vá comprar no Roque” ou “Só comprando no Roque”. Roque era um preto velho, ferreiro antigo, homem muito popular e estimado na localidade, morador numa das travessas que ligam a actual praça João de Andrade á rua Duque de Caxias, a de cima. A phrase com toda certeza teve origem na reputação de que gosavam os trabalhos do velho ferreiro, habilissimo principalmente na fabricação de foices, sendo, por isso tudo, muito procurada a sua forja. Com o correr do tempo o uso daquella phrase alargou-se e, assim, por exemplo, se alguém andava á procura de noiva, fazendo, porem, questão de encontrar reunidos todos os predicados, — belleza, sympathia, fortuna, educação, — vinha logo o conselho: — fosse procurar no Roque.

Curioso tambem o que diz respeito ás alcunhas, quer populares como familiares, e não se me afigura fóra de proposito relembrar algumas. Muitas dellas, com o correr dos tempos, foram incorporadas, para todos os effeitos, aos nomes de familia: — Trovoada (Antonio Joaquim da Silva Trovoada), Dedéca (José Theodoro da Silva Dedéca), Quitóte (José Garcia de Toledo Quitote), Monzaca (José Monzaca de Andrade), Dédé (José Bernardes Dédé). Alcnhas havia originadas das profissões exercidas: — Chico Ourives, Chico Folheiro, Chico Fogueteiro, Chica Fogueteira, Chico Pião, Chico Carroceiro, Chico Ferreiro, Chico do Hotel, Zézinho Padeiro, Mestre Leonardo, Mestrinho, Juca Ferreiro, Zéca da Botica, Augusto Pintor, Vicente Barbeiro, Felipe Troleiro, João Escrivão, Cambista, Quincas Selleiro, Miguel Cervejeiro, Emygdio Pedreiro, Eduardo Alfaiate, Domingos Dentista, Joaquim Bumbeiro. Outras provinham do logar da residencia, como Candinho da Agua Quente, Candinho da Onça, João Cabaçal, Chico da Estiva, Antonio do Alto, Honorio da Ponte, Jeronyma da Onça, Sinhanninha da Jacutinga, Sinhasinha do São Pedro, — e outros da terra ou do estado de origem, como Bahianinha, Antonio Mineiro, Antonio Paulista, Antonio Turco, Miguel Turco, João Turco, Chico Hespanhol, Cuyabano, Joaquim Goyano, Zé Emboaba, Calabrez, Paraguaya, Boliviano. Tambem os defeitos phisicos davam egualmente motivo a alcunhas; assim é que encontrámos, naquelle tempo, Felipe Cambeta, Jeronymo Torto, Maria Cabelluda, Tortinho, João Gago, Pintinha, Jerominha Pépé, Sinhanna Doida, Pintadinha, Carrinho Surdo, João Cansado, Sinhanna Céga, Zé Bichento, Manquinho. Outros, e ninguem atinava por que cargas d'agua, deviam ás alcunhas á zoologia: — Periquito, Guariba, Sá Peixe, Joaquim Veado, Gabriel Gato, João Capivara, Pato Tonto, Camillo Bagre, Curiango, Zé Capado, Saracura. Muitos eram designados e conhecidos pelos postos militares, que a velha Guarda fornecia, e com essa designação passaram á posteridade; assim o Capitão Andrade, o Coronel Pereira, o Capitão Chico, o Capitão Mendes, o Capitão Minzé, o Tenente (Joaquim Alves da Costa), o Sargento, o Capitão Felicis-

simo, o Major Felipe, o Alferes Magalhães, o Capitão Camillo, o Capitão Evaristo, o Capitão Jucóta. Havia ainda os que tomavam os nomes das pessoas com quem conviviam ou das quaes dependiam: — o Sebastião do Padre, o Tonico do Zelino, o José do Manoel Soares, o Joaquim da Candinha, a Sá Chica do Morato, o Adão do Chico de Arantes, o Antonio Quita, o Quincas da Martins, o Benedicto Pacca, o João do Custodio. Os typos populares tomavam appellidos exquisitos: — João Viola, Zé Capão, João Sem Bucha, Mombuca, João Abbade, Berra Mandinga, Pau de Fumo, Imperador, Sinhanna do Céu, João Pernambuco, Major, Antonio Maroto, Mutambo. E alcunhas havia cuja origem ninguem decifrava; nesse ról estão Maria Fubá, Zé Ferro, Paturéba, João Chumbo, Xanico, Manoel Broa, Brel, Chico Setenta, Chica Cabeça, Macóta, Zé Derrama, Bitá, Pedro Rico, Ernesto Carretão, Camucica, Gabriel Durso, Chico Durso, Juca Branco, Tatuca, Patarata, Rabo Grosso, Chico Triste, Viduca, Capiau, Tia Nhá, Tia Géia, Tio Bury, Zé Tabaco, Tatão, Zé Gabé, Lazinho, Matrica, João Barranqueiro, Zé Patacuada, Luiz Pintado, Cabocio, Mitra, Catuto, Badulaque.

Eram tambem creados feminimos para com elles, serem designadas as esposas ou filhas de determinadas pessoas: — Cardósa-Cardoso; Ribeira-Ribeiro; Benjamina-Benjamim; Frederica-Frederico; Loba-Lobo; Mattósa-Mattoso; Carvalha-Carvalho; Elóya-Eloy. As “Marias” eram Mariquinha, Mariquita, Mariinha, Maricota, Maricas, Mariasinha, Cóta, Cótinha, Tóta ou Tótinha. Os “Josés” eram Juca, Juquinha, Jucóta, Juquita, Izé, Zé, Zézé, Zézinho, Zézito, Zéca, Zezéca, Zequinha, Zezico, Zequitóte, Zito, Cozéca, Bijuca. Os “João” eram Janga, Janjão, Joãosinho, Joãosito, Jangota, Janguta, Janguinho. Os “Joaquins” eram Quincas, Quim-Quim, Quimzinho, Quim, Quita, Quimzote ou Joaquiinsinho. Os “Antonios” eram Tonico, Toniquinho, Totonio, Antonico, Antoninho, Antoniosinho, Tótó ou Totico. Os “Manoéis” eram Manéco, Néco, Néca, Manoelsinho, Manecão, Manequinho, Mané, Manduca. Os “Gabrieis” eram Bié, Biésinho, e as “Gabrielas” Biéla. Os “Luizes” eram Luizinho, Lulú, Lula, emquanto as “Luizas” eram Luizinha, Luizita ou Lulú. Os “Franciscos” eram Chico, Chicó, Chiquinho, Chiquito, Chicão, Chichico, assim como as “Franciscas” eram Chica, Chicá, Chiquinha, Chiquita, Chiquitinha, Chiconá, Chicóta, Chichica. As “Annas” eram Annica, Anninha, Nelinha, Nelica, Annita, Ninica, Nhaninha, Nita, Santanninha, Donanna, Sinhanna, Sinhaninha, Nicota. Os “Bentos” não passavam de Bentinhos. As “Josephas” eram Zéfa, Zéfina, Fifinha. Os “Pedros” eram Pedroca, Pedrinho, Pedrão. Os “Candidos” eram Candinho, Candóca, Candio. As “Marias da Conceição” eram Ceição, as “das Dores” eram Dasdô, as “Apparecidas” Cida ou Cidinha, e as “de Lourdes” Delourde. E os “Sebastiões” eram Bastião, Tião, Tiãosinho. E, alem desses, eram muito communs Nenês, Nhonhês, Nhôs, Sinhás, Sinhôs, Dodôs, Dadás, Sinhásinhas, Filhinhas, Filhi-

nhos, Dindinhas, Didis, Santinhas, Mimis, Lolósas, Mulatas, Milócas, Betícas, Cecys, Tutas, Dicos, Yayás, Nenesinhos e outros muitos, que no momento não me acodem á memoria.

Agora, para fecho destas reminiscencias, a escola, a velha escola, a escola de antanho. As escolas publicas da Provincia de São Paulo eram destinadas, segundo resavam os regulamentos promulgados e seus regimentos, ao ensino primario gratuito, alem da cultura moral das crianças “e adultos” que estivessem no caso de frequental-as. As lições sobre todas as materias deveriam ser mais empiricas do que theoreticas, e devia o modo do ensino regular-se pelo numero de alumnos e pela natureza da materia que servisse de objecto, considerando os dirigentes do ensino o “mixto” em geral como mais recommendavel. Havia dois periodos de ferias: — as de inverno, de 9 de junho a 7 de Julho, e as finaes, de 8 de dezembro a 6 de janeiro, interrompido o exercicio escolar nos domingos e dias santos, nos dias de festa nacional, no entrudo, na quarta-feira de cinzas, na semana santa, no dia de finados e no dia 26 de fevereiro. As crianças, não sei porque, sentiam pavor da escola e entre lagrimas viam chegar o dia fatidico em que teriam de ir sentar no banco duro. Vigorava, é verdade, o regimem da “Santa Luzia”, palmatoria de cinco furos, como tambem era imposto o castigo de joelhos, bastantes para gerar aquelle medo indizivel da garotada. Mas, manda a justiça proclamar, aprendia-se, pelo menos a ler, escrever e contar. O professor era severo, mas não era carrasco. Pelo contrario, era bom, dedicava-se com alma á causa do ensino, devotando-se inteiramente ao seu ministerio. Os paes auxiliavam-no no lar, induzindo os filhos á obediencia, ao respeito, á disciplina, prestigiando sempre o mestre-escola. Se o filho chegava da escola queixando-se de haver sido castigado, ouvia por cima um sermão e isso porque, se o mestre o castigára, fizera-o em seu beneficio e porque elle errara e merecera a pena. Os bons não seriam, jamais, castigados. Contavam uma passagem de minha avó e que não me furto em consignar: — o caçula da casa, filho por quem ella nunca escondera sua predilecção, voltára da escola desfeito em pranto, porque fôra castigado.

— “Coitadinho de meu filho! — exclamou a velha. Vou te fazer um bolo muito gostoso!...”

Desse modo apoiado, o garoto ficou, sem duvida, radiante e esperou, para se consolar inteiramente, o promettido doce. Algum tempo depois a velha collocava, numa salva, appetitoso bolo, no qual o rapaz deitou olhos cubiçósos, e ordenou:

— “Pega este bolo e vae levar ao teu mestre, em agradecimento do castigo que te applicou...”

O rapaz não tugiou nem mugiu. Muito desenxabido, foi cumprir a ordem, porque sabia muito bem o que lhe succederia se não o fizesse.

Não eram, *in illo tempore*, conhecidos os actuaes methodos analyticos e confusos. Começava-se pela carta do ABC e passava-se á do

AEIOU. Pegava-se depois o B-A-BÃ, que a criaçãda lia em voz alta:

*B-a-bá, b-é-bé, b-i-bi, b-ó-bó, b-u-bu,
C-a-cá, c-ó-có, c-u-cu,
D-a-dá, d-e-dé, d-i-di, d-ó-dó, d-u-du, etc.*

A carta do B-A-BÃ era substituida pela “carta de nome”: — uma serie de nomes proprios, em ordem alphabetica e que o alumno trazia decoradinha:

Antonio, Antão, Amaro, Amaranite.

Assim preparado, o alumno entrava no “livro primeiro”, ou fosse o primeiro livro de leitura, da autoria, como todos os outros, de Abilia Cesar Borges, Barão de Macahubas, e no qual havia lições como esta:

*Ai, ai,
Que tens tu?
Dor no pé.
E' bem mau!
Quem vem lá?
E' meu tio!*

Ao primeiro seguia o “livro segundo”, cujo começo eram uns versinhos, que principavam assim:

*Quando eu era pequenino,
Que nem sabia falar,
Minha mãe já me ensinava
A Deus do céu adorar.*

Vinham depois, em typos gordos, a historia de um menino que, desejando fugir á escola, convidava, para brincar, um cão, uma formiga e uma abelha; a da “pequena pada de pão”; a do pae que comparava a má companhia ao carvão; a do bandido que não poude matar o viajante porque a chuva inutilisara a polvora, e outras mais. Por fim o “livro terceiro”, com historias de Mungo-Park, versos de Gonçalves Dias e noções de sciencias physicas e naturaes. Quando no segundo livro de leitura, os alumnos estudavam tambem a “carta de fóra”, que nada mais era que cartas obtidas pelo professor em casas commerciaes, e que familiarisavam as crianças com a letra manuscripta. Apta para taes leituras, recebia a criança o “manuscripto”, compendio de letra manuscripta, quasi sempre os primeiros cantos dos *Luziadas*. E por isso era constante ouvir um pirlhalho papaguear, sem saber o que estava dizendo:

As armas e os barões assignalados

ou

Estava linda Ignez posta em socego.

Havia também a “cartilha”, pequeno tomo de 0,12 x 0,08, mais ou menos, reunindo principios de religião e moral, e era illustrado com uma pagina de figurinhas, uma para cada letra do alphabeto e que a criança conhecia de cór: — A, arvore; B, boi, C, casa; D, dado; E, espelho; F, flor; G, gato; H, homem; J, jarro; K, kagado; L, livro; e terminando em Z, zodiaco. Terminado o terceiro livro, o alumno entrava na grammatica, também do Barão de Macahubas, — pois a do velho Coruja já era tida como antiquada —, e a meninada era forçada a decoral-a, lição por lição, para repetir tudo, ao mestre, tim-tim por tim-tim. O ensino da arithmetica começava pela taboada, um folheto que ainda hoje é encontrado, de Barker, ou uma folha de papel, riscada e rabiscada pelo professor. A taboada era decorada em voz alta, como que cantada, por todos os alumnos em cór: — “duas vezes um dois, duas vezes dois quatro, duas vezes tres seis, duas vezes quatro oito, duas vezes cinco dez, noveç fóra um, á regra de dez vae um”. Não havia problemas, mas havia contas, cada conta de arrepiar, com a prova dos noveç, que era a unica então conhecida. Aos sabbados era a argumentação. Argumentar taboada era a sombra implaccavel, o pavoroso espectro a perseguir a garotada, assim como uma recapitulação ou sabbatina, entre os alumnos, e aquelle que errava apanhava, sem remissão, um bolo do que o corrigira. O ensino da calligraphia comprehendia tres typos de letras: — bastardo, bastardinho e cursivo, — letra graúda, média e miuda. Começava-se pelo bastardo, umas letras espichadas que tomavam duas linhas, maiusculas todas, para terminar no cursivo. E quando o alumno estava habilitado, devam-lhe, para copiar, os “traslados”, umas folhas avulsas, impressas, contendo sentenças como esta:

*Amar a liberdade,
Aborrecer a escravidão,
Querer o bem da Patria,
E' o dever do cidadão!*

Quando não “pensamentos” deste teôr:

Amizade de meninos é como agua em cestinhos.

As aulas tinham inicio ás 9 da manhã, para serem encerradas ás 2 da tarde. Não havia cantos nem filas, na estrada como na sahida. Os alumnos entravam á medida que iam chegando, occupavam seus logres e, quando soava a hora regimental, o professor sentava-se á sua mesinha e dava começo aos trabalhos escolares; á sahida, findas as aulas, era obrigatoria a despedida: — “Até amanhã, *seu* mestre, ou *sá* mestre”, conforme o caso. Quando alguem queria saber de uma criança como ia na escola, a resposta não seria outra: — “Ainda estou na carta de nome”, ou “Estou no livro segundo”, ou ainda “Já estou na grammatica”. Os exames finaes eram presididos pelo inspector

literario, que escolhia dois examinadores, e realizados sem festas ou estardalhaço. A unica festa escolar era a da primeira communhão, preparando o professor os alumnos que ainda não tinham ido á sagrada mesa, levando-os, nas vespervas do dia ajustado, ao confessor. Essa communhão era obrigatoria, como obrigatorio era o ensino do cathicismo, ministrado por meio de um volumesinho cartonado, da autoria do bispo paulista D. Antonio Joaquim de Mello, pelo systema de perguntas e respostas:

— “Quem é Deus?”

— “É’ o creador do céu e da terra e soberano senhor de todas as coisas”.

— “Onde está Deus?”

— “No céu, na terra e em toda parte”.

— “Deus tem corpo?”

— “Não, Deus é um puro espirito”.

Ou então:

— “O Padre é Deus?”

— “Sim.”

— “O Filho é Deus?”

— “Sim.”

— “O Espirito Santo é Deus?”

— “Sim.”

— “Logo, são tres Deuses?”

— “Não, são tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro.”

E desse modo ia a garotada fazendo jús ao reino dos céus.

.....
E como tudo isso está tão distante. E de tudo isso resta apenas o delicioso pugir de uma saudade!...

Movimento republicano

A propaganda republicana chegou tardiamente a Batataes. Antes de 1882 falava-se na Republica como se falava na maçonaria: — com medo. Depois daquela data já se conversava mais abertamente a respeito e a mudança de regimem era tida como coisa possível mas muito remota. Em 1885, pode-se dizer, começou a propaganda. A principio só havia, em rigor, um republicano verdadeiro, propagandista decidido e denodado, — João Ferreira da Rosa, bacharel em pharmacia e lavrador —, escandalizando os conterraneos com uma vasta gravata vermelha, que, em tempos idos, era a cor republicana. Em 1887 mudou-se para Batataes, procedente de Caconde, o doutor Manoel Antonio Furtado, distincto clinico, e a propaganda tomou incremento. Mas, o mais entusiasta era João Ferreira da Rosa, disposto sempre a affrontar todas as iras monarchicas, promovendo conferencias, fazendo abertamente propaganda de seus ideaes e dando á sua pharmacia, estabelecida á rua 7 de Setembro, entre os largos do Rosario e da Cadeia, de sociedade com Thomaz Martins de Araujo, a denominação de “14 de Julho”. Com a abolição da escravatura, libertando em massa todos os miseros captivos, muita gente boa ficou a pão e laranja, e por isso mesmo as fileiras escassas dos republicanos engrossaram-se com muitos neo-republicanos, sem convicções, é verdade, mas, como todo christão-novo, ultra vermelhos.

A 29 de julho de 1888 conseguiram os republicanos batataenses constituir um club. Antes tarde do que nunca, résa, em sua sabedoria, o velho brocardo. A assembléa foi realisada em casa do presente cidadão Joaquim Ferreira da Rosa, na rua da Quitanda, sob a presidencia de Martinho Ferreira da Rosa, secretariado pelo irmão, João Ferreira da Rosa. A essa memoravel sessão compareceram, alem desses, mais o doutor Manoel Antonio Furtado, doutor Adolpho Eugenio Pinto Pacca, Affonso Froemberg, José Esteves de Lima, Boaventura Ferreira da Rosa, José Paulino Pinto Nazario, Lucio Enéas de Mello Fagundes, Candido Ferreira da Rocha, José Osorio de Souza, Joaquim Ferreira da Rosa Junior, José Pereira Guimarães Vianna, Urbano Dias de Carvalho, José Eduardo Garcia, José Antonio da Silva e Souza, Joaquim Prudente Corrêa, José Feliciano Dias de Gouvêa, Henrique Monteiro da Silva, Pedro Brasiliense de Almeida

Lara, Valerio Dias do Carmo, Joaquim de Souza Neves, Henrique Aives Vieira, Francisco Antonio Pereira Lima Sobrinho, Ignacio Carlos de Almeida, José Corrêa Pinto e Eduardo Millet. Nem todos os presentes a essa reunião eram eleitores no município. Entretanto, adheriram á causa republicana e como tal foram admittidos no seio do partido nascente. Acclamaram a seguir a primeira directoria do club, recahindo a escolha dos presentes em Martinho Ferreira da Rosa, para presidente; doutor Manoel Antonio Furtado, para vice-presidente; João Ferreira da Rosa, 1.º secretario; Affonso Froemberg, 2.º secretario; José Esteves de Lima, thesoureiro, e dr. Adolpho Eugenio Pinto Pacca, orador. O partido que surgia assumiu então um compromisso de honra: — “jamais e por motivo algum” seria feita quaiquer transacção politica, devendo ser sempre e desde logo suffragados os nomes recommendados pelo centro republicano de São Paulo. A’ directoria do club foram outorgados amplos e illimitados poderes para o fim de resolver as questões porventura surgidas em relação á politica local, provincial e geral, “consultando o eleitorado do município sempre que a questão fosse importante”. Cinco mezes esvairam-se sem que o club recém-organizado dêsse o ar de sua graça. Não falam os seus registros e annaes do modo por que se houve a sua directoria, no desempenho do amplo mandato que lhe fôra outorgado por aquelles abnegados vinte e sete republicanos de 29 de julho. A 25 de dezembro de 1888 o doutor José da Costa Machado e Souza, propagandista da Republica, advogado em Casa Branca e fazendeiro em São José do Rio Pardo, presidente então da Companhia Ramal Ferreo do Rio Pardo (hoje o ramal de Mocóca da Companhia Mogyana), esteve em Batataes e alli realisou, sob os auspicios do club, com regular concorrência, ás seis horas da tarde, uma conferencia republicana. Produziu uma bella peça, massiça, muito apreciada e muito applaudida. A 6 de janeiro de 1889 reuniu-se o club em segunda assembléa, na residencia de Boaventura Ferreira da Rosa, no largo da Matriz, O livro da porta accusou a presença de 16 cidadãos, alguns dos quaes não figuraram na chamada da primeira reunião: — Martinho Ferreira da Rosa, Lucio Enéas de Mello Fagundes, Adolpho Eugenio Pinto Pacca, Boaventura Ferreira da Rosa, Antonio Ferreira da Rosa, Joaquim Ferreira da Rosa Junior, Alfredo Regis dos Santos, Henrique Alves Vieira, doutor Manoel Antonio Pereira Lima, Henrique Monteiro da Silva, Amando Teixeira Santos, Joaquim Ferreira da Rosa Neto, Adalberto Garcia da Luz, Urbano Dias de Carvalho, doutor Manoel Antonio Furtado e Gabriel José Pereira. Na ausencia de João Ferreira da Rosa e Affonso Froemberg, serviu como secretario *ad-hoc* Amando Teixeira Santos. Nessa reunião o doutor Furtado solicitou exoneração do cargo de vice-presidente, “allegando diversas circumstancias, que forçaram o club a conceder-lhe a demissão pedida”, sendo acclamado Lucio Enéas de Mello Fagundes para substituil-o. E o novo vice-presidente, tomando a palavra, declarou que

de bom grado accitava a investidura e que seu prestigio estaria sempre ao lado do partido republicano. Tambem o presidente Martinho Ferreira da Rosa quiz exonerar-se, mas o club, numa expressiva unanimidade, negou-lhe a exoneração, “já attendendo aos relevantes serviços por elle prestados ao referido partido republicano, já pela honra que fazia ao club”.

Como temos visto, era animador o movimento republicano, mas, ainda assim, eram escassas as fileiras do partido, o que, entretanto, não obstou que a 17 de novembro de 1889, ao desembarque, ás 9 horas da manhã, do doutor Herculano de Freitas, então advogado em Ribeirão Preto e que fôra a Batataes installar o governo republicano, e á memoravel sessão que nessa data se verificou, no salão das sessões da Camara Municipal, acudissem algumas centenas de pessoas, todas integralmente republicanizadas e de fita vermelha á lapella. Os meus poucos annos não me permittiram ir á festa, mas assisti, de uma das janellas da casa do Estanslau Pereira Goulart, na esquina das ruas Direita e Municipal, á passagem do cortejo, naquella manhã. A' frente, a banda de musica e, depois, cercado pelas autoridades e pelos illustres propagandistas, o doutor Herculano, ostentando aquelle *cavaignac* que em hora infeliz deitou abaixo. E em seguida, fazendo-lhe cauda, a multidão anonyma, o povo, eternamente ingenuo e eternamente “Maria vae com as outras”, achando tudo aquillo muito natural, muito bonito e muito bom, enquanto os musicos, de instante a instante, assopravam a Marselheza. A concorrência á sessão magna foi numerosa e selecta. Cento e vinte e nove pessoas, das mais gradas, subscreveram a acta lavrada pelo secretario da Camara Municipal, Antonio Joaquim da Silva Trovoada: — Manoel Theodolindo do Carmo, Caetano Leite Machado, José Francisco de Paula, Francisco de Arantes Marques, todos vereadores; João Alves Ferreira, Manoel Gustavo de Andrade Junqueira, Gabriel Garcia de Oliveira, Antonio Benedicto dos Santos Silva, Augusto José Fernandes, Eduardo Garcia de Oliveira, Custodio José Vieira, Leopoldo Rangel, Felisbino Custodio de Moraes, Virgilio Alves Cruz, Raphael Pannain, Antonio Carlos de Salles, Francisco José de Assis, José Carneiro da Cunha Lobo, Jefferson Barreto, José Francisco de Moraes, doutor Francisco Augusto Cesar, Antonio Augusto Lopes de Oliveira, Antonio Augusto Lopes de Oliveira Junior, Martinho Ferreira da Rosa, Alvaro da Cunha, Lucio Enéas de Mello Fagundes, Eduardo Millet, Joaquim de Souza Neves, Eduardo Augusto Teixeira, Boaventura Ferreira da Rosa, Amando Teixeira Santos, Felicissimo Martins Parreira, João Augusto Teixeira, doutor Manoel Antonio Furtado, Antonio Sebastião Franco, Joaquim Ferreira da Rosa Junior, doutor Honorio Olympio Machado, Augusto Corrêa, Rufino José Morato, Camillo Ferreira de Menezes, José Garcia de Toledo, José Antonio Ribeiro (Mattoso), Anthero Augusto Nogueira Braga, Arthur Arantes Marques, Manoel de Paiva Leite, Joaquim Garcia de Oliveira, Antonio José Ribeiro Junior, doutor José

Luiz dos Santos Pereira, Adolpho Arantes Marques, Delfino Martins, Affonso Froemberg e outros, e muitos outros. O presidente da Camara, coronel Manoel Theodolindo do Carmo, presidiu a sessão. Um anno antes, consignando em acta um voto congratulatorio por motivo da lei aurea, esse distincto batataense ergueu um hymno de louvor á excelsa Princeza Redemptora. Dizem que foi uma oração substanciosa, brilhante na fórma e no fundo. A de 17 de novembro não foi menos eloquente, alongando-se o orador em considerações e fazendo notar as "grandes vantagens da Republica, governo democrata, de ordem e de progresso". E foi com lagrimas que recebeu das mãos do doutor Herculano de Freitas o emblema republicano, que collocou, cheio de emoção, na lapella!... Usou da palavra o doutor Herculano. Foi uma peça de folego, um tanto cantada como era de bom estyio naquelles tempos. Propoz o illustre republicano a composição de um governo provisorio local, em substituição da Camara Municipal, que ficava, apezar da adhesão, apeada do poder, governo esse constituido pelo doutor Manoel Antonio Furtado, Martinho Ferreira da Rosa e por um terceiro cujo nome não me acóde á lembrança. A abertura e o encerramento da sessão foram assignalados pelas notas da Marselheza, executada pela banda de musica postada no saguão, e pelo estalar do foguetorio. Nesse dia a Camara Municipal recebera o telegramma seguinte: — "Foi hoje empossado o governo composto dos doutores Prudente de Moraes, Rangel Pestana e coronel Mursa. Já entraram em Palacio e estão dirigindo o expediente. Façam publico. Perfeita ordem e paz." Diante disso, a Camara pintou-se de verde, vivou á Republica e mudou o nome do largo da Cadeia para praça 15 de Novembro!...

*

* *

Que seria Batataes naquella época?... Um terço talvez do que é hoje. Os casarões acaçapados, de largos beiraes, largas janellas e portas largas de uma só folha. Apenas tres sobrados, ou melhor, dois, — o da familia Arantes Marques, no largo da Matriz, e o da familia Ferreira da Rosa, na rua da Quitanda, — pois o terceiro, do Egydio Zaccara, era, antes, um simples sotão. Cidade mal illuminada, nas noites sem luar, por escassos lampeões de luz bruxoleante. As vias publicas limitavam-se a cinco largos e poucas ruas: — o centro, o coração da cidade, era o largo da Matriz, amplo, rectangular, tendo no centro, fazendo frente para a antiga entrada da povoação, a igreja deselegante e chata, com duas torres esguias, rodeada de coqueiros e com enormes cruzeiros na frente e nos fundos; destacavam-se ahí, na praça, á esquerda, o velho sobrado da familia Arantes, que ainda existe. e abaixo, a casa do capitão Andrade, já então da familia Ferreira da Rosa e agora occupada por um hotel, e á direita o casarão de Antonio Jacintho Lopes de Oliveira e, logo adiante, a casa parochial.

A rua principal era a do Commercio, hoje Celso Garcia, tendo início na rua Direita e fim no campo onde fica actualmente a praça Barão do Rio Branco (antes largo da Liberdade), depois de atravessar o largo da Matriz. Seguia-se em importancia a rua da Quitanda, outr'ora do Chafariz e agora Coronel Joaquim Rosa, que começava na rua do Theatro e acabava no campo hoje occupado pelas ruas Carlos Gomes, Bello Horizonte e outras. Depois a rua Direita, presentemente Coronel Joaquim Alves, a mais extensa, indo da rua Boa Vista ao Capão, atravessando no começo o largo do Rosario. A seguir: a rua Coronel Pereira, que mantem ainda esse nome, da rua Direita ao campo onde tambem terminava a do Commercio, sem edificações do lado par, da rua do Theatro até a casa do coronel Pereira; a rua 6 de Setembro, que ainda conserva a denominação, começando no largo do Rosario, paralella á rua da Quitanda; a da Boa Vista, hoje Doutor Furtado, cujo começo era no corrego do Capão e ia até a chacara das Camélias, de Salathiel Aleixo de Oliveira, não tendo, a partir do largo da Cadeia, edificações do lado par; a dos Bambús, continuação da rua Boa Vista até a Porteira; a da Valla, que ia da Porteira até uma valla que havia na direcção do Potreiro, com poucas casas do lado impar e nenhuma do lado par; a do Theatro, agora Santos Dumont, do largo do Rosario ao campo alem da rua Coronel Pereira; a do Barão de Cotegipe, cuja denominação foi conservada, chamada em outros tempos do Cemiterio, pois conduzia ao velho cemiterio, já desaparecido; a das Palmeiras, ultimamente Affonso Penna, começando na rua Boa Vista, em frente á chacara do juiz de direito, doutor Pombo, e terminando no campo, depois de atravessar o largo da Matriz; a do Capitão Andrade, que ainda conserva o nome do illustre batataense; a Alegre, antes da Cadeia e hoje Prudente de Moraes, do largo do Rosario ao campo, paralella á rua 7 de Setembro; a Nova, mais tarde Senador Feijó, sem casas, atravessada pelo corrego do Capão; a do Canto, depois Joaquim Nabuco ou Ruy Barbosa, começando logo adiante do corrego do Capão e terminando no Capão do Quintino; a da Floresta, cujo nome actual desconheço, paralella á do Canto; a da Outra Banda, depois dos Carros, que começava no corrego do Capão e subia em direcção ao Capão do Quintino, até a capellinha de Santa Cruz, e hoje é a rua Duque de Caxias; a do Castello, que ia do corrego do Capão até o largo do Castello, baptisada nos ultimos annos com o nome do legendario Marechal Deodoro; a Municipal, hoje Doutor Mesquita, da rua do Theatro ao corrego; a do Outro Mundo, hoje 21 de Março, tendo principio no largo das Dores e fim no Capão, era a *Favela* local, o *bas fond*, terror do pessoal pacato e dor de cabeça das autoridades policiaes, com seus capadocios, tarascas e valentões; a do Bananal, prolongamento da rua Nova, alem da do Outro Mundo, e cuja actual denominação desconheço; a da Estação, com raras casas, do largo do Castello á estação ferroviaria, tomando mais tarde o nome de Doutor Rebouças; a das

Flores, pequena travessa ligando a rua da Outra Banda ao largo das Dores, e a das Crioulas, paralella a essa, ignorando egualmente os nomes que óra exhibem as respectivas placas. O largo do Rosario, hoje Washington Luis, com a sua igreja numa das extremidades; era o ponto predilecto dos circos de cavallinhos. No largo da Cadeia, posteriormente 15 de Novembro, logo adiante do do Rosario, ficava, no centro, onde está a estação distribuidora de energia electrica, a cadeia velha, demolida mais ou menos em 1896, e de um lado, fazendo face para a rua Alegre, a cadeia nova, substituida, muitos annos mais tarde, por uma fabrica de tecidos. O largo das Dores, pequeno, ficava no bairro do Castello e é agora a praça João de Andrade, e o largo do Castello, mais ou menos triangular e cujo nome actual tambem não sei, passou depois a ser chamado Tiradentes e do Jardim, embora alli não houvesse sombra de flores. Havia ainda o becco do Matadouro, ao fim da rua Boa Vista, conduzindo ao velho matadouro, um rancho infecto á margem direita do ribeirão das Araras. O local onde hoje ficam as avenidas dos Andradas, Frei Caneca e 24 de Fevereiro chamava-se “atraz dos quintaes”, um campo levemente ondulado, cortado por pequenos caminhos e onde ficavam situados os cemiterios velho, já desaparecido, e o novo, o actual cemiterio parochial, então em construção. O “Campo Alegre” abrangia o local hoje occupado pelo grupo escolar Washington Luis, pela praça Riachuelo, pela rua General Osorio e outras, e alli contavam-se rarrissimas casas, a do engenheiro doutor Pinto Pacca, a da velha Mattósa e poucas mais. Chamavam-se os bairros Castello, Outro Mundo, Rodeio, Capão, Potreiro, Porteira, Matadouro, Santa Cruz e Alto dos Estados Unidos; mas distantes do povoado ficavam os do Guaripú, Saltador, Retiro, dos Peixes e da Estiva. Nas extremidades da cidade ficavam dois capões, pontos preferidos pelas familias do logar para passeios domingueiros, um simplesmente “Capão”, nas cabeceiras do corrego do Capão, e o outro “Capão do Quintino”, do lado opposto, alem da capella da Santa Cruz, onde fica hoje o collegio São José e ficavam então as chacaras do velho Dédé, de Olyntho José Garcia e de dona Candida Ferreira Diniz; desses capões resta hoje apenas apagada lembrança.

Não havia canalisação d’agua, nem mesmo aquelles pequenos regatos que a Municipalidade fizera em outros tempos serpear pelos quintaes, com os seus “anneis” e as suas “bicas”, precusores das pennas d’agua e das torneiras: — era o poço, ou melhor, a cisterna, profunda, com o caixão, o sarilho e o enorme balde. Sargeteadas, sómente a rua do Commercio, na parte entre o largo e a rua do Theatro, esta num pequeno trecho e a Municipal, até o corrego. O passeio, quando havia, era de pedras brutas, mal ajustadas. As praças aprasentavam um labyrintho de “trilhos”, cruzando o grammado immenso, onde, de quando em quando, o fedegoso florescia e o jóá bravo ostentava os seus fructos venenosos. O municipio, que comprehendia naquella época os territorios dos actuaes municipios de Batataes, Matto

Grosso (Altinópolis), Ilha Grande (Jardinópolis) e Brodowsky, contava vastas propriedades agrícolas e o café era cultivado em larga escala; confinava com o de Franca o N., ao S. com o de Ribeirão Preto, a O. com o de Espírito Santo (Nuporanga) e a L. com Minas-Geraes. O fôro accusava movimento apreciavel, com as transacções e divisões de fazendas, em consequencia da recente inauguração da estrada de ferro, estando á testa da comarca, em 15 de novembro, como juiz de direito, o doutor Simpliciano da Rocha Pombo, natural de Franca e fallecido a 26 de novembro de 1897, magistrado dos mais dignos, que alli exerceu a magistratura por largo periodo, até sua aposentadoria, em 15 de junho de 1891, sendo substituido pelo doutor Adeodato de Andrade Botelho. A representação do ministerio publico cabia ao doutor Antonio Silverio Barbosa da Silva, já de certa idade, chefe de numerosa familia, residindo no largo das Dores, na parte de cima, e que não muito tempo depois deixou a carreira, tendo por substituto o doutor José Eduardo Torres Camara, natural do Rio de Janeiro. Era juiz municipal e de orphãos o doutor José Manoel de Azevedo Marques, que morou, por largos annos, na rua do Castello, em frente á casa de José de Paula, num predio de esquina, que foi de Antonio Sancho Diniz Junqueira; estimadissimo na localidade, onde constituiu familia, o doutor Azevedo Marques foi mais tarde deputado estadual, vice-presidente da Camara dos Deputados, deputado federal, ministro do Exterior, professor da Faculdade de Direito e presidente da Ordem dos Advogados. Tinha o doutor Azevedo Marques como supplentes o então tenente Joaquim Alves da Costa, com estabelecimento commercial e residencia no largo do Rosario, na velha casa em que sempre morou; o major Custodio José Vieira, residente e estabelecido na rua da Quitanda, numa casa que depois foi de Manoel Gustavino de Andrade Junqueira e posteriormente de Antonio Gabriel Pereira (Guariba); e Firmino Tertuliano Ferreira Nobre, que morava logo adiante do major Custodio, na esquina a seguir e defronte do sobrado da familia Rosa, onde mantinha uma pequena tenda. A's funcções de agrimensor e de chefe politico conservador, accumulava Eduardo Garcia de Oliveira, que ainda não era coronel, as de promotor fiscal da provedoria. Os cartorios eram occupados, em caracter vitalicio, o do 1.º officio, com annexo do registro geral e de hypothecas, por Antonio Sebastião Franco, no largo da Cadeia, esquina da rua 7 de Setembro, numa casa mais tarde reconstruida e ultimamente occupada pela agencia do correio; o do 2.º officio por Augusto José Fernandes, no largo do Rosario, em frente á igreja, numa casa que mais tarde passou a Manoel Severino da Costa, que nella se estabeleceu com negocio de fazendas; o de orphãos pelo capitão Antonio Benedicto dos Santos Silva, no largo das Dores, esquina da rua das Flores, casa que nos ultimos tempos pertenceu a João Ferreira Diniz (Bibico), que a reconstruiu. Eram partidores e distribuidores do fôro Antonio Augusto Lopes de Oliveira Junior,

que, ainda solteiro, residia com o pae, tenente-coronel Antonio Augusto Lopes de Oliveira, no largo da Matriz, lado impar, no trecho comprehendido entre a rua das Palmeiras e a rua Capitão Andrade, e José Theodoro da Silva Dedéca, que morava na rua Direita, numa pequena casa que fôra do pae, o velho João Pedro da Silva, em frente ao local onde está hoje o theatro Santa Helena. Os officiaes de justiça da época eram em numero de tres: — Manoel Garcia de Toledo (Tatão), João Pedro da Silva Junior (Janguinho) e Carlos Vieira da Silva (Carrinho). A justiça de paz fôra confiada a tres conspicuos cavalheiros, que a levavam muito a serio, naquelles bons tempos em que o juiz de paz era obrigado a fitão auri-verde e tinha *aplomb*: — José Bento de Moraes, que por muitos trienios foi 1.º juiz, morador numa casinha da rua da Quitanda, onde posteriormente funcionou, e talvez ainda funcione, um bazar de Joaquim Barbosa da Silva; Serafim Ferreira Borges, negociante, que se transferira pouco antes para o largo da Cadeia, na esquina da rua Boa Vista, e Zelino José Ferreira, negociante estabelecido na rua Coronel Pereira, lado impar, onde morou, já nos nossos tempos, o doutor Leandro. Era escrivão de paz Eduardo Augusto Teixeira, antigo professor publico, cujo cartorio ficava no largo da Matriz, no alinhamento da rua do Commercio, segunda casa alem da rua das Palmeiras. A policia, activa e vigilante, numa época em que a prégação republicana era tida como propaganda subversiva, estava em boas mãos: — era delegado Joaquim Augusto da Cunha e Silva, residente no largo do Rosario, esquina da rua Direita, a primeira casa do lado da rua Alegre, tendo como supplente Francisco de Almeida Matos, o *Chico Fogueteiro*, que muitos appellidavam de *Rabo Grosso*, casado com a *Chica Fogueteira*, morador no mesmo largo, uma casinha para dentro do alinhamento, onde está hoje o Hotel Lazzarini; o sub-delegado era Eugenio Alves de Oliveira, que mais tarde foi promovido a delegado, estabelecido com fazendas e armatinho na rua da Quitanda, esquina da do Barão de Cotegipe, frente a uma casinhóla onde foi o *Açougue da Ponta*, de Antonio Guariba, e mais tarde a officina mechanica de Samuel Adolpho Biaggi, sendo seu supplente Antonio José Ribeiro Junior, que então morava na rua do Commercio, numa casinha baixa que existia em frente ao actual collegio de Nossa Senhora Auxiliadora. A collectoria de rendas geraes e provinciaes estava a cargo de Joaquim Garcia de Oliveira (tio Quita), na rua Direita, quasi em frente á rua Senador Feijó, naquelle tempo rua Nova, casa que ainda deve existir, do lado impar, sendo escrivão da referida estação arrecadadora Gabriel Garcia de Oliveira, cuja residencia já era na rua da Quitanda, logo adiante do Hotel do Commercio, hoje agencia do Banco de São Paulo. A agencia do correio ficava na rua da Boa Vista, um casarão enorme e lobrego, o unico existente naquella rua entre a rua Direita e o largo da Cadeia, do lado par, e o agente era o velho Flausino Antonio de Macedo; a distribuição da correspondencia era diaria, ás 9 horas da manhã, e a

expedição, também diária, era feita ás 3 da tarde. Dirigia os negocios espirituaes da cidade o saudoso conego Joaquim Alves Ferreira, que também havia sido inspector literario e deputado provincial, fallecido a 1.º de dezembro de 1898, morador no largo da Matriz, no mesmo ponto onde reside o actual vigario, seu sobrinho; o escrivão da vara era Daniel Joaquim de Oliveira, professor particular com escola e residencia no largo da Cadeia, á esquerda, e o sachistão era José da Silva Porto, ao mesmo tempo negociante de seccos e molhados na rua do Commercio, lado impar, logo abaixo da rua Capitão Andrade. A Camara Municipal compunha-se de nove operosos batataenses, que tiveram a tarefa memoravel de homenagear, em maio de 1888, a Princesa Redemptora, que assignára a lei aurea, e, um anno e meio depois, os proclamadores do novo regimem: — Manoel Theodolindo do Carmo, presidente da illustre corporação, lavrador e capitalista, residente na rua do Commercio, esquina da do Theatro, lado par, casa hoje occupada por dependencia do Collegio; coronel Francisco Arantes Marques, negociante, chefe da familia Arantes Marques, morador no vetusto sobrado do largo da Matriz; Caetano Leite Machado, pharmaceutico, antigo inspector literario e professor publico, morador na rua do Commercio, onde fica, nos dias de hoje, a Pharmacia Fernando; Joaquim Camillo de Lellis, lavrador, residente na fazenda Bella Vista, assistindo, quando na cidade, em casa do irmão, José Camillo de Lellis e Silva, na rua Boa Vista, lado impar, em frente á agencia do correio; José de Andrade Diniz Junqueira, o saudoso Zézé de Andrade, dono da fazenda Retiro do Desengano e morador na rua do Commercio, lado par; José Garcia Lopes da Silva, antigo lavrador, que logo após mandou ás urtigas as actividades politicas e desappareceu da circulação; Gabriel José Pereira (Gabriel Durso), capitalista dos mais abonados, residente numa casa muito grande no largo da Cadeia, esquina da rua Barão de Cotegipe, em frente á cadeia velha; José Francisco de Paula, negociante na rua do Castello, segunda casa do lado esquerdo passado o largo das Dores, e morador naquelle largo, esquina daquella rua, casa que ficou com o filho, Belmiro de Paula Arantes; e Diogo Antonio Martins, fazendeiro, de quem não me foi possivel obter outros informes. Prestimosos auxiliares dessa illustre Edilidade, cujo Paço occupava os altos do edificio da cadeia nova, revegando suas sessões com as do tribunal do jury, eram: — secretario, Antonio Joaquim da Silva Trovoada, selleiro nas horas vagas, perito tocador de bombardino na banda de musica local, residente no largo das Dores, proximo á casa de Eduardo Garcia; procurador, depois collecter, Camillo Lopes de Oliveira (Camillinho), residente no largo da Matriz, no correr da rua Capitão Andrade, segunda casa alem da do Commercio; fiscal, João Alves Ferreira, mulato de boa estampa, funileiro fóra das horas do expediente, morava na rua das Crioulas, logo adiante da casa do doutor Azevedo Marques; e porteiro, o preto José Pereira dos San-

tos, morador na rua do Outro Mundo, lado impar, numa casinha que havia logo adiante do corrego do Castello, e casado com a *siá Chiquinha*, parteira conhecidissima que até 1903 ainda desempenhava galhardamente suas delicadas occupações de obstetrix perita. A instrucção resumia-se em 3 escolas publicas e 2 particulares; daquellas, uma do sexo feminino, no largo do Rosario, no mesmo predio do cartorio do 2.º officio, regida pela professora dona Augusta Eugenia Fernandes, que a occupava desde 1870, e duas do sexo masculino, a primeira regida, desde 1.º de outubro de 1888, pelo professor Americo Alves Vieira, sobrinho do coronel Lucio Enéas de Mello Fagundes, na rua do Commercio, lado par, entre o largo da Matriz e a rua do Theatro, e a segunda, desde 1880, pelo capitão Camillo Ferreira de Menezes, na rua Alegre, lado impar, esquina do largo da Cadeia. — onde esteve, muito tempo depois, a loja maçonica Caridade Universal —, e destas, uma do sexo masculino, a cargo de Daniel Joaquim de Oliveira, no largo de Cadeia, e uma do sexo feminino, dirigida por dona Januaría Mendes Ferraz, casada com o capitão Camillo Ferreira de Menezes e cujas aulas eram dadas no mesmo predio, logo abaixo da casa do velho Daniel de Oliveira. Funcionava tambem, com boa frequencia, o Collegio Millet, do professor Eduardo Millet, republicano historico, na rua do Commercio, casa que foi depois de Gabriel Theodoro Lima, junto á actual Pharmacia Fernando.

Casas de diversões, uma apenas: — o theatro municipal, antigo São João, na rua do Theatro, esquina do largo do Rosario, occupado periodicamente pela Sociedade Dramatica Familiar, que naquella época já contava muitos annos de vida, dirigida por Joaquim Augusto da Cunha e Silva, tragicamente desaparecido num desastre ferroviario um anno depois, e, de vez em quando, pelos mambembes de então, — Ribeiro Guimarães, Arthur Carrara, Moreira Vasconcellos, etc. A assistencia hospitalar era inteiramente desconhecida e assim foi ainda por muitos annos. A religião catholica contava, para seu culto, com dois templos: — a Matriz e a pequena igreja do Rosario, alem da capella da Santa Cruz. O protestantismo só muito mais tarde lá se acclimatou. A imprensa local, fundada, alguns annos antes, por Cesar Ribeiro e Gaspar da Silva (Visconde de São Boaventura), que publicaram *O Seculo*, e tivéra depois *A União* e *O Clarim*, aquelle de Eduardo Garcia de Oliveira e doutor João Paulo Diniz, e este de Claudio José Gomes e Lucas Garcia, contava, em novembro de 1889, dois jornaes: — o *Treze de Maio*, valente semanario redigido por Affonso Froemberg, coajduvado por Affonso Celso Garcia da Luz, Soares Junior e Amando Teixeira Santos, com redacção e officinas no largo da Matriz, lado par, esquina da rua Barão de Cotegipe, e com *A Matraca*, jornal humoristico, de Guilherme Voss.

Possuia Batataes, quando da proclamação da Republica, 2 açougues, 4 alfaiatarias, 1 salão de bilhar, 1 salão de barbeiro, 7 capitalistas, 3 advogados, 2 engenheiros, 4 medicos, 6 officinas de carpin-

taria, 3 marceneiros, 2 bandas de musica, 13 engenhos de serra, 7 engenhos de cana, 1 entalhados, 11 casas de fazendas, armarinho e ferragens, 60 fazendas, das quaes 20 de café, 1 fabrica de cerveja, 3 ferrarias, 1 fogueteiro, 3 funilarias, 11 casas de generos da terra, 1 hotel, o do "Commercio", 9 casas de seccos e molhados, 6 machinas de beneficiar café, 4 olarias, 3 ourives, 2 padarias, 3 pharmacias, 2 pedreiros, 1 professora de piano, 1 pintor, 3 sapatarias, 3 sellarias, 2 ferradores, 2 trançadores, 4 guarda-livros e 1 typographia.

Proclamada a Republica, as fileiras republicanas, exiguas em julho de 1888, engrossaram, como num passe de magica, com a adhesão facil dos dois partidos locaes, que se revesavam nos postos de mando, — conservadores e liberaes, — cascudos e chimangos, — poucos, raros mesmo os que se conservaram irreductiveis na sua solidariedade ao velho monarcha, que, tres annos antes, a cidade recebera com flores e apotheoses. A prova tivemos, como já anotei, naquelle 17 de novembro de 1889, em que grande massa popular foi á estação receber o embaixador republicano, e nos dias que se lhe seguiram.

Assim é que nos primeiros dias de janeiro de 1890 o *Treze de Maio* convidava, em local de destaque, o "povo do municipio" para, no dia 25 desse mez, á 1 hora da tarde, na sala da Camara Municipal, eleger um directorio republicano de cinco membros, que "dirigisse e cuidasse dos negocios e interesses do municipio e do partido republicano de Batataes". Seria que o antigo club de 1888, organizado pelos republicanos historicos, decahira da confiança dos "proceres", "padres" *et concomitante caterva?* Não résam as chronicas. O que é certo é que no dia de São Paulo, sabbado, á hora designada, 268 cidadãos acudiram ao chamamento. O povo, — diz a acta, referindo-se a esses 268 votantes, — o povo acclamou presidente da reunião o juiz de direito da comarca, doutor Simpliciano da Rocha Pombo, que tomou para seus secretarios Joaquim Augusto da Cunha e Silva e Lucio Enéas de Mello Fagundes, que apresentaram excusas e foram por isso substituidos pelo doutor José Manoel de Azevedo Marques e Fernando Machado de Oliveira, completando a mesa Martinho Ferreira da Rosa e Joaquim Alves da Costa. O doutor Pombo convidou, então, o povo a votar em cinco nomes, á sua livre escolha, como se a escolha já não estivesse feita. E deu exemplo, depositando na urna sua ceduía, mettida num envelope diplomata, com o rotulo "Para o directorio republicano". Seguiram-lhe o exemplo, na seguinte ordem, os illustres batataenses:

- 2 — Dr. José Manoel de Azevedo Marques (juiz municipal)
- 3 — Martinho Ferreira da Rosa (lavrador)
- 4 — Joaquim Alves da Costa (negociante)
- 5 — Fernando Machado de Oliveira (lavrador)
- 6 — Conego Joaquim Alves Ferreira (vigario da parochia)
- 7 — Joaquim Augusto da Cunha e Silva (capitalista)
- 8 — Manoel de Paiva Leite (lavrador)

- 9 — Antonio Augusto Lopes de Oliveira (advogado e pharmaceutico)
- 10 — João Candido Alves Ferreira (lavrador)
- 11 — Augusto José Fernandes (2.º tabellião)
- 12 — Francisco Candido de Abreu Bahia (?)
- 13 — Virgilio Alves da Cruz (lavrador)
- 14 — Joaquim José da Costa e Silva (lavrador)
- 15 — Olympio Bernardes Corrêa (lavrador)
- 16 — Eduardo Augusto Teixeira (escrivão de paz)
- 17 — Francisco de Paula Barros (lavrador)
- 18 — Domingos José Pereira (dentista)
- 19 — José Bernardes Lemes (lavrador)
- 20 — Manoel Pereira da Costa (?)
- 21 — José Francisco de Aguiar (?)
- 22 — Quintino Francisco dos Santos (?)
- 23 — Antonio Joaquim da Silva Trovoada (secretario da Camara)
- 24 — Aristides Arantes Marques (empregado no commercio)
- 25 — Francisco Pereira Vidal (selleiro)
- 26 — Manoel Garcia de Toledo (official de justiça)
- 27 — José Cardoso da Silva Junior (lavrador)
- 28 — José Maria da Annuniação Tavares Bastos (?)
- 29 — Antonio Garcia Leite (?)
- 30 — Antonio Manoel Rezende (lavrador)
- 31 — Carlos Fernandes de Figueiredo (lavrador)
- 32 — Ernesto Fagundes Gaspar (empregado no commercio)
- 33 — Francisco Bernardes Corrêa (lavrador)
- 34 — Antonio Roso Ferreira (lavrador)
- 35 — João Alves Ferreira (fiscal municipal)
- 36 — Antonio Gabriel Pereira (açougueiro)
- 37 — Firmino Antonio Teixeira (?)
- 38 — Avelino Fagundes Gaspar (lavrador)
- 39 — Francisco Arantes Marques (negociante)
- 40 — Juvenal Fagundes Neves (lavrador)
- 41 — Manoel da Costa Rezende (lavrador)
- 42 — Americo José Ferreira (lavrador)
- 43 — Francisco José dos Reis (?)
- 44 — João de Paula Ferreira (?)
- 45 — Pedro Garcia Ferreira (?)
- 46 — Carlos José de Arantes (negociante)
- 47 — Antonio José Nogueira (alfaiate)
- 48 — Joaquim Marques da Silva (?)
- 49 — Urbano Dias de Carvalho (lavrador)
- 50 — José Corrêa Pinto (?)
- 51 — Joaquim Luiz Corrêa (lavrador)
- 52 — Ricardo Marcos de Rezende (lavrador)

- 53 — Luiz Pereira (?)
- 54 — Sebastião Marcos de Rezende (lavrador)
- 55 — João Francisco (empregado)
- 56 — Bergamo Celeste (lavrador)
- 57 — Benedicto Ignacio da Silveira (empregado)
- 58 — Antonio José da Silva (?)
- 59 — Manoel Soares de Castro (capitalista)
- 60 — Benjamim Fernandes Borges (negociante)
- 61 — Jeremias Ferreira de Freitas (?)
- 62 — Adolpho Arantes Marques (negociante)
- 63 — Honorio Bernardes (lavrador)
- 64 — Virgínio Pereira (?)
- 65 — Roque Vieira de Andrade (lavrador)
- 66 — Henrique José (?)
- 67 — Henrique Vieira (lavrador)
- 68 — Pio Angelico da Silva (?)
- 69 — Archanjoino Salustiano Rebello (empreg. no commercio)
- 70 — Aureliano da Silva Manço (empregado no commercio)
- 71 — João Mendes do Nascimento (?)
- 72 — Amando Teixeira Santos (jornalista)
- 73 — Affonso Froemberg (jornalista)
- 74 — Jeronymo de Paula Arantes (lavrador)
- 75 — Francisco de Assis Corrêa (lavrador)
- 76 — Poppini Pietro (lavrador)
- 77 — Ataliba Salustiano Rebello (empregado)
- 78 — Americo Alves Vieira (professor)
- 79 — João Rodrigues da Silva (?)
- 80 — Pupin Giovanni (lavrador)
- 81 — João Pedro da Silva Junior (official de justiça)
- 82 — Joaquim Francisco (empregado)
- 83 — Pipo Ernesto (empregado)
- 84 — Saint-Clair Tostes Flemings (lavrador)
- 85 — Leonardo Mauricio de Carvalho (professor de musica)
- 86 — João Ferreira de Carvalho (?)
- 87 — Alfredo Regis dos Santos (dentista)
- 88 — João Modesto de Rezende (lavrador)
- 89 — Urias Alves Ferreira (empregado)
- 90 — José Alves da Costa (lavrador)
- 91 — Antonio Thomaz do Prado Junior (?)
- 92 — Francisco Isaac de Lacerda (?)
- 93 — Bergamo Simonetti (lavrador)
- 94 — Ananias José da Silva (?)
- 95 — Manoel Bueno da Silva (?)
- 96 — Bermano Pellegrino (lavrador)
- 97 — José Joaquim Nogueira (lavrador)
- 98 — Antonio Florencio de Carvalho (?)

- 99 — Bergamo Antonio (lavrador)
- 100 — Joaquim Salviano de Paula (lavrador)
- 101 — Bermamo Santi (lavrador)
- 102 — Olympio Bernardes Lemes (lavrador)
- 103 — Francisco José de Assis (negociante)
- 104 — Jeronymo Antonio do Prado (carpinteiro)
- 105 — João M. Spaelty (?)
- 106 — José Bernardes dos Reis (lavrador)
- 107 — Antonio Basilio (empregado)
- 108 — João da Silva Guimarães (?)
- 109 — Tito Gomes Jardim (?)
- 110 — José Ribeiro Junqueira Sobrinho (lavrador)
- 111 — Custodio Ribeiro Arantes (lavrador)
- 112 — Venerando de Paula (lavrador)
- 113 — Victorio Góes (?)
- 114 — Arthur Gomes Jardim (?)
- 115 — Joaquim Lourenço de Oliveira (?)
- 116 — Joaquim Alves Moreira (lavrador)
- 117 — Bernardino Godofredo Lamounier (fogueteiro)
- 118 — Antonio Martins da Silva (empregado)
- 119 — Marinho Mauricio (?)
- 120 — A. Braga Rodrigues (lavrador)
- 121 — Aureliano Bernardes Corrêa (lavrador)
- 122 — Antonio Corrêa da Silva (lavrador)
- 123 — José Ruggieri (lavrador)
- 124 — Joaquim Ferreira Cardoso (?)
- 125 — Manoel Rosendo Gonçalves (negociante)
- 126 — Vicente Ferreira (?)
- 127 — Leonardo Sebastião (empregado)
- 128 — Romão Covas (padeiro)
- 129 — Manoel Martins (empregado)
- 130 — Francisco Ribeiro da Silva (?)
- 131 — Satyro de Freitas (?)
- 132 — João Augusto Müller (pintor)
- 133 — Antonio Barão (negociante)
- 134 — José Paulino Ferreira (lavrador)
- 135 — Francisco Esteves Sobrinho (lavrador)
- 136 — Adolpho Carlos (lavrador)
- 137 — Martiniano Gurgel Mascarenhas (?)
- 138 — Augusto Gonzaga (?)
- 139 — Henrique Ferreira da Costa (lavrador)
- 140 — Nicolau Ferrante (negociante)
- 141 — Joaquim Francisco da Silva Vianna (?)
- 142 — José Paschoal (empregado)
- 143 — João Francisco de Lima (?)

- 144 — Antonio Augusto Lopes de Oliveira Junior (distribuidor do fôro)
- 145 — Manoel de Oliveira Fresco (negociante)
- 146 — Francisco Luiz de Oliveira (?)
- 147 — Constantino Braga (alfaiate)
- 148 — Nicolau Lipparelli (negociante)
- 149 — José Antonio Ribeiro (empregado)
- 150 — Egydio Zaccara (negociante)
- 151 — Augusto Lopes de Oliveira (pharmaceutico)
- 152 — Mathias Lopes (?)
- 153 — João José de Arantes (negociante)
- 154 — José de Azevedo Jardim (lavrador)
- 155 — Antonio Alves Ferreira (lavrador)
- 156 — Luiz Ignacio de Oliveira (lavrador)
- 157 — José Francisco de Mesquita (?)
- 158 — Prudenciano Martins Parreira (negociante)
- 159 — Luiz Rodrigues de Souza (negociante)
- 160 — Joaquim Roberto da Silva (empregado)
- 161 — Joaquim Rosa de Souza (?)
- 162 — Augusto Corrêa da Silva (?)
- 163 — João Dias de Carvalho (sapateiro)
- 164 — Camillo Ferreira de Menezes (professor)
- 165 — Antonio Luiz Coutinho dos Santos (guarda-livros)
- 166 — José Bento de Moraes (proprietario, 1.º juiz de paz)
- 167 — Eugenio Alves de Oliveira (negociante)
- 168 — Luiz Belletti (empregado)
- 169 — Paulino Candido de Macedo (lavrador)
- 170 — José Carlos de Figueiredo (lavrador)
- 171 — José Carneiro da Cunha Lobo (lavrador)
- 172 — José Theodoro Lima (lavrador)
- 173 — Joaquim Firmino Martins (negociante)
- 174 — José Francisco de Paula (negociante, vereador)
- 175 — Alfredo Leitão (negociante)
- 176 — Antonio Sebastião Franco (1.º tabellião)
- 177 — Camillo Augusto Lopes de Oliveira (funcionario municipal)
- 178 — Luiz José Marques (?)
- 179 — Francisco Martins Parreira (negociante)
- 180 — José Pedro Gomes (empregado)
- 181 — Geraldo Alves Moreira (lavrador)
- 182 — José Policeno Bernardes (lavrador)
- 183 — José Pereira Goulart (empregado do commercio)
- 184 — João de Freitas Pacheco (lavrador)
- 185 — Dr. José Luiz dos Santos Pereira (medico)
- 186 — Francisco Marques (lavrador)
- 187 — Americo Bernardes (lavrador)

- 188 — José Ferreira de Andrade (?)
189 — Benjamim Aureliano Corrêa (negociante)
190 — Felicissimo Martins Parreira (negociante)
191 — Raymundo Tambellini (sapateiro)
192 — Fortunato de Paula Saldanha (lavrador)
193 — José Manoel Ribeiro (padeiro)
194 — Carlos Vieira da Silva (official de justiça)
195 — José Barbosa da Silva (entalhador)
196 — José Caetano Gomes (?)
197 — Francisco Luchesi (barbeiro)
198 — Pedro Mascagni (negociante)
199 — José Eduardo da Silva (?)
200 — Boaventura Corrêa (lavrador)
201 — Joaquim José Ferreira de Andrade (?)
202 — Eduardo Millet (professor)
203 — Gastão Denser (?)
204 — Pedro Orosimbo (?)
205 — Vincenzo Iammano (lavrador)
206 — Julio de Aguiar Barbosa (?)
207 — Theodoro Alves Tostes (lavrador)
208 — João Hilario da Silva (?)
209 — Felisberto de Queiroz Brandão (?)
210 — Joaquim Paulino da Silva (?)
211 — Antonio José Ferreira (?)
212 — Venancio José Soares (?)
213 — Custodio Dias Sobrinho (?)
214 — Antonio Pintô de Miranda (trançador)
215 — Antonio Garcia de Macedo (lavrador)
216 — Francisco Raphael Tostes (lavrador)
217 — João Martins de Barros (lavrador)
218 — Luiz Francisco de Paula Albuquerque Maranhão (lavrador)
219 — Dr. Antonio Silverio Barbosa da Silva (promotor publico)
220 — Octaviano Carneiro da Cunha Lobo (empregado)
221 — Antonio Bernardino de Araujo (?)
222 — José Horacio Louzada (lavrador)
223 — Francisco de Carvalho (?)
224 — Arthur Ferraz de Menezes (empregado)
225 — Joaquim Vieira da Silva (empregado)
226 — José Mendes Feiraz (negociante)
227 — Joaquim de Souza Neves (lavrador)
228 — Belisario José de Arantes (lavrador)
229 — M. Alves Vieira (?)
230 — Firmino Tertuliano Ferreira Nobre (supplente de juiz municipal)

- 231 — Candido Ferreira da Rocha (lavrador)
- 232 — Leonardo Mauricio Neto (sapateiro)
- 233 — José Pinto de Miranda (trançador)
- 234 — Quirino José da Costa (?)
- 235 — Manoel de Almeida Pinto (?)
- 236 — Antonio de Padua Carneiro Junior (?)
- 237 — Sebastião Garcia de Macedo (lavrador)
- 238 — Manoel Paulino Paz (lavrador)
- 239 — Francisco de Almeida Mattos (negociante)
- 240 — Jonas José Pereira (fornecedor de alimentação aos presos)
- 241 — José da Silveira Franco (?)
- 242 — José Tolentino Rodrigues de Barros (?)
- 243 — Domiciano de Abreu e Sousa (lavrador)
- 244 — Diamantino Dias Bessa (?)
- 245 — Henrique Monteiro da Silva (?)
- 246 — João Rosa B. Lima (?)
- 247 — Jeronymo Antonio de Faria (empregado)
- 248 — Francisco Mineiro (?)
- 249 — Antonio Ferreira da Rosa (lavrador)
- 250 — José Paulino Pinto Nazario (lavrador)
- 251 — Candido José Ferreira da Luz (lavrador)
- 252 — Tristão Bernardes Corrêa (lavrador)
- 253 — Tiburcio Bernardes Corrêa (lavrador)
- 254 — Jeronymo José de Faria (empregado)
- 255 — Maximiano Lopes (empregado)
- 256 — Jeronymo Gomes da Silva (?)
- 257 — Antonio Bernardes Corrêa (lavrador)
- 258 — Boaventura Ferreira da Rosa (lavrador)
- 259 — Antonio Lucindo Pedroso (?)
- 260 — João Galdino da Silva (?)
- 261 — Dr. Manoel Antonio Furtado (medico)
- 262 — Lucio Enéas de Mello Fagundes (lavrador)
- 263 — Francisco Antonio (negociante)
- 264 — João Flausino de Macedo (lavrador)
- 265 — José Pedro Alves (?)
- 266 — Felisbino Custodio de Moraes (selleiro)
- 267 — Leopoldo Rangel (advogado)
- 268 — Verdi Sperandio (?)

Nota-se a ausencia inexplicavel de varios proceres que haviam recebido com satisfação, a 17 de novembro de 1889, a nova ordem de coisas, como os vereadores Manoel Theodolindo do Carmo e Caetano Leite Machado, o doutor Raymundo Justiniano de Oliveira, Joaquim Garcia de Oliveira, Eduardo Garcia de Oliveira, Gabriel Garcia de Oliveira, Antonio Jacyntho Lopes de Oliveira, Daniel Joaquim de Oliveira, Heitor Marques Arantes, Flausino de Macedo, Joaquim

Pereira Lima, Vigilato Augusto Franco, Custodio José Vieira, Zelino José Ferreira e outros, e também a de republicanos historicos, que haviam participado das reuniões do Club e dos azares da propaganda, acompanhando fielmente o doutor Manoel Furtado e a familia Ferreira da Rosa, a começar pelo mais antigo e mais entusiasta, João Ferreira da Rosa, além do doutor Adolpho Eugenio Pinto Pacca, José Esteves de Lima, doutor Manoel Antonio Pereira Lima e outros. Quanto aos historicos encontra-se uma explicação: — a desillusão teria chegado cedo. Mas, os outros? Os do facto consumado, pressurosos em viver a Republica nascente e encaixar na lapella a roseta vermelha? Esses não têm justificação, a não ser o despeito de não haverem sido incluídos na escolha feita previamente dos nomes a serem “escolhidos” pelos votantes de 25 de janeiro. Concluída a votação, foram as cédulas contadas e distribuidas por ordem alfabética entre os quatro mesarios, lendo o doutor Pombo uma a uma e afinal proclamando o seguinte resultado:

<i>Martinho Ferreira da Rosa</i>	265 votos
<i>Lucio Enéas de Mello Fagundes</i>	244 votos
<i>Dr. Manoel Antonio Furtado</i>	216 votos
Joaquim Alves da Costa	211 votos
Francisco de Arantes Marques	206 votos
Eduardo Garcia de Oliveira	57 votos
Antonio Augusto Lopes de Oliveira...	22 votos
<i>José Paulino Pinto Nazario</i>	18 votos
Manoel Theodolindo do Carmo	13 votos
<i>Dr. Adolpho Eugenio Pinto Pacca</i> ...	12 votos
<i>João Ferreira da Rosa</i>	9 votos
Joaquim Augusto da Cunha e Silva...	9 votos
Joaquim Pereira Lima	8 votos
<i>Joaquim Ferreira da Rosa Junior</i>	7 votos
Dr. Simpliciano da Rocha Pombo	6 votos
Dr. José Manoel de Azevedo Marques.	5 votos
<i>Joaquim Ferreira da Rosa</i>	4 votos
Dr. José Luiz dos Santos Pereira	3 votos
Dr. Raymundo Justiniano de Oliveira..	3 votos
<i>Antonio Ferreira da Rosa</i>	3 votos
Fortunato de Paula Saldanha	3 votos
<i>Boaventura Ferreira da Rosa</i>	2 votos
Manoel de Paiva Leite	2 votos
Roque Vieira de Andrade	2 votos
<i>Joaquim de Souza Neves</i>	1 voto
José Carneiro da Cunha Lobo	1 voto
Manoel Gustavino de Andrade Junqueira	1 voto
Conego Joaquim Alves Ferreira	1 voto

Publicado o resultado da eleição, declarou o doutor Pombo que, em nome do povo, que o havia aclamado presidente daquela assembléa, dava por empossados os cinco mais votados, considerados directores, no municipio, do Partido Nacional e, como estavam todos presentes, convidou-os a assignarem a acta, cujo preambulo foi escripto pelo doutor Azevedo Marques e o restante por Fernando Machado de Oliveira. Dos genuinos republicanos de 1888, somente tres lograram um logar no novo directorio: — os tres primeiros. Os demais historicos nem mesmo alcançaram uma votação que lhes servisse ao menos de ficha consoladora. No resultado acima transcripto vão gryphados os nomes dos republicanos historicos. O mais fervoroso delles, o primeiro, pode-se dizer, que appareceu em Batataes, alcançou apenas o numero irrisorio de 9 votos: — João Ferreira da Rosa! E José Paulino Pinto Nazario, tambem historico, character sem jaça, cidadão integerrimo, obteve 18. Não errou quem disse que a Republica foi feita para os adherentes...

No dia 26 de janeiro reuniram-se os membros do directorio eleito na reunião popular do dia anterior, afim de nomearem seu presidente, vice-presidente e secretario. Foram aclamados presidente e vice-presidente, respectivamente, o doutor Manoel Antonio Furtado e Joaquim Alves da Costa e convidado para secretario Augusto José Fernandes, que accitou, empossando-se desde logo no cargo.

Imprensa Batataense

Até mil oitocentos e oitenta e poucos não conheceu Batataes uma folha local. A seus filhos possivelmente não teria passado despercebida essa lacuna, sensível numa localidade que teimava em emparelhar-se com as mais progressistas da provincia, e queurgia preencher. Eram conhecidos, entre os batataenses de tempos taes, não poucos dedicados ao cultivo das letras, amigos da boa leitura e aos quaes não teria escapado o papel preponderante que um jornal desempenha na vida de um povo. Logares havia que de ha muito mantinham sua imprensa. Guaratinguetá, por exemplo, muito conhecida na zona, devido aos milagres operados pela Virgem Aparecida, cuja igreja era, naquella época, simplesmente a Capella de Nossa Senhora da Conceição Aparecida de Guaratinguetá. Desde 1864 que sua gente lia, todos os domingos, *O Parahyba*, folha literaria, industrial e noticiosa de Joaquim José da Costa Victoriano, de quem foi sucessora, á testa do jornal, sua respeitavel viuva; mais tarde appareceram *O Norte de São Paulo*, de Antonio Velloso Nogueira, *O Liberal*, do Capitão Antonio Franco dos Reis, e a *Imprensa Guaratinguetense*, de Miguel Virgínio Junior. Logo adiante, em Lorena, Manoel Antonio de Góes Moreira publicava, desde 1872, *O Lorenense*, folha imparcial, ao qual depois se juntaram *O Semanario*, do tenente Antonio de Camargo, *A Juventude*, de Arthur Climaco e Aurelio Camargo, e *O Bello Sexo*, de Benedicto Caetano e Carlos Camargo, estes dois ultimos de pequeno formato. Cananéa, localidade pequenina, perdida no extremo sul do litoral paulista, contava a *Gazeta de Cananéa*, redigida por José Ignacio de Figueiredo. Cunha, outro logar cujas condições eram innegavelmente inferiores ás de Batataes, possuia *O Conservador*, do Commendador Antonio Xavier Ferreira, e *A Redempção*, do Padre José da Silva Torres. A famosa Princeza do Norte, a velha Pindamonhangaba, cidade gloriosa que déra a guarda de honra de Pedro I na jornada historica do Ypiranga, tinha, desde 1869, uma folha imparcial, dirigida por Joaquim Silveira da Costa: — *O Pindamonhangabaense*. Em 1872 contava mais um, folha democratica, *O Americano*, de João Baptista de Mendonça, e mais tarde appareceram *A Tribuna do Norte*, de Americo José de Faria, e o *Terceiro Districto*, de Francisco Marcondes Torres. A pequena cidade de Areias em 1869

tinha *O Arcense*, do doutor Carlos Caetano de Abreu, jornal noticioso e imparcial, que durou muitos annos, e em 1872 via surgir mais outro, *O Mosquito*, propriedade de L. A. Pereira & Companhia. Em Taubaté, A. J. Prado e F. M. Damasco punham, em 1872, em circulação o *Correio de Taubaté*, dedicado aos interesses da lavoura, commercio e industria. A cidade tradicional das feiras, a velha Sorocaba, heroica de 1842, desde o anno de 1872 lia o *Sorocaba* e o *Ypanema*, aquelle de José Antonio Pereira Salles e este de Manoel Januario de Vasconcellos. A leal e fidelissima Ytú, nessa mesma época, dispunha tambem de duas folhas, *A Esperança* e a *Imprensa Ytuana*. Em Bananal era publicado o *Echo Bananalense*, folha agricola e commercial, e em Amparo o *Commercio de Amparo*. Perto de Batataes, na cidade amiga de Franca, havia o *Nono Districto*, que mais tarde passou a Cesar Ribeiro, e *A Justiça*, organo do Partido Conservador, redigido pelo doutor Estevam Leão Bourroul. Teria entrado, sem duvida, nas cogitações desses homens de boa vontade a fundação de um periodico batataense. Isso, todavia, exigiria a aquisição de prelo, typos, uma officina completa, enfim. A compra nada seria, o dinheiro necessario seria facilmente obtido. O que desanimava, entibiando os mais corajosos, era o transporte. Só a 11 de agosto de 1872 a estrada de ferro chegou a Campiúas e somente tres annos depois a Mogyana inaugurava suas linhas até Mogy Mirim. Mais tarde chegavam os trilhos a Casa Branca. Imagine-se agora o transporte, em morosos carros de bois, de uma officina typographica, de Casa Branca a Batataes, através de campos e mattas, galgando morros, transpondo varzeas, atravessando rios caudalosos como o Pardo, leguas e leguas. Desanimava, realmente...

Em 1882, porem, o saudoso jornalista portuguez Cesar Ribeiro para alli se transferiu, fundando um collegio, que funcionou na casa da rua do Commercio de propriedade do tenente coronel Manoel Theodolindo do Carmo, onde esteve, annos depois, estabelecida a firma Froemberg, Marques & Companhia (Tarquinio Froemberg, Aristides Arantes Marques e Victor Aurelio do Carmo) e residiu mais tarde o doutor Joaquim Celidonio Gomes dos Reis. Hoje, esse predio, ou pelo menos o local em que elle ficava, está incorporado ao Collegio de Nossa Senhora Auxiliadora. O collegio de Cesar Ribeiro tomou grande incremento, a despeito de certas descabidas de seu director, que, a par da indiscutivel proficiencia pedagogica, tinha lamentaveis momentos de fraqueza, chegando, em certas horas, a desdobrar, no soalho da sala de aulas, um exemplar do *Jornal do Commercio*, deitando-se ahi, em decubito dorsal. E nessa extravagante posição, erguendo de quando em quando as pernas, em movimentos de gymnastica, preleccionava aos alumnos estarrecidos a materia que o programma fixava para a occasião. Num desses dias, Cesar appareceu em nossa casa, pois era muito amigo de meu pae, afim de tomar o cafésinho do costume. Meu pae passou-lhe uma chicara, que Cesar pegou, mexeu

com a colherinha e provou, notando a falta completa de assucar. Olhou para meu pae, sorriu significativamente e assegurou: — “E’ bom, é bom!” E sorveu todo o conteúdo da chicara.

Durante sua estadia em Batataes, que não foi das mais longas, Cesar Ribeiro fundou o *Gabinete de Leitura Alexandre Herculano*, de duração ephemera, tentativa repetida, annos mais tarde, por Eduardo Garcia de Oliveira e outros homens bem intencionados, com a fundação do *Gabinete de Leitura Quintino Bocayuva*, que avançou até os primeiros dias da Republica. Foi então que appareceu o primeiro jornal batataense, dirigido e redigido por Cesar Ribeiro, que meteu hombros á empreza, ardua embora, e não fraquejou. Venceu. Funcionavam redacção, administração e officinas no mesmo predio do collegio. Chamava-se *O Seculo*, mas logo depois passou a ser o *Seculo XIX*, jornal bem escripto, de feição moderna para a época, de publicação semanal e apresentando copiosa collaboração. Cesar Ribeiro tinha um companheiro de lutas escolares e jornaliticis: — Gaspar da Silva, tambem portuguez, polemista de raça e jornalista de boa tempera. Transferindo-se ambos para Franca, onde Cesar Ribeiro assumiu a direcção do *Nono Districto*, Gaspar da Silva não tardou muito em jogar as cristas com o Padre Candido (Monsenhor Candido Rosa), vigario daquella parochia, temperamento impetuoso, natural de Jacarehy mas alli residente havia muito e pessoa estimada e respeitada por todos. E travaram, pela imprensa local, azeda discussão, que chegou a se tornar violenta. Foi quando Gaspar da Silva desfechou, contra o antagonista, aquella quadrinha ferina:

*Candido sem candura
E rosa sem perfume,
A tua alma patife
E’ um montão de estrume!*

E’ desse jornalista, parece-me, a autoria de outros versos, não menos aggressivos:

*E’ Franca banco de areia,
Onde o biltre trapacêa!*

Afinal, deixaram os dois a alta Mogyana. Cesar Ribeiro fixou-se em São Paulo, onde fundou o *Commercio de São Paulo*, foi representante de uma revista de Berlim *Novo Mundo* e falleceu annos depois. Gaspar da Silva voltou aos patrios lares e em Portugal foi o Visconde de São Boaventura.

Em 1884 surgiu o terceiro jornal, ou, em rigor, o segundo, pois *O Seculo* e o *Seculo XIX* devem ser considerados como um só. Redigiu-o Eduardo Garcia de Oliveira e chamava-se a folha *A União*, tambem de publicação semanal. Coadjuvava-o, na penosa e ingrata missão de orientar o respeitavel publico, o doutor João Paulo Diniz, que manteve o Atheneu Bom Jesus, no largo da Matriz, na casa de

Antonio Alves Ferreira, que ainda existe, no alinhamento da rua Barão de Cotegipe, logo adiante da chamada *Casa da Mangueira*. *A União* apparecia em papel amarello, dispunha de boa collaboração e, como panno de amostra do seu noticiario, farto aliás, reproduzo aqui a noticia do fallecimento de minha avó materna, occorrido a 2 de janeiro de 1886:

“No dia 2 do corrente falleceu D. Gertrudes Maria da Conceição, victima de apoplexia grave. No dia immediato baixaram á sepultura seus restos mortaes, sendo solemne o acto funebre, a que assistiu numeroso cortejo. A virtuosa senhora, viuva quinquagenaria, natural de Bragança, residia ha annos nesta cidade, em companhia de sua filha, Senhora Dona Augusta Eugenia de Miranda, e de seu genro, Senhor Augusto José Fernandes. Quem trilhou longo tempo e com rara resignação vida attribulada, cheia de achaques, neste valle de lagrimas, que alcance na mansão dos justos a aureola da immortalidade, são nossos sinceros votos. A' inconsolavel familia da extincta dirigimos nossos sentimentos de condolencia.

— No mesmo dia, por uma singular coincidência, falleceram quatro anjinhos, sendo um o filhinho do Senhor José Buriil.”

Destaco ainda, do obituario, a titulo de curiosidade, outra local:

“Falleceu nesta cidade, no p.p. mez, Anna Pimenta, viuva de José Vicente, com 120 annos! A bemaventurada macrobia, que nos faz recordar os tempos patriarchaes, viveu nesta cidade quando esta era ainda um sitio ermo.”

Um de seus “boletins locaes” consignava:

“Tendo sido convocados os Irmãos Mezarios do S. S. Sacramento, deliberou-se promover donativos para festejar a Semana Santa, fazendo appello em primeiro logar aos commerciantes desta praça. Consta-nos que, entre esses, alguns estão dispostos a contribuir com quantias avultadas; outros, pelo contrario, mostram-se indifferentes. Entre as festividades da Igreja catholica, nenhuma ha que seja tão edificante como a que commemora os sagrados mysterios da Redempção, celebrados, sem interrupção, em todo orbe, com o maior esplendor.”

Nesse jornal, o doutor Dinamerico Augusto do Rego Rangel, juiz municipal, publicou, em 1884, uma poesia dedicada á menina Adorama (D. Adorama Garcia Arantes), que a declamou com successo em varias reuniões e festas. Intitulava-se a poesia *Precé Infantil* e começava com estes versos:

“A dhalia perfumada, do calice brotando,
Péde ao sol rutilante um raio de calor,
Para avivar-lhe as petalas mimosas e risonhas,
Ou para accrescentar, talvez, seu mago odor.”

Pondo de lado o metro, um tanto sacrificado, mas ao qual a boa gente daquelle tempo pouca attenção dedicava, ha, nessa prece rimada, uma descoberta interessante, que a ninguem então acudiu: — o perfume de uma dhalia. Na secção dos annunciantes, apparecia o annuncio do Doutor Benigno, distincto medico bahiano e que em Batataes foi, sem exagero, antes com inteira justiça, o pae da pobreza. Seu regresso, quando de uma visita á provincia natal, assumiu proporções estrondosas de uma glorificação: — abalou-se a população em peso para ir buscal-o á estação e não houve uma casa, rica, pobre ou pauperrima, onde não fosse queimada pelo menos uma duzia de rojões. Era compadre de toda gente e toda gente o queria e disputava. E elle bem mereceu essa estima. O annuncio, n’A *União*, estava assim redigido:

“O Doutor Benigno Emygdio Ribeiro. — Medico, operador e parteiro, tem o seu escriptorio clinico no largo da Matriz, desta cidade, aonde pode ser procurado para seus trabalhos profissionaes, mediante preços que forem convencionados. Em falta de ajuste previo, cobrará os seus honorarios como entender. Gratis aos pobres”.

O que é facto é que, para elle, não havia ricos. . .

Ao mesmo tempo que *A União*, apparecia, aos domingos, um jornalsinho *O Clarim*, de propriedade de Claudio & Lucas, ou fossem os primos Claudio José Gomes e Lucas José Garcia, ambos typographos. Orgam literario e recreativo, apparecia em papel verde, para formar, certamente, com a folha a cuja sombra protectora se abrigava, as cores da bandeira brasileira. Foi n’*O Clarim* que appareceu o convite da commissão de festejos, organizada por occasião da inauguração da estrada de ferro Mogyana e constituida pelo doutor Dinamerico Augusto do Rego Rangel, Eduardo Garcia de Oliveira e Manoel Theodolindo do Carmo, appellidando o povo para receber, com todas as honras, Suas Magestades Imperiaes, o Senhor D. Pedro II e a Senhora D. Thereza Christina, no dia 25 de outubro de 1886, pela manhã.

Desapparecidos *A União* e seu esmeraldino rebento, Astolpho Augusto de Vasconcellos tentou lançar á publicidade *A Evolução*, para a qual o Tónico Gusmão (Antonio Augusto Fernandes) preparou um artistico cabecalho, mas ficou na estréa e, como todas as tentativas daquelle meu parente, não foi avante. Astolpho era voluvel e, por isso mesmo, suas iniciativas estavam de antemão destinadas a fracasso. Não era destituído de intelligencia, pelo contrario. Rabiscava

suas letras e tinha suas velleidades poeticas. Lembro-me de umas quadras dedicadas á mão eburnea da namorada, prendada senhorita do Chapéu e nas quaes comparava a dextra assetinada da eleita a tanta coisa mimosa, inclusive:

*E parece a polpa da bunda
Da criança que leva palmada,*

concluindo por desejal-a

P'ra castão da minha bengala!

Mas, a par disso, tinha seu quê de desequilibrado. Haja vista a questão com o engenheiro Pacca (Dr. Adolpho Eugenio Pinto Pacca), por causa de uma tal Xixica, traviata famosa que ambos disputavam encarniçadamente e que deu logar a uma scena de pugilato no theatro, por occasião de um baile de mascaras, no carnaval de 1889. E o resultado foi um encontro dos dois, na rua do Theatro, um pouco acima da do Commercio, ás nove horas da noite do dia 8 de março daquelle anno: — luta corporal, o engenheiro com as barbas arrancadas, Astolpho com cinco balas no corpo, processo. Jury dos mais movimentados: — Astolpho defendido pelo Doutor Herculano de Freitas e Pacca pelo Doutor Adolpho Carneiro de Almeida Maia, ambos advogados de Ribeirão Preto. Pouco depois, Astolpho abalou para São Paulo e, em 1893, achava-se no Rio de Janeiro, quando estalou a revolta da Armada, chefiada pelo Almirante Custodio José de Mello. Correu a alistar-se no Batalhão Tiradentes. Foi um bravo, diga-se a verdade, e no celebre combate da Armação, atirando-se resolutamente, tombou varado por uma descarga, sendo suas ultimas palavras um viva á Republica.

Em 1888, depois da Lei Aurea e de haver a população ficado privada alguns mezes de seu jornal, appareceu o *Treze de Maio*, com arraiaes no largo da Matriz, esquina da rua Barão de Cotegipe e no alinhamento da rua do Commercio. Jornal bem feito, de publicação semanal, redigia-o Affonso Froemberg, moço talentoso, republicano historico, segundo secretario do primeiro directorio do Partido Republicano, apezar de filho de um monarchista *enragé*. Morreu muito moço, em 1890. Auxiliavam-no, na ardua tarefa de fazer jornal, outros rapazes de valor: — Soares Junior (*Samuel Liso*), Amando Teixeira Santos (*Samuel Crespo*), Adolpho Affonso (*Zimbilica*). Soares Junior (José Joaquim da Costa Soares Junior), mineiro de Jacuhy, poeta dos melhores, jornalista completo, chronista scintillante, professor dos mais competentes, esperdiçava o talento em sua vida erradia de bohemio impenitente. Tinha, porem, especial predilecção por Batataes: — quebrava a cabeça por este mundo a fóra, mas um bello dia surgia de novo na velha cidade, restabelecia sua tenda e alli se deixava ficar, socegradamente, até que na veneta lhe dêsse de novo levantar mais uma vez o vô. Quando na redacção do *Treze de Maio*,

trazia, espetada á lapela, uma agulha com linha, explicando, aos que implicavam com essa exquiritice, que não ia nisso extravagancia, mas previsão: — era para costurar a roupa no caso de possiveis rasgões. . . Uma occasião, já velho, cheio de achaques, deixou-se ficar definitivamente, fundou um collegio, tudo fazia crer que havia dado rumo certo á vida, mas estava escripto que para elle nada seria duradouro. E uma madrugada, no canto socegado de uma alcova modesta, partiu para a grande viagem. Bella alma esse querido Soares Junior, meu professor no Lyceu São José, de onde um dia, sem mais nem menos, abalou para São Paulo, indo leccionar no Collegio São Paulo e Minas, que funcionava á rua da Moóca, onde está hoje o Grupo Escolar Eduardo Carlos Pereira. Ao tempo do *Treze de Maio* publicou um livro de versos, *Peregrinos*; depois disso, muito produziu, em prosa e verso, mas não quiz saber mais de livros, irritando-se mesmo quando alguém lhe falava em enfeixar em volume as producções esparsas. Delle guardo de memoria uma quadrinha:

*Dizes tú que não me queres,
Mas sempre querendo estás
O amor que as outras mulheres
Desprezam por serem más.*

E tambem estes versos encantadores, intitutados *Bosquejo*, que lembram os de João de Deus:

*Os sec'los vão se passando,
Os annos vão a correr,
Os dias passam voando,
Das horas. . . nem sei dizer.*

*Os homens vão se finando
E a criancinha ao nascer,
Já sabe, nasce chorando,
Pois nasce para morrer.*

*As aguas do mar immenso,
Do sol ao ardor intenso,
Se evólam, sobem ao ar.*

*Mas, ai, uma vez reunidas,
Volvem logo arrependidas,
Gota a gota, ao mesmo mar.*

E já que estamos a tratar do *Treze de Maio*, são de suas columnas estes anonymos

MURMURIOS

*E' noite. Suspira o vento
Sobre uma harpa sonora,*

*Traz um canto somnolento,
Leva morta a triste rosa.*

*São negros todos os campos,
E' negro tambem o céu;
Só tentão os pyrilampos
Da noite romper o véo.*

*Como é tudo triste!
No entanto... da natureza
Essa sublime belleza,
Sem saber em que consiste,*

*A alma pensa entristecida:
Como o canto somnolento,
Como a rosa, como o vento,
Como tudo, passa a vida.*

Muito bonito, realmente, tudo: — rimas, metro, grammatica...

Publicava-se igualmente, naquelle tempo, um semanario humo-
ristico, *A Matraca*, dirigido por Guilherme Voss, que muitos annos
depois, fui encontrar em Nuporanga, como official do registro geral
e de hypothecas e austero chefe de familia. *A Matraca* mettia á bulha
o pessoal todo e aquella santa gente se via doida com as suas piadas,
os seus "dizem", as suas alfinetadas. Ao Arthur Albino Correia, por
exemplo, appellidou "typo das bandeirinhas", alcunha que pegou, com
grande quizilia do alcunhado, e isso porque aquelle saudoso commer-
ciante costumava, em ditosos tempos taes, enfeitar o estabelecimento,
aos domingos, com bandeirolas multicores, chamando a attenção da
caipirada.

Cerca de anno e meio ficou a cidade novamente sem jornal. Foi
quando appareceu, um bello dia, em Batataes, com armas e bagagens,
José Moreira de Figueiredo Vasconcellos, natural de Sant'Anna dos
Olhos d'Agua, filho do velho *Vasconcellos Patacuáda*, mas ausente,
desde menino, da zona onde vira a luz e onde afinal se tornára extra-
nho. Foi residir no Hotel dos Viajantes, á rua do Commercio, de
propriedade de Amando Teixeira Santos, no trecho entre as ruas
Capitão Andrade e Carlos Gomes, lado impar; abriu banca de advo-
cacia, pois era provisionado, e cogitou de fundar um jornal, cujas
officinas installou no largo da Matriz, esquina da rua Coronel Pereira
e alinhamento da do Capitão Andrade, na casa em que posteriormente
residiram Aureliano da Silva Manço e Renato Jardim. E em agosto
de 1892 appareceu *O Lutador*, apresentando, como *O Seculo*, *A União*,
A Evolução e o *Treze de Maio*, quatro paginas de quatro columnas
e formato mais ou menos 42 x 30. Houve festa na inauguração do
jornal: — o director, redactor e gerente, á frente de numeroso grupo
de pessoas de destaque, dirigiu-se do hotel á séde do periodico, onde

usou da palavra, com a eloquencia que lhe era peculiar, Antonio Augusto Lopes de Oliveira Junior; ergueu-se uma vistosa taboleta de letras brancas em fundo preto, e queimaram-se girandolas. Depois retornaram ao hotel e alli foi servido o obrigatorio *profuso copo d'agua*, deitando o verbo, em orações inflammadas, o redactor do jornal, Amando Teixeira Santos, Bento Arruda, Arthur Albino Correia e outros. O diabo, porem, foi que ninguem conseguiu ler o primeiro numero da folha, cuja primeira pagina estampava um bem lançado artigo do doutor José Eduardo Torres Camara, promotor publico da comarca. E isso porque, alem de falhos, defeituosos, quasi imprestaveis os typos da officina, devido ao uso continuado, o Vasconcellos quiz apresentar um jornal dourado e a purpurina acabou de inutilizar a edição. Não teve *O Lutador* grande duração, pois o Vasconcellos (não fosse elle Vasconcellos) acabou com o jornal, liquidou a advocacia e mudou de ares. Foi para Cataguazes, em Minas, onde fundou *A Reacção* e cuidou de fabricar farinha com lyrio do brejo; mais tarde transferiu-se para o Rio de Janeiro e cuidava, nos ultimos tempos, da cura da lepra, realisando varias conferencias naquella Capital, em São Paulo e outras cidades.

Appareceu, nessa occasião, pois ia-se tornando moda que o jornal grande trouxesse o filhote pela mão, *O Bogarim*, orgam literario, em papel de cor, formato, — como o *d'A Matraca* e *d'O Clarim*, — de 30 x 22, dirigido por Edmundo Teixeira e por um rapazinho de nome Eduardo, que, como o Edmundo, trabalhava n'*O Lutador*. Esse jornalzinho veiu a lume no dia 2 de agosto de 1892, com esta apresentação:

“NOSSO PROGRAMMA

Assim como já houve no mundo europeu uma cruzada de crianças, nós tambem, obscuros typographos d'*O Lutador*, podemos formar entre os combatentes pelo progresso de Batataes. E' justo, portanto, e louvavel mesmo, que se derramem, com perfume d'*O Bogarim*, um soar de palmas dos velhos, uma gritaria alegre das crianças, um punhado de sorrisos do bello sexo e benções das mães de familia, porque elle é uma flor sem espinhos que brota dos serões dos pequeninos artistas. Elle trará sempre engastados em suas columnas o riso e a alegria, como suas petalas a pedirem o orvalho da protecção publica. Apparece como estrellasinha annunciadora da grandeza da sociedade batataense. Não temos espaço para maiores explanações e resumimos o nosso programma em quatro palavras: — *Seremos uteis inda brincando*. E vós, leitores, parodiae o grande Mestre dos mestres: — *Senite parvulos venire ad me. Deixae as crianças virem a mim*.

A Redacção.”

Esse jornal, cuja duração foi afinada pela d'O *Lutador*, custava 1\$500 por trimestre, cobrava nas publicações pagas 100 réis por linha e declarava no "Expediente": — *Não acceitão-se publicações offensivas*. Mantinha a secção *Variedades*, de Casusinha; a de *Poesias*, em que appareceram estes versos:

*Quando Napoleão foi rei da Syria,
Abrahão era pequeno
E lavrador em São Simão.
Mas Jacob e João Minhoca
Os fizeram de bonecos
Em uma grande funcção*

versos estes de Cagliostro; a de *Charadas*, de Colibri, offerecendo, como premios, um pé de moleque ao primeiro decifrador e uma petala d'O *Bogarim* á primeira decifradora; um roda-pé, quasi sempre sem pés nem cabeça, intitulado *Folhetim*, de Pedaco, denunciando no estylo o dedo do Vasconcellos; e o *Noticiario*, do qual destaco estes topicos:

"No proximo numero daremos noticia dos fallecimentos no Rio e dos nascimentos em Batataes."

"Foi encontrado em Berlim um dos volumes extraviados na Mogyana, cheio de debentures da geral. E' o caso de se gritar á vista do jacaré: — Sinhô do cavallo!

Livra!"

"Destraviaram-se na Mogyana alguns passageiros que vinham de Ribeirão Preto. O Tenente Felicissimo quer ver se os descobre nalgum subterraneo misterioso."

Pouco tempo sem jornal e em 1893 era lançado á publicidade *O Cosmopolita*, semanario noticioso, dirigido pelo Professor Moura Lacerda, que desde 1892 mantinha o Collegio Batataense, no velho sobrado da familia Ferreira da Rosa, á rua da Quitanda, esquina da das Palmeirs, e sob gerencia de Yvão Nolf Filho. As officinas e redacção do jornal funcionavam no predio terreo annexo e *O Cosmopolita* contava com bons collaboradores. Tenho ainda presente o artigo referente á morte de Astolpho Vasconcellos, no combate da Armação, quando da revolta capitaneada pelo *Aquidaban*. Nesse jornal o doutor Eduardo Guedes, que tanto tinha de medico como de maluco, começou a publicar um romance a prestações, — *O Phantasma*, — que ficou em meio.

Mudando-se para São Paulo o Professor Moura Lacerda, desapareceu *O Cosmopolita* e Yvão Nolf Filho e José Ravoux Darse, que haviam ficado com o collegio, de então por diante Lyceu Batataense, lançaram, em 1895, o jornal *A Penna*, que passou por diversas transformações e avançou até 1900. Por largo tempo manteve o mesmo formato dos demais jornaes que a antecederam, mas em fins de 1899 reduziu-o a 30 x 22. A principio dirigido por aquelles dois professores e depois

por Yvão Nolf Filho e doutor Joaquim Raymundo da Cunha Lobo, teve como gerentes Joaquim Augusto de Castro e Luiz Gonzaga de Sillos e dispoz de optima collaboração: — Antonio Augusto Lopes de Oliveira, Antonio Jacintho Lopes de Oliveira, doutor Washington Luiz Pereira de Souza, doutor José Bonifacio Marcondes Machado, Antonio Sebastião de Araujo, Arnaldo Augusto Pereira e outros. Teve suas officinas e redacção, até 1896, na mesma casa terrea annexa ao sobrado do collegio, mudadas naquelle anno para o largo da Matriz, para o predio, amplo e colonial, do coronel José Paulino Pinto Nazario, tomando as officinas a denominação um tanto extravagante de *Typgraphia Estrella*. Foi ahi, nessa typographia, que Yvão Nolf Filho, — belga de nascimento, mas verdadeiramente um bom brasileiro pelo coração, tendo constituido familia em Batataes, — publicou varios trabalhos sobre o *Volapück*, lingua universal, predecessora do esperanto; a *Fortuna do Lavrador*, tratado de contabilidade agricola, e a *Cartilha Mechanica*, compendio destinado ao ensino da leitura. Ahi tambem escreveu *Honra e Jogo*, drama em um acto, e o *Diccionario do Volapück*, que não chegaram a ser publicados. Homem de grandes iniciativas, nem sempre teve o amparo que merecia para seus empreendimentos, e acabou abandonando aquellas paragens, fixando-se em São Paulo, depois de curta permanencia em Liège, onde regeu uma cadeira de portuguez, revelando mais uma vez seu grande amor pelo Brasil, vertendo para o francez escriptos de autores nossos. *A Penna* apresentava-se como organ dos interesses do municipio, com uma tiragem, formidavel para a época e o logar, de 600 exemplares!... Num de seus numeros, já sob a redacção do doutor Joaquim Lobo, publicou o seguinte

“PROTESTO

“O Estado de São Paulo”, no seu numero de 21 do espirante, publicou uma correspondencia de Jardinopolis, na qual o seu autor teve a estulta pretensão de querer morder as reputações impollutas do integro Dr. Juiz de Direito desta Comarca, do seu substituto legal Tenente Coronel Vigilato Franco e tambem do *funcionalismo inferior* desta mesma Comarca, residentes nesta cidade. Essa correspondencia não merece ser tomada a serio, pois o anonymato em que ella se envolve demonstra sufficientemente a sua torpe origem. Não entramos em mais delineamentos, pois que, factos de tal ordem obrigam a ter-se as narinas prevenidas com os desinfectantes necessarios. O integro e honrado Juiz de Direito desta Comarca não carece de defensores: — a sua tóga impolluta, o seu caracter e sua honestidade são verdadeiros escudos contra as abocanhações e investidas dos despreoccupados e maldizentes. O mesmo se dá em relação ao illustre cidadão Te-

nente Coronel Vigilato Franco, que, embora leigo, sabe cumprir fielmente e com o mais elevado criterio e serena hombridade os deveres que lhe são impostos, como autoridade. Os honrados e dignos tabelliães e escrivães desta cidade, Snrs. Augusto José Fernandes e José Augusto Nogueira Porto, são muito bem conhecidos por todos os batataenses como os prototypos da honestidade profissinal. Emfim, aquelles que nos lerem hão de se convencer de que o pó das sólas dos sapatos do mais modesto dos officiaes de justiça desta cidade tem mais valor do que o autor da correspondencia de que nos occupamos. Sirvam estas linhas de protesto solemne contra as diatribes contidas na alludida correspondencia de Jardinópolis, exaradas levianamente nas columnas do “Estado de São Paulo”, de 21 do expirante mez. Só isto.”

Cumpre esclarecer que o correspondente do jornal, autor da correspondencia que tanta indignação provocou na cidade, era um senhor chamado Guilherme Castor, que conheci em Franca, representando a velha comedia *Quincas Teixeira* e entrou depois para a Companhia Mogyana, servindo como chefe da estação de Jardinópolis.

Em 1897, e impressa nas officinas d’*A Penna*, era publicada *A Idéa*, em lingua italiana, sob a redacção e direcção de Miguel Conti, rapaz intelligente e de grandes ideaes. Companheiro de Adolpho Vietti, collaborador d’*A Idéa* e de outras folhas, — Miguel Conti foi muito amigo de Batataes, o que sempre revelou em seus actos, palavras e escriptos. *A Idéa*, que sahia quinzenalmente, em pequeno formato, não teve longa duração; a redacção era no trecho da rua do Commercio, lado par, entre as duas praças, numa casa em que depois morou o capitão Francisco Justino de Paiva. D’*A Idéa* são estes versos:

“IN RIVA AL MARE

*Una fanciulla in riva al mar se dea,
E tai domande a sé stessa facea:*

“*Harvi cosa piú vasta del mar?*

“*Piú diletta di un caro fratel?*

“*Harvi cosa piú dolce del miel?”*

*Un pesciolino emerse allor dall’onda,
Cosi rispose alla fanciulla bionda —*

“*Credi! Il cielo é piú vasto del mar,*

“*Caro é il damo ben piú del fratel,*

“*Ed il bacio é piú dolce del miel.”*

Siro.”

Em 1897 Batataes chegou a possuir cinco jornaes: — além d'*A Penna* e d'*A Idéa*, mas *A Lei*, *A Justiça* e *O Nacionalista*, todos semanarios e no formato maior.

A Lei foi um dos melhores jornaes que teve a cidade, pela collaboração farta e seleccionada, pelas causas que soube defender, pela orientação segura, pelas secções que manteve, pela feição material. Era orgam do Partido Opposicionista local, funcionando redacção e officinas na então rua Alegre, esquina da praça 15 de Novembro em frente á cadeia, naquelle mesmo predio onde mais tarde assentou suas columnas a Loja Maçonica Caridade Universal. Apareceu sob a redacção do doutor Altino Arantes Marques, de cuja autoria era o brilhante artigo de apresentação; foi o doutor Altino substituido, tempos depois, pelos doutores Washington Luis Pereira de Souza e Joaquim Celidonio Gomes dos Reis. Foram gerentes d'*A Lei*, a principio, o sr. José Ravoux Darse, depois o sr. Julião David Darse. Os artigos d'*A Lei*, que foi um jornal que, indiscutivelmente, marcou sua época, mereceram constantes e elogiosas referencias dos grandes organs de publicidade; *A Imprensa*, de Ruy Barbosa, chegou a transcrever dois ou tres delles. Entre as secções permanentes do jornal, que sahia aos sabbados, figuravam a das *Piadas*, que trouxe muita gente de canto chorado, e umas cartas de *Joãosinho das Luminarias*, endereçadas ao deputado estadual coronel Estevinho (Estevam Marcolino de Figueiredo). Esse jornal manteve longa e acesa polemica com *O Nacionalista*, de fins de 1897 aos primeiros mezes de 1898, relativamente ao auxilio dispensado pelo Estado para obras municipaes. Os artigos, de uma e outra folha, tinham por epigraphe *A Esmola*, mas a discussão foi mantida sempre num terreno elevado.

Publicava-se *A Justiça*, que tinha séde no largo da Matriz, ás quartas feiras, sob a direcção do doutor Joaquim Raymundo da Cunha Lobo, que só mais tarde passou a participar da direcção d'*A Penna*. O semanario do doutor Lobo, que trazia como sub-titulo "Orgam intransigente", era bem feito, contava com optimo quadro de colaboradores, o aspecto material não desagradava, mas não teve, infelizmente, existencia duradoura. *A Justiça* lançou uma moda nova, que, entretanto, não pegou: — trazia os annuncios na primeira pagina, o que áquella boa gente representava uma excentricidade do doutor Lobo, acostumada como estava em vel-os na quarta pagina ou, como diziam, no fim do jornal. Era tambem costume do jornal dar o nome de palacete a quanta casa mais ou menos confortavel havia: — o palacete Casella, o palacete Furtado, o palacete Petrarchi...

A's quintas apparecia *O Nacionalista*, orgam do Partido Republicano Nacional, sob a direcção do doutor Carlos Silva (Carlos Augusto de Oliveira e Silva) e gerencia do major Negrão (José Alves de Oliveira Negrão), contando, entre seus redactores e colaboradores assiduos, Renato Jardim, que usava naquella época os pseudonymos *O até O*, *Antero* e *Otaner*; doutor Honorio Pinho (Manoel Honorio

de Oliveira Pinho), cujo pseudonymo era *Ari Evilô*; professor Sabino Loureiro, de Franca, que tambem assignava *S. Louro* e *S. Lauro de Itaky*; Hygino Rodrigues e outros. A redacção d'*O Nacionalista* era na rua do Commercio, numeração par, pegado á *Casa da Lavoura*, de Heitor Marques Arantes, entre os largos da Matriz e da Liberdade (hoje praças Conego Joaquim Alves e Barão do Rio Branco). Foi um jornal de combate, mas que soube fazer o bom combate. Tinha suas piadas. Commentando a prorrogação do estado de sitio, em consequencia dos acontecimentos de 5 de novembro de 1897, estampou esta local, a 3 de fevereiro de 1898:

“Foi prorogado o estado de sitio até 23 do corrente. Consta que o Prudente anda pelos corredores do Palacio assim como um *selemita* ou alma penada, de um lado para outro, a murmurar: — “E alguem já pediu o estado de sitio para o seu estado?” e o Amaro de vez em quando repete, na monotonia do corvo do *Nunca mais*: — “O Salles não quer.”

Prudente era o então presidente da Republica, doutor Prudente José de Moraes Barros; Salles o do Estado de São Paulo, doutor Manoel Ferraz de Campos Salles, e Amaro o então ministro da Justiça, doutor Amaro Cavalcante. Toda essa combatividade, toda essa elevação de vista na polemica, toda essa collaboração selecta, não impediram que nas columnas d'*O Nacionalista* apparecessem joias finamente lavoradas como esta verdadeira prenda:

“UMA PRENDA

Ao.....A.

Num ramallete perfumado
Minha mão vae colher a rosa
Do mais fresco botão nascida
P'ra offerecer a meu amado.

Sobre essa flor quero poisar
Mais uma vez a minha bocca,
E, si ahi mesmo, elle tocar,
Receberá beijos de amor.

Prenda occulta da minha fé,
Doce flor, rosa embalsamada,
Pensarás: — Não é tão feliz
Como eu a pobre namorada.

Batataes, 20 - 1 - 98.

R.”

No dia 14 de julho de 1897 foi distribuida uma polyanthéa dedicada á data franceza que então transcorria, com o titulo *XIV de Julho*, organisada por José Ravoux Darse, com oito paginas, formato 30 x 24 e estampando artigos do organisador, dos doutores Altino Arantes, Washington Luis, Joaquim Celidonio, Joaquim Lobo, Yvão Nolf Filho, Vigilato Franco, José Augusto Nogueira Porto, Manoel Theodolindo do Carmo, José Bonifacio Marcondes Machado, Arnaldo Augusto Pereira e outros.

Ao fim do primeiro semestre de 1898, dos cinco jornaes apenas restava *A Penna*. Foi quando surgiu *O Direito*, a principio de pequeno formato, dirigido por Domingos de Aquino, Julião David Darse e Domingos Cibidanes. Domingos de Aquino, que pertencera á *A Lei*, mantendo uma secção de charadas e promovendo concursos de belleza, era um rapaz intelligente, aproveitavel e geralmente estimado. Usava ás vezes o pseudonymo *Oniuqa* e, de quando em quando, costumava perpetrar seus attentados poeticos, como seja este soneto, que o jornal publicou em 12 de maio de 1898:

“REALISMO

*E tudo se findou; e tudo era illusão,
Um sonho, uma utopia, mentira e nada mais!
Uns vôos de poeta, uns vôos collossaes,
Com azas cor de rosa ao céu da inspiração!*

*Eu rio-me de ti, da louca pretensão
Que tens de embriagar a todos os mortaes,
Com teus sorrisos maus, sorrisos infernaes,
De pallida Phryné que vende o coração.*

*Eu rio-me de ti, oh pallida Dallila!
Teus labios que a sorrir outr'ora me mostravas,
Eu vejo teu sorrir estrenuo que vacilla.*

*E digo-te, mulher, em nome do passado,
Tú mereces um catre horrendo de hospital,
Em vez de um perfumado leito de noivado.*

ou estes melancolicos versinhos:

MELANCOLIA

A' R.

*Eu vivo triste, qual um bardo errante
Que busca o berço de seus tempos idos,
E que não acha quem um só instante
Dê o conforto para os seus gemidos.*

Algum tempo mais tarde, *O Direito* passou a ser dirigido e redigido pelo doutor Aristides Serpa, medico, e Antonio Sebastião de Araujo, advogado. O doutor Serpa, que para alli fôra procedente de Casa Branca e foi vereador e presidente da Camara Municipal, era um velho jornalista da roça, havendo collaborado effectivamente no *Bem Publico* e n'*Oeste de São Paulo*, ao lado de Lafayette de Toledo, e no *Almanach de Casa Branca* para 1888. Mudando-se depois para Nuporanga, escrevia continuamente na folha local, com os pseudonymos *A. Presa* e *Trisiades*, e tambem collaborou no *Almanach de Nuporanga*, que Aureliano Antonio da Silva fez publicar em 1903. Antonio Sebastião foi outro jornalista da roça de largo tirocinio, excellente pessoa, tendo sempre preparada, para passar adiante, uma piada commumente salgadinha. Uma occasião, vi-o, na estação, a discutir, indignado, com uns cometas portuguezes, em transitio para Franca e que haviam feito referencias pouco lisonjeiras a Batataes. Militou em Batataes até 1903, retornando para a sua cidade natal, a velha Ayrúoca, de onde, aliás, haviam chegado os primeiros povoadores de Batataes, e alli redigiu um jornal, que tomou o nome da cidade. *O Direito*, mais tarde, por artimanhas do diabo, passou a ser organ politico, assumindo sua responsabilidade o doutor Altino Arantes Marques. Nessa sua nova phase appareceu uma secção assignada por *Zizi*, mettendo á bulha os politicos adversarios, chronicas que todos attribuíam a Synesio Passos, que por isso mesmo supportou uma campanha injusta, pois os escriptos eram de Adolpho Affonso, ao tempo escrevente juramentado do cartorio do jury. Os adversarios sahiram a campo e, pelas columnas d'*A Penna*, respondeu *Respição* aos commentarios de *Zizi*. *O Direito* funcionou, a principio, no mesmo predio d'*A Lei*, depois na rua do Commercio, no predio onde fôra a redacção d'*A Idéa*, e, mais tarde, obedecendo a nova orientação, foi para a rua 7 de Setembro, entre as ruas Capitão Andrade e Carlos Gomes, lado impar, numa casa que fôra de José Heitor de Arantes.

Em 5 de fevereiro de 1899 apparecia *O Grito*, "organ critico e noticioso", propriedade de José de Aquino & Moraes (Evaristo de Moraes) e gerencia de Simplicio Ferreira, typographos d'*O Direito*, todos tres. Dizia o *artigo de fundo*:

"*O Grito* apparece hoje pela primeira vez nesta cidade, reconhece a sua missão e os restrictos meios com que conta e estremece. Somos ainda novos na arte de escrever, somos quasi profanos nos mysterios da Literatura, porem a nossa boa vontade e o compadecimento dos nossos leitores hão de supprimir a todos os defeitos. Este nosso periodico espera merecer do publico desta florescente cidade um bom acolhimento, que será o unico desejo que almejamos.

Toda a pessoa que nos dispensar a sua coadjuvação accetando a assignatura de nosso jornalsinho, ficamos gra-

tos. Aquelles que não aceitarem, farão o obsequio de devolverem o primeiro numero.”

Custava *O Grito*, na cidade, quinhentos réis por mez e, fóra della, dez tostões. Impresso em papel de cor, o seu formato era de 15 x 24, quatro paginas de duas columnas, e trazia noticias deste teor:

“Contractou casamento o sr. Emygdio Bradaskia com a Exma. Snra. D. Emilia Carlota da Costa. Que seja breve esta união é o que desejamos.”

E tambem uns *telegrammas* assim como estes:

“Castello, 2 — Grande barulho no Outro Mundo, negro sem nariz; soldado machucado.

— Rua Quitanda, 3 (ás 10 e 20) — Grande e pavoroso incendio na machina de fazer café do Viado.

— Avenida dos Andradas, 4 — O Ruão tem andado estes dias numa gracha medonha.

— Boa Vista, 4 — O Coronel da Cavallaria a pé Ernesto Carretão tem de responder conselho de guerra por ser muito desordeiro.”

Em agosto *O Grito* deu o bérro...

Mais ou menos nessa época, *O Direito* cedeu o logar á *A Epoca*, orgam egualmente politico, pertencente ao Partido situacionista e dirigido pelo doutor Altino Arantes Marques e tenente-coronel José Augusto Nogueira Porto, com redacção e administração no mesmo local. Entre seus collaboradores tinham relevo Synesio Passos, Oscar Porto e Adolpho Affonso, que passára de *Zizi a Branco*, tomando a seu cargo a secção dos *cotucões*. Em fins de 1899, os proprietarios do jornal transferiram officinas e periodico a Yvão Nolf Filho, d'*A Penna*, que se obrigou a sustentar a publicação d'*A Epoca* até terminar o compromisso assumido com os assignantes e annunciantes. E o jornal, que tão bem começára e fóra tão bem acolhido por gregos e troyanos, passou a ser editado em meia folha apenas, a segunda pagina occupada pelos annuncios e a primeira repleta de tolices respigadas dos almanachs de Ayer e Bristol, de transcripções de noticias de outras folhas do interior e de larachas deste modelo:

“VIAGEM PARA O CÉU

Horario para os passageiros até o Paraiso:

Sahida — a todas as horas.

Chegada — quando Deus quizer.

Preços das passagens: — 1.^a classe — Innocencia e martyrio. 2.^a classe — Penitencia e confiança em Deus. 3.^a classe — Arrependimento e resignação.

Avisos:

- 1.º — Não se vende bilhetes de ida e volta.
- 2.º — Não ha bilhetes de recreio.
- 3.º — Os meninos nada pagam no seio de sua mãe a igreja.
- 4.º — Não podem levar outras bagagens, alem das boas obras, sob pena de se exporem a perder o trem ou atrazarem a viagem.
- 5.º — Recebem-se passageiros em todas as linhas.
- 6.º — Só não são acceitos os advogados, escrivães, boti-carios e sogras."

Um dia, ainda na primeira phase d'*A Epoca*, o famoso *Mata-Cachorro*, cuja alcunha tirára da profissão lucrativa que desempenhava de distribuir bólas aos cães vadios, deitou collaboração, honrando as columnas da folha com uma descompostura engraçadissima no Prefeito, doutor Washington Luiz:

"Illm. Snrs. Batatacenses.

o Illustre Snr. Vasgiton.

Patrão de camaradas e camaradas cendo que tem um que trabalha dia e noite fazendo todos os impussivel de comprir com sua obrigação : que o seo patrão lhe manda : eu eu preziso do patrão é na' ocazião da molestia do contrario tenho boa saude para trabalhar : e me vendo em nességade, por molestia me vi obrigado pedir ao Patrão um Dr.º tendo eu ganho e não fui servido na óra da nességade ; tendo eu pqr 3 vezes relaixado esse safado imprego etendo cido procurado com empenho para entrar nelle, sendo que me disse que podia mandar preparar o remedio : mal de mim se não tivesse Alguns Amigos governistas. N.B. que patrões bons o que ganha mais deita sedo e acorda tarde e o que não sabe quanto ganha é que mais trabalhã e no mais passem bem ; visto passar gato por lebre como deu-se na rua da Estação estes dias atraz porque estava procimo a Eleição. Visto pela policia e testemunhado : Ermino e Avelino : Meu serviço hade ser bem feito ou deixarei de fazer.

José Antonio dos Santos."

Os "amigos governistas" aos quacs o collaborador extranumerario se reportava eram os politicos adversarios do doutor Washington Luis, membros do partido então dominante.

Quando da publicação d'*A Epoca*, appareceu, impresso nas mesmas officinas, um jornalsinho de aspecto agradável, bem redigido, obedecendo á direcção de Adolpho Affonso e Domingos de Aquino. Era *O Sorriso*, que, todavia, foi um sorriso fugaz, não tendo dado o ar de sua graça por mais de um ou dois mezes.

Solvido o compromisso que assumira com o doutor Altino Arantes e o tenente-coronel Nogueira Porto, Yvão Nolf Filho, por sua vez, quebrou *A Penna* e não quiz saber mais de jornalismo, dedicando-se á lavoura, na fazenda *Ytatinga*. E appareceu então, — foi isso em 1900 —, o semanario *Variedades*, propriedade e redacção de Joaquim Bernardes Ribeiro. Esse Ribeiro, de nacionalidade portugueza, desembarcou um dia em Batataes, em outubro de 1898, como actor e ponto de um desconjuntado mambembe do velho actor José de Araujo; a *troupe* mudou de ares, após uma serie rendosa de espectaculos, e elle por lá ficou, abrigando-se a principio na typographia d'*O Direito* e depois na d'*A Penna*, onde afinal editou seu hebdomadario, de reduzido formato, 30 x 23. Não era destituído de intelligencia esse ex-actor, que usava o pseudonymo *Joberry*; era adepto fervoroso do protestantismo e acabou viajante de uma fabrica de carimbos de borracha. Entre outras preciosidades com que o *Variedades* deleitou seus inumeros leitores, figurava esta litania:

“LADAINHA DAS MOÇAS

- As leitoras sabem de cór a ladainha das moças? Não?!
Pois aprendam:
- S. Bartholomeu — casar-me quero eu.
 - S. Ludovico — com um moço muito rico.
 - S. Nicolau — que não seja muito mau.
 - S. Benedicto — que seja bonito.
 - S. Vicente — que não seja impertinente.
 - S. Sebastião — que me leve á funcção.
 - S. Felicidade — que me faça a vontade.
 - S. Benjamim — que se apaixone por mim.
 - S. André — que não tome rapé.
 - S. Quintino — que tenha bom tino.
 - S. Gabriel — que me seja fiel.
 - S. Aniceto — que ande bem quieto.
 - S. Ezequiel — que me perdure a lua de mel.
 - S. Margarida — que me traga bem vestida.
 - S. Diogo — que não goste do “bicho” e nem outro jogo.”

Nesse mesmo anno de 1900, Hygino Rodrigues, que se mudára de Jardinopolis, onde editára o *Jardinopolis* e, na fórma habitual, brigára com meio mundo, lançou á publicidade *A Mogyana*, em formato grande e dedicada aos altos interesses da zona mogyana, que o jornalista não cessava de percorrer, graças a um passe livre fornecido pelo doutor José Pereira Rebouças. Hygino era um goyano de compleição franzina, mas jornalista vigoroso, bom poeta e nacionalista exaltado. Não engeitava brigas, chegava a compral-as. Escrevia e discursava com facilidade e bebia com maior facilidade ainda. Em Ribeirão Preto deu uns tiros no doutor Braz Barbosa de Oliveira Arruda, que allí

mantinha uma papelaria na rua General Osorio, e foi preso e processado. Em Jardinópolis andou ás turras com toda gente, a policia inclusive. Em Franca metteu-se em questões com o prefeito municipal, Alvaro Abranches Lopes, redactor d'O *Francano*. Um dia teve uma desintelligencia com um *chará* e, para não usar o mesmo nome deste, supprimiu o H inicial e passou a assignar-se Ygino Rodrigues. Em Batataes, numa manifestação popular ao doutor Washington Luis, que regressava, em 1900, de São Paulo, onde contrahira casamento, Hygino deitou o verbo repetidas vezes e emborcou mais vezes os copos que lhe passavam; por fim, já entre as dez e as onze, no Restaurant Casella, discursou rasgadamente, narrando as peripecias de sua vida atribulada e declarando que em apenas duas cidades encontrára franca hospitalidade: — Bananal e Batataes. Que coincidência, — exclamou, — uma lembrava batatas e a outra bananas!... Deixou, pois já é morto, varios volumes de poesias, lembrando-me, no momento, de dois: — *Dynamites* e *Aerolithos*, o primeiro apparecido na época rubra do florianismo, versos nativistas e furibundos, o segundo dedicado a um turco de Ribeirão Preto que custeára a impressão do volume e a quem o poeta dava de “exmo. snr.”

Ainda nesse mesmo anno, em outubro, Juvenal Machado fez apparecer *A Primavera*, “orgam literario, crítico e noticioso, dedicado á Sociedade R. Lyrio Batataense”, publicação quinzenal, com escriptorio á rua Direita, na séde daquelle gremio recreativo. Foi n'A *Primavera* que fiz, adolescente ainda, minha estréa como *jornalista* effectivo, tomando a meu cargo a secção *Figuram no museu*, incumbencia que me encheu de empafia, de tal modo que me julguei tão bom e tão grande jornalista quanto Ruy ou Quintino. E' verdade que, antes disso, e ás escondidas de meu pae, que não tolerava essas minhas exhibições jornalisticas, enviava *correspondencias* a diversos jornaes do interior, como a *Cidade de Bragança*, a *Gazeta de Uberaba* e a *Gazeta de Sacramento*, e publicava, com o nome de *Sem Patria* e de parceria com João Augusto de Loyola, que assignava *J. Verão*, charadas novissimas e logogriphos rapidos no *Diario da Manhã*, de Ribeirão Preto, e n'A *Justiça*, semanario monarchista da Capital. Ardia-me, porem, o desejo vivissimo de tomar a meu cargo uma secção exclusivamente minha, de fazer parte, em character effectivo, de uma redacção, e assim o convite de Juvenal Machado chegou em hora propicia. Felizmente ninguem teve a má lembrança de contar a meu pae quem fosse aquelle *Pimpão* que subscrevia aquellas *figurações*. A duração d'A *Primavera* foi curta, quatro ou cinco numeros. Desappareceu com a estação que lhe déra o nome. Formato *mignon*, quatro paginas, papel de cor, duzentos exemplares de tiragem. Juvenal Machado ia ás nuvens a cada exemplar que chegava, devolvido á redacção. Um delles irritou-o sobremodo: — foi o do Padre Messias (Conego Messias de Mello Tavares), de Nuporanga, declarando seccamente: — “Devolvo este jornal”. Cheirou-lhe a desaforo. Fez lembrar, o

caso do Padre Messias, aquelle outro do Padre João Salata, de Jardimópolis, devolvendo a folha local, *O Echo*, aliás redigido pelo velho professor Francisco José da Costa Machado, pae de Juvenal: — “Devolvo este jornal *Echo*”. O *artigo-programma* foi, a pedido de Juvenal, traçado pelo doutor Joaquim Lobo, presidente da Sociedade Lyrio; mas, no segundo numero, Juvenal deitou artigo pomposo, que não me furto a trasladar para estas paginas:

“A PRIMAVERA

Pela segunda vez apresentamo-nos ao illustrado publico, com as idéas mais sadias e revestidas de toda a coragem e energia para gritarmos alto e bom som, em prol do bem estar e da prosperidade desta terra. Aproveitamos o ensejo para significar com estas pallidas linhas, o agradecimento aos dignos leitores que gentilmente nos acolheram de braços abertos. E igualmente não nos é dado fazer áquelles que se recusaram guiar-nos na senda do progresso. Felizmente o universo é composto de genios differentes. Si uns não apreciam a leitura de um jornalsinho do lugar, julgando, talvez, ser um pasquim de podridões e de vicios ou do lado pecuniario, outros assim não procedem, não encaram tão mesquinha importancia que se paga pela assignatura de um jornalsinho como “A Primavera”, mas, que tenha por divisa: — trabalhar, trabalhar pela instrucção e pelo progresso do seu berço.”

Juvenal mantinha tambem uma secção — *Galeria dos Celebres*, da qual destaco esta pequena amostra:

“D. JACARÉ

Conhecem-no? Não ha quem não o conheça, seja na rua de sua residencia ou na bella Avenida dos Andradas, onde seus passeios são mais frequentes. Pertence ao glorioso berço de Garibaldi. Conta 20 primaveras. O seu physico sympathico é desenvolvido. Intelligencia regular. O seu natural alegre e agradável. Occupa-se em honroso serviço, trabalhando sempre com a esperanza de algum dia realisar o seu louco desejo, que é o... hymineu. Predicado: — Apreciar a sua florinha ao peito e pós de arroz no rosto, não desprezando o bonito e valente chapéo de palha domingueiro.

Totó Malagueta.”

Esse *D. Jacaré* era Henrique Lorenzato, pae do famoso *Batataes*, conhecido jogador de foot-ball...

Contou também *A Primavera* com o concurso do velho professor Antonio Rabello Systema, que publicou uma serie de artigos, subordinada á epigraphe *Onde está a felicidade?*

Em julho de 1901, com pequena differença de dias, appareceram dois jornaes: — o *Correio de Batataes* e a *Folha de Batataes*. O *Correio* surgiu sob a direcção de Emilio Salvi, que alli chegára de mudança, vindo de Sertãozinho, e montou sua tenda no largo do Castello. O primeiro numero foi uma coisa pavorosa: — artigos e noticias numa algaravia incrível, a Juó Bananere, inclusive um *soneto* de 16 versos, com todos os pés imaginaveis, dedicado ao prefeito Renato Jardim, e que terminava, lembro-me bem, assim:

“...di Jardim Renato!...”

O segundo numero appareceu sob a redacção de Antonio Andrade, rapaz de preparo, que deu geito á coisa, mas que de nada valeu, porquanto o *Correio* não attingiu o terceiro numero.

A *Folha* foi mais feliz, chegou ao quarto numero. Dirigia-a o tenente Americo (Americo Alves Ferreira), que, havendo explorado, com insuccesso, varios ramos de actividade, resolveu iniciar-se tambem no jornalismo. A redacção funcionava na praça Campo Alegre, hoje Annita Garibaldi, e no quadro dos collaboradores figuravam o doutor Joaquim Lobo, Synesio Passos e Arnaldo Augusto Perreira. Imprensa nas officinas do *Diario da Manhã*, de Ribeirão Preto, brilhava pela falta de revisão.

Quando, a 16 de novembro de 1901, foi inaugurada a Escola Agricola local, com a presença do Secretario da Agricultura, doutor Antonio Candido Rodrigues, indagou este, do doutor Miguel Cursino Villa-Nova, da existencia de jornaes na localidade e, á informação de que não existia nenhum, exclamou:

— “Que cidade feliz!...”

Durou quasi um anno essa felicidade. Em 20 de julho de 1902 surgiu a *Comarca de Batataes*, redigida por Juvenal Martins e dirigida por Claudionor Martins, com redacção e officinas no mesmo predio, no largo da Matriz, onde funcionaram *A Penna* e o *Variedades*. Jornal bem feito, porque Juvenal Martins era conhecedor do *metier*. Alem de jornalista, bom poeta e orador. Pena foi que o seu periodico um anno depois enveredasse pelo terreno pedregoso da politica e o velho jornalista, que levava de Sertãozinho contas antigas a acertar com o Padre José Lafayette de Godoy, perdesse o *controlle* e descambasse para as questões pessoas. Começou assim a sua apresentação ao publico:

“A *Comarca de Botataes*, baseando-se no espirito progressista do povo, cujos direitos propõe-se defender, vê no escriptorio de Pandóra somente as preciosidades no fundo conservadas. Julga-a-ão demasiado optimista aquelles que

presenciaram a queda de quantos periodicos se publicaram nesta cidade.”

Mais adiante accentuava:

“As crenças politicas do *Seculo*, os apupos da *Matraca*, a força de argumentos da *União*, os sons vibrantes do *Clarim*, a liberdade do *Treze de Maio*, a philantropia (!) do *Cosmopolita*, as linhas magistralmente traçadas da *Pen-na*, os artigos irreplicaveis da *Lei*, os brados patrioticos do *Nacionalista*, a rectitude da *Justiça*, as utopias da *Idéa*, a independencia (!) do *Grito*, a affabilidade do *Sorriso*, o estylo floreado da *Primavera*, o humorismo do *Variedades*, as esperanças da *Folha* e o fiasco do *Correio de Batataes*, são outros tantos pharóes que nos hão de aclarar o itinerario do porvir.”

Entre as secções habituaes desse jornal, que tanto fez e deu que fazer, destacavam-se *Arena de Orates*, de *Pilades*, charadistica; *Prova de Fogo*, de *Vulcano*, uma especie daquella do *Dr. Cabuhy Pitanga*, d'O Malho; *Lepidópteros*, poesias, e *Facécias Paleographicas*, da qual recorto estas rimas:

“Quando os esquimós com arte
Tomaram conta de Gôa,
O valente Bonaparte,
Que era famoso dentista,
Collocou em Nero, o artista,
Os dentes da Serra Leôa!”

Collaboraram effectivamente na *Comarca*: o doutor Antonio do Nascimento Moura, lente da Escola Agricola local, moço distinctissimo, natural do Serro, em Minas, talento robusto servido por uma grande cultura, fallecido ha annos em Assis; autor de chronicas primorosas e de boas poesias, usava o pseudonymo *Gastão Simplicio*. Renato Jardim, outro jornalista vigoroso e de preparo invulgar, cujos pseudonymos, na folha, eram *Catão Simplorio* e *Jupiter dos Jupiteres*. Doutor Honorio Pinho, poeta condoreiro, autor de esplendidos alexandrinos, que substituiu por *Mario d'Olphino* o *Ari-Evilo* d'O *Nacionalista*; Synesio Passos, outro moço de grande talento, subscrevendo chronicas e chromos com os pseudonymos *Nésio de Avellar* e *Sylvio Farpa*; doutor Arthur Gouveia, cujas chroniquetas adocicadas e azulinhas, rendilhadas sempre de expressões rebuscadas, eram subscriptas por *Vandrillo*; doutor João Leopoldo da Rocha Fragoso, que assignava XXX; Antonio Theodoro Gonçalves Bastos, tambem bom poeta, assignando *Sthin Obas*; Julio Dufrayer de Oliveira, professor da Escola Agricola, antigo official do Exercito, que usava em cada artigo um pseudonymo, arranjado no momento, como *Doutor Kussem*, *Tar-*

quinius Tullius, Diavolino, Pierrot, Diderot; Soares Junior, que continuou a ser o mesmo *Samuel Liso* de annos atraz; doutor Nilo Diodati, engenheiro, muito dado a latinices e que era *Tim-Tim*; Augusto Leovigildo Cerri, que não usava pseudonymo, ao contrario do redactor-chefe, Juvenal Martins, que usava diversos: — *Dion, L. A. Joven, J. V. A. Leon, Pilades, Telasco, Tarmins, J. M., Néo Macrobio, Vulcano, Gesbeão Semma, Penna Grapho, A. Nemo, Sales, Atomo*. A *Comarca*, em julho de 1903, festejou seu primeiro anniversario com um numero de gala, em papel assetinado e muitas paginas, ostentando na de honra os retratos de Juvenal Martins, Antonio do Nascimento Moura, Renato Jardim e Honorio Pinho, e apresentando farta collaboração, incluido um artigo de Soares Junior, que provocou certo escandalo, pois chamava á imprensa “boceta de mãe Joanna”. Para a confecção desse numero especial, a empreza appellou para todos aquelles que podiam coadjuval-a nesse *tentamen*, enviando-lhes um artistico cartão, com este pedido:

“Completando a *Comarca de Batataes*, a 19 do corrente, um anno de existencia, pretende nesse dia dar um numero literario, para o que péde o poderoso auxilio intellectual de V. S.

Batataes, Julho de 1903.

Martins & Martins.”

Sahiu a *Comarca* pela ultima vez a 14 de fevereiro de 1904, andando, nesse tempo, pelo n.º 82.

Em 1902, a 7 de setembro, appareceu o primeiro numero da *Revista da Sociedade Civico-Literaria Batataense*, redigida pelos doutores Altino Arantes Marques, Antonio Nascimento Moura e Synesio Passos, com a collaboração dos doutores Washington Luis Pereira de Sousa, João Leopoldo da Rocha Fragoso, Renato Jardim, Honorio Pinho, Guilherme de Oliveira, Arthur Gouveia, Symphoroso Lara Fernandes, Cunha Mendes, Luis de Lima e Nilo Diodati. Pena foi que ficasse nesse primeiro numero. Dizia, nas *Duas Palavras* de sua apresentação:

“Triumphando das condições negativas do meio, superando as inumeras difficuldades com que terá de lutar uma publicação desta especie, a presente revista, em cujas paginas a Sociedade Civico-Literaria escreverá a historia da sua existencia, não tem a pretensão de ser recebida nesses sumptuosos gabinetes, onde a aristocracia do talento se deleita em compulsar as obras immortaes das sumidas literarias, consagradas pelos mestres.”

Estampou ainda, nesse seu unico numero, de vinte e seis paginas, os admiraveis discursos pronunciados, a 13 de maio, pelos doutores Altino Arantes e Antonio do Nascimento Moura; um artigo do doutor

Arthur Gouveia; um soneto de Juvenal Martins; um estudo de Renato Jardim sobre *A Independência*; um chromo de Synesio Passos e a poesia *Patria e Floriano*, de Honorio Pinho, começando por esta estrophe:

*“Auri-verde pendão, constellação de glorias!
Bandeira idolatrada, emblema de victorias
Colhidas no heroismo estoico e sem rival!
Curva-te reverente á luz do teu Cruzeiro
E enxuga em teu regaço o pranto brasileiro,
Que é morto do Brasil o grande Marechal!”*

e terminando por esta:

*“Sublime, eil-o que vejo, enorme, extraordinario
Envolto na bandeira, o santo relicario,
Buscando, então, da Patria a frente p’ra beijal-a...
Aspecto varonil lhe parte do semblante.
Na dextra, a legendaria espada rutilante,
E aos pés esta epopéa grandiosa: — A’ bala!...”*

Em outubro desse mesmo anno de 1902, os alumnos da Escola Agricola, á cuja frente salientavam-se Alcino Alvim da Cunha, Jeronymo Osorio de Oliveira, Delduque Ribeiro, Carlos Tambellini, José de Paula Arantes e outros, lançaram á luz da publicidade um pequeno jornal de 30 x 20, — *Chrysalida*. Seu noticiario era copioso, repleto de noticias deste estylo:

“Chegou hontem a esta cidade, onde breve estreará seus admiraveis espectaculos, a Empreza equestre de propriedade dos srs. Peyres & Comp., dirigida pelo insigne artista Galdino Pinto.

Falleceram, nesta cidade, as seguintes pessoas:

— Amarante Vernout, que fazia parte da banda “Euterpe”. Seus companheiros o acompanharam á sua ultima morada, ao som da musica, que elle tanto amára.”

Nos *Annuncios*, apparecia este:

“Casa de pensão — de Alvaro da Cunha. — Aceitam-se pensionistas dando roupa lavada a 70\$000. — Aceita-se tambem meio pensionista. — Rua da Quitanda n.º 15. — Batataes.”

Mas a *Comarca*, como seus antecessores, precisava de um filhote e este demorou um pouco, mas chegou: — foi *O Cavador*. Surgiu no dia 19 de março de 1903, como “critico, humoristico, literario e noticioso”; era, como *A Manha* do Barão do Itararé, quinta-feirino,

pertencendo a *Eu, Tu, Elle & Companhia*, ou fosse, pura e simplesmente, Claudionor Martins. E declarava:

“Moços! nós que neste momento nos dirigimos especialmente a vós, Mocidade Batataense, a quem particularmente é dedicada a nossa folha, temos a vos dizer que esta terra, carinhoso e abençoado ninho de vossas almas sonhadoras, sente-se morrer de tédio, envolve-lhe a fronte bella o manto escuro da tristeza, o riso ella banira dos seus labios; e passam as noite enluaradas, e volem os dourados dias de Abril e ella, a vossa terra, queda-se muda e eternamente triste; não mais lhe enflóra os labios siquer um só sorriso. Pois bem, Moços! estando em vós, que sois a *verve*, o canto, a alegria e a vida, o antidoto do mal, fazei voltar a primavera, os tempos risonhos de outr’ora, ride-vos, cantae, trazei a *O Cavador* os effluvios do vosso riso, deixae cantar a calhandra da vossa alma, o espirito trazei-nos envolto na pilheria; aqui estamos. *O Cavador* vem vos trazer a aurora de melhores dias, comvosco contará, mesmo *cavando*.”

Não se entende bem o que está ahi escripto, mas parece que o intuito do jornalsinho era fazer rir, ou por outra, como o *Manequinho*, ser util inda brincando. O futuro, porem, se encarregou de desmentil-o. Não foi util nem brincou. O teiró velho entre o vigário e os jornalistas fez com que o jornalsinho se descontrolasse na linguagem, appareceram as *Cartas de Mim a nós*, o padre passou a ser *Reverendo Mim, Lafite, Godinho*, e mettida em dansa sua predilecção muito pronunciada pelo gramophone, pela macarronada, pelo licor *Crema de ovos* e pelo figado de ganso. Recordo-me de uma quadrinha visando o reverendo:

*Tenho fama de leão,
Mas pareço uma leão;
De manhã como biscouto
E de noite arróto brôa!*

Mais tarde *O Cavador* passou a novos donos, — Adolpho Velloso e Simplicio Ferreira, typographos da *Comarca*. Enviaram estes um exemplar ao parcho, que o devolveu com esta nota á margem: — “*Plus qui ça çange c’est toujours la même chose*”. Foi a conta!... O jornalsinho perdeu a compostura de uma vez, desceu desabridamente ao ataque pessoal, houve tiros, inqueritos e o jornalsinho acabou.

Nos primeiros dias de junho de 1903, juntamente com Anselmo Tambellini, puz na rua *O Osculo*, organ dedicado ao bello sexo, impresso, a principio, na *Casa Marinoni*, de Franca, e, ao fim de tres mezes, na *Typographia Estrella*. O artigo de apresentação, a que

chamavamos retumbantemente *nosso programma*, tinha este fecho, que hoje me faz rir e naquelle tempo fez muito velho ranzinza franzir as sobrancelhas: — “Ao bello sexo desta cidade offerecemos o *nosso Osculo*”. Eram nossos companheiros, nessa tarefa de oscular o sexo amavel e encantador, Olyntho Alves Leão e Aurelio Neves. Olyntho era goyano, de Aboboras (Rio Verde), moreno, magro, com uns bigodes mongolicos e umas expressões inconcebiveis; assignava suas formidaveis producções, umas phantasias estupendas, simplesmente *O. Leão*. Pellava-se pelas palavras difficeis e andava por isso ás voltas com o dicionario. Uma feita, peregrinando pelo calepino, para escrever umas coisas amaveis á sua pequena, que na sua literatice tomára o nome extravagante de *Ansira*, encontrou — “Flato-vento...” Não quiz saber de mais nada, não leu o resto e no domingo immediato contava que a “*Ansira* era impellida mansamente pelo flato”. Aurelio Neves era mais cuidadoso, assignava-se *Alcinegro* e *A. Seven*, mas de quando em quando claudicava. Assim é que, certa feita, incumbido de noticiar o caso importantissimo das proezas de um cão hydrophobo, escreveu que o animal mordera um syrio, um filho do senhor Rufino e “outros cães”. Tambem prestaram valiosissimo concurso a *O Osculo* Julio Dufrayer de Oliveira, doutor Honorio Pinho, Soares Junior, Arnaldo Velloso (de Cajurú), João Leal (de Catalão), Honorio Guimarães (de Uberaba), Urias de Andrade (de Franca) e Antonio Andrade. Anselmo Tambellini escrevia sob os pseudonyms de *Chico Menino*, *Bellini* e *S. Manoel*; os meus eram *Chico Marmanjo*, *Julien*, *Caio Hermes* e *Mucio Scylla*. Esse jornalsinho apresentou dois numeros especiaes, um commemorativo da data gloriosa da Republica, — papel amarello, impressão verde e, no centro, em azul, as armas republicanas, — com artigos da redacção, de Julio Dufrayer, de Antonio Andrade, de Sabino Loureiro e outros, — e o outro homenageando o doutor Washington Luis Pereira de Sousa, quando de sua primeira eleição para o Congresso do Estado.

Para fazer frente á *Comarca*, na sua phase tumultuosa, appareceu, em fins de 1903, *O Cartel*. Anselmo Tambellini, que havia deixado *O Osculo*, tomou-lhe a direcção, apoiado pelo padre Lafayette de Godoy, doutor Augusto de Oliveira Pinto, Augusto Leovegildo Cerri e outros redactores effectivos. Jornal de combate, de linguagem desabrida, não teve medo em terçar armas com o collega do outro lado. Desapparecido o motivo que determinára sua publicação, a folha mudou de feição e foi desde então menos politica que noticiosa. Soares Junior passou a collaborar assiduamente e, como elle, outros bons colaboradores foram apparecendo. Apresentou um numero de anniversario de muitas paginas, trazendo os retratos de Anselmo Tambellini, Soares Junior, padre Lafayette, Augusto Cerri, irmãos Oliveira Pinto e outros.

Logo depois da apparição d'*O Cartel*, fiz apparecer *A Cimitarra*, supprimindo *O Osculo*. Durou pouco esse novo semanario, porque

logo transferi residencia para a Capital. *A Cimitarra* metheu sua colher torta no caldeirão onde fervia o guisado politico. Isso não obstava que tivesse secção literaria, preenchida pelo doutor Honorio Pinho, João Leal e outros e publicasse charadas de Julio Dufrayer de Oliveira. Uma secção havia, melosamente epigraphada *Açafate de flores*, estampando *perfis* deste typo:

“Bella como o despontar de uma aurora primaveril. E' alta. Ao diadema de sua formosura, engasta duas preciosas perolas: — sympathia e modestia. Não é batataense, porem aqui ha muito reside. Seu nome inspirou ao autor do *Guarany* o mavioso poema da virgem dos labios de mel. No vergel sorridente de sua vida, apenas dezeseite alvos lyrios vicejam. Reune em si a belleza de Semiramis, o talento de Aspasia e os affectos de Artemisa.

Pericles”

Em 1905 appareceram dois pequenos periodicos: — *Crisol* e *A Sogra*. O primeiro era de Carlos Tambellini, que, a despeito das escassas dimensões do jornal, poz em letra de fôrma muita coisa interessante. Lembro-me de uma critica mordaz de Soares Junior (não mais *Samuel Liso*, mas *Peregrino* e *Diabinho Azul*) visando um artigo de José de Paula Arantes, intitulado, se não me engano, *A Palavra. A Sogra*, pertencente a Antonio Gonçalves, era humoristico e irreverente, tendo curta duração.

Desapparecido *O Cartel*, surgiu, com o anno de 1907, o *Diario de Batataes*, de Anselmo Tambellini, que venceu, a custa de ingentes sacrificios, esse anno todo. Publicava diariamente telegrammas de São Paulo, transmittidos por José Cantinho, trazia amplo noticiario e in-seria bons artigos.

No anno seguinte, a 12 de janeiro, Carlos Tambellini lançava o primeiro numero d'*A Gazeta*, que pouco depois passou a *Gazeta de Batataes*, vencendo galhardamente os annos. Surgiu modestamente:

“*A Gazeta*, inscrevendo-se na lista da imprensa batataense, não vem, em sua apresentação ao publico, requintada de rethorica, promettendo o que jamais pôssa cumprir.”

Mais tarde assumiu a redacção desse semanario Bertholino Tambellini, prematuramente desapparecido e que, por largo espaço de tempo, emprestou ao jornal todo o brilho do seu formoso talento. Foi *A Gazeta* que, generosamente, deu agasalho a estas desataviadas e pauperrimas chronicas, sob o titulo *Batataes de outr'ora*, dando ensejo a que o doutor José Máximo Pinheiro Lima, ao tempo juiz de direito de Franca, lhe enviasse esta carta:

“Sr. Redactor da *Gazeta de Batataes*.
Attenciosas saudações.

Leio na edição de 29 de fevereiro pp., da' excellente *Gazeta de Batataes*, o XV artigo do distincto escriptor que usa do pseudonymo *Jean de Frans*, sob o titulo *Batataes de Outr'ora*, interessantes reminiscencias sobre esse Municipio. Tomo a liberdade de pedir-lhe, caso seja possivel, a remessa dos numeros que trouxeram os anteriores artigos, bem como venia do seu autor para inseril-os no *Diccionario Historico e Geographico de São Paulo*, que estou organizando. Aguardando suas honrosas ordens, assigno-me, com a mais alta estima e distincta consideração, etc.”

Ainda em 1908, Jonas de Toledo Ramos, que fizera parte do corpo redactorial do *Correio Paulistano* e para alli se mudára, poz em circulação *A Imprensa*, publicação bi-semanal, em formato maior que o d'*A Gazeta*, com muito boa vontade e magnifica collaboração, mas que não alcançou a dita de uma vida prolongada.

Em 1910 appareceu *A Cidade*, orientada por José de Paula Arantes, com o auxilio efficaz de Adolpho Affonso e mais umas secções engraçadissimas, que, todavia, não tiveram o condão de lhe proporcionar uma existencia dilatada.

Parece-me que mais tarde vieram a lume *O Castello* e *O Municipio*, dos quaes, entretanto, não possuo informações seguras, ignorando quem tenham sido seus directores e redactores, o tempo em que floresceram e a duração que conseguiram.

Em dezembro de 1927 appareceu a *Tribuna de Batataes*, redactoriada por Guilherme Tambellini e Ulysses Freire, mantendo varias secções, algumas de real interesse e apreciavel collaboração. Um dia, porem, passou a novas mãos e nunca mais tive noticias desse periodico. Não sei se ainda existe ou, o que é mais provavel, se teve o destino dos seus antecessores, que, com excepção unica d'*A Gazeta*, duraram tanto quanto as rosas celebradas de Malherbes.

A relação que aqui deixo, sem lhe aditar commentarios, dispensaveis aliás, é significativa. Quarenta jornaes em cincoenta e poucos annos já representa alguma coisa... E para encerrar estas linhas, que, breves que deveriam ser, tomaram o comprimento da legua de Povoá, é justo que fique annotada uma referencia ligeira aos “jornaes de fóra”. O *Correio Paulistano* foi, alli, um jornal sempre lido, contando, desde tempos remotos, apreciavel numero de assignantes; teve, em epochas diversas, correspondentes prestimosos, sollicitos em enviar *correspondencias*, muitas das quaes causaram successo. A *Provincia de São Paulo*, mais nova que aquelle, tinha seus leitores, mas só depois que passou a *O Estado de São Paulo* alcançou a procura que até hoje desfruta na velha cidade. Esse movimento incrementou-se mais ou menos em 1894, quando para alli o administrador da folha, que então era José Filinto da Silva, despachou um representante muito amavel,

munido de cartas do coronel Eduardo Garcia de Oliveira, na epoca deputado estadual, e de exemplares de um almanach para 1895, e com quem, a mandado de meu pae, andei de casa em casa. Crescei o numero de assignantes, que foi subindo com os annos, até attingir a cifra elevada que actualmente accusa. Manteve, desde aquelle tempo, um correspondente na localidade, cujas noticias eram quasi sempre interessantes, mas ás vezes encaixavam banalidades como esta:

“Uma creada do dr. Meyer foi, ante-hontem, mordida por um escorpião. Soccorrida por aquelle medico, acha-se já salva de qualquer perigo.”

Tambem o *Commercio de São Paulo* era bafejado pela aura da popularidade, mórmente nas gestões de Cesar Ribeiro, Eduardo Prado e Affonso Arinos. Seus correspondentes, mais ou menos assiduos, commentavam, com muita opporrtunidade, os acontecimentos locaes, o que sem duvida teria concorrido para a procura que tinha o jornal. *A Platéa*, então jornal illustrado, repleto de boas caricaturas, dispunha de um vasto circulo de apreciadores. Tambem de São Paulo chegava um semanario um tanto volumoso, a *Verdade e Luz*, jornal espirita do velho Batuirea, cuja lista de assignantes não era pequena, mesmo porque a distribuição era gratuita.

Jornaes de grande procura eram, naquelle tempo, os de Campinas, — o *Correio*, o *Commercio* e o *Diario*, cujas columnas frequentavam, com relativa assiduidade, os batataenses escriptores de artigos para jornaes.

Os da Aparecida do Norte, — *Estrella da Aparecida*, *Luz da Aparecida*, *Folha da Aparecida*, *Mensageiro da Aparecida* e *Santuário da Aparecida*, — dispunham de numerosos assignantes, tanto que o conego Antonio Marques Henriques, um padre decidido e portuguez avalentado, redactor de dois desses registradores de milagres e que annos depois popularisou-se com as excursões aos thesouros da ilha da Trindade, de quando em quando por alli dava o ar de sua presença, em excursões arrecadadoras. Rara a senhora que não recebia algumas dessas folhas apparecidenses, quando não todas, porque era commum, entre as promessas formuladas em amargos e difficeis transes, assumir com a Santa' o compromisso de tomar assignatura de um de seus jornaes, se alcançada fosse a graça implorada.

Da religião protestante somente muitos annos depois começou a apparecer alli, a principio medrosamente, mais tarde com maior frequencia, o *Expositor Christão*.

Em Casa Branca e em Franca havia jornaes que eram muito lidos em Batataes: — da primeira daquellas cidades, o *Bem Publico* e o *Oeste de São Paulo*; da segunda, *O Francano* e o *Nono Districto*. O cabedalho deste era artistico e chamava a attenção: — o nome do jornal, em caracteres manuscriptos, atravessado por uma penna de pato. De Uberaba iam a *Gazeta de Uberaba*, de Tobias Antonio Rosa, e

O *Triangulo Mineiro*, do popular Cazuza (J. A. de Paiva Teixeira), autor deste soneto, publicado em 31 de dezembro de 1884:

“1884

(a Lafayette de Toledo)

*Do tempo finalmente a foice destruidora
Em breve vai ceifar-te, ó velho deshumano!
Tu foste muito mau, tu foste mui tyrano,
Não legas ao Porvir saudade immorredoura.*

*Horror e destruição e scena aterradora!
O sopro teu fatal, devastador, insano,
Levava a toda parte a luta, o desengano,
Em vez de conduzir a esp'rança alentadora!*

*Some-te, pois, nas brumas! A França te deplora,
A Italia os teus horrores inda hoje soffre e chora;
Levaste-lhes, colerico, a morte, o pranto, a dor!*

*De bom nada fizeste, infelizmente nada!
Foge que a mocidade alegre, entusiasmada,
Ardentemente quer saudar teu successor!”*

De Ribeirão Preto, somente depois da Republica tiveram vóga os jornaes, destacando-se o *Setimo Districto*, do doutor Alfredo Pujol, que, tendo escriptorio na capital do café, exerceu a advocacia tambem em Batataes, *O Reporter* e, mais tarde, o *Diario da Manhã*. D'*O Reporter* ha uma passagem engraçada: — quando da revolta da armada, o delegado de policia, cumprindo sem duvida ordens superiores, notificou a direcção do jornal de que este, dadas as sympathias manifestadas pela causa custodista, estava suspenso. O director da folha amarrou um punhado de exemplares, suspendendo-o por um cordel á sacada do sobrado em que funcionava a redacção, de modo que todos ficassem sabendo que *O Reporter* estava suspenso. E' de crer que a zelosissima autoridade não apreciasse muito essa manifestação de bom humor do jornalista. O *Diario da Manhã* dava-se como o organ de maior circulação no chamado oeste de São Paulo, mas a sua revisão deixava bastante o desejar. Trazia, no roda-pé, em letras garrafaes, esta inscripção: — “O jornal de maior circulação no Ó, este de São Paulo.”

Da capital do paiz, bem poucos. Uma ou duas pessoas recebiam o venerando *Jornal do Commercio*, mais algumas a *Gazeta de Noticias* e os republicanos *O Paiz*. Mais tarde teve optimo acolhimento o *Jornal do Brasil*. E sem falar tambem numa revista literaria e de modas, *La Saison*, tempos depois transformada em *A Estação* e que era assignada por elevado numero de senhoras.

E agora fechemos o capitulo, que já não é sem tempo.

Um pouco de politica

Em 1896 militavam em Batataes quatro partidos politicos. Faziam politica local e geral. Estava de cima, nos braços e nas boas graças dos deuses do Olympo, o Partido Republicano Federal, o famoso P.R.F. do inolvidavel Francisco Glycerio, general valoroso das vinte e uma brigadas, e que tinha como chefes, na localidade, o doutor Manoel Antonio Furtado, o coronel Lucio Enéas de Mello Fagundes, o tenente-coronel Vigilato Augusto Franco, o tenente-coronel Joaquim Alves da Costa e outros. O mais pujante era o Partido Opposicionista, contando com a grande massa do eleitorado, victorioso nas urnas em mais de um pleito renhido, em franca opposição aos governos estadual e federal, então occupados pelos eminentes paulistas Campos Salles e Prudente de Moraes; chefiavam-no os doutores Joaquim Celidonio Gomes dos Reis, Altino Arantes Marques e Washington Luis Pereira de Souza, os coroneis Eduardo Garcia de Oliveira, Manoel Theodolindo do Carmo e Manoel Gustavino de Andrade Junqueira e delle faziam parte, entre outras, as familias Andrade Junqueira, Ferreira da Rosa e Garcia de Oliveira, numerosas e influentes. Havia ainda, ensaiando indeciso os seus primeiros passos, o Partido Nacional, que melhor fôra florianista, pois, defendendo um nacionalismo que ia ás raias do jacobinismo, levava ao fanatismo o culto á memoria do chamado marechal de ferro; chefiavam essa aggremação incipiente, em Batataes, o doutor Carlos Augusto de Oliveira e Silva, o major José Alves de Oliveira Negrão, Renato Jardim, Alfredo de Salles Oliveira, capitão José Manoel Pereira e doutor Manoel Honorio de Oliveira Pinho. Finalmente, havia o Partido Monarchista, menos numeroso, um tanto encolhido naquelles tempos heroicos em que os sebastianistas figuravam no *index*, sem directorio formado, mas á cuja frente eram apontados geralmente o capitão Manoel de Paiva Leite, o doutor Miguel Cursino Villa Nova, Caetano Leite Machado e uns poucos mais. Num prestito carnavalesco realisado naquella cidade appareceu, com successo, um carro de critica a esses quatro partidos que alli mediam forças. O Partido Monarchista desapareceu por completo quando daquellas tropelias a que deu logar o desastre da expedição Moreira Cesar, que havia ido a Canudos para arrasar o arraial em vinte e quatro horas e voltou em frangalhos. No Rio de

Janeiro, houve, como é sabido, grandes motins: — empastelamentos de jornaes, o assassinato covarde do coronel Gentil de Castro, a perseguição ao inlyto Visconde de Ouro Preto. E o grito de *mata gallego* de 1831 foi substituído pelo de *mata monarchista*. Foi por agua' abaixo o ardor combativo dos monarchistas batataenses, que acharam de bom alvitre mudar de arraiaes, indo quasi todos para o Partido Opposicionista e alguns para as hostes glyceristas, como Caetano Machado, que tornou publica sua adhesão pela secção-livre do periodico *A Penna*.

Em 1896 occorreu a memoravel questão levantada pelo famigerado protocolo italiano, que repercutiu tambem em Batataes. Assim, ás 17 horas do dia 23 de agosto daquelle anno, o theatro municipal abrigava tudo o que a sociedade local contava de mais distincto. Alli estavam reunidos os legitimos representantes do commercio, da industria, da agricultura, das classes liberaes, da politica, da administração. Assisti a esse comicio, verdadeiramente imponente, não como parte do mesmo, mas como simples *penetra*, unica condição que a minha pouca idade me permittia, e ouvi os discursos inflammados que alli jorraram. No palco, a mesa directora dos trabalhos: — Vigilato Franco na presidencia, Renato Jardim como secretario. Dos chefes politicos em evidencia não haviam comparecido o doutor Manoel Antonio Furtado, aliás ausente da cidade, e seus companheiros mais intimos. O primeiro a falar foi o doutor Altino Arantes, orador official. A sua oração foi um primoroso trabalho, tendo estado o jovem advogado num dos seus dias mais felizes. O orador deixou patente, com grande eloquencia, a monstruosidade desse protocolo, vexatorio e humilhante, obra nefasta e exclusiva do P.R.F., perante o direito e perante a moral. O doutor Altino Arantes falou do palco, á direita, e occupou, por espaço de mais de uma hora, a attenção do auditorio, que abafou com aclamações suas ultimas palavras.

Em seguida, de uma friza á esquerda, orou o doutor Honorio Pinho, florianista vermelho, nacionalista *enragé*, que, em arroubos de eloquencia, frisou que a unica coisa attingida por aquelle immoralissimo protocolo era a dignidade da Patria, torpemente maculada. E o seu "viva" ao Brasil foi entusiasticamente correspondido.

Depois usou da palavra o doutor Washington Luis, que discursou de outra friza, á direita. Se o protocolo italiano, ponderou, feria o direito e maculava a dignidade da Patria, e se elle era fruto da politica desenvolvida pelo P.R.F., cumpria que todos que reunidos alli se encontravam, irmanados pelo mesmo sentimento digno e animados pela mesma idéa nobre, se aggremassem, afim de que o partido que de tal modo humilhava o paiz fosse arrancado do poder. E o meio unico, viavel, a lançar mão em situação tão afflictiva como fosse aquella que o Brasil atravessava, seria a organisação de um partido forte e honesto que, no combate leal das urnas, se batesse desassombradamente pela grandeza da Patria e pela sua reconstituição moral, e que, sem visar reformas na Constituição, visasse apenas a defesa

integral e desinteressada dos direitos e da dignidade dos brasileiros, tristemente vilipendiados a todos os instantes. Aparteou o senhor Renato Jardim que esse partido já existia: — era o Partido Nacional. Pois se já existe, — retrucou o doutor Washington Luis —, que appareça, que exponha o seu programma. Seria conveniente, e nesse sentido formulou uma proposta, a nomeação de uma commissão que, estudando detidamente esse programma, opinasse quanto á vantagem ou desvantagem de sua organização definitiva no municipio, com a adhesão das forças alli congregadas. O discurso do doutor Washington Luis, que foi longo e empolgou a assistencia, mereceu tambem fartos applausos. A assembléa acolheu a proposta formulada e acclamou, para a commissão lembrada, os senhores coronel Vigilato Augusto Franco, coronel Martinho Ferreira da Rosa, Renato Jardim e doutor Washington Luis. Essa commissão, nessa mesma noite reunida, resolveu telegraphar ao Congresso Federal, telegramma que synthetisava a moção apresentada pelo senhor Renato Jardim no comicio daquella tarde e unanimemente approvada, telegramma que *O Paiz* publicou na integra, em sua edição de 26 de agosto. A commissão agradeceu ainda á população do districto de Ilha Grande (hoje Jardinopolis) a manifestação de apoio e solidariedade irrestricta, consubstanciada numa moção vibrante e repassada de patriotismo, subscripta pelos mais destacados elementos daquella prospera localidade e da qual foi portador o distincto medico doutor Sergio Werneck, que, havendo chegado tarde ao local do comicio, não poudo fazer uso da palavra.

E a 25 de agosto o protocolo, que fôra approvado nas duas primeiras discussões regimentaes, dando logar aos lamentaveis acontecimentos desenrolados em São Paulo, era unanimemente rejeitado em terceira discussão. O general Francisco Glycerio tivéra que ceder aos imperativos da opinião publica, que se levantára em peso contra a vergonha desse protocolo, que os brasileiros não podiam de modo algum admittir, e o Partido Republicano Federal soffreu o seu primeiro revez.

A agitação provocada por aquelle protocolo, innegavelmente aviltante para os nossos brios, continuou ainda por largo tempo. Para que se pôssa ajuizar da tensão dos espiritos, naquella época, basta compulsar, por exemplo, o exemplar, que tenho em mãos, da revista *A Patria* (Pamphleto de educação civica — *Si vis pacem para bellum*), que se editava no Rio de Janeiro, sob a redacção de Annibal Mascarenhas. E' o numero 11 do 1.º anno, apparecido em 26 de setembro de 1896, um mez após a rejeição do protocolo italiano, e do primeiro artigo, epigraphado *O "Piemonte"*, destaco alguns periodos:

“Se nos repugna, porem, descer á baixeza do insulto, nem por isso deixaremos de verberar a affronta e, portanto, diremos, insolentemente se querem, que nem todos

os canhões do “Piemonte”, nem todos os arreganhos do Sr. de Martino, terão força para nos soccar no peito o protesto que com vehemencia nos espuma aos labios. Póde o Ministro da Italia exigir do chefe da nossa inditosa nação immediato desaggravo pelo grande crime de não termos consentido que o consul Brichanteau levasse a effeito a ameaça expressa no grito de “morra ao Brasil”; póde o Sr. de Martino conseguir por suas ameaças que o governo patrio dê, ao sabor das conveniencias de seu paiz, pulinhos medrosos como um macaco que se remexe em obediencia á chibata do saltimbanco; póde o enviado do Rei Humberto obter que os altos poderes do nosso paiz, de alva e corda ao pescoço, se dirijam á legação italiana em *amende honorable*, pela grave falta de termos vivado nosso paiz e applicado leve correctivo a uma duzia de perturbadores da ordem.

Logo adiante, outro artigo “*A consciencia da nacionalidade*”, subscripto por P. Rangel:

“
Hoje o brasileiro já se preocupa com as questões relativas á dignidade nacional, já comprehende a noção abstracta da honra collectiva, não mais entrega, descuidosamente, os seus interesses aos governantes: — procura fiscalisal-os, discute os seus direitos. A opinião publica já não é a inconciencia da capangagem movida ao sabor de meia duzia de mandões. Entre os filhos de uma mesma Patria, o sentimento da solidariedade nacional deixou de ser sonho irrealisavel. Attestou-o ainda agora a corrente electrica que tão espontaneamente, num accordo admirável, agitou todos os recantos do paiz contra os protocolos italianos. E’ o povo affirmando a sua personalidade, como individuo na edade da razão; é a consciencia da nacionalidade que vae surgindo.”

São da chronica “*Através da semana*” estes trechos:

“A nota principal: — a chegada do *Piemonte*, o possante vaso de guerra italiano, trazendo a seu bordo o sr. de Martino em missão especial. Estou certo que conseqüirá tudo quanto quizer e até mais do que pedir, inclusive uma satisfação ao sr. Brichanteau, a quem o governo de São Paulo offerecerá retrato a oleo, com charangas e... vaia nos jacobinos. Não tinha necessidade de vir em encouraçado; mesmo em qualquer navio mercante não era menor

o effeito: — governo da qualidade deste que nos desgo-
verna tem medo de tudo, até de almas do outro mundo.”

Vem depois “*Brasil brasileiro*”, com estes periodos:

“No dia 22 do corrente *O Paiz* publicou a carta que
abaixo transcrevemos, a qual, citando o facto excepcional
de não haver estrangeiro no Acary (Estado do Rio Gran-
de do Norte), demonstra, aos obsedados pela idéa da immi-
gração, que a felicidade patria não está em entulhar o tor-
rão natal com os filhos de terras extranhas.”

Finalmente, em “*Parodia bem feita*”, contava Jacob Maranhão:

“Os jornaes italianos publicaram a seguinte estúpida
e grosseira quadra contra o Brasil, a qual, segundo infor-
mações que temos, foi deglutida por um poeta que, na
terra do macarrão, gósa fóros de inspirado:

*Brasileiros, brava gente,
Descendenza di macaco,
Han venduta la bandiera
Per un roglío di tabacco!*

Hontem, na rua, ouvimos um moleque cantarolando
a seguinte parodia, indubitavelmente muito mais justa e
engraçada:

*Brava gente carcamana,
Maltrapilha e fedorenta,
Menelick foi-te aos queixos,
O Brasil te irá á venta!”*

Esses versinhos me fazem lembrar umas quadras que surgiram
a lume quando da revolta da armada, em 1893. Os florianistas con-
tundiram os adeptos de Custodio de Mello com esta quadrinha:

*Custodio, Custodio,
Que nome tens tú: —
Acaba por odio,
Começa por.....!*

E os custodistas reagiram á altura com esta:

*Que nome execrando,
Que nome tremendo!
Começa cheirando
E acaba fedendo!...*

Voltemos, porem, ao que mais nos interessa.

Dias depois da rejeição do protocolo, que muito deu que falar na cidade, pois que de sobreaviso ficaram os adeptos do partido glycerista, uma vez que esse recuo não deixava de pôr em chéque seu prestigio, encontravam-se em casa do coronel Vigilato Franco, em visita de cordialidade ao dono da casa, o doutor Washington Luis, o doutor Carlos Silva e Renato Jardim, e, como era natural, descambou a palestra para os acontecimentos que vinham sendo registrados, cogitando os presentes, tres dos quaes participantes da commissão acclamada no comicio do dia 23 de agosto, da formação do Partido Nacional. E nessa tróca de idéas, o dono da casa passou ao doutor Washington, que *leaderava* a commissão, um exemplar do jornal *O Nativista*, de São Paulo, edição de 27 de março daquelle anno, o qual publicava o programma do partido que, em seu aparte, naquelle memoravel *meeting*, o senhor Renato Jardim affirmára já existir. Era um dos pontos fundamentaes desse programma a manutenção da Republica, tendo por base a federação, mantidos o systema presidencial e, em toda a sua plenitude, a autonomia municipal. O doutor Washington Luis procurou então auscultar a opinião de seus amigos mais chegados, com influencia na corrente que formava o Partido Opposicionista. Numa das dependencias do cartorio do 2.º officio, tratou do caso com o respectivo serventuario, Augusto José Fernandes, e com o coronel Manoel Gustavino de Andrade Junqueira, inseparavel daquelle; alli chegou, logo depois, o coronel Manoel Theodolindo do Carmo, morador no predio em frente e cuja opinião o doutor Washington igualmente quiz conhecer. Foi depois ao doutor Altino Arantes, um dos chefes mais prestigiosos daquelle aggremação partidaria, ouvindo-o demoradamente, bem como seu progenitor, coronel Francisco Arantes Marques, cujos pareceres não divergiram dos daquelles companheiros. Da mesma fórma pensavam o doutor Joaquim Celidonio, seu companheiro de casa, e outros chefes e correligionarios ouvidos, indice seguro da cohesão reinante no pujante partido. E isso o doutor Washington expoz: — se o programma publicado por aquelle jornal era altamente liberal e sendo a Opposição de Batataes republicana-federalista-presidencialista, fazendo da autonomia municipal seu ponto de partida, difficuldade não via, portanto, em que se aggremassem em Partido Nacional. Havia, comtudo, condições a impor, condições *sine qua non*. Ao Partido Opposicionista repugnava ver confundido amor da patria com odio ao estrangeiro, odio que não alimentava e não podia existir. Era indispensavel tambem que fosse inserido no programma a reforma eleitoral, uma reforma que estabelecesse, como era do aneio de todos os brasileiros, a verdade eleitoral. Não acceitariam, ainda, como chefe de partido o senhor Quintino Bocayuva, que consideravam o homem de “maior passado politico”, desde que tinha nelle o caso do territorio das Missões. E sobretudo que o manifesto que fosse elaborado nesse sentido, consubstanciando as idéas que fossem approvadas, assim começasse:

“O Partido Nacional, em franca opposição ao Partido Republicano Federal e ao governo da Republica, etc.”

Estavam as coisas nesse pé. Tres ou quatro dias mais tarde, subindo á tarde a rua do Commercio, em demanda do largo da Matriz, ao passar pelo estabelecimento commercial do senhor Adolpho Arantes Marques, o doutor Washington Luis encontrou alli o doutor Altino Arantes, o tabellião Bento Arruda e o coronel Vigilato Franco, com os quaes se deteve em palestra. Como fosse abordado o assumpto que andava na ordem do dia, o doutor Washington indagou do coronel Vigilato qual seria, em face do partido de que se cogitava, a attitude do doutor Manoel Antonio Furtado, chefe que sempre fôra, no municipio, do Partido Republicano Federal, que o fizêra deputado federal pelo 7.º districto. O coronel Vigilato já havia escripto áquelle facultativo a respeito, aguardando o regresso do mesmo para um entendimento definitivo. Podia, no entanto, assegurar que, fosse qual fosse a attitude do doutor Furtado, a sua e a de seus companheiros já estava traçada: — se o doutor Furtado se alistasse nas fileiras do novo partido seria, sem duvida, um dos chefes; se insistisse em se conservar no P.R.F., perderia seu concurso e de seus companheiros. E tão firme estava em sua resolução que chegára a cogitar em resignar o cargo de 1.º juiz de paz, só não effectivando essa resolução por serem obrigatorias as funcções que exercia.

Diante disso, o Partido Opposicionista ficou na expectativa. Dado que aquelle medico, cuja chegada estava annunciada para proximos dias, accitasse o encargo de chefiar o partido em formação, a Opposição se absteria de ingressar no mesmo, porquanto seus membros, que representavam a maior parcella do eleitorado do municipio, não podiam ser soldados de um partido chefiado por um homem que nunca deixára de ser seu adversario acerrimo, e attendendo ainda aos extremos que haviam separado a politica local. A entrega da direcção ao doutor Furtado determinaria a inviabilidade do partido, cuja garantia de união não teria durabilidade, pois a dissidencia era de facil previsão. O comicio de 23 de agosto não firmára nenhum pacto quanto á organização do Partido Nacional, — e dahi a attitude da Opposição, — mas teve, não ha negar, grande alcance politico, sendo, como havia sido, um acto de opposição franco, inequivoco, natural e nobre.

Os commentarios a que deram ensejo os acontecimentos que ficam ahi narrados em linhas geraes, os boatos que fervilhavam como planta damminha de todos os tempos, a posição assumida pelos do Partido Opposicionistas, arrastaram o senhor Renato Jardim á secção-livre do semanario *A Penna*, definindo, em publicação de 27 de setembro, seu modo de encarar as coisas. O coronel Vigilato Franco não quiz ficar atrás: — no dia 4 de outubro expoz, pelos *a pedidos* da imprensa local, seu pensamento e esclareceu pontos que julgava obscuros. Isso

levou o doutor Washington Luis, por sua vez, a collocar os pontos nos iii. Fel-o, pelas mesmas columnas utilizadas por aquelles, no dia 6 de outubro. Accentuou, antes de tudo, o procedimento incorrecto do Governo da Republica e do partido que o apoiava em toda essa questão do protocolo italiano, cotejando-os com os capadocios a quem se indica, num gesto resolutivo, o verdadeiro caminho a ser trilhado. A opinião nacional, calafetada embora por um mechanismo que a miseria tolerava como governo, não havia morrido: — antes, jazia adormecida, na lethargia da impotencia, mas acordára vibrante no momento asado, para expulsar os vendilhões do templo. E accentuou que, com as restricções apontadas e estabelecidas como preliminar, não trepidaria a Opposição de Batataes em formar com o Partido Nacional que então existia e cujo programma *O Nativista* publicára, o grande Partido Republicano Nacional, para defesa do Brasil e combate ao governo federal, se aquelle partido não fôra accentuadamente florianista, conforme affirmára o senhor Renato Jardim. Se a Opposição, em vida de Floriano Peixoto, combatera resolutamente o florianismo, que então poderia ser uma politica, como adoptal-o quando esse florianismo não mais passava de um culto de reverencia para seus adeptos? E a Opposição batataense continuou onde estava, contrária aos governos da União e do Estado e em franca opposição ao Partido Federal.

Em março de 1897 sobrevem o desastre de Canudos, provocado pela epilepsia de Moreira Cesar. O partido monarchista tocou a debandada e seus membros, com bem raras excepções, integraram-se na Opposição local. Nesse interim desentenderam-se o presidente da Republica e o general das vinte e uma brigadas, entrou a sizania no seio do até então glorioso partido, tornando a situação grave sob todos os aspectos. E surgiu, em fins de maio daquelle anno, a moção do deputado bahiano doutor J. J. Seabra, apresentada á Camara Federal, de solidariedade ao governo da Republica. Veiu a seguir o discurso de Glycerio, contrariando a proposta, para elle capciosa, e investivando seu autor. E o plenario rejeitava a moção por uma maioria de 26 votos e o presidente da Camara dos Deputados renunciava seu posto. Por fim, no dia 29 de maio, a celebre *varia* do conceituado *Jornal do Commercio* estalava como um raio, considerada a attitude sempre mantida pelo decano da imprensa carioca e visivel como era a procedencia da nota, que começava categoricamente: — “Julgamo-nos autorisados a declarar que o senhor Francisco Glycerio não interpreta perante o Congresso a politica do senhor Presidente da Republica, como se tem feito acreditar em certos grupos politicos.” Era a *debaçle* do P.R.F. E enquanto o general caminhava para o ostracismo, a meditar na precariedade da gratidão dos homens, o partido, scindido, era apeado das posições de mando. E o governo do Estado, nessa emergencia, appellou para a Opposição de Batataes, que, num passe de magica, passou a ser o partido dominante, ao mesmo aggregados agora elementos que haviam pertencido ao P.R.F., como o coronel

José Augusto Nogueira Porto, o coronel Vigilato Franco, José Mendes Ferraz e outros mais. Reunido em assembléa, no sobrado da residencia do coronel Francisco Arantes Marques, presidida pelo saudoso conego Joaquim Alves Ferreira, o partido elegeu o seu primeiro directorio, na nova phase que ia iniciar. Ficaram então em campo dois partidos: — o situacionista e o nacionalista. Um forte, o outro ainda timido. Aquelle tinha por organ official *A Lei*, hebdomadario bem feito, redigido a principio pelo doutor Altino Arantes e depois pelos doutores Washington Luis e Joaquim Celidonio, e este *O Nacionalista*, tambem semanario, sob a redacção de Renato Jardim, doutor Carlos Silva, major José Alves de Oliveira Negrão e doutor Honorio Pinho. Alem desses dois jornaes, eram publicados, naquelle tempo, *A Justiça*, sem cor politica, dirigida pelo doutor Joaquim Lobo, mas com manifesta sympathia pelo situacionismo, orientação que seu illustre director interrompeu quando, mais tarde, deu de apoiar a chapa Lauro Sodré-Fernando Lobo, que os remanescentes do P. R. F. lançaram, por occasião da eleição presidencial, em contraposição á chapa Campos Salles-Rosa e Silva, e *A Penna*, orgão absolutamente neutro e que teve maior duração, dirigido por Yvão Nolf Filho.

O primeiro pleito travado, no qual a antiga Opposição compareceu como partido da situação, foi a eleição para presidente da Republica, realisada a 1.º de março de 1898, e na qual poude apresentar a quasi totalidade da votação, pois a chapa Julio de Castilho-Lauro Sodré, pela qual se empenhava o Partido Nacional, alcançou 40 votos e a chapa Lauro Sodré-Fernando Lobo apenas um, que, toda gente soube, foi o do doutor Joaquim Lobo, que disso não fez mysterio. Essa situação, porem, não podia durar muito. Dissentiram os chefes, estourou a scisão, novamente apaixonando a opinião publica. Uma ala ficou com o governo, outra voltou a ser opposição. Na primeira ficaram o doutor Altino Arantes, os coroneis Eduardo Garcia, Francisco Arantes Marques, Joaquim Alves da Costa e Manoel Theodolino do Carmo, majores Thomaz Martins de Araujo e Hygino Ribeiro de Noronha, coroneis Lucio Enéas de Mello Fagundes, Vigilato Franco, Antonio Augusto Lopes de Oliveira (pae e filho), João Augusto Teixeira e José Augusto Nogueira Porto, capitão Antonio Candido Alves Pereira e outros chefes de menor vulto. Voltaram aos antigos postos os doutores Washington Luis, Joaquim Celidonio e Miguel Cursino Villa Nova, coroneis Manoel Gustavino de Andrade Junqueira e Martinho Ferreira da Rosa, capitães Manoel de Paiva Leite e Antonio Ferreira da Rosa, Joaquim Pereira Lima, major Custodio José Vieira, Augusto José Fernandes, doutor Raymundo Justiniano de Oliveira, Gabriel Theodoro Lima, Salathiel Aleixo de Oliveira, capitão Domiciano José da Silva, Fortunato de Paula Saldanha e outros chefes. Surgiu logo a "questão autonomista", que daria ao partido da opposição o nome, por que ficou sendo conhecido, de Partido Autonomista. Essa questão teve origem na promulgação, em 21 de junho

de 1898, da lei estadual n.º 531, estabelecendo que os vereadores municipaes seriam collectivamente eleitos, de tres em tres annos, a 30 de outubro. Ora, em 1895 a Camara Municipal havia promulgado, a 8 de julho, uma lei dictando nórmas para as eleições municipaes e fixando o dia 30 desse mez, triennialmente, para a renovação do mandato dos legisladores do municipio. A promulgação da lei estadual constituiu uma surpresa. Achou a Camara Municipal que ella esfrangalhari a autonomia municipal, com a absorpção, pelo Estado, de uma das mais importantes, senão a mais importante de suas attribuições, porquanto a que mais de perto dizia com seu peculiar interesse, e annullaria um dos principios mais admiraveis dos consagrados na carta constitucional de São Paulo. Aquella lei, intervindo directa e acintosamente nos governos municipaes, amputava-lhes de maneira innegavel a independencia de administração. Feria, portanto, disposição sábia e salutar da Constituição Federal, quando, no art. 68, prescrevia aos Estados a obrigação de assegurar aos municipios a maxima autonomia governamental, como feria igualmente disposições contidas no art. 53 §§ 1.º e 5.º da Constituição do Estado, em virtude das quaes reservada ficava aos municipios a faculdade de legislarem quanto ao processo das eleições de character municipal. E argumentava a Edilidade que, se os municipios tinham o poder de crear, supprimir e substituir autoridades, em face da lei basica; se podiam legislar sobre suas eleições e podiam, por isso mesmo, marcar data para taes eleições, a lei estadual de 21 de junho de 1898 representava, evidentemente, uma intromissão indébita do Estado em seára alheia, conferindo-se uma attribuição que inteira e exclusivamente pertencia aos municipios. Era, por conseguinte, uma lei inconstitucional e, logicamente, não poderia ter cumprimento. Acto marcadamente nullo, era acto inexistente e, nessa conformidade, não podia crear obrigações.

Animaram-se os arraiaes politicos. Agitou-se o Partido Autonomista, moveu-se o Partido Governista. Aquelle batendo-se sem desfallecimentos pelo direito assegurado ás Camaras Municipaes na fixação da data para as eleições municipaes, o segundo batendo-se em favor da manutenção da lei do Estado, que, no seu modo de encarar a questão, não podia ferir o preceito constitucional da autonomia dos municipios. O directorio do primeiro compunha-se dos doutores Washington Luis, Joaquim Celidonio, Miguel Cursino Villa Nova e Raymundo Justiniano de Oliveira, coronel Manoel Gustavino de Andrade Junqueira e capitães Manoel de Paiva Leite, Antonio Ferreira da Rosa, Domiciano José da Silva e Manoel da Costa Rezende; o do segundo era constituído pelo doutor Altino Arantes e coroneis Eduardo Garcia, Joaquim Alves da Costa, Manoel Theodolindo do Carmo, Lucio Fagundes, Theodoro Carlos de Magalhães e José Augusto Noqueira Porto. Na arregimentação de suas forças appellaram ambos para o Partido Nacional, que dava de si, num periodo de manifesto desanimo. E os antigos nacionalistas adheriram, uns á Opposição,

como os senhores Renato Jardim, Arthur Gonçalves Bastos e major José Alves de Oliveira Negrão, outros ao Governo, como os senhores Alfredo de Salles Oliveira e José Manoel Pereira, enquanto outros, idealistas desilludidos, alheiarão-se a esse movimento adhesista, mantendo-se equidistantes das duas facções, como o doutor Honorio Pinho.

A Camara Municipal, dentro dos principios por ella esposados e defendidos, sancionou nova lei, a 8 de julho de 1898, marcando o dia 30 de setembro para a realização das eleições de vereadores, ou fosse um mez antes daquelle fixado pelo Congresso do Estado. O directorio governista recorreu dessa lei e o Congresso, acolhendo o recurso, dispensou a audiencia da Camara recorrida e annullou de golpe a lei municipal, em virtude de um parecer subscripto pelos então deputados Carlos Guimarães, Eugenio Egas e José Pereira de Queiroz, que formavam a commissão de justiça. Se ao Congresso não cabia estabelecer data para as eleições municipaes, porque isso representava uma exorbitancia de suas attribuições, *ipso facto* não podia annullar o acto da Camara Municipal, que estava, indubitavelmente, dentro dos preceitos constitucionaes, — desse modo argumentava a Municipalidade e, assim, manteve seu ponto de vista. De seu lado, o partido adverso, no empenho louvavel, — dizia —, de evitar conflicto entre o Estado e o Municipio, superior a preocupações partidarias, alheio a odios e resentimentos, muito embora justificaveis, empenhava-se pela estricta observancia da lei estadual, emanada de poder competente e que, de modo nenhum, attentava contra a autonomia municipal.

Não conheceu, pois, a Camara Municipal do julgamento do recurso, em que fôra parte mas não ouvida. Sustentou com sobrançeria o acto que marcára o dia 30 de setembro, designou locaes para as secções, elegeu mesas e a eleição correu animada, com o comparecimento de cerca de 350 eleitores e abstenção completa dos governistas, effectuando-se, oito dias depois, a apuração e a expedição dos diplomas aos eleitos. No dia 30 de outubro, fixado pelo Congresso, foi realizada nova eleição. Entendia o doutor Washington Luis que o Partido Autonomista, fiel ao seu ponto de vista, não podia e não devia acorrer ás urnas, porquanto a unica e verdadeira eleição já tivêra logar. Mas o partido, pelo sim e pelo não, decidiu por maioria apparecer em campo. Previa, sem duvida, que seu acto jamais mereceria o *placet* dos tribunaes, que já tinham jurisprudencia firmada, como, de facto, assim se deu, e que abster-se seria fazer o jogo dos adversarios. O seguro morrêra de velho.

Foi adoptado, nos dois pleitos, o systema dos dois turnos, preconizado pelo doutor Assis Brasil, que a esse tempo ainda não rugia como o leão da Metro. A eleição de 20 de outubro compareceram 649 eleitores. Os governistas distribuiram a votação em 1.º turno por tres candidatos: — doutor Altino Arantes, coronel Lucio Fagundes e coronel Theodolindo do Carmo, com 113, 94 e 79 votos, respectivamente, enquanto os autonomistas descarregavam a votação em

peso no candidato Victor Aurelio do Carmo, que alcançou 304 votos, alem de uns poucos dados a outros candidatos. Em 2.º turno o resultado foi o seguinte: — *Partido Autonomista*: doutor Washington Luis, 341 votos, — doutor Aristides Serpa, 338, — capitão Domiciano José da Silva, 334, — Renato Jardim, 332, — Fortunato de Paula Saldanha, 329, — Salathiel Aleixo de Oliveira, 329, — Alfredo Ribeiro da Silva, 324, — José Theodoro da Silva Dedéca, 244, — Joaquim Pereira Lima, 174, e outros menos votados; *Partido Governista*: doutor Altino Arantes, 292 votos, — coronel Manoel Theodolindo do Carmo, 289, — coronel Lucio Fagundes, 290, — Alfredo de Salles Oliveira, 290, — doutor Augusto Maciel, 288, — capitão Antonio Candido Alves Pereira, 287, — capitão Francisco Justino de Paiva, 287, — coronel Theodoro Carlos de Magalhães, 287, — major Hygino Noronha, 283, e outros menos votados. Os documentos referentes a essa eleição foram encaminhados á Camara Municipal, cujo mandato expirava, mas seus componentes delles não tomaram conhecimento. A unica eleição valida, em face da Constituição, fôra realisada a 30 de setembro. Não apurava, portanto, a de 30 de outubro, uma vez que já havia apurado a eleição verdadeira e expedido diplomas aos eleitos. Foi isso em sessão de 7 de novembro de 1898. Que tenha aqui a palavra o doutor Washington Luis, alma de todo esse movimento autonomista:

“As razões que levaram a Camara Municipal a pugnar pelo seu direito acham-se desenvolvidas em appello feito ás municipalidades paulistas, do qual este historico é imperfeito esboço. Era tempo já que alguma municipalidade declarasse conhecer os seus direitos e que, dos muitos golpes alvejados na sua autonomia, um ricocheteasse, trazendo, no seu embate, as franquias municipaes. Como attestados desses golpes ahi estão as transferencias de fazendas e de districtos de um municipio para outro, sem consultar aos interesses municipaes, a elevação de districtos a municipios, sem obedecer ás inspirações do bem publico; a lei sanitaria estadual n.º 432, de 3 de agosto de 1896, que colloca os municipios, naquillo que é do seu peculiar interesse, sob a fiscalisação do Estado, lei nascida da reacção ás velleidades autonomicas da municipalidade de São Simão; o regulamento da instrucção publica, — 19 de janeiro de 1898 —, que dispõe das verbas orçamentarias municipaes para serviço estadual, verdadeiras nullificações da autonomia municipal. Alem disso, essas transferencias e desmembramentos de territorios municipaes são serios embaraços creados á boa administração municipal, porque as municipalidades, não podendo saber quaes serão, amanhã, as divisas do seu patrimonio, sentem-se sem coragem para recensar a sua população, discriminar as differentes qualidades de suas terras, verificar as especies de sua producção, sommar a sua exportação, conhecer e animar as suas industrias, exami-

nar a distribuição da propriedade, indagar dos seus recursos, estudar, emfim, o que tem para prover o que lhe falta. A instabilidade de seus limites impedem-nas de abalancharem-se a despesas dessa natureza, que não são pequenas, arruinando, assim, elementos preciosos para fomentar o desenvolvimento dos municípios e fornecer dados estatísticos. Não contando com a integridade de seu territorio, jamais poderão contar com as suas rendas, que são diminuidas, de um dia para outro, o que as tolhe de iniciarem os melhoramentos locais. São esses os menores males que podem vir da adulteração do regimen autonomico. A absorpção pelo Estado das attribuições municipaes, introduzindo o desrespeito pelas leis, em uma terra em que tão pouca coisa se respeita, mata a iniciativa dos municípios, crêa uma tutela odiôsa e illegal. Já se falou em reformar a Constituição de São Paulo, usando do argumento de que nem todos os municípios estão preparados para a autonomia; mas esse argumento é contraproducente porque prova de mais. Se os municípios brasileiros não estão em condições de se governarem, não estão os Estados, que não são mais que aggregações de municípios, não o está a União, que não é mais que a reunião dos Estados. Da incompetencia dos municípios chegaremos á dos Estados, subiremos á incompetencia da União, porque, se sommarmos os municípios teremos os Estados, se sommarmos os Estados teremos a União, e a somma sempre foi igual, da mesma natureza que as parcellas. Sendo o Estado um conjuncto de municípios, donde sahirão os administradores estaduaes a não ser dos municípios? Sendo a União a ligação dos Estados e estes agrupamento de municípios, donde sahirão os administradores federaes a não ser dos municípios? A incompetencia dos municípios é a incompetencia da nação. O argumento é falso; e que não o fosse, não se póde reformar a Constituição de São Paulo porque o véda a Constituição Federal, art. 68, na parte referente á autonomia municipal. O que o pacto federal consubstanciou em texto já era conhecido dos publicistas que, com Royer Collard, dizem: — “Como a familia, existe a communa antes do Estado; a lei politica as encontra mas não as crêa”. Os municípios estão preparados para exercerem os seus direitos; o que acontece é que elles ainda não conhecem esses direitos, ainda não experimentaram as suas forças. Cumpriu a Camara de Batataes um dever sacrosanto, transformado em titulo de gloria, acordando o sentimento de autonomismo adormecido no seio das municipalidades.”

O appello a que allude o eminente politico é de 6 de agosto de 1898. Assignou-o outro preclaro batataense, o coronel Manoel Gustavo de Andrade Junqueira, por mais de uma vez citado no correr destas linhas, e delle respigo os seguintes periodos:

“A Camara Municipal de Batataes, em sessão do dia 3 do corrente, resolveu dirigir-se ás suas irmãs paulistas, afim de pedir o amparo de seu patriotismo, o conforto de seu auxilio na magna questão provocada e levantada pelo Congresso de São Paulo, na Lei n.º 531, de 21 de junho de 1898, que marcou as eleições collectivas de vereadores municipaes para 30 de outubro, de tres em tres annos. A acceitação dessa lei importa para os municipios, no minimo, na perda de sua autonomia economica; silenciar a respeito implica servilismo ou inconsciencia. A Camara Municipal de Batataes está sinceramente convencida de que, combatendo a lei n.º 531, defende a autonomia municipal, base da organização do Estado — art. 3.º da Constituição de São Paulo, — e sente a necessidade indeclinavel de declarar lealmente que não é guiada por opposicionismo tacanho e systematico ao governo do Estado; se obedece a suggestões, obedece ás dos principios constitucionaes, eterno sol de verdade a que todos devem respeito. E a verdade desse sentimento impõe-se quando se souber que ella aneia por approximar-se do poder judiciario, supremo interprete da Constituição, para pedir sua decisão, que deve dar a cada um o que é seu.. A magnitude do assumpto obriga esta exposição a ser concisa.

Dessa lei municipal (*a de n.º 87, de 8 de julho de 1898*) alguns municipes recorreram para o Congresso Estadual, que annullou, incrustando-a com o parecer n.º 185, producto genuino de legisladores juvencos, ainda não familiarizados com a liberal Constituição de São Paulo, hypothese está preferivel á de suppor-se que, conscientemente, os congressistas paulistas commettessem o crime de attentar contra a Constituição. Alinhando maravilhas engoiadas á guisa de argumentos irrespondiveis, o Congresso de São Paulo annullou a lei municipal n.º 87, de 8 de julho de 1898, praticando, captivo da coherencia, mais um acto sem valor. As deliberações e actos do governo municipal só poderão ser annullados pelo Congresso quando contrarios á Constituição de São Paulo e á Federal, isto é, quando forem exorbitantes das attribuições municipaes — art. 54 §§ 1.º e 3.º da Constituição de São Paulo —; ora, a Camara Municipal de Batataes não exorbitou suas attribuições; a sua deliberação não é contrária ás Constituições Federal e Estadual, logo a sua lei não podia ser annullada pelo Congresso. E’ o que se vae demonstrar, de accordo com a legislação vigente.

As eleições de vereadores são proprias, particulares, especiaes dos municipios, constituem parte de seu patrimonio administrativo, do seu peculio governamental. Os vereadores são autoridades puramente municipaes, cujas attribuições nascem e

morrem dentro do territorio municipal, porque são eleitos por eleitores municipaes e a sua autoridade não vae alem do municipio. São mandatarios do municipio incumbidos da gestão de seus negocios particulares, da administração do seu peculio, do seu patrimonio.

Se as eleições de vereadores são do peculiar interesse dos municipios, e, se nessa parte, elles, os municipios, são autonomos, compete-lhes, exclusivamente, designar dia para essas eleições.

Que as eleições de vereadores são de caracter municipal, ninguem porá em duvida; que para ellas os municipios podem estabelecer o respectivo processo, não soffre contestações, durante a vigencia da Constituição de São Paulo. Resta saber se marcar o dia para as eleições faz parte do processo eleitoral. Perscrutando-se a legislação eleitoral brasileira, vê-se que todas as leis que estabelecem o processo eleitoral, marcam o dia das eleições; o que significa que o competente para fazer o processo é o competente para marcar o dia das eleições.

Nunca uma absorpção de attribuição municipal seria questão de nonada para um municipio; mas, não encarando a questão por esse lado, ella envolve uma invasão da autonomia municipal, muito mais grave, viola de modo flagrante a Constituição de São Paulo, art. 53, n.º 1, que é assim concebido: — *A organização dos municipios será determinada em LEI ORDINARIA sobre as seguintes bases: — 1.º — Todas as autoridades que forem creadas serão electivas, RESERVADA AOS MUNICIPIOS a faculdade de as supprimir e substituir por outras com attribuições differentes.* Nesse texto constitucional está consagrado de modo formal o direito que têm os municipios de organizar o seu governo de modo differente do estabelecido na lei ordinaria.

De accordo com a Constituição e com a lei n.º 16, podem os municipios organizar o seu governo como melhor entenderem; é da sua exclusiva competencia, é uma attribuição propria. Entretanto, o Congresso, com a lei n.º 531, estabeleceu que as eleições de vereadores seriam feitas de tres em tres annos, o que quer dizer que, nos municipios, só existirão vereadores e que o mandato destes durará tres annos. Falando em vereadores, a lei n.º 531 amputou aos municipios o direito de supprimir essas autoridades e de as substituir por outras; estabelecendo tres annos, fixou, determinou o tempo do mandato das autoridades

municipaes! A que ficou reduzido o art. 53 n.º 1 da Constituição? A uma poeira, que o Congresso soprou.

Esse parecer encerra, de certo, as razões de convicção que levaram o Congresso de São Paulo a julgar-se competente para marcar dia para as eleições de character municipal; sendo de infima consistencia juridica, ainda assim os seus redactores foram obrigados a accomodar ás suas necessidades as disposições legaes citadas. E, com esse systema, fizeram o primeiro considerando: — *considerando que a lei estadual n.º 16, de 13 de novembro de 1891, art. 34, expressamente subordina o exercicio das attribuições das municipalidades "sobre todos os negocios do municipio" ás leis que forem decretadas pelo Congresso.* Essê considerando não foi fiel ao texto citado, que é assim concebido: — *As camaras, uma vez constituidas, exercerão LIVREMENTE todas as suas attribuições e deliberarão sobre todos os negocios do municipio por meio de leis, posturas ou provimentos, nos termos da Constituição do Estado e da presente lei ou de outras que forem decretadas pelo Congresso.* A doutrina contida nesse texto legal, longe de soccorrer o acto do Congresso, reprova-o terminantemente, garantindo expressamente ás municipalidades o *livre* exercicio de todas as suas attribuições e o direito de deliberarem "sobre todos os negocios do municipio"; e se ellas exercem *livremente* as suas attribuições, não poderiam ficar, no exercicio dessas attribuições, *subordinadas ás leis que fossem decretadas pelo Congresso.* Exercicio livre exclue exercicio subordinado; são dois typos que não se harmonisam, que não se conciliam, que nunca se encontram juntos. Independencia e subordinação, liberdade e captiveiro, eis a formula da autoomia paulista, no entender da actual legislação. O parecer fala em subordinação das attribuições e a Constituição preceitúa autonomia. A quem se deve respeitar?

Que segurança teriam os municipios de sua autonomia se todas as leis do Congresso viessem, a cada momento, organisa-los? Tal faculdade seria a desorganisação completa da vida municipal. Se os municipios estivessem sujeitos, na sua administração, a todas as leis decretadas pelo Congresso, elles não teriam autonomia; os municipios, então, seriam administrados pelo Congresso. Seria o Congresso o supremo administrador municipal, transformado em um poder do qual não cogitou a Constituição. Instituindo um Congresso Legislativo, a Constituição não lhe deu attribuições municipaes. Foi adoptado o regimen de autonomia municipal unicamente para evitar-se a centralisação administrativa. E o parecer acha justa essa restricção; isto é, chama de *restricção* e de *justa* a subordinação das muni-

cipalidades ás leis do Congresso. Subordinar attribuições que deveriam ser independentes, não é restricção, é annullação; e, se nisso ha justiça, está para sempre perdida a noção da justiça.

A Camara de Batataes é a primeira a deplorar esse conflicto, cuja inconveniencia é manifesta para a vida da Republica; mas não foi ella que o provocou, porque não foi ella que invadiu attribuições alheias; o seu papel é de simples defensora de sua propriedade. O responsavel pelos resultados do conflicto é o Congresso, que interveiu na administração municipal. Não ha tão pouco attentado á soberania do Estado, porque o Congresso não é o Estado, é, apenas, um poder politico do Estado, como se vê no art. 4 da Constituição de São Paulo. Ha ahi uma phrase muito pesada para uma coisa muito leve.

Alem disso, se compete ao Estado marcar dias de eleições, por isso que pôde decretar o regimem eleitoral, está claro que aos municipios compete marcar os dias das eleições de character municipal, porque o processo dessas eleições lhe é reservado. Se para o Estado a faculdade de marcar dias está contida na faculdade de decretar o regimem eleitoral, para os municipios identica faculdade está contida no direito de legislarem sobre eleições de character municipal. Em nenhuma dessas disposições se fala em dias.

O que fica exposto da rapida analyse feita, sem a profundez que reclama a magnitude do assumpto, fica, no meio de cinzas e poeira, luminoso e inconcusso, o direito que têm os municipios de marcar dia para as eleições de character municipal. Até ahi o direito; agora o dever. O dever que se impõe aos municipios é o da legitima defesa de seus direitos, já não ameaçados, mas destruidos, na qual até as leis penaes permitem o crime ao cidadão; é a resistencia activa a essa obra tenaz e pequenina de centralisação administrativa, insinuada a principio, experimentada depois e hoje victoriosa, erguendo desenvoltamente o seu côlo audacioso.

Resistir a essa tendencia é fazer obra de patriotismo; é combater pela Republica, é pugnar pela verdade da Constituição, dentro da qual o Brasil achará a sua prosperidade e sua felicidade. A observação honesta da Constituição será o golpe de morte nos sobresaltos continuos que fazem o Brasil atravessar a época mais atormentada de sua vida. A suprema esperanza do paiz está posta nos municipios, e com razão, porque o municipios, prósperos e ricos, constituirão Estados afortunados e

poderosos e uma União assim composta será respeitavel e respeitada.

.....
A adulteração, a violação impune da Constituição acarretará a desorganisação do Brasil inteiro. A lei por excellencia é a Constituição, querer supremo do povo crystallizado em textos, em virtude da qual existe Congresso, com attribuições perfeitamente definidas, como definidas estão as attribuições municipaes. A ella, á Constituição, todos devem respeito; ella crêa obrigações e estabelece direitos.

.....
A luta é juridica, estabelece-se no campo do direito, onde se discute uma questão de vida ou de morte para a autonomia dos municipios.

.....
A Câmara Municipal de Batataes já fez a lei n.º 87, de 8 de julho de 1898, reivindicando a sua autonomia, e confia que as municipalidades do Estado façam outro tanto.”

.....
Parece que a Camara Municipal de Batataes confiou demasiadamente nas suas co-irmãs...

O Partido Governista, é bem de ver, não bateu palmas á resolução de Municipalidade. Pelo contrario. Recorreu para o Egregio Tribunal de Justiça do Estado em data de 7 de janeiro de 1899, logo que foram empossados os eleitos de 30 de setembro de 1898. Que fale agora a parte contraria, dando a palavra ao doutor Altino Arantes:

.....
“A questão reduz-se, pois, á seguinte these: — Qual a eleição válida? A de 30 de setembro ou a de 30 de outubro? Ou por outra: — Qual o poder competente para designar o dia das eleições geraes de vereadores — o Estadual ou o Municipal?”

.....
Parece-nos fóra de toda a duvida que o Congresso Legislativo do Estado, quando determinou o dia das eleições geraes para Camaras, não exorbitou das suas attribuições, não praticou acto inconstitucional, conforme pretende a Edilidade de Batataes. E, com effeito, a Constituição Política do Estado, no seu art. 53, commetteu ás leis ordinarias a organização dos municipios paulistas, sobre as bases que ella propria estabeleceu, nos §§ 1.º a 5.º do dito artigo. “As constituições, diz J. Bryce — *The American commonwealth*, pag. 229, — desenham apenas o perfil do systema; os Congressos aperfeiçoam-no por leis e, como os detalhes estão nessas leis, os Congressos reservam-se o direito de alteral-as”. Em consequencia, foi decretada a lei n.º 16, de 13 de novembro de 1891, que dispoz, no seu art. 34, que “as

camaras, uma vez constituídas, exerceriam livremente todas as suas attribuições e deliberariam sobre todos os negocios do municipio, por meio de leis, posturas ou provimentos. NOS TERMOS DA CONSTITUIÇÃO DO ESTADO E DAQUELLA LEI ou de outras que fossem decretadas pelo Congresso". Donde, força é concluir que a autonomia municipal, outorgada pela Constituição Federal — art. 68 — e definida pela Constituição Paulista — art. 53 —, está expressamente subordinada ás leis ordinarias do Legislativo, desde que estas não transgridam nenhum dos principios fundamentaes, consagrados no mencionado art. 53, os quaes traçam e nitidamente delimitam a esphéra, dentro da qual devem girar os governos municipaes. Essa mesma é a interpretação authentica que, no citado art. 34 da lei n.º 16, tem dado uniforme e constantemente o Congresso Estadual, ao qual, *ex-vi* do art. 20 da Constituição, incumbe "a attribuição geral de fazer leis, *interpretal-as* e *revogal-as*".

E, como bem pondera Pomeroy, — *Introduction to the Const. of the United States*, § 137 — "é o Poder Legislativo que deve, no exercicio das attribuições que lhe foram conferidas, dar, expressa ou tacitamente, um sentido, uma interpretação, á Constituição e á extensão das suas faculdades". Mas, se á vista da intelligencia legal do art. 34 da lei n.º 16, as regalias autonomicas dos municipios vão somente até onde ellas não encontram leis geraes em contrario; e se, na hypothese vertente, já havia uma lei estadual, a de n.º 531, de 20 de junho de 1898, designando o dia 30 de outubro para as eleições de vereadores; é claro que quem exorbitou da sua competencia, quem fez obra inconstitucional, não foi o Congresso Legislativo de São Paulo e sim a Camara Municipal de Batataes, que, attentando a soberania do Estado, do qual é parte, decretou a lei n.º 87, em franca opposição a uma outra lei geral pre-existente. Não vale objectar-se que a citada lei n.º 531 importa em violação do § 5.º do art. 53 da Constituição Estadual, porquanto ella absolutamente não tolhe e nem sequer embaraça o direito, que aos municipios é assegurado, de "estabelecerem o processo, que mais lhes convier, para as eleições de character municipal." E' assim que, não obstante tal lei, ás Camaras continúa a assistir, intacta, a faculdade constitucional de prescreverem, para a renovação do seu mandato, a *fôrma*, o *methodo*, o *systema* de eleição que melhor lhes parecer: — o voto cumulativo ou o voto proporcional, o escrutinio de lista ou o de turnos. O acto legislativo n.º 531 não offende, portanto, o § 5.º do art. 53 da Constituição do Estado; não usurpa a autonomia municipal... de Batataes. Quanto á lei municipal n.º 87, de 8 de julho de 1898, dado mesmo que fosse constitucional, ella não poderia legitimar a eleição írrita de 30

de setembro, porque, a esse tempo, já ella se achava legalmente declarada NULLA E DE NENHUM EFEITO, em virtude da lei n.º 547, de 2 de agosto de 1898.

A decisão do Legislativo, — diz Pomeroy, — obra citada, § 137 — deve ser considerada PRIMA FACIE correcta e deve PREVALECER E SER EXECUTADA, até que o Poder Judiciario tenha julgado má e declarado a nullidade da lei. Austin, no seu apreciado livro *Province of Jurisprudence*, demonstra que “uma regra, prescripta pela autoridade legislativa, pode ser INCONSTITUCIONAL e, entretanto, LEGAL E OBRIGATORIA.”

Em verdade, outra não podia ser a lição do Direito Constitucional Americano, do qual deriva o nosso; pois que “se os cidadãos estivessem autorizados a infringir a lei, sempre que a julgassem inconstitucional, elles assumiriam uma função de Poder Publico, a um tempo Judicial e Legislativo, creando um estado de anarchia; se, por outro lado, os Poderes Executivo e Judiciario fossem dotados da força de infringir, a todo o tempo e geralmente, o acto legislativo inconstitucional, elles assumiriam o exercicio completo da legislação, estabelecendo uma confusão de poderes tambem anarchica. As proprias Constituições regulam e dão ordem a essa nullificação do acto inconstitucional: — OS CIDADÃOS PRECISAM FAZER CONSTATAR E DECRETAR A NULLIDADE PELOS TRIBUNAES E O PODER JUDICIARIO TEM, nos casos sujeitos á sua jurisdição, A FACULDADE DE DECRETAL-A.” Estas judiciosas considerações, que extrahimos do luminoso parecer do Dr. Balthazar Bernardino sobre o recente caso de Campos, no Estado do Rio, férem de frente e decisivamente a questão... Emquanto, pois, não fôr pronunciada pelos Tribunaes a inconstitucionalidade das leis ns. 531 e 547, ellas terão pleno e inteiro vigor, para o effeito de tornarem *nulla* a lei municipal n.º 87 e, consequentemente, *illegal* a eleição que se realisou sob o seu dominio.

Ninguem mais do que elles (*os recorrentes*) está convencido de que, como bem o disse o sabio Tocqueville, “é na liberdade communal que reside a força dos povos livres”. Mas, para a estabilidade da Patria e da Republica, é indispensavel que os Poderes Superiores do Estado e da Nação reprimam as tendencias francamente subversivas da ordem institucional, que algumas Municipalidades, megalomaniacas da sua autonomia administrativa, procuram fazer vingar, esquecidas de que, segundo a phrase brilhante de Léon Donnat, “a Republica e a Liberdade se fun-

dam, principalmente, sobre o respeito ás leis e sobre a dedicação pela sua causa...”

O colendo Tribunal mandou ouvir a Camara recorrida, que a 20 de janeiro entrou com suas razões. Falou por ella o doutor Washington Luis, seu prefeito municipal:

“Os recorrentes fundam-se no § unico do art. 32 da lei n.º 16, de 13 de novembro de 1891; mas cabe, na especie, o recurso interposto? O art. 32 da citada lei organica dispõe que compete ás Camaras Municipaes decretar o seu regimento interno, no qual será regulada a fórma do reconhecimento de seus membros. Usando dessa attribuição, a Camara de Batataes estatuiu, no seu regimento interno, que os vereadores eleitos, no anno em que houverem de começar as suas funcções reunir-se-ão na sala municipal, em 1.º de janeiro, em sessões preparatorias, sob a presidencia do mais velho, entregarão seus diplomas nas mãos do presidente, elegerão duas commissões para verificação da legitimidade dos diplomas apresentados, sendo-lhes presentes os documentos eleitoraes necessarios para servirem de base a esse trabalho de verificação de poderes — Lei n.º 41, de 1.º de junho de 1896, arts. 1, 2, 3, 4 e 5. Dentro de tres dias improrogaveis, as commissões devem apresentar os seus pareceres, reconhecendo ou não os vereadores; e dentro desse prazo podem os candidatos de eleição contestada offerecer razões e documentos em pról de seus direitos — arts. 7 e 8, reg. int. Votados os pareceres, de modo que a Camara fique legalmente constituída, serão proclamados vereadores aquelles cujos diplomas forem considerados regularmente conferidos, — art. 11. Das resoluções que importarem o não reconhecimento ou a não legitimidade da eleição de algum dos candidatos ha, então, o recurso previsto no § unico do art. 32 da lei citada, recurso expressamente adoptado no regimento interno. Nada disso fizeram os recorrentes. Não se reuniram em sessões preparatorias, não elegeram commissões verificadoras de poderes, não se apresentaram, dentro dos tres dias, a disputarem a sua eleição, offerecendo razões e documentos em pról de seus direitos, afim de que a Camara Municipal se pronunciasse a respeito de sua qualidade de vereadores, reconhecendo-os ou não como tal.

.....

Sendo assim, de que acto é interposto o recurso? Em que ocasião votou a Camara Municipal, approvando, um parecer de commissões que negasse aos recorrentes a sua qualidade de vereadores? Só quando o cidadão não é reconhecido vereador é que póde recorrer para o Tribunal de Justiça; é necessario, pois, para esse fim, que a Camara não reconheça vereador tal cidadão,

afim de que este, vendo-se prejudicado, recorra para o Tribunal de Justiça.

A Camara Municipal não praticou acto algum em relação aos recorrentes e, entretanto, interpõe-se um recurso dum acto... que não praticou!... Recorrer de um acto que não foi praticado é o mesmo que appellar de uma sentença que não foi dada!... Recurso é um remedio que se usa de acto que envolve prejuizo, afim de que seja reparado o erro ou a injustiça que esse acto envolve. E' necessario, pois, para que exista recurso, que tenha sido praticado um acto que, causando prejuizo, envolva injustiça ou erro que demande reparação. Devem existir, pois, a parte que prejudica e a parte que é prejudicada para que exista prejuizo. Na especie era necessario que os recorrentes provassem: — 1.º) que eram vereadores, 2.º) que essa qualidade lhes era negada. Os recorrentes não provam a sua qualidade de vereadores; não exhibem diploma ou titulos de vereadores; nem tão pouco provam que a Camara lhes tivesse negado essa qualidade. Pergunta-se: — qual o acto da Camara que, causando prejuizo aos recorrentes, demande reparação? Nenhum.

Não sendo os recorrentes vereadores, não tendo nunca pretendido a serem reconhecidos vereadores, não tendo a Camara Municipal praticado acto algum em relação aos recorrentes, que recurso é esse que agora é submettido ao Egregio Tribunal? E' preciso desconhecer os mais comesinhos principios de direito para se interpor recurso de actos... que não foram praticados. E' zombar do Egregio Tribunal de Justiça vir pedir que elle refôrme o que nunca existiu!

E como é principio de direito que do acto que causa prejuizo é que se deve recorrer, segue-se logicamente que do acto da Camara, cujo mandato já findou a 7 de janeiro corrente, não fazendo apuração, é que deveria ter sido interposto o recurso. Mas, desse acto não ha recurso — tem sido essa a jurisprudencia do Egregio Tribunal — e por isso não foi usado. Se não ha recurso desse acto, é signal de que elle produz immediatamente todos os seus effeitos, que não póde ser reformado; é mais uma prova de que as Camaras Municipaes se constituem e se organisam sem a interferencia de qualquer outro poder. Só podem ser usados os recursos creados em lei.

Os recorrentes não provam a sua qualidade de vereadores; não allegam nem provam que a Camara não os tivesse reconhecido vereadores. O acto que lhes causou prejuizo foi o de não apuração; desse, portanto, é que elles recorrem. Desse acto

não ha recurso, e se houvesse já estaria esgotado o prazo para sua interposição. O presente recurso não encontra fundamento no § unico do art. 32 da lei n.º 16, de 13 de novembro de 1891. Os recorrentes dormiram longamente sobre o caso, não pódem agora invocar o direito que não têm.”

Levado a julgamento, o recurso obteve provimento por maioria de votos. E assim ficou de nenhum effeito a eleição havida a 30 de setembro de 1898, destituídos os vereadores empossados em 7 de janeiro e, por consequente, convocada a Camara transacta, que voltou a servir até a pósse da eleita a 30 de outubro. O Partido Governista exultou. Os seus adeptos promoveram estrondosa manifestação de regosijo, partindo, ao estrugir de foguetes e ao som de charanga, da residencia de seu presidente, doutor Altino Arantes, no largo da Matriz, percorrendo a cidade em todas as direcções, tendo orado, em diversos pontos, o mesmo doutor Altino, por mais de uma vez, o doutor Augusto Maciel, o doutor Guilherme de Oliveira, o coronel Eduardo Garcia, o conego Joaquim Theodoro de Araujo Tavares, o coronel José Augusto Nogueira Porto e outros, enaltecendo a victoria alcançada: — o partido havia conseguido fazer tres vereadores, o doutor Altino Arantes e os coroneis Manoel Theodolindo do Carmo e Lucio Enéas de Mello Fagundes, eleitos em 1.º turno. Assignalaram todos os oradores, em periodos inflammados, a tremenda derrota infligida aos seus antagonistas. Em breve, porem, certificaram-se de que a victoria fôra de Pyrrho: — o mais votado em 1.º turno havia sido Victor Aurelio do Carmo, das hostes autonomistas, com 304 votos, tornando desse modo incompativeis o doutor Altino Arantes, seu cunhado, e o coronel Manoel Theodolindo do Carmo, seu irmão. E sómente ficou o coronel Lucio Fagundes, figura um tanto apagada, já sem o relevo dos aureos tempos do P.R.F. O mais interessante foi que Victor do Carmo compenetrrou-se devéras de sua posição de vereador e, tomando muito a serio o mandato, deu de produzir discursos sempre que lhe offereciam brécha, orações kilometricas, de difficil synthese, e que assombravam, como phantasmas, o encarregado da redacção das actas.

Continuaram em suas estacadas os dois partidos, se é que, no dizer do doutor Washington Luis, podia ser considerada “como partido politico a reunião de eleitores, mais ou menos influentes, determinada pelo acaso ou pelo habito, com o fim unico de fazer triumphar uma chapa, mudar autoridades, derrubar empregados e esperar tranquillamente que se exgote o mandato dos eleitos para renoval-o, formando-se assim um circulo vicioso, altamente prejudicial ás legitimas aspirações e aos justos interesses do municipio.”

Nessa occasião, defendendo sua administração, como chefe do executivo municipal, reconduzido ao posto que soubera honrar, asse-

gurava o mesmo chefe que não havia trocado a iniciativa fecundante pela disciplina absorvente dos partidos improductivos e que, absten-do-se de partidarismo, approximára a administração da justiça e a tornára mais proveitosa. Realmente, assim foi. Na Prefeitura de Batataes, nunca o doutor Washington Luis fez politica. Foi, antes e acima de tudo, um administrador. E por isso mesmo sua administração foi brilhante, fecunda, proveitosa.

Cada qual puxava brasa para a respectiva sardinha. Dotada, por exemplo, a cidade de um mercado amplo e moderno, discursaram, na sua inauguração, diversos oradores e o ultimo a falar foi o doutor Washington Luis, que fez sentir que aquelles beneficios todos que Batataes ia fruindo era apenas reflexo da autonomia municipal, tão necessaria á vida das populações como o ar á ave. “Os municipios, — são palavras suas —, devem defender por todos os meios os seus direitos, segredo e causa do seu progresso; e para reconhecimento completo, não devem fraquejar; ao contrario, devem lutar, embora essa luta lhes acarrete contrariedades e incommodos”. E proclamou: — “Trabalhar, pois, pela autonomia dos municipios é trabalhar pela Republica, é trabalhar pela Patria”. E lançou as palavras do Eleitor da Posmonia. — “E’ preferivel a tempestade da liberdade ao repouso da escravidão!” Os outros não gostaram e o seu azedume extravasou pelas columnas do periodico official.

O Partido Governista, para animar o fogo sagrado de seus adeptos, obteve a criação de mais uma brigada da Guarda Nacional no municipio, entregando o commando geral da mesma ao coronel Eduardo Garcia de Oliveira e os dos batalhões aos tenentes-coroneis Joaquim Alves da Costa, Antonio Augusto Lopes de Oliveira Junior, José Augusto Nogueira Porto e Theodoro Carlos de Magalhães, os quaes tinham como fiscaes os majores João Augusto Teixeira, Gabriel Garcia de Oliveira, Aristides Arantes Marques e Hygino Ribeiro de Noronha, alem de um major cirurgião, que ficou sendo o doutor Carlos Luis Meyer. Foi ahi que Americo Alves Ferreira ficou sendo o tenente Americo, militarisação que tanto o popularizou...

Corriam os dias placidamente, um partido com as boas graças do Governo, o outro com a Camara Municipal e os juizes de paz, quando se approximaram as eleições para a renovação da Camara dos Deputados Federaes e do terço do Senado Federal, designadas para 31 de dezembro desse mesmo anno de 1899. Havia estalado a primeira crise do café, levando o sobressalto á classe numerosa dos fazendeiros, mormente na zona com impropriedade chamada “oeste de São Paulo”, onde, naquelle tempo, residia a maior força productora, agora deslocada para outras paragens. Desse alarme resultou a tentativa de uma arregimentação dos lavradores, senão em partido politico, pelo menos numa associação capaz de lhes defender os direitos e interesses, de modo a poder ficar solucionada a crise que os apavorava e uma vez que os poderes publicos faziam ouvidos moucos

aos seus clamores. Começaram a apparecer os chamados clubes da lavoura e o primeiro a ser installado foi o de Batataes, tendo á sua frente o major Virgilio da Fonseca Nogueira, o doutor Honorio Olympio Machado, o coronel Joaquim Rosa Junior, José Romão Junqueira e outros, que confiaram a presidencia ao doutor Washington Luis, testemunhando dessa maneira seu reconhecimento ao homem publico que, sem ser agricultor, ao seu lado sempre estivera e jamais lhes recusára seu concurso, directo e efficaz. Depois foram fundados os clubes de Ribeirão Preto, Nuporanga, Franca, São Carlos, São João da Boa Vista, São José do Rio Pardo e outros municipios. Desanimados os lavradores de qualquer iniciativa por parte dos poderes publicos em favor da classe, que tinha no seu credito a maxima parte da prosperidade do Estado, resolveram, como um protesto, concorrer, em opposição ao Governo, ás eleições federaes que se avisinhavam. E o nome do doutor Washington Luis, que se collocára resoluto á frente da defesa da lavoura e a esta déra a sua irrestricta solidariedade, foi levantado como candidato a uma cadeira na deputação federal pelo então 7.º districto, que comprehendia aquella zona mais attingida pela crise cafeeira. Era preciso, porem, completar a chapa a ser lançada e como o general Francisco Glycerio, cujo prestigio soffrera o primeiro eclipse com o famoso protocolo italiano e rolára afinal para o ostracismo com a scisão havida no P.R.F., estava em franca opposição ao Governo e gosava ainda de sympathias na alta Mogyana, havendo egualmente apoiado a iniciativa da arregimentação, foi tambem mettido na chapa, para fazer companhia ao prefeito de Batataes. E chegou-se a este surprehendente resultado: — o doutor Washington Luiz combatêra, como vimos, e sem treguas, o general Glycerio, como chefe incontestado que era do P.R.F., cuja acção chegára mesmo a taxar de procedimento de capadocio e de humilhante para a Patria, e iam os dois figurar numa mesma chapa, soldados do mesmo ideal. A politica é, de facto, *une boîte à surprise*... Em Batataes, o doutor Manoel Antonio Furtado, amigo intimo e incondicional do general Glycerio, diante do que occorria, não duvidou em levar sua adhesão ao Partido Opposicionista, que esposára a causa da lavoura e trabalhava com afinco em favor da chapa por essa classe defendida. E havia sido o doutor Furtado aquelle mesmo homem que, tres annos antes, obstára que a Opposição de Batataes se integrasse no Partido Nacional, porque seus membros não podiam admittir que fossem considerados soldados de um partido cuja chefia coubesse áquelle medico!... E o general Glycerio foi a Batataes, cordialmente recebido, e até banqueteadado no Hotel do Commercio.

Foram de novo medir forças os dois partidos locais, lutando o governista pela chapa official, constituida, no 7.º districto, pelo doutor José Manoel de Azevedo Marques, nome tambem muito querido em Batataes, onde o illustre professor residiu por largos annos, pelo doutor Alfredo Ellis e pelo coronel Arthur Diederichsen. A opposi-

ção foi novamente chrimada, tomou novo nome: — passou a ser Partido da Lavoura. Foi, afinal, realizado o pleito, após renhida cabala. A chapa official foi fragorosamente derrotada, numa proporção de 15 para 100. Venceu ainda a lavoura em outros municipios, mas não em todos, e assim não conseguiu eleger os dois candidatos. E o resultado final foi, pelo directorio governista, anunciado uma noite ao estrondear de rojões. Foi essa, em Batataes, uma das eleições mais disputadas de que me recordo. Prevendo a derrota, o partido official appellou para todos os recursos, inclusive o pedido de um delegado especial ao Governo, que enviou o 1.º delegado auxiliar, doutor Reynaldo Porchat, á testa de meia centena de praças da Força Publica. A digna autoridade lá chegou, observou e viu que as noticias vehiculadas através de telegrammas urgentes não passavam de um primeiro de abril, divertido mas muito fóra de tempo. E retomou a cidade, após isso, seu rythmo habitual.

Estourou, não muito tempo depois, o caso do padre Vicente Passos, que, nascido de questiunculas de sachristia, avolumou-se com a intromissão da maçonaria, que contava na localidade duas lojas em pleno funcionamento, — a “Philantropia II” e a “Caridade Universal” —, e acabou attingindo a politica e tudo mais. Foi uma quadra dolorosa essa que atravessou a cidade, situação de sobresaltos, periodo de pavor e de incertezas. Apaixonaram-se de tal fórmula os animos que, após uma tentativa frustrada de rapto do reverendo, que seria conduzido para alem das fronteiras de Minas, foram arremessadas duas bombas de dynamite contra a casa parochial. Este boletim, que é um dos muitos distribuidos e se refere ao regresso do padre, que viéra á Capital conferenciar com o bispo diocesano a respeito dos successos de que sua parochia vinha sendo teatro, mostra á saciedade a exacerbação dos animos:

“BOLETIM. Desembarca hoje o celebre Padre Passos, que virá opprimir a vós, póvos sinceros e leaes; o desacato de que foi victima o eminente Manoel Gustavino; as ameaças feitas pelo tal Passos ao illustre cidadão, amparo dos infelizes Dr. Altino Arantes, são bastantes para que levantemo-nos e expulsemos do nosso seio esse homem que em todo logar que residiu tem trazido o luto e a desavença das familias; e vós, laboriosos italianos, lembrae-vos que é a honra de uma innocente italiana que clama e péde reparação! Por isso unam-se comnosco e não deixemos desembarcar o celebre Passos. — AS VICTIMAS DE YTÚ.”

O vigario, appellidado “jagunço” por seus adversarios, era sergipano e sergipano era o então chefe de policia, doutor Oliveira Ribeiro, alem disso amigo particular daquelle, cujas dores tomou. Avocou o inquerito que a policia local, a cargo do capitão Felisbino Cust-

dio de Moraes, instaurára e enviou o 2.º delegado auxiliar, doutor José Joaquim Saraiva Junior, que alli chegou, em trem especial, com o escrivão Christiano Guimarães, cincoenta praças de policia e varios agentes secretas, no dia 7 de fevereiro de 1901. Foram ouvidas cerca de cem pessoas, todas as de maior destaque na sociedade local. O padre Vicente Passos, inegavelmente uma envergadura de lutador, homem de acção, recebido em Batataes com certo entusiasmo, afim de substituir o saudoso conego Joaquim Alves Ferreira, fallecido em fins de 1898 e que fôra o idolo da população toda, ricos e pobres, sem distincção de crêdo politico, — desavindo-se com algumas pessoas, dado o seu temperamento impetuoso, creou, sem demora, para todos, uma situação desagradavel. Com o correr dos dias essa situação foi-se aggravando, tomando as officinas maçonicas franca attitude de combate. Foi quando occorreu o passamentõ de um homem geralmente bemquisto no lugar, onde residia desde muitos annos e grangeára fundas amizades, — o velho Pedro Mascagni, fallecido a 9 de julho de 1900. O padre, num gesto talvez irreflectido, extranhavel num homem de sua cultura, negou-lhe sepultura no "sagrado", uma vez que o cemiterio era parochial, e determinou que o sepultamento fosse feito na parte "não benzida", destinada aos que morriam fóra da communhão da igreja, e isso porque Mascagni fôra maçõ. Quando a massa immensa que acorrera aos funeraes foi scientificada da extranha decisão, protestou vivamente e obrigou os coveiros a darem sepultura áquelles despojos no "terreno sagrado". Deixou o cemiterio formulando violentos protestos e, como a esquina em que morava o padre era passagem obrigatoria para os que demandavam o centro da cidade, ouviu certamente sua reverendissima muita coisa que talvez não desejasse ouvir. Agitou-se a familia maçonica, reuniram-se as lojas e capitulos em sessões de desaggravo, choveram adhesões e os classicos protestos de solidariedade. No dia 31 de janeiro de 1901 foi atirada a primeira bomba, no dia 5 de fevereiro a segunda, causando, uma e outra, apenas dâmnos materiaes de pequena monta. Por tudo isso foi responsabilisado José Garcia de Toledo, que fez o papel do holandez do proverbio e foi dado pela policia como incurso na disposição do artigo 137 § 2.º do Codigo Penal, de accordo com o art. 131 do mesmo Codigo. O mais interessante de tudo é que o indigitado autor dessas tentativas dellas não participára. Sabia-se, e hoje, decorridos tantos annos, não vae nenhum mal em revelal-o, que a primeira bomba fôra lançada por um pintor de nome Alfredo Janicelli, pobre rapaz fallecido em 1904, e a segunda, já com a casa do padre cercada pelo destacamento, por Francisco Gomes Machado, partidõ e contador do fóro, rapaz destemido, hoje aposentado como funcçionario da Secretaria da Justiça. Mas o bispo diocesano achou melhor dar um paradeiro áquelle estado de coisas e removeu o padre Passos para Pinda-monhangaba, e dessa cidade para aquella o padre Lafayette de Godoy, que na "Princeza do Norte" não andava muito ás boas por via de

umas innovações que introduzira em velhas usanças deixadas pelo conego Tobias. Mas a triste questão repercutiu nas altas esferas politicas. E um bello dia o directorio governista, então presidido pelo coronel Eduardo Garcia de Oliveira e constituido pelo doutor Altino Arantes, tenente-coronel Antonio Augusto Lopes de Oliveira Junior, João Augusto Teixeira, capitão Francisco Justino de Paiva e outros cujos nomes não me acódem, foi apeado das boas graças e chamado, para substituil-o nos postos de commando, o Partido Opposicionista, chefiado pelo doutor Washington Luis, que então havia assentado sua transferencia para a Capital, de onde só retornaria dez annos depois, já como Secretario da Justiça, participando do novo directorio o doutor Miguel Cursino Villa Nova, doutor Raymundo Justiniano de Oliveira, capitão Manoel de Paiva Leite, Salathiel Aleixo, capitão Domiciano Silva, Renato Jardim e outros de quem igualmente não me recordo. Entretanto, examinada a questão do padre Passos com isenção de animo e em seus detalhes, remontando ás suas origens, ver-se-á que em todo aquelle movimento não andou dedo politico. A prova de que não houve, em tudo aquillo, interesse politico está no facto de se alistarem, entre os adeptos do padre, politicos filiados ao directorio governista, como o capitão Francisco Justino de Paiva, o major Gabriel Garcia de Oliveira, o capitão Antonio Candido Alves Pereira, Joaquim Garcia de Oliveira e outros, emquanto que na ála opposta appareciam membros do outro partido, como o coronel Manoel Gustavino de Andrade Junqueira, o doutor Joaquim Lobo e outros e até catholicos verdadeiramente praticos, como fosse o velho Daniel Joaquim de Oliveira. O partido até alli governista caminhou serenamente para o ostracismo e remetteu-se a uma attitude discreta. Evitou militar na opposição, nem mesmo quando rompeu a celebre dissidencia encabeçada por Prudente de Moraes e Julio de Mesquita, cujos chefes procuraram, por muitos modos, atrahir ao seu aprisco aquelles politicos decahidos.

Estava comtudo escripto que, se um padre elevára a opposição ao poder, outro derribal-a-ia. O padre Lafayette de Godoy ia levando a santa vidinha muito apostolicamente, com muito tacto e maior appetite, que, benzesse-o Deus, nunca lhe faltava, quando alli chegou, procedente de Sertãozinho, onde o padre tambem estivera, uma familia de jornalistas, — Martins de Moura —, que cuidou sem tardança de fundar um jornal, cujo primeiro numero appareceu em meados de 1902, com o titulo de *Comarca de Batataes*. Essa familia e o padre Lafayette tinham teiró antigo e velhas contas a ajustar, e cuidaram, uma e outro, de preparar suas posições, para o que desse e viésse. E tão bem souberam manejar, tecendo ardidosamente suas teias, que ao fim de 1903 a população estava de novo dividida em dois campos, uma parte com os jornalistas, outra com o padre Lafayette. Este foi mais feliz que os Martins, pois ficou com a maioria, por motivos que não pôsso descobrir, pois, alem de não possuir a intelligencia e a

cultura do seu antecessor, nada tinha de attrahente. Pelo contrario. Não só arrebanhou para sua banda os que haviam sido apeiados em 1901, como conseguiu scindir o outro partido, logrando levar para sua companhia as familias Andrade Junqueira e Ferreira da Rosa, o capitão Manoel de Paiva, Joaquim Marques de Souza, José Romão Junqueira e outros. Os jornalistas da *Comarca* tiveram de seu lado os doutores Miguel Cursino Villa Nova e Raymundo Justiniano de Oliveira, coronel Manoel Victor Nogueira, capitão Domiciano José da Silva, Isaac Ferreira e outros mais. A luta não assumiu aquellas proporções da de 1901, mas foi dura, porfiada, com scenas de rua e descomposturas em jornaes, e a gente do padre Lafayette de Godoy acabou vencendo, depois de muito bate-bocca. Quem mais soffreu foi o então prefeito municipal, Renato Jardim, victima de uma campanha profundamente injusta, revelando, os que de tal modo combatiam sua administração, desconhecimento das elevadas virtudes d'aquelle illustre cidadão, um dos mais probos que tenho conhecido, de seu talento robusto, de sua illustração invulgar e dos serviços que realmente prestou, em seu posto, á cidade de Batataes. A antiga opposição voltou novamente a ser opposição, sahindo, em fereveiro de 1904, pela porta estreita de um accordo, que não foi honroso, mas com o qual foi mascarada a derrota. Accordo de duração ephemera, porque os dois de seus membros destinados a participar do novo directório, — o doutor Raymundo Justiniano de Oliveira e o capitão Domiciano Silva —, logo abandonaram as fileiras em que se viam a contragosto. O mais engraçado é que os vencedores, precisando, ao iniciarem a campanha, de uma figura de prôa, foram buscar, no retiro a que se recolhera, o doutor Manoel Antonio Furtado, dantes tão mal-sinado, mas que servia, melhor que qualquer outro, para commandar o movimento, dado a truculencias, affeito ao “vamos brigar lá fóra”, e que tinha, para a occasião, a grande virtude de ser amicissimo do general Glycerio, já então um dos chefes destacados do partido official, e do doutor Herculado de Freitas, *leader* da maioria e peso respeitavel na balança governamental. Regressaram á actividade politica o doutor Altino Arantes, pouco depois escolhido para a deputação federal, o coronel Eduardo Garcia de Oliveira, o coronel Vigilato Franco, o tenente-coronel Antonio Augusto Lopes de Oliveira Junior, emfim, aquelles que os acontecimentos de tres annos antes haviam arredado e que, juntamente com os dissidentes da outra corrente, — os Andrades, os Rosas, o capitão Manoel de Paiva Leite, José Romão Junqueira, major Custodio José Vieira, Joaquim Marques de Souza e outros, — assumiram a direcção politica local. O doutor Manoel Furtado não demorou muito tempo no posto de chefe supremo e foi sendo, aos poucos, alijado, á medida que sua influencia se fazia desnecessaria. O padre Lafayette, embandeirado em arco, julgou ver naquillo tudo apenas a força incontrastavel de seu prestigio e quiz deitar as manguinhas de fóra. Mas não foi muito feliz nesses de-

signios, porquanto a construcção, a que se oppuzéra, de um coreto pela Camara Municipal, no largo da Matriz, fel-o sahir da cidade a toque de latas velhas e sob os apodos dos que não muito antes lhe iam devotamente á missa. O outro partido, voltando a ser o que dantes fôra, — opposição —, mas já então sem a orientação de seu antigo chefe, doutor Washington Luis, entregue inteiramente aos affazeres de deputado estadual, que o levariam rapidamente a uma secretaria de Estado, — na primeira eleição municipal, naquellê mesmo anno de 1904, ia enfrentar o adversario, logrando fazer tres vereadores, e mais teria feito se não tivesse apparecido o infallivel Joaquim Silverio. Não desertou o seu logar, nelle se manteve firme e decidido. E como, algum tempo depois, adherisse á corrente que se oppunha á civilista, teve, ainda uma vez, um nome novo: — Partido Hermista.

Paremos aqui, porque de então para cá já não poderemos recapitular casos verdadeiramente de outr'ora, mas de indiscutivel actualidade. Ao fechar, porem, estas linhas, rabiscadas *corrente calamo*, desataviadas para a chronica que pretendia traçar, extensas em demasia para o depoimento que poderia prestar, quero assignalar um facto que sobremodo depõe a favor de minha terra, qual seja a harmonia que sempre reinou na familia batataense, que as divergencias politicas jamais separaram. A politica apaixonou sempre a nossa gente, desde os primeiros dias da nossa terra. Nada era poupado, — trabalho, esforço, dinheiro, sacrificio, — na conquista da palma da victoria, mas a amizade foi sempre poupada. Mesmo no mais aceso da campanha movida contra o padre Passos não se verificou alteração nessa cordialidade. Os jornalistas de 1903 e o vigario de então, em suas polemicas, talvez se houvessem excedido nos ataques pessoases. Um dos jornalistas chegou a classificar o padre em todas as letras do alfabeto, de *abanto* a *zero*. Tratava-se, no entanto, de elementos alienigenas, alheios aos usos e costumes da terra. E foi uma nuvem ligeira que não chegou a toldar o céu limpido. Ahi está porque minha boa terra, pequena embora, foi sempre grande: — porque sua gente nunca deixou de ser grande!

